**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

Ao aventurar-se pelo caminho das subje-tividades nas suas construções narrativas, o jornalismo revela a sua urgência em buscarum entendimento sobre a sua construção, en-quanto sistema simbólico e produtor de sen-tidos. O exercício da biograﬁa e a valo-rização do seu fazer sustentam a represen-tação do gênero enquanto exemplo de nar-rativa da contemporaneidade. No seu cons-tructo como gênero jornalístico encontra-sealém da subjetividade, como signo princi-pal, a inerente interdisciplinaridade – emuma vereda transversa entre a história e aliteratura – e o diálogo com as singulari-dades destes dois campos que estão na suagênese. A biograﬁa traz na sua bagagemcomo gênero híbrido, o interesse essencialpelo humano, pela ação humana como narra-tiva contemporânea e manifesta, na sua sim-bologia própria, uma possibilidade de “tex-tura” única dessa experiência.

www.bocc.ubi.pt

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA

LINHA DE PESQUISA ESTUDOS DA MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS

**VILMA FARIAS TORRES**

**O PROGRAMA MEMÓRIA VIVA E A MEMÓRIA SOCIAL DA UFRN**

**NATAL - RN**

**2014**

**VILMA FARIAS TORRES**

**O PROGRAMA MEMÓRIA VIVA E A MEMÓRIA SOCIAL DA UFRN**

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Bolshaw Gomes

NATAL - RN

2014

**AGRADECIMENTOS**

A Deus e a minha família, pai, mãe e irmãos, que sempre me apoiaram e acreditaram neste projeto. Especialmente Lucas, que com paciência e maturidade emprestou a mãe para esta pesquisa durante dois anos.

Temos apenas que seguir a trilha do herói...

e lá onde pensávamos estar sós,

estaremos na companhia do mundo todo.

Joseph Campbell

A finalização deste trabalho só foi possível graças à intervenção e apoio do professor Marcelo Bolshaw Gomes, a quem eu agradeço imensamente pela paciência, pelas palavras de fé e pelos conselhos nos momentos mais difíceis da minha própria jornada. Mais do que um orientador acadêmico, Bolshaw foi também um orientador para a vida.

**LISTA DE QUADROS E FIGURAS**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Quadro 1 - | Jornada de desenvolvimento do herói, segundo Campbell  | 17 |
| Quadro 2 - | Jornada de desenvolvimento do herói, segundo Vogler | 18 |
| Quadro 3 - | Jornada de desenvolvimento do herói no filme Matrix | 19 |
| Quadro 4 - | Utilizações da Pesquisa qualitativa | 26 |
| Quadro 5 - | Características da Pesquisa qualitativa | 26 |

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Figura 1 – | Reitor Onofre Lopes da Silva |  45 |
| Figura 2 – | Reitor Genário Alves Fonseca |  49 |
| Figura 3 – | Reitor Diógenes da Cunha Lima |  53 |
| Figura 4 – | Reitor Genibaldo Barros |  56 |

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| 1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS..................................................................... | 11 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA................................................................. | 15 |
| 2.1 | A JORNADA DO HERÓI OU MONOMITO............................................... | 15 |
| 2.2 | ADAPTAÇÃO DA ESTRUTURA MÍTICA PARA O JORNALISMO........ | 19 |
| 2.3  | MEMÓRIA SOCIAL..................................................................................... | 21 |
| 2.4 | O PODER E A VISIBILIDADE.................................................................... | 23 |
| 3 | METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA........................................ | 25 |
| 4 | A UFRN E A HISTÓRIA OFICIAL.............................................................. | 32 |
| 5 | A TV UNIVERSITÁRIA – BREVE HISTÓRICO....................................... | 36 |
| 5.1 | A PARCERIA COM A TV BRASIL............................................................. | 37 |
| 5.2 | O PROGRAMA MEMÓRIA VIVA.............................................................. | 39 |
| 6 | ANÁLISE DOS MARCADORES DE MEMÓRIA SOCIAL...................... | 41 |
| 7  | ONOFRE LOPES – 1959 A 1971................................................................. | 45 |
| 8 | GENÁRIO FONSECA – 1971 A 1975.......................................................... | 49 |
| 9 | DIÓGENES DA CUNHA LIMA – 1979 A 1983.......................................... | 53 |
| 10 | GENIBALDO BARROS – 1983 A 1987....................................................... | 56 |
| 11 | INTERPRETAÇÃO DOS MARCADORES................................................. | 60 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS................................................................................. | 62 |
| REFERÊNCIAS..................................................................................................... | 64 |
| ANEXOS |  |
| A - ENTREVISTA COM O PROFESSOR TARCÍSIO GURGEL........................ | 70 |
| B - ENTREVISTA COM JOANA D’ARC DE ARRUDA CÂMARA.................. | 73 |
| C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ONOFRE LOPES...................... | 76 |
| D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM GENÁRIO FONSECA.............. | 142 |
| E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DIÓGENES DA CUNHA.......... | 164 |
| F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM GENIBALDO BARROS........... | 192 |

RESUMO

O trabalho investiga que contribuições o Programa Memória Viva, exibido pela TV Universitária, fornece para a construção da memória social audiovisual da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, analisando as entrevistas realizadas com os reitores da instituição entrevistados no programa. A pesquisa fundamenta-se em três aportes teóricos distintos: a abordagem narrativa de Joseph Campbell (1999), desenvolvida e adaptada ao jornalismo por Lima (2008) e Martinez (2008); a noção de Memória Social elaborada por Jacques Le Goff (2000); e, finalmente, a hermenêutica midiática de John Thompson, que permite uma síntese dessas referências anteriores e uma orientação metodológica integrada de diferentes técnicas de pesquisa. Analisamos o programa dentro da perspectiva da jornada do herói – método de estruturação de narrativas que se utiliza da perspectiva mitológica de Joseph Campbell e da psicologia humanista de Carl Gustav Jung – que seria utilizado, de maneira inconsciente, como recurso para a construção das histórias de vida expostas no programa. Os reitores entrevistados contam não apenas a própria história, no formato autobiográfico e narratológico estabelecido pela produção, mas delineiam também de forma direta ou indireta também a história da instituição.

*Palavras-chave*: Jornada do herói. Memória. Reitores. UFRN

ABSTRACT

The research investigates the contributions of Programa Memoria Viva, aired by TV Universitaria, provides for the construction of audiovisual memory of the Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN analyzing the interviews with the deans of the institution interviewed in the program. The research is based on three different theoretical frameworks: the narrative approach of Joseph Campbell (1999), developed and adapted to journalism by Lima (2008) and Martinez (2008); the notion of social memory developed by Jacques Le Goff (2000); and finally, the media hermeneutics of John Thompson, which allows a synthesis of these earlier references and an integrated methodological orientation of different research techniques. We analyze the program from the perspective of the hero's journey - a method of structuring narrative that uses the mythological perspective of Joseph Campbell and the humanistic psychology of Carl Gustav Jung - that would be used, unconsciously, as a resource for construction of life histories outlined in the program. Respondents rectors include not only the story itself, the autobiographical and narratological established by production format, but also delineate direct or indirect also shape the institution's history.

*Keywords*: Hero's journey. Memory. Deans. UFRN

# 1 Considerações iniciais

 Este trabalho se dedica a investigar como o programa *Memória Viva*, exibido pela TV Universitária, contribui para que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte conte a sua própria história como prática social e como construção da memória social audiovisual da instituição. A pesquisa parte do princípio de que os reitores da instituição entrevistados no programa contam não apenas a própria história, no formato autobiográfico e narratológico estabelecido pela produção, mas contam de forma direta ou indireta também a história da instituição.

 O programa *Memória Viva* é um programa de entrevistas de caráter biográfico, gravado desde a década de 1980 pela TV Universitária do Rio Grande do Norte com depoimentos de personalidades que marcaram a história contemporânea do Estado. É apresentado todas as quartas-feiras, às 20 horas, na TV Universitária, canal 05 da TV aberta, e reprisado aos domingos, às 16 horas. Foi criado dentro do Projeto Memória da UFRN, na década de 1980, durante a gestão do reitor Diógenes da Cunha Lima como parte de um projeto que englobava setores diversos da cultura do Rio Grande do Norte.

 O perfil do programa persiste em revelar, registrar, difundir e documentar a memória potiguar, através do registro biográfico de norte rio-grandenses relevantes em sua área de atuação. Na sua bancada já sentaram políticos, médicos, artistas, religiosos, jogadores de futebol, cordelistas, empresários, entre outros profissionais, sempre obedecendo a assumida exigência da produção para que os nomes sugeridos para ilustrar o programa sejam pessoas de reconhecido destaque social em sua área de trabalho ou que tenham histórias de vida interessantes para compartilhar com os telespectadores.

 O programa de estreia foi feito com o primeiro reitor da UFRN, o professor Onofre Lopes e daí sucederam-se pessoas como Dinarte Mariz, Aluízio Alves, Luiz Carlos Prestes, Patativa do Assaré, Dom Helder Câmara, entre outros, cujos arquivos encontram-se preservados na TVU e em alguns casos também na Editora da UFRN que publicou livros reproduzindo algumas destas entrevistas.

 É um programa cujos produtores acreditam na riqueza documental destas biografias e na sua força como acervo memorial e fonte de pesquisa para gerações futuras, que poderão dispor em vídeo de relatos em primeira pessoa destes indivíduos. Produzido por Joana D'arc de Arruda Câmara, o programa *Memória Viva* é atualmente apresentado pelo professor Tarcísio Gurgel, que divide a bancada com outros dois entrevistadores convidados pelo próprio entrevistado, que indica duas pessoas de seu íntimo relacionamento, que possam ajudar na construção de sua história de vida.

 Tradicionalmente, o programa mostra estas heroicas jornadas de vida desde a infância, buscando fatos da adolescência dos entrevistados, sua vida familiar, dificuldades, enfrentamentos e a grande descoberta ou virada que os tornou um sucesso, uma referência em suas respectivas áreas. A gravação do programa *Memória Viva* tem duração de 50 minutos e é feita sem interrupções, como se fosse ao vivo.

 Analisamos o programa dentro da perspectiva da jornada do herói – método de estruturação de narrativas que se utiliza da perspectiva mitológica do norte-americano Joseph Campbell e da psicologia humanista do suíço Carl Gustav Jung – que seria utilizado, de maneira inconsciente, como recurso para a construção das histórias de vida expostas no programa.

Constatou-se nessa pesquisa, que esse caráter ‘simbólico-narrativo’ do programa *Memória Viva* é ao mesmo tempo seu grande mérito, pois dá ênfase a aspectos mais subjetivos da biografia e também sua grande insuficiência, uma vez que encoberta os aspectos negativos da memória social. E, para demonstrar essa afirmação, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo e aplicamos marcadores de memória social às entrevistas. O resultado é que os reitores pouco falam da ditadura militar ou da relação da UFRN com a sociedade potiguar e a realidade nacional.

 Em um plano local o trabalho não se encontrou pesquisas acadêmicas realizadas neste sentido, razão pela qual se propôs a pesquisar de forma aprofundada a questão, utilizando-se para isto da análise do programa *Memória Viva*, haja vista o perfil midiático deste programa e a importância deste recorte para que se identifique a construção da memória da Universidade, através do depoimento de seus primeiros reitores.

 Dito isso, resta ainda agradecer a todos que tornaram possível a realização desta pesquisa, principalmente à TVU e à equipe do programa *Memória Viva*, ao apresentador Tarcísio Gurgel e a produtora Joana D’arc de Arruda Câmara, pela gentileza e atenção em ceder informações e depoimentos a este trabalho, ao superintendente de comunicação da UFRN, professor José Zilmar Alves da Costa, ao diretor da TVU Marcone Maffezzolli, ao diretor de jornalismo da TV, Aluísio Viana, pelo indubitável apoio ao projeto e a esta pesquisadora, também colega de trabalho, servidora da UFRN e jornalista da TV Universitária, onde atualmente exerço a função de editora-chefe do telejornal TVU Notícias. Aos colegas do Setor de Documentação e Acervo da TVU - SEDOC, especialmente Carlos Gomes, o Carlão, que me franquearam a cópia dos vídeos e inúmeras informações sobre datas e pessoas. Edilson, Zé Milton e Rodivan, verdadeiras “memórias” da TVU, que merecem mais do que ninguém protagonizar edições futuras do programa *Memória Viva*; a coordenadora do Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia, Maria das Graças Pinto Coelho, pela compreensão e incentivo; aos demais professores e alunos do mestrado em Estudos da Mídia; e aos inúmeros colegas, jornalistas, técnicos, produtores, bolsistas, prestadores de serviço que de uma forma ou de outra participam da construção da TV Universitária/ UFRN e que devo ser generalista para não parecer ingrata esquecendo o nome de alguém.

 A ideia deste trabalho nasceu da observação e da possível união de dois assuntos que julgo inspiradores: 1) A Jornada do Herói de Campbell – que considero o roteiro definitivo para o sucesso de uma boa história e a espinha dorsal para uma narrativa rica e encadeada dos fatos, com todas as reviravoltas, sofrimentos e superações que se espera de uma boa contação de história, e que são inerentes aos seres humanos, heróis de sua própria trajetória. 2) A paixão por acompanhar a gravação deste programa que busca não apenas registrar mas também homenagear com o reconhecimento midiático a história de vida de pessoas de diferentes procedências. Um arquivo valioso da UFRN, que já contabiliza 400 entrevistados - apenas nesta segunda fase de produção - nossa sociedade, costumes e figuras públicas. Heróis – por assim dizer - em seus campos de trabalho e nas suas histórias de vida. Salientando que aqui o termo “herói” é usado para destacar o personagem principal de uma jornada, uma história de vida.

Na nossa pesquisa, especificamente, o embrião do projeto nasceu da proximidade com a produção do *Memória Viva* pois como jornalista da TV Universitária tive acesso privilegiado as gravações do programa, pude conversar com funcionários antigos da TV, com os produtores e com o apresentador, que me municiaram intensamente com informações sobre o programa. A estrutura narrativa mítica da Jornada do Herói e a sua utilização na construção de histórias de vida, inclusive no jornalismo, me foi apresentada através de pesquisas relacionadas ao Jornalismo literário avançado da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e ministradas pelo professor doutor Edvaldo Pereira Lima, e especialmente através da publicação da obra da professora doutora Monica Martinez, que ressalta o potencial da jornada do herói como ferramenta para a construção de histórias reais, em uma abordagem transdisciplinar que poderia aprofundar a nossa maneira de retratar a realidade, enriquecendo os relatos dos heróis do nosso cotidiano. A inspiração trazida pelo horizonte aberto ao novo conhecimento e a familiaridade com a rotina de produção, apresentação, entrevista e edição do programa *Memória Viva* tornaram irresistível desenvolver uma pesquisa sobre a interseção dos objetos.

 Este estudo teve como ponto crítico a necessidade de decupagem e transcrição de seis horas de gravações com as falas dos quatro reitores, e também de seus respectivos entrevistadores, o que rendeu um apêndice com mais de 130 páginas, com a respectiva marcação de tempo de fala, pergunta e resposta de cada um. Um trabalho árduo, demorado, porém essencial para a pesquisa, já que nos propomos a tecer análises a partir da fala destes gestores. Trabalho semelhante foi realizado anteriormente pelo professor Tarcísio Gurgel, com vistas a transformar em livro a entrevista realizada com o primeiro reitor da Universidade Onofre Lopes, em março de 1981. Por necessidade de ter uma amostragem aumentada de entrevistas para comparação científica, esta pesquisa foi um pouco além e transcreveu o relato de todos os reitores do período militar entrevistados pelo programa.

#  2 Fundamentação Teórica

Esta pesquisa fundamenta-se em três aportes teóricos distintos: a abordagem narrativa de Joseph Campbell (1999), desenvolvida e adaptada ao jornalismo por Lima (2008) e Martinez (2008); a noção de Memória Social elaborada por Jacques Le Goff (2000); e a hermenêutica midiática de John Thompson, que permite uma síntese dessas referências anteriores e uma orientação metodológica integrada de diferentes técnicas de pesquisa. Também realizamos entrevistas com o professor e apresentador do programa Tarcísio Gurgel e com a produtora e diretora Joana D’arc de Arruda Câmara, na tentativa de esclarecer algumas hipóteses.

Vejamos, então, cada um desses aportes.

## 2.1 A Jornada do Herói ou Monomito

A estrutura narrativa do programa biográfico *Memória Viva* guarda similaridade com a estrutura narrativa conhecida como Jornada do Herói ou monomito. Ao narrar a própria história, os entrevistados convidados pela produção seguem um roteiro previsível, porém não intencional por parte dos entrevistadores, que poderiam facilmente ser encaixados nas etapas da jornada. Durante as conversas, os entrevistados contam suas histórias de vida, desde a infância até o momento em que obtiveram o sucesso. Nesta narrativa se incluem diversos obstáculos, problemas profissionais, financeiros, políticos e intelectuais. Aparecem também figuras conselheiras, exemplos a serem seguidos. E há a superação e a evolução do quadro anteriormente posto.

Em uma primeira análise, suspeitamos de uma tentativa de mitificação dos reitores, mas logo depois ficou claro que o programa utiliza a mesma estrutura narrativa mítica para todos os seus convidados embora de maneira possivelmente inconsciente. Este fato foi comprovado em entrevistas aleatórias, que apresentamos logo mais adiante nos anexos e confirmado pela análise realizada dentro do nosso recorte com os ex-reitores da Universidade e nas entrevistas realizadas diretamente com produtores, diretores e com o entrevistador do programa *Memória Viva.*

A jornada do herói ou monomito é a teoria lançada pelo mitólogo norte-americano Joseph Campbell no final dos anos 1940, e que versava sobre a estrutura narrativa mítica que permearia todas as culturas. Este conceito refere-se a uma jornada cíclica, universal, identificável na maioria dos mitos clássicos, que seguem um padrão básico de narrativa.

Quer escutemos, com desinteressado deleite, a arenga de um feiticeiro do Congo quer leiamos, e com enlevo cultivado, as sutis traduções de um soneto místico de Lao-Tsé; quer decifremos o difícil sentido de um argumento de São Tomás de Aquino, quer entendamos o sentido de um bizarro conto de fadas esquimó, é sempre com a mesma história que deparamos (...) As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos surgem do círculo básico e mágico do mito. (CAMPBELL, 2007, p. 15)

Esta estrutura pode ser visualizada tanto em histórias universais como na narrativa das vidas de Jesus Cristo, Moisés ou Buda, quanto em contos de fadas ou lendas tribais de lugares remotos. Assim todas as histórias seriam em essência uma só e os seus protagonistas, apesar das diferentes identidades, seriam no fundo sempre o mesmo personagem, o herói, em busca do autoconhecimento. A explicação para esta universalização seria o fato de que os mitos seriam modelos de amadurecimento, que forneceriam instruções aos homens através de aprendizados essenciais do ser humano na sua passagem para a vida adulta.

O termo Jornada do Herói aparece pela primeira vez no livro *O Herói de Mil Faces* (1999), onde Campbell afirma que o herói é aquele que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. O herói pode ser entendido como uma pessoa que por um determinado motivo foi escolhida para ser o protagonista de uma história de vida. Seja motivada por seus feitos ou por seu valor.

Existe uma sequência de ações heroicas, típica, que pode ser detectada em contos provenientes de todas as partes do mundo, de vários períodos da história. Na essência, pode-se até afirmar que apenas existe um herói típico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos povos. Um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião, uma nova cidade, uma nova modalidade de vida. Para fundar algo novo, ele deve abandonar o velho e partir em busca da ideia-semente, a ideia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo (CAMPBELL, 1990, p.145)

Campbell (1999) organizou na obra *O Herói de Mil Faces* esta jornada de desenvolvimento do herói em 17 etapas, reorganizada por Martinez (2008, p. 55) conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Jornada de desenvolvimento do herói, segundo Campbell

|  |
| --- |
| **Partida, separação, mundo cotidiano** |
| * 1. Chamado à aventura: evento que mudará a vida do herói da narrativa.
 |
| * 1. Recusa do chamado: o protagonista pode hesitar em aceitar ou até declinar ao chamado.
 |
| * 1. Ajuda sobrenatural: presença de figura-mestre, que dá ao herói segurança e conselhos para atingir sua meta.
 |
| * 1. Travessia do primeiro limiar: a figura do guardião do limiar, comum nas narrativas míticas, tem a função de guardar o portal que separa o herói da experiência.
 |
| * 1. Ventre da baleia: exilado do seu cotidiano, o herói passa por um processo de internalização.
 |
| **Descida, Iniciação, Penetração** |
| * 1. Estrada de provas: no processo de metamorfose, o herói vivencia inúmeras provações.
 |
| * 1. Encontro com a deusa: a assimilação dos atributos do sexo oposto é a última prova do herói.
 |
| * 1. A mulher como tentação: o herói deve buscar o equilíbrio, sem cair no extremo de ver o sexo oposto como um mero elemento carnal ou sublimá-lo.
 |
| * 1. Sintonia com o pai: momento em que ocorre uma ruptura decisiva com os valores passados.
 |
| * 1. Apoteose: após as idéias parentais terem sido atualizadas, o herói se torna finalmente livre para sedimentar a mudança de seu nível de consciência.
 |
| * 1. A grande conquista: ultrapassado os limites das imagens terrenas, o herói se confronta com o desafio final de transcender a simbologia dos ícones.
 |
| **Retorno** |
| * 1. Recusa do retorno: o herói deve voltar e transmitir o conhecimento a seus pares.
 |
| * 1. Fuga mágica: alguns heróis precisam de auxílio para retornar ao cotidiano.
 |
| * 1. Resgate com auxílio externo: o que pode envolver a presença ativa de outra personagem da narrativa.
 |
| * 1. Travessia do limiar do retorno: ocorre a passagem do reino místico à terra cotidiana.
 |
| * 1. Senhor de dois mundos: a mentalidade ampliada do herói leva-o a ter papel benéfico entre seus contemporâneos.
 |
| * 1. Liberdade para viver: renascido, o herói pode agora desfrutar de uma nova biografia pessoal e abrir-se para novas experiências.
 |

Fonte: Martinez (2008, p.55)

Importante ressaltar que nem todas as narrativas heroicas e mitológicas ou – no caso desta pesquisa – construção de histórias de vidas - se encaixam em todas as etapas ou nesta sequência. Algumas histórias agregam apenas umas poucas etapas, às vezes em sequências alternadas.

O trabalho de Campbell influenciou cineastas como George Lucas, por exemplo, que concebeu a série Star Wars a partir da jornada do herói e escritores como Christopher Vogler, roteirista de Hollywood e executivo da indústria cinematográfica. Vogler usou as teorias de Campbell para criar um memorando nos anos 1990 para os estúdios Disney, depois desenvolvido como o livro *A Jornada do Escritor –* Estruturas míticas para escritores (2006). Este trabalho influenciou filmes produzidos pela empresa a partir da década de 1990, como *A Pequena Sereia*, *Mulan* e a trilogia *Matrix* dos irmãos Wachowski.

Vogler reduziu as etapas da jornada organizada por Campbell para apenas 12 passos:

 Quadro 2 – Jornada de desenvolvimento do herói, segundo Vogler

|  |  |
| --- | --- |
| 1. Cotidiano
 | 1. Chamado à aventura
 |
| 1. Recusa do chamado
 | 1. Travessia do primeiro limiar
 |
| 1. Encontro com o mentor
 | 1. Travessia do segundo limiar
 |
| 1. Testes, aliados, inimigos
 | 1. Aproximação da caverna oculta
 |
| 1. Provação
 | 1. Recompensa
 |
| 1. Caminho de volta
 | 1. Retorno com o elixir
 |

 Fonte: Vogler (2006, p.52-53)

Vamos utilizar em seguida o roteiro do filme *Matrix* (1999), escrito pelos irmãos Wachowski segundo as 12 etapas do manual de Vogler:

Quadro 3 – Jornada de desenvolvimento do herói no filme Matrix

|  |
| --- |
| * 1. Cotidiano – O herói é apresentado no seu dia a dia. Thomas Anderson trabalha como programador em uma empresa de software e nas horas vagas é também um hacker conhecido por Neo.
 |
| * 1. Chamado à aventura – Neo recebe a ligação de Morpheus
 |
| * 1. Recusa do chamado – O herói prefere continuar na sua rotina no escritório da empresa.
 |
| * 1. Encontro com o mentor – Neo encontra Morpheus que lhe dá a opção de conhecer a “verdade”.
 |
| * 1. Travessia do primeiro liminar – O herói decide tomar a pílula vermelha e vê o que é a matrix.
 |
| * 1. Testes, aliados, inimigos – A maior parte da história se desenvolve neste ponto, onde o herói combate os agentes e recebe a ajuda dos outros ocupantes da nave Nabucodonozor .
 |
| * 1. Aproximação da caverna oculta – Ao voltar da consulta com o oráculo, Neo percebe que foi traído pelo companheiro Cypher.
 |
| * 1. Provação – O herói é capturado pelos agentes quando tenta resgatar Morpheus
 |
| * 1. Recompensa – Neo demonstra grandes poderes na luta contra os agentes, prova de que é mesmo o escolhido.
 |
| * 1. Caminho de volta - Resgata Morpheus
 |
| * 1. Ressurreição – Neo é fatalmente atingido pelo agente Smith mas Trinity confessa seu amor e ele se levanta.
 |
| * 1. Retorno com o elixir – o herói volta já transformado para a nave, o seu mundo já não é mais o mesmo.
 |

Fonte: A autora

## 2.2 A adaptação da estrutura mítica para o jornalismo

A narrativa mítica da Jornada do Herói proposta por Campbell e redefinida por Vogler é flexível, e pode também ser usada como ferramenta para a construção de histórias de vida de pessoas reais. Martinez (2008) cita que estes recursos narrativos podem também ser incorporados à prática jornalística por sustentar uma forma mais aprofundada de retratar a realidade dos entrevistados.

Essa transição da jornada para o jornalismo Brasileiro foi primeiramente observada pelo pesquisador Edvaldo Pereira Lima, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e desenvolvida pela pesquisadora Mônica Martinez, em experimentos de aplicação do método no ensino de jornalismo.

Para Lima (2008) é incerto definir que perfil terá o campo da narrativa da vida real no futuro, quer o chamemos de jornalismo, literatura da realidade, jornalismo literário, jornalismo literário avançado ou simplesmente narrativa biográfica. Para o autor qualquer que seja o formato que a demanda social e as respostas dos autores de narrativas produzirem em sintonia criativa com este desafio, é certo que a Jornada do Herói terá um papel relevante a cumprir.

Sobre esta experiência, a Martinez relata na obra *Jornada do Herói: A Estrutura Narrativa Mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo*, que esta experiência realizada por Edvaldo Pereira Lima fez com que os aprendizes da área ampliassem à compreensão sobre si, sobre os seres humanos e a realidade que os cerca. Ela relata também que a experiência aumentou a autoconfiança dos alunos, uma vez que eles chegavam munidos de mais informações sobre as crises vividas pelo entrevistado, além do método ter auxiliado no aprofundamento das histórias de vida, o que não teria acontecido se o método não tivesse sido utilizado. Martinez (2008) ressalta que o surgimento deste e de outros métodos que alicercem a construção de histórias de vida são benéficos não somente para o ensino da graduação em jornalismo. Eles permitem dar suporte também aos profissionais da área que ganham novas plataformas teóricas para melhorar a qualidade de seus trabalhos.

Ainda de acordo com Martinez, há uma lacuna metodológica no que se refere aos métodos de entrevista, o que leva os comunicólogos a terem que buscar amparo em metodologias empregadas em outras áreas do conhecimento humano, como as ciências sociais e a história. Para a pesquisadora, destarte a entrevista ser um dos pilares do ‘fazer jornalístico’, na prática não há um protocolo para a realização de entrevistas biográficas, mas apenas recomendações extraídas da experiência dos profissionais da área.

O primeiro grande paradoxo da comunicação social é que, ainda hoje, por mais que o processo produtivo industrial conte com o veloz avanço tecnológico, reportagens e entrevistas são feitas muito mais de forma empírica do que por meio de procedimentos testados e comprovados, um dos preceitos básicos da ciência. (MARTINEZ, 2008, p. 26)

Na obra de Martinez há um esforço em esclarecer que uma vez entendida a vida como uma sucessão de crises previsíveis que vão da infância à idade madura, as histórias atuais possam resgatar seu antigo papel de carreadoras de conhecimento, enquanto desmistifica-se o termo “herói”, que no caso dos perfis jornalísticos, teriam referência apenas ao protagonista da narrativa.

O que nos leva a investigação desta teoria e as similaridades encontradas com o perfil de construção narrativa que observamos no programa *Memória Viva*: todas as entrevistas começam pelo desvendamento da infância do biografado, a convivência com a família, a adolescência, os amigos, a faculdade, o primeiro trabalho, dificuldades na vida e a volta por cima, quando estas personalidades biografadas contam como superaram os percalços e venceram na vida. Uma Jornada do Herói, em todas as suas etapas. Esta sequência, apesar da produção ressaltar que não há um roteiro preestabelecido para as entrevistas, talvez de maneira inconsciente, encontra eco na teoria Campbelliana e nas fases da Jornada.

##

## 2.3 Memória Social

Neste estudo buscamos entender e diferenciar a relação entre memória e história, utilizando Jacques Le Goff (2000). Este autor evoca separadamente a memória nas sociedades sem escrita, antigas ou modernas, distinguindo na história da memória, nas sociedades que tem simultaneamente memória oral e memória escrita.

Na constituição da memória temos como referencial teórico a obra *História e Memória*, volume *II*, de Jacques Le Goff. No nosso estudo buscamos entender e diferenciar a relação entre memória e história, tal como ela surge nas ciências humanas, em especial na história e na antropologia, e não dentro do conjunto de funções psíquicas, como capacidade de conservar informações como envolve o estudo da memória na psicologia, psicobiologia, neurofisiologia, biologia ou psiquiatria.

O autor evoca separadamente a memória nas sociedades sem escrita, antigas ou modernas, distinguindo a história da memória, nas sociedades que tem simultaneamente memória oral e memória escrita e as revoluções atuais da memória.

A fase antiga de predominância da memória oral, em que a memória escrita ou figurada tem funções específicas; a fase medieval de equilíbrio entre as duas memórias, em que se verificaram transformações importantes nas funções de cada uma delas; a fase moderna dos progressos decisivos da memória escrita ligada à imprensa e à alfabetização; e, por fim, reagrupar as revoluções do último século relativamente ao que Leroi-Gourhan chama “a memória em expansão” (LE GOFF, 2000, p. 12).

 Le Goff (2000) também nos diz que nas sociedades desenvolvidas, os novos arquivos (arquivos orais, arquivos do audiovisual) não escaparam à vigilância dos governantes, mesmo quando estes não estão em condições de controlar esta memória com tanto rigor como o fazem com os novos meios de produção desta memória, como o rádio e a televisão.

Ele nos afirma que:

Cabe, com efeito, aos profissionais sabedores da memória – antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos – fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários de sua objetividade científica. (LE GOFF, 2000, p. 58).

 Nesse sentido, o programa *Memória Viva* tem relevância na pesquisa por se tratar de uma produção de uma TV Universitária, de natureza pública, e que se dispõe a entrevistar os seus convidados de forma a construir biograficamente suas histórias de vida, em uma construção transdisciplinar que mescla características das narrativas jornalísticas e da construção histórica, através da trama dos fatos apresentada na narrativa oral de gestores.

 É uma produção de caráter rígido, que pouco mudou seu formato nos últimos 30 anos: um entrevistado, geralmente idoso e do sexo masculino, na maior parte das vezes, que é ou foi relevante em sua área de atuação, narra durante 50 minutos a sua história de vida até o momento em que “vence na vida”. Para ajudá-lo nas reminiscências, o entrevistado convida dois amigos, contemporâneos, para serem coadjuvantes na construção de uma dinâmica da narrativa.

No caso dos reitores, esta semelhança com a jornada do herói assume um caráter institucional, devido à representatividade assumida por estes gestores. As narrativas registradas por eles tornam-se parte importante da trama dos fatos e da memória guardada pela instituição. Os reitores são, por assim dizer, agentes ativos na construção de uma visibilidade midiática para a Universidade e podem tornar-se potenciais construtores da memória institucional.

## 2.4 O poder e a visibilidade – Thompson, Foucault e a imagem pública

A escolha de reitores da UFRN durante o período da ditadura militar para a análise deste trabalho não ocorreu por mero acaso. Consideramos que os reitores são não apenas indivíduos que representam uma instituição educacional mas também que podem movimentar ou ser movimentados pelo poder. E como figuras de poder, estes poderiam ser beneficiados ou detratados de acordo com a visibilidade cedida pelos meios de comunicação. No ensaio *A Nova Visibilidade* (2008), por exemplo, John Thompson fala sobre como os meios de comunicação proporcionam um novo modelo de visibilidade, que desmascara ações e acontecimentos cada vez mais difíceis de serem controlados. A visibilidade mediada não seria um comentário, uma mera repercussão de um fato, mas sim parte constitutiva deste. Para o autor, graças a mídia, aqueles que exercem o poder é que são submetidos agora a certo tipo de visibilidade, mais do que aqueles sobre quem o poder é exercido, como aconteceria outrora, antes da citada nova visibilidade, trazida pela internet e outras tecnologias digitais.

 Thompson critica a parcialidade do pensador Michel Foucault em *Vigiar e Punir (1977)*, quando este nos fala sobre a organização do poder nas sociedades modernas em contraste com as sociedades antigas e a consequente mudança nesta relação entre poder e visibilidade. Utilizando-se da representação panopticista de Bentham, Foucault ressalta que nas sociedades antigas o poder estava ligado à manifestação pública de força e superioridade do soberano e no qual a visibilidade de poucos era usada como meio de exercer o poder sobre muitos, e que nas sociedades modernas este olhar se inverte: o observador torna-se observado e vigiado como parte de um novo sistema de poder, de disciplina e de controle.

 A argumentação de Foucault, no entanto, é criticada por Thompson não apenas no ensaio *A Nova Visibilidade* como também na sua obra *A Mídia e a Modernidade* (2011), onde este ressalta que a importância dada por Foucault ao controle pode ser exagerada e que pode ser ilusório atentar exclusivamente para as atividades de controle sem levar em conta as novas formas de publicidade criadas pela mídia.

Se Foucault tivesse considerado o papel dos meios de comunicações mais cuidadosamente, ele poderia ter visto que eles estabeleceram uma relação entre poder e visibilidade que é bem diferente da que está implícita no modelo do panoptico. Enquanto este modelo torna muitas pessoas visíveis a poucos e reforça o exercício de poder sobre elas, submetendo-as a um estado de permanente visibilidade, o desenvolvimento da comunicação mediada forneceu os meios pelos quais muitas pessoas podem reunir informações sobre poucos e, ao mesmo tempo, uns poucos podem aparecer diante de muitos (THOMPSON, 2011, p. 177).

Sendo assim, poderíamos talvez considerar os avanços trazidos pelas novas formas de interação tecnológica e social criadas pela mídia como um instrumento de poder: poder de ser visto, reconhecido, ser amado ou odiado, de acordo com a publicidade repercutida através da sua imagem, o poder de influenciar opiniões e de ser influenciado por elas e de alterá-la de acordo com o nível de respostas alcançado. O poder trazido pela nova visibilidade existe e está teoricamente ao alcance de todos.

Também é a hermenêutica (teoria da interpretação) de Thompson que permite conjugar teorias de análise do simbólico (como a Jornada do Herói) com teorias críticas (como a de Memória Social), como também adaptar diferentes metodologias à nossa pesquisa do audiovisual biográfico.

# Metodologia e técnicas de pesquisa

Para melhor desenvolvimento deste trabalho, utilizamos as seguintes metodologias e técnicas de pesquisa:

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Metodologia de abordagem** | Hermenêutica ou teoria da interpretação (Thompson) | Pesquisa Qualitativa (Gibbs) |
| **Metodologia de procedimento** | Jornada do Herói como ferramenta analítica de narrativas biográficas (Campbell) | Memória Social como noção de compreensão crítica da realidade histórica (Le Goff) |
| **Técnicas de pesquisa** | EntrevistaPesquisa documentalAnálise de conteúdo | OralidadeTextos escritosAudiovisual |

Na obra *Ideologia e Cultura Moderna* (1995), Thompson utiliza a hermenêutica como um referencial metodológico geral, onde outros métodos de análise podem interagir e serem usados de forma concomitante. Dentro desta proposta, o autor sintetiza três tipos de estudos da área da comunicação, ao qual nomina como enfoque tríplice:

a) Os estudos centrados no contexto de transmissão, que poderíamos subdividir em uma vertente crítica à indústria cultural ou em uma funcionalista, que enaltece a comunicação de massa;

b) Os estudos da linguagem verbal e visual, a retórica, a filosofia analítica e a análise discursiva;

c) Os estudos de recepção, pesquisas de opinião quantitativas e qualitativas, pesquisas de agendamento e de análise bibliográfica especializada.

Além da teoria da interpretação de conteúdos simbólicos de Thompson, esse estudo também se vale da pesquisa qualitativa para entender, descrever e tentar explicar os fenômenos sociais descobertos.

De acordo com Gibbs (2009, p. 08), isto ocorre da seguinte maneira:

Quadro 4 – Utilizações da Pesquisa qualitativa

|  |
| --- |
| 1. Analisando experiências de indivíduos ou grupos. As experiências podem estar relacionadas a histórias biográficas ou a práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia.
 |
| 1. Examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo. Isso pode ser baseado na observação e no registro de práticas de interação e comunicação, bem como na análise desse material.
 |
| 1. Investigando documentos (textos, imagens, filmes ou música) ou traços semelhantes de experiências ou interações.
 |

Fonte: Gibbs (2009, p.08)

 Levando-se em conta que possam existir diferentes enfoques teóricos, epistemológicos e metodológicos, é possível identificar formas comuns de fazer pesquisa qualitativa, ou de, pelo menos, identificar algumas características comuns na forma como ela é feita. Ainda de acordo com Gibbs (2009, p. 09):

Quadro 5 – Características da Pesquisa qualitativa

|  |
| --- |
| 1. Os pesquisadores qualitativos estão interessados em ter acesso a experiências, interações e documentos em seu contexto natural, e de uma forma que dê espaço às suas particularidades e aos materiais nos quais são estudados.
 |
| 1. A pesquisa qualitativa se abstém de estabelecer um conceito bem definido daquilo que se estuda e de formular hipóteses no início para depois testá-las. Em vez disso, os conceitos (ou as hipóteses, se forem usadas) são desenvolvidos e refinados no processo de pesquisa.
 |
| 1. A pesquisa qualitativa parte da ideia de que os métodos e a teoria devem ser adequados àquilo que se estuda. Se os métodos existentes não se ajustam a uma determinada questão ou a um campo concreto, eles serão adaptados ou novos métodos e novas abordagens serão desenvolvidos.
 |
| 1. Os pesquisadores, em si, são uma parte importante do processo de pesquisa, seja em termos de sua própria presença pessoal na condição de pesquisadores, seja em termos de suas experiências no campo e com a capacidade de reflexão que trazem ao todo, como membros do campo que se está estudando.
 |
| 1. A pesquisa qualitativa leva a sério o contexto e os casos para entender uma questão de estudo. Uma grande quantidade de pesquisa qualitativa se baseia em estudos de caso ou em séries desses estudos, e, com frequência, o caso (sua história e complexidade) é importante para entender o que está sendo estudado.
 |
| 1. Uma parte importante da pesquisa qualitativa está baseada em texto e na escrita, desde notas de campo e transcrições até descrições e interpretações, e, finalmente, à interpretação dos resultados e da pesquisa como um todo. Sendo assim, as questões relativas à transformação de situações sociais complexas (ou outros materiais, como imagens) em textos, ou seja, de transcrever e escrever em geral, preocupações centrais da pesquisa qualitativa.
 |

Fonte: Gibbs (2009, p.09)

Analisar produtos televisuais como o que este trabalho se propõe - como avisa Duarte (2010, p. 227) - é um duplo desafio. Primeiramente pelo preconceito que ainda persiste em relação ao próprio objeto de estudo. E segundo pela insuficiência e inadequação do aparato teórico-metodológico à disposição, frente à complexidade e hibridização desses produtos. No trabalho tentamos transpor esse desafio, direcionando o estudo para um fenômeno de origem local, de relevância social, porém nunca analisada academicamente. No recorte específico, decidimos analisar esse cenário através da fala dos gestores da Universidade, durante o período de 1964 a 1985, quando o nosso país atravessava a ditadura militar, utilizando de teorias concernentes a campos de estudo diversos, em sua interseção possível com a narrativa jornalística, tendo com extensão possível a interdisciplinaridade, também chamada por Fuentes (1998 apud Lopes 2000) de transdisciplinarização ou pós-disciplinarização, que seria “um movimento para a superação dos limites entre especialidades fechadas e hierarquizadas”.

Lopes (2000, p. 54) explica esta interseção disciplinar citada por Fuentes no campo da comunicação como o estabelecimento de um campo de discurso e práticas sociais cuja legitimidade acadêmica e social vai cada vez mais depender da profundidade, extensão, pertinência e solidez das explicações que produza, do que do prestígio institucional acumulado.

 Na prática jornalística não há exatamente um protocolo para a realização de entrevistas biográficas, o que levou a nossa pesquisa a se amparar em metodologias empregadas em outras áreas do conhecimento, dando-lhe o já citado caráter transdisciplinar que tece saberes com áreas diversas como as ciências sociais, a mitologia e a educação, em busca de um desenvolvimento de uma prática jornalística. Aprofundando nesta análise, este trabalho também buscou esclarecer se e como a produção do programa utiliza ou impõe rotinas jornalísticas, narrativas ou biográficas aos seus convidados.

 Escolhemos quatro programas realizados em diferentes momentos com reitores da instituição, entrevistados pelo programa como amostragem para a nossa observação, a saber: Onofre Lopes da Silva (reitor de 1959 a 1971), Genário Alves Fonseca (reitor de 1971 a 1975), Diógenes da Cunha Lima (reitor de 1979 a 1983) e Genibaldo Barros (reitor de 1983 a 1987). Todos estes professores/reitores, como se pode averiguar, foram gestores da Universidade durante o período da ditadura. Salientando que o reitor Domingos Gomes de Lima, que foi reitor no período de 1975 a 1979 foi excluído da nossa pesquisa por não ter sido entrevistado pelo programa *Memória Viva*.

Para embasar as técnicas de coleta e interpretação de dados buscamos suporte especialmente nas teorias dos meios de comunicação de Harry Pross(1997), em que o autor propõe uma nova classificação dos sistemas de mediação para a construção dos processos comunicacionais. Para ele, como os conceitos de comunicação são diferentes, também diferem as definições dos meios de comunicação, aqui classificados como Mídia Primária, Mídia Secundária e Mídia Terciária ou elétrica.

 Na Mídia Primária de Pross, o corpo é a primeira mídia do homem e a complementaridade entre as mídias e a referência de todas as mídias ao corpo possibilitaria a emergência de novas perspectivas no estudo das Teorias das Mídias. “Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontrem cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a este ponto” (PROSS, 1997, p.128). A expressão do corpo é o gesto, a postura, a fala, a expressividade dos olhos, os sons produzidos. O corpo funda o processo comunicativo e narra o que tem a expressar.

 A Mídia Secundária busca artefatos que vão além dos próprios limites corporais para se comunicar. Nessa etapa o corpo usa ferramentas como máscaras, pinturas e adereços corporais para marcar suas mensagens no tempo e no espaço. O emissor necessita de um aparato para comunicar-se. É nesta classificação que enquadramos a escrita, por exemplo.

Na classificação de Mídia Terciária ou Elétrica, Pross afirma que os corpos envolvidos – o emissor e o receptor - no processo comunicativo utilizam ferramentas, aparatos para codificação e decodificação. Na pesquisa, este terceiro momento complementar aos dois primeiros, embasaria a memória audiovisual, buscada, registrada, guardada nas ferramentas audiovisuais do programa televisivo.

 Relacionando a teoria da comunicação de Pross com a constituição de uma memória temos Norval Baitello Jr. (2000, p. 03), nos diz que a complexidade e a cumulatividade da comunicação humana é um de seus princípios fundamentais, “permitindo assim a constituição de uma memória”. A mídia secundária não suprime nem anula a mídia primária, que continuaria existindo enquanto núcleo inicial e germinador. Da mesma forma, a mídia terciária não elimina a primária nem a secundária, mas apenas acrescenta uma etapa à anterior. Baitello nos ressalta a importância desta consciência, pois haveria um “ofuscamento da capacidade crítica diante da natureza mágica dos novos e vertiginosos desdobramentos da mídia elétrica” (BAITELLO, 2000, p.06).

Criamos o seguinte mapa conceitual na tentativa de melhor explicitar a classificação midiática, de acordo com a evolução e diversificação da linguagem e de técnicas de pesquisa a serem empregadas em sua análise:

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **MÍDIA**  | **MEMÓRIA** | **TÉCNICA DE PESQUISA** |
| Primária | Oral | Entrevista |
| Secundária | Escrita | Documental |
| Terciária | Audiovisual | Análise de conteúdo |

Utilizamos no quadro acima a classificação de mídia como vista em Pross (1997), adaptada aos tipos de memória e as técnicas de pesquisa. E, através deste modelo, apontamos que estes três momentos de evolução da linguagem direcionam metodologicamente a análise da narrativa apresentada no programa:

Linha 1 - A *mídia primária* e a oralidade correspondem à técnica de entrevistas semi abertas com os entrevistados, entrevistadores, produtores e personagens citados no programa;

Linha 2 – A *mídia secundária* e a escrita correspondem à técnica de análise documental, na pesquisa através de textos oficiais, jornais e versões biográficas impressas;

Linha 3 – A *mídia terciária* e a linguagem audiovisual correspondem à análise discursiva de conteúdo, através de marcadores de Memória Social e do protocolo da Jornada do Herói. É nesta classificação que enfatizamos a nossa pesquisa.

A comunicação social acontece em um contexto complexo, na qual buscamos respostas que nos direcionem a formas mais eficazes de compreensão, interpretação e transmissão da realidade individual. A produção de um programa de entrevistas nos moldes do *Memória Viva* abarca diversas análises, no que se refere à prática do fazer jornalístico e também as práticas narrativas e biográficas. Martinez (2008) ressalta que o surgimento de vários métodos analíticos de histórias de vida é benéfico não somente para a pesquisa e o ensino da graduação em jornalismo: eles permitem dar suporte também aos profissionais da área que ganham novas plataformas teóricas para melhorar a qualidade de seus trabalhos.

 Conceituados como mitologias, reposições arquetípicas, restituições seletivas, estruturas narrativas, matrizes tradicionais, expressões de ideologia e poder, é possível afirmar que os gêneros encontram-se presentes em toda e qualquer forma literária e também em produções sonoras e audiovisuais, como é o programa *Memória Viva*.

 O passado é construído no presente, daí o motivo pelo qual as narrativas sobre o passado, mostradas no programa *Memória Viva,* estarem diretamente ligadas à época em que são contadas, pois estas se ligam mais ao momento em que são gravadas do que ao período de tempo a que se referem. Boas nos diz na obra *Biografismo* (2008, p.20), que um exame histórico detalhado talvez apontasse um estilo de época também para a biografia: romântica, naturalista, moderna, pós-moderna, etc.

 A partir dos anos 80, a abordagem chamada de “história de vida” – em que há uma distinção entre ‘estória de vida’ (a autobiografia oral) e ‘história da vida’ (a subjetividade objetivada por documentos e pela narrativa externa do pesquisador) - ganhou destaque na pesquisa antropológica. E, recentemente, esta técnica passou a ser aplicada a grupos sociais específicos, como os professores e alunos (BUENO, 2002).

A exigência de um enquadramento realista do indivíduo na sociedade torna-se ainda maior e mais complexa quando se trata de uma autobiografia, em que a subjetividade do sujeito pesquisador é a mesma que a do objeto pesquisado. Quando a pesquisa torna-se sujeito, verbo e objeto do discurso, quando a investigação sobre a vida se confunde com a própria vida, é preciso definir parâmetros para manter alguma objetividade. (GOMES, 2008, p.02)

 Assim, ainda segundo Gomes (2008), o primeiro passo da pesquisa biográfica seria contextualizar a vida individual estudada em relação aos diferentes cenários em que está inserido, pois de acordo com o autor de nada servem a contextualização social e histórica da vida individual se não se observa também à dimensão psicológica do estudo biográfico, tanto no que diz respeito à formação, aos conflitos e à transformação da personalidade do biografado como no que se refere a nossa própria subjetividade.

Passemos, então, a esta contextualização.

# 4 A UFRN e a história oficial

Para ampliar e enriquecer o entendimento sobre o assunto ao qual este trabalho se dedica, é importante que possamos contextualizá-lo historicamente. Não nos propomos a fazer um meticuloso resgate histórico, uma vez que já existem obras que o fazem, especialmente a publicação na qual baseamos a maior parte das informações que subsidiam este capítulo, o livro *Portal da Memória:* Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 50 anos (1958-2008), organizado pelo professor Carlos Newton Júnior e com a colaboração dos professores Edja Trigueiro, Oswaldo Yamamoto e Paulo de Tarso Correia de Melo e também a página oficial da UFRN, que disponibiliza um link com a história da instituição. O Portal da Memória apresenta-se mais rico pois resgata parte da memória universitária reproduzindo também documentos, depoimentos, fotografias, textos e recortes de jornais que nos ajudam a compreender a contextualização histórica dos fatos que analisaremos em capítulos posteriores.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte origina-se da Universidade do Rio Grande do Norte, criada em 25 de junho de 1958, através de lei estadual, e federalizada em 18 de dezembro de 1960, conforme conferimos no site da instituição. A instituição foi instalada em sessão solene realizada no Teatro Alberto Maranhão, em 21 de março de 1959 e formada a partir de faculdades e escolas de nível superior já existentes em Natal, como a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina, a Escola de Engenharia, entre outras.

A partir de 1968, com a reforma universitária, a UFRN passou por um processo de reorganização que marcou o fim das faculdades e a consolidação da atual estrutura, ou seja, o agrupamento de diversos departamentos que, dependendo da natureza dos cursos e disciplinas, organizaram-se em Centros Acadêmicos. Nos anos 70, teve início a construção do Campus Central, numa área de 123 hectares. A estrutura da UFRN foi modificada, novamente, por meio de um Decreto de 1974 (N° 74.211), constituindo-se, também, a partir de então do Conselho Universitário (CONSUNI), Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), Conselho de Curadores (CONCURA) e Reitoria. (UFRN, 2013)

 Atualmente, segundo a informações da própria instituição, a UFRN oferece 84 cursos de graduação presencial, 9 cursos de graduação a distância e 86 cursos de pós-graduação. Sua comunidade acadêmica é formada por mais de 37.000 estudantes de graduação e pós-graduação, 3.146 servidores técnico-administrativos e dois mil docentes efetivos, além dos professores substitutos e visitantes.

Enfim, é uma estrutura massiva, que em 2014, quando da finalização deste trabalho, figura como a melhor universidade federal do norte-nordeste, cujo surgimento é citado especialmente no depoimento do ex-reitor Onofre Lopes, que reproduzimos na íntegra no anexo deste trabalho e também é registrado na obra *Portal da Memória*. Na página 21, os autores confirmam que a criação da Universidade era um sonho acalentado por Luís da Câmara Cascudo e por membros da intelectualidade local e que começou a se tornar realidade em 1958.

A 8 de março daquele ano, durante viagem a Natal em companhia do Diretor do Ensino Superior do MEC, Jurandyr Lodi, José Teixeira sugere a Onofre Lopes, então Diretor da Faculdade de Medicina, a criação de uma Universidade no Estado, em função do número de escolas superiores aqui já existentes. Jurandyr Lodi viera a Natal justamente para proferir a aula inaugural na Faculdade de Medicina. A partir daí, graças ao empenho pessoal de Onofre Lopes, o assunto é levado ao então Governador Dinarte de Medeiros Mariz. Menos de três meses depois, a 3 de junho, na Assembleia Legislativa do Estado, é lida a mensagem do Governador propondo a criação da Universidade do Rio Grande do Norte. (NEWTON JR, 2008, p.21)

Ainda reproduzindo o rico registro histórico trazido pela obra, no dia 25 de junho do mesmo ano, através da Lei nº 2.307, sancionada pelo Governador Dinarte Mariz, em sessão solene realizada no Palácio Potengi, então sede do Governo, criou-se, finalmente, a Universidade do Rio Grande do Norte. Segundo o texto da Lei, a Universidade compõe-se de estabelecimentos de ensino incorporados (aqueles mantidos pelo Governo do Estado) e agregados (mantidos por entidades de caráter privado). Dos cinco primeiros estabelecimentos que formam a universidade, aqui já citados, a Faculdade de Farmácia e Odontologia e a Faculdade de Direito são incorporados; a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Filosofia e a Escola de Serviço Social eram estabelecimentos agregados.

Criada a Universidade do Rio Grande do Norte, sua instalação solene ocorreu na noite de 21 de março de 1959, em cerimônia realizada no Teatro Alberto Maranhão e presidida pelo Governador Dinarte Mariz. A ela compareceram, além das autoridades locais de praxe e do Diretor do Ensino superior do MEC, Jurandyr Lodi, representantes das Universidades vizinhas da Paraíba, do Recife e do Ceará. (NEWTON JR, 2008, p.21)

No *Portal da Memória*, conta-se que o ponto alto da solenidade ficou por conta do memorável discurso pronunciado pelo Prof. Luís da Câmara Cascudo, representando as congregações das unidades universitárias. Cascudo define a Universidade como “plasmadora de Cultura em defesa ascensional da Civilização”. A missão da Universidade Brasileira, para Cascudo, identificava-se com a valorização, o estudo e a defesa da civilização Brasileira, “para que pudéssemos fazer a nossa própria voz soar alto no concerto das nações do mundo, ampliando as culturas a serviço da humanidade*”*.

Em um artigo publicado em *A República*, no mês seguinte, Cascudo comemorava a instalação da Universidade, nascida “justamente na hora de nascer porque era sonho de lento e ininterrupto crescimento”, e fazia uma espécie de exortação para que todos a apoiassem. (CASCUDO apud NEWTON JR. 2008, p.14)

No *Livro das Velhas Figuras*, Cascudo (2005 apud NEWTON JR, 2008) defende que “uma universidade jamais merece críticos espontâneos, adversários por vocação negativista. Deve ter amigos que a orientem, aparem e prestigiem.”

Onofre Lopes, primeiro reitor da Universidade teve um papel efetivo e muito importante na federalização da Universidade, quase dois anos após a sua criação. A federalização ocorreu através da Lei nº 3.849, sancionada a 18 de dezembro de 1960 pelo Presidente Kubitschek e publicada no Diário Oficial da União a 21 de dezembro do mesmo ano. Segundo o artigo 4º da referida Lei, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte passava a ser composta por cinco estabelecimentos de ensino superior: Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Direito e Escola de Engenharia. O mesmo artigo previa ainda a criação ou agregação à Universidade, no prazo de três anos, de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Onofre Lopes - o precursor

Segundo o perfil traçado pelo Portal da Memória e pelas entrevistas gravadas pelo programa *Memória Viva*, Onofre Lopes, temos um vislumbre do perfil de sua personalidade. Médico, deixou a direção da Faculdade de Medicina para ser o primeiro Reitor da Universidade. Onofre foi Reitor da Universidade durante doze anos, ou seja, três mandatos consecutivos. Durante este período, foi o artífice direto de tudo que existia na Universidade até a sua transferência para o Campus, em 1974.

A iniciativa de Onofre Lopes não foi isolada. A partir da década de 1940, como podemos conferir em *Portal da Memória*, estados como o Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Paraná e Minas Gerais começaram a constituir o que viria a se tornar, mais adiante, o sistema federal de ensino superior. Na década de 1950, já existiam 16 Universidades no Brasil, dentre elas cinco confessionais e onze estatais.

A despeito das questões vinculadas à sua origem – aglutinação de faculdades de diferentes naturezas jurídicas obedecendo mais a imperativos diversos de ordem política que a parâmetros propriamente acadêmicos (Chauí, 2001; Cunha e Góes, 1989 apud Newton Jr, 2008) –, é a “federalização” das instituições universitárias, portanto, o processo predominante de instituição do sistema universitário público no Brasil.

Se até meados da década de 1960 as instituições de ensino superior no Brasil pertenciam em sua maioria ao sistema público, com a exceção das Universidades confessionais, nos anos da autocracia burguesa o quadro se inverte. Em 1985, existiam 68 Universidades, 48 delas públicas. Mas, das 859 instituições de ensino superior no Brasil naquele ano, 626 pertenciam à rede privada. Tal concentração se acentua ao longo dos anos seguintes: em 1998, das 153 Universidades, 76 pertenciam à rede privada e do conjunto das 973 instituições de ensino superior, apenas 209 eram estatais, correspondendo a aproximadamente 21% do total. No Censo do Ensino Superior de 2003 são registradas 163 Universidades num total de 1.859 instituições de ensino superior. Destas, 207 pertencem à rede pública, totalizando 11,1% das instituições que constam do sistema. (NEWTON JR., 2008, p. 37)

É com esta expectativa de expansão do sistema superior de ensino na direção da crescente participação do setor privado que a obra *Portal da Memória* aponta como horizontes possíveis para uma instituição pública como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

# 5 A TV Universitária – breve histórico

 O programa *Memória Viva* é produzido e veiculado através da TV Universitária, parte integrante da estrutura da Superintendência de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, juntamente com a Agência de Comunicação (AGECOM) e a Rádio Universitária FM. Nascida em dezembro de 1972 com fins educativos, a TVU viabilizou localmente o Programa Nacional de Teleducação (Prontel), fruto de um convênio entre o Ministério da Educação e a TVE do Rio de Janeiro. No seu início a TVU transmitia aulas do Projeto Saci – Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares, e a recepção acontecia em sinal aberto para parte do Rio Grande do Norte, através de retransmissores instalados em pontos distintos do Estado, localizados estrategicamente em serras - alguns ainda hoje utilizados pelas emissoras comerciais - que recebiam em UHF e retransmitiam o sinal para outras cidades através do canal 05. A logística era difícil, segundo consta no site oficial da emissora:

 Algumas escolas, de tão distantes, recebiam (o sinal) com o uso de baterias. Para operar todo esse sistema a emissora dispunha de uma enorme equipe de técnicos que viajavam com jipes por todo o estado. (TVU, 2008)

O objetivo de toda essa movimentação de recursos e de funcionários era unicamente educativo como relata a pesquisadora Joana do Céu Régis na pesquisa *TV Pública e Terceiro Setor: uma experiência em construção (2004)*

As aulas eram destinadas a uma clientela de 1ª a 4ª série do hoje Ensino Fundamental da rede oficial de ensino, em escolas de periferia urbana de Natal e parte do interior do Estado, com o objetivo de suprir carências educacionais na época. (REGIS, 2004, p. 21)

 Ainda segundo a autora outros projetos de teleducação foram implementados, como o Sistema de Teleducação do Rio Grande do Norte, o Sitern, fruto de um convênio entre os governos federal, estadual e a UFRN, e operacionalizado pela TV Universitária, que firmou-se durante 15 anos como a única televisão com produção local de programas. As outras TVs eram repetidoras de canais do centro-sul do país.

Somente em março de 1987 foi inaugurada a afiliada do SBT e nesse mesmo ano a afiliada da Rede Globo. Esse pioneirismo da TVU permitiu o fortalecimento de uma identidade com a cultura do Estado. (REGIS, 2004, p.21).

 A TVU produziu incontáveis séries, musicais, programas de auditório, de entrevistas, esportivos e telejornais nesta primeira fase. Funcionava na rua Princesa Isabel, no centro de Natal, no prédio hoje ocupado pelo Centro de Formação Cultural do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Mas segundo consta no histórico da TV, em meados da década de 1980, a emissora entrou em crise e faltavam recursos para manter a estrutura de transmissão para o interior do Estado. A produção de programas ficou comprometida e o parque tecnológico obsoleto. Nesse período, restaram no ar alguns poucos programas, como o *De Bar em Bar, Repórter Cidade,* a *Santa Missa em seu lar* e o próprio *Memória Viva*. Porém na década de 1990, a TV conseguiu se reerguer

Em 20 de abril de 1995, o canal 05 começou uma nova fase. Mudou-se para o Campus Universitário da UFRN, em Lagoa Nova, um prédio moderno, com novos equipamentos, dois estúdios, e que hoje também abriga a FM Universitária e a AGECOM – Assessoria de Comunicação da UFRN. Com uma equipe de funcionários reduzida, em função da falta de concursos para suprir as funções, passou a contar com a colaboração de alunos do curso de Comunicação da UFRN e com parcerias de instituições para a produção de programas. A emissora iniciou uma nova programação, entrando em rede com a TV Cultura de São Paulo e mais recentemente com a TV Brasil. Nos "fades" da programação via satélite, passou a inserir programas locais, como o *Grandes Temas* e o *TVU Notícias*. No início de 2007 a TVU também teve a cobertura de seu sinal ampliada, com a inauguração de seu novo transmissor de 10 Kw, instalado no morro de Nova Descoberta. (TVU, 2008)

Esse histórico de pioneirismo e superação, aliado a identidade com a cultura local, com o dia-a-dia do povo potiguar, distingue a TV Universitária ainda hoje como a emissora com a maior produção de produtos televisivos do Estado. E como TV escola, contribui para a formação de estudantes de Comunicação Social, treinando também graduandos de diversas outras áreas técnicas.

## 5.1 A parceria com a TV Brasil

No final de 2007, o governo federal criava a Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Na época a TV Brasil tornou-se o centro dos debates pela sua proposta alternativa de televisão pública, inclusiva e cidadã, que destoava do modelo vigente de televisão aberta conhecida no Brasil. Como ressalta Leal Filho, “era um corpo estranho num país dominado pelo modelo comercial de televisão”.

Muitos passaram a se perguntar do que se tratava. Afinal, haviam sempre convivido com emissoras de TV que, na sua lógica empresarial, não se distinguem das redes de supermercados ou de eletrodomésticos, embora ofereçam, além de mercadorias, ideias, hábitos e valores. A dúvida, nesse caso, era justificável. Mas há também os que, não muito bem intencionados, já tinham na ponta da língua a definição para a nova TV: é do governo, vai ser “chapa-branca”. (LEAL FILHO, Laurindo, 2009, p. 13)

A EBC é gestora dos canais TV Brasil, TV Brasil Internacional, Agência Brasil, Radioagência Nacional e do sistema público de Rádio – composto por oito emissoras. Estes, tentam se distinguir dos canais estatais ou governamentais, com conteúdo supostamente diferenciado e complementar aos canais privados, conforme nos esclarece o site institucional do sistema EBC:

Os veículos da EBC têm autonomia para definir produção, programação e distribuição de conteúdo. Atualmente, são veiculados conteúdos jornalísticos, educativos, culturais e de entretenimento com o objetivo de levar informações de qualidade sobre os principais acontecimentos no Brasil e no mundo para o maior número de pessoas. (EBC, 2014)

Aleatório ao debate se a EBC é “chapa-branca” ou não, lembrado por Leal Filho (2009) podemos considerar que essas são as características das TVs públicas em todos os países onde a comunicação pública é forte com conteúdo diferenciado, complementando os canais privados. Fato nunca ocorrido no Brasil, embora o regime militar tenha instituído a Radiobras e um conjunto de emissoras educativas estaduais. Antes da EBC não existia um sistema público de comunicação que buscasse complementar o sistema privado, assegurando-lhe pluralidade e respeito ao regionalismo.

A TV Brasil, cuja programação é retransmitida para o Rio Grande do Norte pela TV Universitária, é a televisão pública aberta gerida pela EBC, com praças em mais 23 Estados e no Distrito Federal, por meio das emissoras de televisões parceiras da Rede Pública de Televisão. No caso da TV Universitária, atualmente a TV Brasil retransmite semanalmente para todas as suas afiliadas o programa Tela Rural, produção local sobre a cultura e os costumes do campo e frequentemente as matérias jornalísticas produzidas pelo telejornal TVU Notícias.

## 5.2 O Programa *Memória Viva*

O programa *Memória Viva* foi criado em 1981, na gestão do reitor Diógenes da Cunha Lima e fazia parte de um projeto muito mais amplo chamado de Projeto Memória da UFRN que visava destacar valores culturais da nossa terra. Dentro deste mesmo projeto, por exemplo, foi realizada a gravação de um LP com músicos potiguares e o lançamento de biografias de personalidades locais. Desde o início a proposta da produção do programa foi convidar pessoas que colaboraram com a história do Rio Grande do Norte em diversas áreas. Alguns anônimos mas com possíveis boas histórias para contar. Outros politicamente relevantes como o ex-presidente Fernando Collor de Mello.

Podemos dividi-lo em duas fases de produção: a primeira na direção do professor do Curso de Comunicação Social Carlos Augusto Lyra Martins, apresentador e produtor, e Madalena Soares, como assistente de produção e de direção. No início do programa eram realizadas gravações externas, nas casas dos entrevistados ou no local de trabalho, como Academia Norte-rio-grandense de Letras ou o Palácio do Governo e aí consiste uma das poucas alterações para a formatação de hoje, que é realizada estritamente em estúdio. Na primeira fase foram gravadas 119 edições antes da sua interrupção.

A retomada da segunda fase aconteceu em 2004, na gestão do reitor Ivonildo Rêgo. O professor Tarcísio Gurgel foi convidado para tornar-se apresentador efetivo do programa – na primeira fase ele participou diversas vezes como debatedor ou mesmo como apresentador - e Joana D’arc de Arruda Câmara como produtora e diretora. Nos dez anos da chamada segunda fase do *Memória Viva*, foram gravadas 400 entrevistas até maio de 2014 e a exibição do programa tornou-se semanal, sendo interrompida apenas por ocasião de greves no serviço público federal.

A dinâmica de produção do *Memória Viva* continua a mesma. A sugestão de um nome para gravações futuras vem de várias fontes: jornalistas, produtores, apresentadores ou de antigos entrevistados que recomendam amigos. Na fase de pré-produção, após a escolha de um personagem, é feito um convite por telefone para a participação no programa. Algumas pessoas rejeitam. Em parte porque o *Memória Viva* ficou estigmatizado como um programa de “idosos” e algumas pessoas são sensíveis ao tema. A produtora Joana D’arc revelou que este pode ser um dos motivos pelos quais há muito mais homens do que mulheres na lista de entrevistados. “Elas (as mulheres) dizem que não querem vir ao programa para ninguém ver que elas estão velhas. Os homens não ligam tanto para isso”. Uma suposta “maldição” de que quem participa do programa morre logo depois da exibição, é uma piada de bastidores que a produtora explica já ter ouvido como justificativa para a ausência de alguns convidados. Na realidade, não há uma idade pré-estabelecida para participação no programa. O grande número de idosos se dá porque estes supostamente teriam mais histórias para contar, mais memória a deixar registrada no programa.

Após o sim do personagem, é marcado o horário, a data, e até sugerido o traje adequado a ser usado na gravação. Também é solicitado um currículo resumido por e-mail e que a pessoa convide outras duas pessoas que conheçam a sua vida para participar da conversa em estúdio a fim de enriquecê-la. Amigos de infância, antigos colegas de trabalho. Estes convidados paralelos irão ajudar na dinâmica da entrevista e a resgatar histórias. O apresentador utiliza este currículo para fazer a introdução do *Memória Viva* e nortear suas perguntas.

Por trás das câmeras, a equipe é formada por uma diretora e produtora, um assistente de produção, um diretor de imagens, um diretor de fotografia, dois cinegrafistas, um operador de VT, um operador de áudio, um operador do gerador de caracteres, um assistente de estúdio, um iluminador, um cenógrafo, uma maquiadora e um operador master.

A gravação é feita em tom de “conversa de beira de calçada”, como afirma Tarcísio Gurgel. Não há interrupções para ajustes de fala ou narrativa. O *Memória Viva* é gravado como se fosse um programa ao vivo, com três blocos, tendo cada um de 18 a 20 minutos de duração.

Após a gravação e exibição, o material é encaminhado ao Setor de Documentação e Acervo da TV, o Sedoc, para arquivamento apropriado. É comum que os entrevistados ou seus parentes busquem cópias do programa no setor de acervo. Estas entrevistas memoriais tornam-se assim uma parte importante da memória afetiva de diversas famílias e dos próprios entrevistados.

# 6 Análise dos marcadores de memória social

Este trabalho utiliza a análise de conteúdo para tratamento dos dados em pesquisa, utilizando a proposta de Laurence Bardin (1977) que ressalta que por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, se esconde um sentido que convém desvendar. Sendo assim, trabalhamos as entrevistas dos quatro reitores do período ditatorial, buscando desvendar os textos não aparentes através de uma metodologia de análise de conteúdo, que pode ter um alcance não apenas descritivo mas que também pode ser inferido. Para Bardin, a análise de conteúdo poderia ser definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visaria obter indicadores, quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou de recepção de mensagens. A análise de conteúdo pode ser aplicada a tudo que é dito em entrevistas ou depoimentos ou escrito em jornais, livros, textos ou panfletos. O método também pode ser utilizado para análise de imagens de filmes, desenhos, pinturas, cartazes e televisão.

Este é um método de análise textual que se utiliza amplamente em questões abertas de questionários e entrevistas. Podemos utilizá-lo na análise de dados qualitativos, na investigação histórica ou outros em que os dados tomam a forma de texto escrito. É uma metodologia que pode ser usada também para dar sentido a informações colhidas em entrevistas ou inquéritos de opinião.

Para a autora, na prática a análise de conteúdo enriquece a exploração e consequentemente aumenta a propensão à descoberta, além de que as hipóteses construídas sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação.

A análise de conteúdo é um método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes, dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (BARDIN, 1977, p.31)

Na análise de conteúdo das entrevistas dos quatro reitores selecionadas, organizamos a pesquisa em três etapas. Na primeira etapa, organizamos o material fornecido pelo Setor de Documentação e Acervo da TV Universitária do Rio Grande do Norte, o Sedoc, que nos proveu de cópias em DVDs das entrevistas dos reitores. Na segunda etapa, decidimos como este material seria analisado, assim definido que as mais de seis horas de entrevista seriam decupadas, minutadas e transcritas para aplicação de marcadores de texto previamente definidos. Esta iniciativa teve o propósito de nos abalizar para a terceira etapa, que foi a de interpretação das memórias trazidas à tona pelos reitores, durante as entrevistas do *Programa Memória Viva*.

## Primeira etapa – organização do material

Utilizamos programas televisivos gravados, dentre os quais foram escolhidas quatro entrevistas com reitores que estiveram à frente da instituição durante o período da ditadura, que vai historicamente do dia 31 de março de 1964 a 15 de março de 1985, para exemplificação no nosso trabalho, a saber:

1. Onofre Lopes da Silva, 1959 a 1971 (início da ditadura)
2. Genário Alves Fonseca, 1971 a 1975
3. Diógenes da Cunha Lima, 1979 a 1983
4. Genibaldo Barros, 1983 a 1987 (fim da ditadura)

Estes personagens foram escolhidos por estarem contextualizados dentro de um período marcante para a história do país, assim como para a instituição UFRN, o que consideramos relevante como recorte para orientação da pesquisa. Os reitores também são representantes sociais, acadêmicos e políticos da Universidade e assim teriam subjetivamente relevância na construção de uma memória local da instituição.

As entrevistas analisadas do programa *Memória Viva* não seguiram a ordem sequencial de reitorado. Assim, decidimos iniciar a análise de acordo com a ordem cronológica em que as entrevistas foram realizadas:

1. Onofre Lopes – entrevistado em março de 1981. Onofre foi o único dos quatro reitores que mereceu uma gravação mais extensa, com três horas de duração. Tendo como um de seus entrevistadores o também ex-reitor Diógenes da Cunha Lima, além de Newton Navarro, Vicente Serejo, Alvamar Furtado, Carlos Lyra e HEriberto Bezerra.
2. Genário Fonseca – entrevistado em 03 de abril de 2005 pelos professores Zaqueus Luís Santos e Carlos Jussier Trindade Santos;
3. Genibaldo Barros – entrevistado em 07 de agosto de 2005 pelo jornalista Sanderson Negreiros e pelo também ex-reitor Diógenes da Cunha Lima.
4. Diógenes da Cunha Lima – entrevistado em 03 de agosto de 2006 pelo poeta Nei Leandro de Castro e pelo professor Ticiano Duarte.

O ex-reitor Diógenes da Cunha Lima aparece como entrevistado ou entrevistador em três das quatro entrevistas. Mesmo assim decidimos utilizar os marcadores para analisar as suas falas apenas enquanto entrevistado.

Nesta análise de conteúdo decidimos utilizar marcadores que remetem exclusivamente ao trabalho profissional desenvolvido pelos personagens. Marcadores que referenciam histórias familiares ou particulares de crescimento e desenvolvimento foram adequados na análise, que sintetiza a Jornada do Herói e a sua adequação aos roteiros de entrevistas padronizadas pelo programa *Memória Viva*.

Para melhor demonstração do padrão de análise de conteúdo que utilizamos na pesquisa, apresentamos mais adiante um quadro, que contabiliza o número de referências verbais a cada um dos tópicos propostos. Note-se que alguns entrevistados falam repetidas vezes sobre determinado aspecto, enquanto que outros não fazem referência sobre o tópico. Isto tanto pode apontar para a menor importância dada a determinado assunto pelo entrevistado quanto à falta de provocação por parte dos entrevistadores ou ainda denotar “fuga” de assuntos indesejáveis.

## Segunda etapa – Decupagem, transcrição e aplicação de marcadores

A decupagem e transcrição das quatro entrevistas rendeu mais de cem páginas de texto e incontáveis horas de trabalho, ouvindo e reproduzindo a fala de todos os entrevistados e entrevistadores. Por fim, observando a fala de cada personagem, definimos que a análise do conteúdo poderia ser proposta através da fixação de quatro marcadores, que apareciam nas respostas de quase todos os reitores. São elas:

1. História da UFRN e sua memória social;
2. Ditadura militar e/ou influência política na Universidade;
3. Construção e/ou desenvolvimento da UFRN;
4. Dedicação profissional e/ou apoio da equipe.

Os marcadores foram aferidos junto a todas as entrevistas sugeridas pelo nosso recorte e a terceira etapa, que consiste na interpretação do conteúdo, está no capítulo 10 deste trabalho.

O primeiro entrevistado analisado foi Onofre Lopes, reitor entre os anos de 1959 e 1971, estando, portanto no poder durante o golpe militar de 1964.

# 7 Onofre Lopes – 1959 a 1971

A entrevista de Onofre Lopes teve três horas de duração, exatamente o triplo do tempo dedicado aos outros reitores do período ditatorial. O número de entrevistadores também foi maior, sete no total: Carlos Lyra, Alvamar Furtado, Diógenes da Cunha Lima, Eriberto Bezerra, Newton Navarro, Vicente Serejo e Tarcísio Gurgel. Tal distinção ocorreu pelo fato do professor Onofre Lopes ter sido o primeiro reitor da Universidade, tendo participado ativamente da sua criação e da sua elevação de instituição de ensino estadual para federal.

Em 25 de junho de 1958, liderando um grupo de professores, Onofre Lopes convenceu o então governador Dinarte Mariz a criar a Universidade do Rio Grande do Norte – URN. Quando foi federalizada, em dezembro de 1960, ele ficou à frente da Instituição e, em maio de 1961, foi oficialmente nomeado reitor, cargo que ocupou por 12 anos. Destacou-se, entre outras coisas, pelo pioneirismo com a criação do Centro Rural Universitário e de Ação Comunitária, o CRUTAC.

 Figura 1 – Onofre Lopes

 Fonte: UFRN



|  |  |
| --- | --- |
| Entrevista com Onofre Lopes – entrevistado em março de 1981 |  |
| Marcadores | Referências verbais |
| História da UFRN e sua memória social | 97 |
| Ditadura militar/ influência política na Universidade | 3 |
| Construção/ desenvolvimento da UFRN | 15 |
| Dedicação profissional/ apoio da equipe | 18 |

A primeira hora da entrevista foi totalmente dedicada às reminiscências da infância de Onofre, os estudos de Medicina no Rio de Janeiro e o início de sua trajetória profissional como médico em Natal.

Em seguida começa a discorrer sobre a fundação da Universidade e a sua posterior federalização. Onofre é poucas vezes interrompido pelos entrevistadores durante a sua fala. Em parte por ser - como ele mesmo se define - “um ser prolixo”. Em parte porque os entrevistadores mantêm uma postura de respeito e reverência com ele. Onofre foi um grande realizador. Coube a ele construir a Universidade e dar-lhe condições de funcionamento, em uma época que o Estado era carente de recursos financeiros e humanos. Talvez por isto pontue várias recordações com lembranças de como conseguiu atingir estes objetivos à custa de insistência junto a políticos, militares e do “jeitinho brasileiro”. Em determinado momento, por exemplo, Onofre diz em tom jocoso que “a Universidade do Rio Grande do Norte não foi feita só de coisa séria... foi feita também de chantagens, de fraudes, de troças, de brincadeiras” (vide Anexo C).

Mas o reitor reforça sua fala através do discurso de construção e de desenvolvimento tanto da Universidade quanto do Estado. Reconhece o trabalho árduo da equipe que o acompanhava, apesar de assumir que “só acredita em comissão de um”, em alusão ao fato de que preferia resolver problemas burocráticos, sozinho. Ainda assim, em determinado momento, Onofre Lopes comete uma pequena indiscrição ao confessar que “levou vantagem”, digamos assim, no concurso público que prestou ainda jovem para a vaga de médico da Marinha. Em determinado ponto da entrevista ele revela que no dia da prova escrita do concurso, aproximou-se do paciente indicado para ser tomado como análise da prova – o que era proibido - e o interrogou a respeito do seu diagnóstico:

Naquele tempo nós já sabíamos de uma coisa: todo doente de hospital sabe conversar sobre o seu diagnóstico porque cada professor (de Medicina) que chega, conversa com os alunos... o doente aprende mais do que o aluno (...) com os dados que o doente me deu desenvolvi a prova escrita e dias depois fui chamado (para a vaga do concurso). (vide Anexo C)

 Na narrativa de Onofre, assim como na de todos os reitores analisamos o seu discurso comparativamente com os passos da Jornada do Herói, descrita por Joseph Campbell.

**Jornada de Onofre Lopes da Silva:**

|  |
| --- |
| Partida, separação, mundo cotidiano |
| Chamado à aventura: Onofre é um menino pobre que ajuda os pais na lavoura em São José de Mipibu junto a nove irmãos. Em 1920, aos 14 anos, se muda para Natal para estudar e morar com um irmão. |
| Ventre da baleia: Onofre se afasta da vida interiorana para estudar e percebe um chamamento para a Medicina. |
| Travessia do primeiro limiar: O personagem é aprovado no vestibular de Medicina de Pernambuco. |
| Ajuda sobrenatural: Um dos mentores na jornada de Onofre é Godofredo Freire, que o ajuda a arrumar emprego para se sustentar em Recife e também empresta dinheiro quando este decide transferir a Faculdade de Medicina para o Rio de Janeiro. |
| Descida, Iniciação, Penetração |
| Estrada de provas: Na tentativa de fundar a Universidade, passa por inúmeros problemas, relativos a entraves burocráticos ou interferência política. |
| Apoteose: Consegue fundar a Universidade estadual, e logo depois esta é federalizada. |
| A grande conquista: Onofre é escolhido como primeiro reitor da Universidade e fica no cargo durante 12 anos. Funda o Crutac, projeto de extensão imitado por outras 39 Universidades no país, o que aumenta o seu prestígio no meio acadêmico. |
| Retorno |
| Liberdade para viver: Após o reitorado, Onofre assume uma cadeira na Academia Norte-rio-grandense de Letras, na qual depois é eleito presidente. |

A jornada do herói de Onofre Lopes é marcada por grandes desafios e grandes vitórias. O menino pobre de São José de Mipibu, no interior do Rio Grande do Norte, deixou a lavoura no sítio dos pais e mudou-se para a capital na adolescência. Trabalhava no comércio durante o dia e estudava à noite, gestando o sonho de tornar-se médico. Conseguiu passar no vestibular de Medicina da Universidade de Pernambuco e depois transferir-se para a Universidade do Rio de Janeiro, voltando médico formado para abrir uma clínica em Natal. Logo passa a integrar a equipe de cirurgia do hospital do médico Januário Cicco, a quem substitui na diretoria, quando este falece. Ali, após algum tempo nasceria o sonho de unir a escola de Medicina com outras faculdades e fundar a primeira Universidade do Estado, mais tarde Universidade Federal, onde Onofre seria a figura de maior poder e de principal destaque efetivo durante doze anos, sete deles durante o regime militar.

Onofre tem uma jornada de vida heroica, pela análise de sua narrativa. Identificamos oito fases da jornada do herói durante esta entrevista: Ele conta ter superado a pobreza, lutado pelo seu desenvolvimento, vencido desafios, atingiu os seus objetivos e conquistou sucesso profissional e na vida.

Sua narrativa é pontuada por causos, por “arranjos”, pela superação de metas através do jeitinho, da conversa ao pé de ouvido. Embora durante a entrevista não faça apologia da ditadura que se instaurou na cena política brasileira – Onofre só cita a ditadura e/ou influência política na Universidade em três momentos – ele soube dela prevalecer-se durante cinco dos doze anos em que foi a principal figura representativa da Universidade estadual e logo em seguida, federal. O reitor termina o seu mandato em 1971 e indica para assumir em seu lugar o professor Genário Fonseca, militar da aeronáutica, levado para a UFRN por indicação do ainda senador Dinarte Mariz.

# 8 Genário Fonseca – 1971 a 1975

A entrevista do personagem Genário Fonseca demonstra relevância em dois pontos principais realçados pela nossa análise de conteúdo: a fala carregada de referências ao militarismo, ditadura e influência política do governo ditatorial e também ao romantismo ao falar sobre o trabalho desenvolvido nos primórdios da Universidade. O ex-reitor falou a palavra “amor” nove vezes para referir-se ao trabalho de desenvolvimento da UFRN e ao sentimento de dedicação que o movia e a toda a sua equipe.

 Figura 2 - Genário Fonseca



 Fonte: UFRN

|  |  |
| --- | --- |
| Entrevista com Genário Fonseca – em 03 de abril de 2005 |  |
| Marcadores | Referências verbais |
| História da UFRN e sua memória social | 7 |
| Ditadura militar/ influência política na Universidade | 14 |
| Construção/ desenvolvimento da UFRN | 3 |
| Dedicação profissional/ apoio da equipe | 10 |

Na referência ao sistema de governo, Genário Fonseca demonstra amizade com os militares – sendo ele mesmo oficial da aeronáutica e utiliza a entrevista para referir-se e agradecer três vezes a Jarbas Passarinho, ministro da educação do governo ditatorial de 1969 a 1974; e ao Coronel Pamplona, secretário geral do MEC durante a sua gestão. Explica que chegou a ser cotado para assumir o governo do Estado mas foi aconselhado por seu antecessor, Onofre Lopes, a não enveredar pela política. Também demonstra ter afinidade com Dinarte Mariz, governador do Rio Grande do Norte de 1956 a 1961, senador de 1963 a 1984, apoiador notório do regime militar, e que por amizade convidou Genário para iniciar carreira acadêmica como professor da Universidade, onde depois assumiria como reitor.

**Jornada de Genário Fonseca:**

|  |
| --- |
| Partida, separação, mundo cotidiano |
| Chamado à aventura: Segue carreira militar na aeronáutica, conhece e fica amigo do futuro governador do Rio Grande do Norte Dinarte Mariz, que o convida a ser professor da Universidade.  |
| Recusa do chamado: Genário, assim como outros militares da sua geração, não se preocupava com vida acadêmica. |
| Ajuda sobrenatural: Genário é “forçado” pelo sogro a estudar, entrando na faculdade de farmácia. |
| Travessia do primeiro limiar: Genário trabalha junto ao primeiro reitor, Onofre Lopes, que o indica para assumir o posto como sucessor. |
| Ventre da baleia: Onofre dizia ter medo que Genário não conseguisse sucesso como reitor mas Genário se autodenomina vitorioso. |
| Descida, Iniciação, Penetração |
| Estrada de provas: O reitor sofre pressão dos militares para nomear professores, dificuldades na construção do restaurante universitário e da casa universitária. |
| Encontro com a deusa: o herói da narrativa conta ter encontrado a estudante Antonia, a quem deu carona em uma motocicleta, gerando intenso falatório dentro do campus. Casa-se com ela, depois. |
| Sintonia com o pai: Apesar de ser militar, Genário contou ter sofrido com a pressão do militarismo, o que chocava com seus ideais acadêmicos. |
| Apoteose: Mudança da Universidade para o local atual. |
| A grande conquista: Chegou a ser cotado para ser governador do Estado. Mas foi aconselhado por Onofre a não aceitar. |
| Retorno |
| Recusa do retorno: Genário ajudou a eleger o seu sucessor, Domingos Gomes de Lima, mas afirma ter sido traído por ele. |
| Liberdade para viver: Genário abre uma empresa própria. |

Conseguimos identificar 12 dos 17 passos da jornada do herói de Campbell na narrativa de Genário Fonseca. Nos estudos de Lima, essa estrutura deve ser mais sintética e funcional em termos jornalísticos, apresentando apenas oito etapas, que seriam o cotidiano, o chamado à aventura, recusa, desafios, caverna profunda, testes, recompensa, retorno.

Analisando a fala do reitor Genário Fonseca podemos afirmar que ele foi o personagem mais intrinsecamente conectado com a ditadura militar. Ele não apenas beneficiou-se do período de suspensão da democracia pela qual todo um país estava passando: ele era um militar da aeronáutica, exercendo funções civis, aproveitando-se de amizades estreitas com os políticos pró-ditadura, especialmente o governador Dinarte Mariz. O trecho em que ele conta como se deu o convite para ser professor da Universidade e logo depois a indicação para reitor ilustra bem o que afirmamos:

Aí eu disse: não, é a segurança de Dinarte! é a lei que eu estou querendo preservar a figura do governador, e ele concordou, não viajou (em um vôo previsto para sair à noite) e nós ficamos e de noite fomos para o Grande Hotel, fizemos lá um jantar e conversamos, e ele somente viajou no dia seguinte. Daí começa o meu elo com a Universidade, porque em seguida, o próprio Dinarte me chama, “você que é um rapaz versátil e corajoso, eu quero que você venha a ser professor da Universidade”. (Anexo D)

A entrevista com Genário segue bem a jornada do herói. Ele é chamado à aventura, convidado para ser professor e logo em seguida reitor da Universidade, quando já tinha uma carreira bem-sucedida como militar. Nesta decisão que mudaria a narrativa da sua jornada, Genário encontrou no sogro a “ajuda sobrenatural” após recusa em mudar de cargo, pois os militares não costumavam priorizar a vida acadêmica quando já tinham uma carreira militar em evolução. Mesmo fazendo parte do grupo, Genário diz ter sofrido pressões dos próprios colegas de farda em questões até administrativas, como a nomeação de professores, a construção do restaurante universitário e a casa da Ribeira. Teve o seu encontro com a deusa, em um momento ousado em que teria convidado uma das alunas do campus para passear na garupa de sua moto. E esta aluna se tornaria a sua esposa logo depois.

Ouvir o relato de Genário é reforçar a ideia de que as narrativas biográficas estão mais diretamente ligadas à época em que são contadas do que ao período de tempo a que se referem. A entrevista foi realizada em 03 de abril de 2005, momento em que o país já respirava democracia, primeiros anos do Governo Lula, e já não era socialmente aceitável falar publicamente sobre as proximidades com o governo militar. Talvez por isso, Genário declara ter sido oprimido por colegas de farda, mesmo sendo público e notório o seu relacionamento estreito com a ditadura, tendo até o seu nome cogitado – segundo conta - para ser governador do Rio Grande do Norte durante o regime.

Ajuda a eleger o seu sucessor na reitoria: Domingos Gomes de Lima. Infelizmente, este personagem não foi entrevistado pelo programa *Memória Viva*, sendo assim, portanto, excluído da nossa análise. Após a saída de Domingos, o professor Diógenes da Cunha Lima assume a reitoria.

#  9 Diógenes da Cunha Lima – 1979 - 1983

Diógenes da Cunha Lima foi entrevistado por Nei Leandro de Castro e Ticiano Duarte em agosto de 2006. Em sua fala Diógenes revela como aconteceu a sua indicação a reitoria durante o período ditatorial, graças à influência de nomes consagrados da literatura e da intelectualidade, como Gilberto Freire, Jorge Amado, Raquel de Queiroz e José Américo de Almeida.  Lembra que Luís da Câmara Cascudo, de quem era grande amigo, escreveu uma carta ao Presidente da República exigindo a sua nomeação para reitor da UFRN.

 Figura 3 – Diógenes da Cunha Lima

 Fonte: UFRN

|  |  |
| --- | --- |
| Entrevista com Diógenes da Cunha Lima – em 03 de agosto de 2006 |  |
| Marcadores | Referências verbais |
| História da UFRN e sua memória social | 17 |
| Ditadura militar/ influência política na Universidade | 1 |
| Construção/ desenvolvimento da UFRN | 1 |
| Dedicação profissional/ apoio da equipe | 8 |

Aliás, Diógenes relata vários episódios em que teria sido beneficiado pela influência política exercida por seu prestigiado grupo de amigos, intelectuais e políticos. Na ocasião em que chega à presidência nacional do conselho de reitores, ele conta que recebeu apoio de membros da maçonaria de todo o país, fato confirmado pelo entrevistador convidado pelo programa, Ticiano Duarte, grão mestre da maçonaria do Rio Grande do Norte, que teria ligado para todos os grão-mestres do país em busca desse apoio.

É lembrado pelos entrevistadores que a sua nomeação para reitor não foi a princípio bem absorvida pela comunidade universitária. Lembram também das realizações positivas durante o período de reitorado, entre elas a Universidade receptiva, onde supostamente todas as vozes ideológicas teriam vez. Diógenes afirma que comunistas e militares conviveram bem durante o seu reitorado e que ele mandava nomear concursados, mesmo aqueles que se declaravam abertamente como comunistas.

**Jornada de Diógenes da Cunha Lima:**

|  |
| --- |
| Partida, separação, mundo cotidiano |
| Chamado à aventura: Diógenes nasceu em Nova Cruz mas foi morar em Natal para estudar. |
| Ajuda sobrenatural: Relata a presença de cinco figuras importantes na sua vida: Luís da Câmara Cascudo, Onofre Lopes, Djalma Marinho, Dinarte Mariz e o próprio pai. |
| Descida, Iniciação, Penetração |
| Estrada de provas: É duramente testado por Onofre Lopes quando começa a ensinar na UFRN. |
| Encontro com a deusa: Conhece Moema. |
| Apoteose: Consegue a designação como reitor da UFRN. |
| Retorno |
| Senhor de dois mundos: Relembrando a infância como coroinha, encomenda um novo sino para a igreja de Nova Cruz. |
| Liberdade para viver: Destaca-se como escritor e poeta e se torna presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras. |

Diferente de outras jornadas de herói, a narrativa de Diógenes não apresenta a fase de Recusa do chamado na infância. O personagem ressalta que o seu chamado à aventura foi um momento de grande encantamento, com a sua chegada a Natal e o seu primeiro contato com Luís da Câmara Cascudo. Este, por sinal, viria a ser um dos mentores da sua jornada, junto a Dinarte Mariz, Djalma Maranhão, Onofre Lopes e o seu próprio pai. Cada um tendo um peso maior ou menor de influência em suas escolhas, dependendo da etapa da vida.

A jornada de Diógenes é marcada pelo êxito em diversas áreas. Marcamos como etapa de Descida ou Iniciação, a sua entrada como professor da UFRN, que tem como Apoteose a designação como reitor, tida como improvável por todos, já que era um candidato de oposição (seu predecessor foi o reitor Domingos Gomes de Lima). A campanha pelo seu nome foi realizada por escritores de renome e também pela maçonaria e Diógenes exerceu a função de 1979 a 1983. Após o reitorado, Diógenes continua sua produção literária e se torna presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Encontramos certa dificuldade na análise da jornada do herói de Diógenes da Cunha Lima. O personagem faz um relato largamente histórico, citando outras pessoas e relata narrativas paralelas de sucesso, em áreas diversas, e é mais econômico ao falar sobre momentos pessoais de menor êxito, dúvidas, transtornos. Talvez por isso identificamos poucas alterações em sua jornada.

Assim como os outros reitores, Diógenes mantinha relações de interesse com o governo militar. O governador e depois senador Dinarte Mariz, sempre apontado como um dos principais avalistas civis da ditadura no Rio Grande do Norte, é citado por Diógenes como um de seus mentores. Curiosamente, Diógenes é o único dos quatro reitores que nunca teve um emprego militar.

#  10 Genibaldo Barros – 1983 a 1987

Genibaldo Barros foi o último reitor do período ditatorial, estando à frente da UFRN de 1983 a 1987. Sua fala foi a mais pessoal de todos os reitores entrevistados, com poucas referências a seu período de reitorado e nada relativo a realizações na Universidade. Dos 58 minutos de entrevista, Genibaldo foi provocado ou assim decidiu ocupar 49 minutos falando sobre a sua infância e juventude e sobre sua vivência como estudante de Medicina fora do Estado.

 Figura 4 – Genibaldo Barros

 Fonte: UFRN

|  |  |
| --- | --- |
| Entrevista com Genibaldo Barros – em 07 de agosto de 2005 |  |
| Marcadores | Referências verbais |
| História da UFRN e sua memória social | 0 |
| Ditadura militar/ influência política na Universidade | 2 |
| Construção/ desenvolvimento da UFRN | 0 |
| Dedicação profissional/ apoio da equipe | 0 |

Quando utilizamos o marcador ditadura/militar/influência política, apenas duas menções são apontadas, que seria a sua incursão no meio militar como capitão da brigada militar de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Os outros marcadores como história/memória, construção/desenvolvimento, dedicação/apoio (da equipe de trabalho) não apontaram resultados para a nossa pesquisa.

**Jornada de Genibaldo Barros:**

|  |
| --- |
| Partida, separação, mundo cotidiano |
| Chamado à aventura: O pai de Genibaldo é assassinado quando ele tinha apenas 8 anos e isto provoca uma dramática mudança em sua vida. O criminoso era um oficial do exército que foi acusado de ser “comunista” por Tristão Barros, pai de Genibaldo. Passa a se dedicar a religiosidade e vai para o seminário São Pedro aos 10 anos. |
| Ajuda sobrenatural: Genibaldo encontra Doutor Mariano Coelho que assume em sua vida o posto de figura paterna e se torna o seu mentor durante toda a adolescência e vida adulta.  |
| Travessia do primeiro limiar: O mentor Mariano Coelho o orienta a sair do Rio Grande do Norte para estudar. |
| Ventre da baleia: Genibaldo estuda Medicina em Recife e convive com comunistas e ícones ideológicos da época. Mas diz não se envolver diretamente. |
| Descida, Iniciação, Penetração |
| Estrada de provas: Enquanto se dedica aos estudos fora do Estado, sua mãe adoece de tuberculose e morre. Passa por dificuldades financeiras. |
| Encontro com a deusa: Em um baile de carnaval conhece Lalinha, com quem se casa. |
| Apoteose: O herói consegue se formar em Medicina e especializar-se no tratamento da tuberculose. |
| Sintonia com o pai: A Medicina deixa de ser uma prioridade e aceita o convite para dedicar-se a política. |
| A grande conquista: Genibaldo volta ao Estado e é convidado para exercer o cargo de secretário de saúde. |
| Retorno |
| Resgate com auxílio externo: Assume como vice-governador de Tarcísio Maia, que após sair do governo o indica para o Tribunal de Contas do Estado. |
| Senhor de dois mundos: Após ocupar os cargos de secretário, vice-governador e presidente do Tribunal de Contas, o médico é indicado para reitor da UFRN, durante o difícil período de transição política. |
| Liberdade para viver: Já na terceira idade, Genibaldo diz que quer escrever as suas memórias apesar de ser muito exigente consigo. |

 A jornada do herói do reitor Genibaldo Barros é marcante em sua chamada primeira fase, a chamada partida ou iniciação ou chamado à aventura pelo precipitado encontro com o mentor. Por ter o pai assassinado ainda criança, isto provoca uma dramática mudança em sua vida e isto leva o personagem a refugiar-se em um seminário em Natal. Logo em seguida, ele encontra o seu mentor, que assume a postura de uma figura paterna e o ajuda nas decisões importantes de sua adolescência e vida adulta. O mentor, aqui identificado como um amigo da família, chamado Mariano Coelho, aparece como facilitador das etapas seguintes, como a travessia do primeiro limiar, onde Genibaldo é orientado a sair do Rio Grande do Norte para estudar e ventre da baleia, pois Genibaldo estuda Medicina em Recife e convive com comunistas e ícones ideológicos da época, porém “sem se envolver diretamente”, como sustenta.

 A chamada etapa da descida ou iniciação é marcada por reviravoltas. A princípio o personagem passa por dificuldades financeiras e o falecimento da mãe. É nesta fase que ele passa pelas etapas do encontro com a deusa – a esposa Lalinha – e a apoteose, quando consegue se formar em Medicina e especializar-se no tratamento da tuberculose, mesma doença que matou a sua mãe. Mesmo estabelecido como médico, Genibaldo passa pela fase da sintonia com o pai, ao largar a Medicina e abraçar a política, assim como o seu genitor. É convidado para exercer o cargo de secretário de saúde, o que consideramos como a fase de grande conquista desta etapa.

 Identificamos também como etapas de retorno da jornada do herói de Genibaldo Barros, fases que podemos chamar resgate com auxílio externo, senhor de dois mundos e liberdade para viver. Dos quatro reitores entrevistados, Genibaldo é o que menos se refere ao reitorado. Sua narrativa é intensa em referências à infância e adolescência e logo em seguida sobre sua carreira como médico e político. Antes de assumir a reitoria durante o difícil período de transição política, ele ocupou os cargos de secretário da saúde, vice-governador e presidente do Tribunal de Contas.

A entrevista deste personagem é rica em referências pessoais e fraca em citações profissionais, especialmente sobre a Universidade ou o momento político que vivenciou. O reitor silenciou sobre fatos políticos, rotina acadêmica, percalços da Universidade. E isto tanto pode ser apontado como uma falha trazida pelo caráter ‘simbólico-narrativo’ do programa, pois permite que sejam encobertos os aspectos negativos da memória social, quanto omissão por parte dos entrevistadores, que não provocaram Genibaldo com perguntas sobre estes temas ou mesmo uma decisão de calar sobre o assunto por parte de Genibaldo. Como já foi citado anteriormente por Orlandi (2007, p.31), o silêncio às vezes significa mais do que as palavras.

#  11. Interpretação dos marcadores

O programa *Memória Viva* não é um programa de investigação, de confrontação. A produção abre o espaço para que os convidados relembrem os seus primeiros passos e os fatos que julgam importantes na vida. Não há um roteiro previamente escrito ou perguntas ensaiadas. Tampouco se questiona os convidados sobre a verossimilhança de suas afirmações. A verdade de cada um é respeitada, até porque não se pretende ali fazer acareações morais ou de lembranças. A finalidade da entrevista é que cada um exponha a própria memória e neste lembra/ esquece, o falar e o esconder, no fundo talvez nos ajude a entender e traçar um perfil mais astucioso dos entrevistados. O que se lembra ou que se esquece às vezes pode nos apontar a escala de prioridades daquele indivíduo. O que se cala, às vezes, é tão ou mais importante do que se falou. Ou como melhor diria Eni Orlandi (2007, p.31) “o silêncio não fala. O silêncio é.”

Como no caso de Genibaldo Barros, o último reitor do período ditatorial. Sua fala quase não fez referência a seu período de reitorado ou as realizações na Universidade. Em quase uma hora de entrevista, o reitor falou menos de nove minutos sobre a sua experiência à frente da Universidade. Falou bastante sobre a sua infância e juventude e sobre sua vivência como estudante de Medicina fora do Estado. Revela também que era militar, tendo trabalhado como capitão da brigada militar de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, embora não se posicione a respeito de militarismo, ditadura ou interferência política durante o período em que esteve à frente da reitoria da UFRN.

Ao contrário de Genibaldo, a entrevista do personagem Genário Fonseca tem a fala carregada de referências ao militarismo, ditadura e influência política do governo ditatorial. Genário demonstra amizade com os militares – sendo ele também um ex-militar da aeronáutica – em especial com Dinarte Mariz, que viria a ser governador, indicado pelos militares. O dia em que os dois se conheceram foi lembrado por Genário, que negou-se a pilotar para o governador e após um jantar no Grande Hotel, tornam-se amigos. Esta amizade leva Dinarte a convidar Genário para ser professor da UFRN. Genário não esconde a amizade com a ditadura e até utiliza a entrevista para referir-se e agradecer ao Coronel Pamplona, secretário geral do MEC durante a sua gestão.

Também falou sobre o sentimento de dedicação que o movia e a toda a sua equipe, utilizando a palavra “amor” nove vezes para definir o seu trabalho.

O reitor Onofre Lopes foi poucas vezes interrompido pelos entrevistadores e isto é significativo. Demonstra em parte uma postura reverente dos demais participantes do programa. Apesar de ter um relato enriquecido por suas realizações à frente da Universidade, Onofre revela o que poderiam ser pequenas nódoas em sua biografia: pontua várias recordações com lembranças de como conseguiu atingir estes objetivos à custa de insistência junto a políticos, militares e do “jeitinho brasileiro”. Em determinado momento o reitor até relembra que conseguiu uma vaga em um concurso público por ter acesso a um paciente. Assim como Genibaldo e Genário, Onofre Lopes também foi militar, fazendo parte do quadro médico da Marinha.

Entre os quatro reitores, o único que não tinha ligação profissional anterior com o militarismo foi Diógenes da Cunha Lima.  Sua indicação a reitoria ocorreu, segundo ele mesmo conta, graças à influência de nomes consagrados da literatura, da maçonaria e da intelectualidade que teriam feito campanha em favor da sua nomeação para a reitoria e logo depois para que assumisse a presidência nacional do conselho de reitores. Reforça na sua fala a questão da Universidade receptiva, que seria uma forma de dar voz a opiniões discordantes ao regime ditatorial.

Nenhum dos quatro reitores falou mal ou fez sérias ressalvas ao sistema político que engessava a vida acadêmica e afastava das Universidades vozes destoantes do regime. Todos eles concentraram sua fala no desenvolvimento pessoal, suas infâncias, adolescência, desafios profissionais, dias de glória como reitores e as conquistas através do crescimento da Universidade.

#  Considerações finais

Inicialmente, apresentaram-se aqui as noções de Memória Social, como um conceito de análise crítica da realidade social (Le Goff); e da Jornada do Herói, como um protocolo de interpretação de biografias (Campbell). Em seguida, estabeleceu-se, a partir da hermenêutica de Thompson e da pesquisa qualitativa de Gibbs, uma metodologia de análise integrada de narrativas orais (através de entrevistas), escritas (através da pesquisa documental) e audiovisuais (através da análise de conteúdo).

Depois contextualizamos os reitores do período da ditadura militar entrevistados pelo programa *Memória Viva*, contando a história oficial dos primeiros anos da UFRN. Também resumimos a história dos principais sistemas de TV pública no Mundo e no Brasil e a criação da TV Universitária.

Em seguida, aplicamos marcadores de memória social às entrevistas, fazendo uma análise de seu conteúdo e utilizamos o protocolo da Jornada do Herói para entrever sua estrutura narrativa. Constatou-se nesse percurso, que o caráter ‘simbólico-narrativo’ do programa *Memória Viva* é ao mesmo tempo o grande mérito do programa (pois dá ênfase a aspectos mais subjetivos da biografia) e também a grande insuficiência, uma vez que encoberta os aspectos negativos da memória social.

Ao fim desta análise, não propomos que o programa passe por modificações, longe disto. A fórmula classificada como “conversa de calçada” pelo professor Tarcísio Gurgel, é utilizada há mais de três décadas e certamente é tão tradicional quanto o próprio programa e a audiência que o acompanha. Faz parte de uma identidade visual que certamente conquistou o seu público e que sobrepõe-se a mudanças de direcionamento, de gestores e até mesmo mudanças sociais.

Mas convém ressaltarmos que a Jornada do Herói de Campbell, utilizada aqui como protocolo analítico da narrativa dos reitores, poderia ser também o fio condutor das entrevistas, até como uma maneira de aprofundá-las. Há pesquisas conclusivas da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), que apontam a jornada como método eficiente de compreensão sobre indivíduos e sobre a realidade que os cerca, facilitando a vida dos profissionais de comunicação na construção de histórias da vida real. Na obra de Martinez (2008), ela conta sobre experimentos conduzidos em 2001, onde alunos da graduação em jornalismo, matriculados na turma de Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística, misturaram o conceito da Jornada do Herói e um outro no qual não optamos por não nos aprofundamos neste trabalho, que é o conceito dos setênios da Biografia Humana (Burkhard, 2000), no qual a existência humana seria marcada pela mudança de etapas a cada de sete anos. Essa teoria acompanharia o desenvolvimento corporal, o amadurecimento psicológico e sentimental e os anseios espirituais dos entrevistados através de perguntas direcionadas a cada etapa da vida. Martinez ressalta que o resultado foi tido como promissor e mais aprofundado do que outra técnica utilizada até então.

O método, claro, não é apontado como o único modelo possível mas como uma nova alternativa para comunicadores, que pretendam dialogar com e não apenas entrevistar seus personagens, para captar fatos e seus desdobramentos na trajetória de vida do personagem ou quando outros recursos para avanço nos perfis pareçam esgotados.

No caso dos quatro reitores utilizados como personagens na exemplificação da nossa pesquisa: Onofre, Genário, Genibaldo e Diógenes, certamente contribuíram com seus relatos para a divulgação e o registro histórico de suas memórias. Todos tiveram o depoimento considerado através das fases e etapas da jornada do herói e analisados um a um em cada um dos capítulos anteriores.

Como figuras de poder dentro da instituição e sofrendo inferências da repressão política - ou até mesmo dela se valendo para assumir e manter-se no reitorado – cada um posicionou-se de maneira distinta frente às câmeras do *Memória Viva* e ali calou ou revelou fatos que entrelaçavam suas próprias memórias com a memória social da UFRN.

# REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso. *A Narrativa Jornalística para além dos Faits-Divers*. Lumina – Facom. Vol. 3 – nº 2, p. 69-91, jul/dez. 2000.

BAITELLO, Norval. *A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia*. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_\_. *O tempo lento e o espaço nulo.* Mídia primária, secundária e terciária*.* (Biblioteca do [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br/)*)* Texto apresentado no GT Comunicação e Cultura, durante o IX encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS. Porto Alegre, 2000.

BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. (Org.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BARTHES, Roland et al. *Análise Estrutural da Narrativa*. 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_\_. Mitologias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOAS, Sérgio Vilas. *Biografias & biógrafos*. São Paulo: Summus, 2002.

\_\_\_\_\_\_. *Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

BUENO, Delmira Oliveira *O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores:* a questão da subjetividade. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, 2002.

BURKHARD, Gudrun. *Bases Antroposóficas da Metodologia Biográfica – a biografia diurna*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2002.

\_\_\_\_\_\_. *Tomar a vida nas próprias mãos -* Como trabalhar a própria biografia o conhecimento das leis gerais do desenvolvimento humano. São Paulo: Editora Antroposófica, 2000.

BUSSATO, Cláudia Maria. *Mito e logos:* sobre a origem antropológica da comunicação. Communicare. Vol. 5 – nº 1 – 1º semestre 2005, p. 55-59

CÂMARA, Joana D’arc de Arruda. *Gestão em Produção de TV* – Gerenciamento de produção do programa Memória Viva. Natal/RN. s/d.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1992.

\_\_\_\_\_\_. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O Livro das Velhas Figuras* (vol. IX). Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; UFRN/ Editora Universitária, 2005. p. 94-96.

\_\_\_\_\_\_. *Universidade e Civilização*. Discurso pronunciado a 21 de março de 1959, por ocasião da instalação da Universidade do Rio Grande do Norte. 2. Ed. Natal: UFRN/Editora Universitária, 1988. p. 14.

CASTRO, Cosette. *Por que os reality shows conquistam audiências?* São Paulo: Paulus, 2006.

COMAN, Mihai, ROTHENBUHLER, Eric W. *Media Anthropology*. California: Sage Publications, 2005.

COMITÊ ESTADUAL PELA VERDADE, MEMÓRIA E JUSTIÇA RN – Subversão no Rio Grande do Norte – Relatório Veras. 2ª ed. Natal: Comitê pela verdade RN, 2012.

DELORY-MOMBERGER Christine. *Biografia e Educação:* Figuras do indivíduo-projeto. Natal/RN: EDUFRN/ São Paulo: Paulus, 2008.

DUARTE, Elizabeth Bastos. *Televisão: Desafios Teóricos-metodológicos*. In: Pesquisa Empírica em Comunicação – Org. BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo;

MARTINO, Luiz Claudio. São Paulo: Paulus, 2010. p. 227-248.Livro Compós 2010.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007

\_\_\_\_\_\_. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992

FILHO, Ciro Marcondes (Org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir – Nascimento da prisão*. Ed. 36. Petropólis, RJ: Vozes, 2009. Trad. Raquel Ramalhete.

FUENTES, Raúl. *Institucionalización y Postdisciplinarización de las Ciencias Sociales em Mexico*. In Rossana Requillo y Raúl Fuentes (coords.), Pensar las Ciencias Sociales Hoy. Guadalajara, Iteso, 1998.

GURGEL, Tarcísio (Org.). *A Memória Viva de Onofre Lopes*. 2 ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2007.

GIBBS, Graham. *Análise de Dados Qualitativos*. - trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, Marcelo Bolshaw. *Biografia e Subjetividade –* Procedimentos Hermenêuticos para o autoconhecimento (ou como interpretar a própria vida?).Natal/RN, 2008.

\_\_\_\_\_\_. *O Hermeneuta - Uma introdução ao estudo de Si*. Natal/RN: EDUFRN, 2001.

KÜNSCH, Dimas. e MALHEIROS, Celso. *Comunicação, mito e televisão:* o herói entregou o coração a Jesus. Communicare. Vol. 9 – edição 2 – 2º semestre 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória – II* volume Memória. Trad. Ruy Oliveira. Lisboa/ Portugal: edições 70, 1982. Coleção Lugar da História.

LEAL FILHO, Laurindo. *Sistemas Públicos de Comunicação no mundo –* Experiências de doze países e o caso Brasileiro. Prefácio. São Paulo: Paulus, Intervozes, 2009.

LIEVEGOED, Bernard. *Fases da Vida – crise e desenvolvimento da individualidade*. São Paulo: Editora Antroposófica, 1994.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Criatividade e Novas Metodologias*. São Paulo: Fundação Petrópolis, 1998.

\_\_\_\_\_\_. Páginas ampliadas – *O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura*. Campinas/SP: Unicamp, 1993.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. *Pesquisa em Comunicação*. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_\_. *Pesquisa Empírica em Comunicação* – Livro Compós 2010. (Org.) José Luiz Braga, Maria Immacolata Vassalo de Lopes, Luiz Claudio Martino. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_\_. O Campo da Comunicação. Revista USP, nº 48, p. 46-57. São Paulo, dezembro a fevereiro 2000-2001.

LULE, Jack. *Daily News, Eternal Stories:* The Mythological Role of Journalism. New York: The Guilford Press, 2001.

MARTINEZ, Monica. *Jornada do Herói* – A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Comunicação e identidade –* Quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle. *História das Teorias da Comunicação*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista – O diálogo possível*. 5ª ed. – São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_\_. *A arte de tecer o presente*. São Paulo: Summus, 2003

MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MELO, Paulo de Tarso Correia de. *Portal da memória: Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 45 anos da Federalização (1960 – 2005)*. 2. ed. \_ Brasília, DF: Senado Federal, 2005.

MORIN, Edgar. *A Entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão*. In Centre National de la Recherche Scientifique Communications, nº 7, 1966.

NEWTON Jr., Carlos et al. *Portal da memória*: Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 50 anos (1958 – 2008) 2. ed. Brasília, DF: Senado Federal, 2008.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde; Departamento dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

PARK, Robert E. *As notícias como uma forma de conhecimento*: um capítulo na sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, Charles, (org.) Meios de comunicação de massa. São Paulo, Cultrix, 1970.

PASSEGGI, Maria da Conceição, SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). (*Auto) Biografia: formação, territórios e saberes*. Natal/RN: EDUFRN/ São Paulo: Paulus, 2008.

PROSS, Harry.*A Sociedade do Protesto.*São Paulo: Annablume, 1997.

REGIS, Joana do Céu Régis. *TV Pública e Terceiro Setor*: uma experiência em construção. Natal/RN, 2004

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 20a Edição (revista e aumentada) São Paulo: Cortez, 1998.

THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade –* uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2011. 12ª Edição.

\_\_\_\_\_\_. *Ideologia e Cultura Moderna* – teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor:* estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SITES

EBC - EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. O que é a EBC. Brasília, 2014. Disponível em: <[www.ebc.com.br](http://www.ebc.com.br)>. Acesso em 01 de maio de 2014.

TVU - TV UNIVERSITÁRIA. História; Apresentação. Natal, 2010. Disponível em: <[www.TVU.UFRN.br](http://www.tvu.ufrn.br)>. Acesso 14 de fevereiro de 2014.

UFRN - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. História. Natal, 2008. Disponível em: <[www.UFRN.br](http://www.ufrn.br)>. Acesso em: 22 jan. 2014.

FILME

MATRIX (The Matrix). Direção: Andy Wachowski; Larry Wachowski. Produção: Silver, Joel. Roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski. EUA: Warner Home Vídeo. 1999. 1 DVD (136 min.)

# ANEXOS

## ANEXO A

## Entrevista com o professor Tarcísio Gurgel, apresentador do programa

1. Há quanto tempo o senhor é o entrevistador do programa? Lembra da data em que o senhor iniciou este trabalho com o programa *Memória Viva*? E em que condições? Convidado por quem?

R. – Desde 2004, convidado pela então Diretora da TVU, Ana Maria Cocentino. Antes, já havia participado de algumas das gravações registradas na década de 80, até apresentando alguns dos programas.

1. Qual o perfil dos entrevistados do programa?

R. São pessoas cuja atuação na sociedade revelou algo de especialmente relevante, tornando-as objeto da admiração e reconhecimento, mesmo que tais admiração e reconhecimento decorram de atuação contrária aos padrões então vigentes. Muitos são, por exemplo, as personalidades que lograram destaque no jornalismo, na política, na história, nos esportes, na religião, na música, no teatro, no rádio; muitos os entrevistados que lutaram contra a ditadura; muitas as personalidades (humoristas ou não) que expõem, ao conversar sobre suas vidas, o lado derrisório ou hipócrita da sociedade.

1. Houve mudança no perfil dos entrevistados durante estes anos?

R. Sim. Talvez uma maior abertura no sentido de convidar para a entrevista personalidades que fujam ao perfil do herói consagrado pela ideologia dominante. Com raras exceções, esse era o traço dominante nos programas da primeira fase, aqueles dos anos oitenta. Com a retomada a que já nos referimos, conseguiu-se que o programa se tornasse mais plural, fato também justificado pela regularidade da emissão. Se em sua primeira fase não havia uma apresentação regularmente programada, tornamos o programa semanal e isso, naturalmente, aumenta de modo significativo o número e a natureza dos entrevistados que, tendo sido bem sucedido ou não em suas vidas, também têm tido a chance de registrar sua memória. Isso faz, por exemplo, reunirmos num só elenco, personalidades como o ex-primeiro ministro português Mário Soares e o ex-presidente Brasileiro Fernando Collor de Melo, e figuras do povo, como o pintor Grilo ou Da Luz, a cabeleireira de Mossoró, que migrando de Mossoró para Natal, tornou-se figura de larga influência no chamado *high society*.

1. As perguntas são improvisadas pelo senhor ou há um roteiro pré-estabelecido?

R. O improviso é a tônica do programa. Eu costumo dizer que talvez seja este o seu grande trunfo. Curiosamente buscado num hábito que a tradição havia firmado e que a insegurança e a verticalização das cidades estão acabando: a velha e boa conversa de calçada, de que – acredito – *Memória Viva* é uma espécie de simulacro. Claro que a produção me passa uma ficha com uma síntese biográfica que é lida na abertura. Mas a conversa flui tão naturalmente, que, às vezes chego para gravar, tendo sabido há apenas alguns minutos o nome do entrevistado e seus convidados. No próprio dia da gravação.

1. Existe alguma pergunta mais frequente que outras?

R. Não. Existe, como disse, aquele roteiro mínimo, a que chamei síntese biográfica, firmado na cronologia. Nascimento, anos de formação, etc.

1. Já percebeu que a dinâmica das entrevistas coincide com a jornada do herói, citada por Joseph Campbell?

R. Não. É que tendo a preocupação de preservar a espontaNeidade – que, como disse, parece justificar a boa audiência do programa – resolvemos evitar preocupações teóricas, estritamente intelectuais, e até jornalísticas. Há um entrevistado e sua vida vivida a despertar uma possível curiosidade. E com ele conversamos sobre determinados episódios que podem prender a atenção do telespectador.

1. O senhor entrevistou os reitores da época da ditadura: Onofre, Genário, Diógenes, Genibaldo. Algo lhe chamou a atenção no relato deles? Acha que eles mantiveram uma postura pró ou contra o governo militar?

R. Dos citados – não há qualquer novidade em afirmar isso – o Reitor Genário Fonseca não era apenas uma personalidade simpática ao governo militar e dele simpatizante. Era, ele próprio, um integrante das forças armadas atuando na vida civil. Os outros administraram a Universidade ao sabor das circunstâncias, eventualmente delas se valendo. Não creio que também haja desconhecimento quão importante foi para a ascensão do Reitor Diógenes da Cunha Lima a figura de Dinarte Mariz, um dos mais animados avalistas civis do golpe. Onofre Lopes, que chega à Reitoria ainda no governo democrático de JK, já trouxe uma fama de ser rigoroso, postura talvez assimilada da vivência com a figura de Januário Cicco, que lhe serviu de modelo. Mas, até onde sei, não fez proselitismo da ditadura; e Genibaldo Barros, Reitor através de combinações em que predominaram interesses de grupos políticos locais teve seu período administrativo marcado pela gradativa consolidação de movimentos democráticos, com a forte atuação do DCE e da Associação dos Docentes, sem revelar uma postura de repressão.

1. Fale sobre a importância do programa localmente, como resgate cultural, como memória e como história.

R – Bom. Eu pouco mais teria a falar dessa experiência, senão para registrar a surpreendente constatação de que, embora a TV Universitária sofrendo de dificuldades com o alcance da sua imagem (limitado, em canal aberto, a partes de Natal e da região metropolitana e veiculado apenas por uma operadora de TV por assinatura, a Cabo); embora sendo precárias as condições de produção – o que impõe o modelo conversa no estúdio ao programa inteiro – pouco inovando esteticamente ao longo desses dez anos, o *Memória Viva* tem conseguido demonstrar, segundo penso, duas coisas: a força da comunicação interpessoal e o interesse perene pela experiência memorialística.

## ANEXO B

## Entrevista com Joana D’arc de Arruda Câmara, produtora do programa

1. Há quanto tempo a senhora é produtora do programa? Lembra da data em que a senhora iniciou este trabalho com o programa *Memória Viva*?

R – No dia 14 de junho de 2014 completei 10 anos como produtora do programa. A primeira gravação foi feita com o ex-presidente da república Fernando Collor de Melo. Ele foi entrevistado pelo apresentador Tarcísio Gurgel e o professor aposentado da UFRN Carlos Augusto Viveiros e o jornalista Cassiano Arruda Câmara.

1. Quantas entrevistas a senhora imagina que produziu durante todos esses anos?

R – Hoje estamos com exatamente 400 programas gravados. Não temos mais por motivo das greves (de servidores federais) que acontecem na UFRN. O programa de número 400 foi gravado no dia 05 de dezembro de 2013 e foi um especial com o cantor e compositor potiguar Gilliard. O critério para a escolha do nome de Gilliard se deu em virtude de ser um artista Natalense conhecido nacionalmente e por ter sido na TVU que ele iniciou sua carreira artística. Foi um programa muito bom, onde ele além de falar de sua vida particular e profissional, ele tocou violão e cantou seus maiores sucessos. E foi comemorado com um coquetel.

1. Qual o perfil dos entrevistados do programa?

R – São pessoas que colaboraram com a nossa história dentro da política, educação, cultura, literatura, economia e das artes, levando ao ar personagens de suma importância dentro do cenário potiguar, regional e até nacional. É um passeio pela vida dessas pessoas, onde enfoca a sua vida pessoal e a sua colaboração para o crescimento e mudanças no contexto social.

1. Houve mudança no perfil dos entrevistados durante estes anos?

R – Não, não houve mudança no perfil dos entrevistados durante estes anos.

1. As perguntas são improvisadas por Tarcísio ou há um roteiro pré-estabelecido?

R – As perguntas são feitas baseadas no currículo de cada entrevistado. A produção recebe o currículo e faz um resumo com: nome completo, idade, naturalidade, profissão, cargos que exerceu ou que exerce. Se for um escritor: quantos livros e o título do livro. O programa tem uma hora de duração dividido em três blocos: o primeiro bloco é igual para todos. Tarcísio faz a apresentação do entrevistado e pede para falar da infância. O segundo e o terceiro bloco são sobre a vida profissional, os cargos que exerceu e que exerce atualmente. Cada bloco tem 20 minutos.

1. Existe alguma pergunta mais frequente que outras?

R - A pergunta mais frequente é exatamente no primeiro bloco, quando o apresentador pede para o entrevistado falar sobre a infância.

1. Produziu alguma entrevista realizada com reitores? Com quem?

R – Sim, fizemos entrevista com os seguintes reitores: Genário Fonseca, Genibaldo Barros, Diógenes da Cunha Lima (criador do *Memória Viva*), Daladier da Cunha Lima, Geraldo dos Santos Queiroz. Uma observação: o *Memória Viva* com o primeiro reitor da UFRN foi gravado na primeira fase do programa, nos anos 80, com o professor Onofre Lopes.

1. Fale sobre o passo a passo da produção do programa.

R – Na fase de pré-produção, após a escolha do nome de um personagem a ser entrevistado, é feito um convite por telefone, informando sobre o conteúdo, horário, data, traje adequado a ser usado na gravação. Também é solicitado um currículo e que a pessoa convide outras duas pessoas que conheçam a sua vida para participar da entrevista a fim de enriquecê-la. A produção faz a solicitação de escala ao diretor de operações, para que a equipe de gravação esteja consciente. Antes do programa faço uma ficha com os dados do entrevistado e de seus convidados e encaminho ao apresentador para ler no início do programa. As gravações acontecem sempre às quartas-feiras, às 14h30. Antes o programa era gravado em fitas Betacam, como se fosse ao vivo, com dois breaks, sem outras interrupções. Depois de gravado, cadastrado no sistema e exibido, o programa é encaminhado ao Setor de Documentação e Acervo da TV, o Sedoc.

1. Antes da senhora produzir o Memória, na primeira fase do programa, qual o nome das pessoas que produziam?

R – A primeira equipe do *Memória Viva* era composta por Carlos Lyra, que era apresentador e produtor e tinha Madalena Soares, como assistente de produção e de direção, e Jácio Fiuza, como diretor de imagem. No início do programa eram realizadas gravações externas, nas casas dos entrevistados ou no local de trabalho, como Academia Norte-rio-grandense de Letras ou o Palácio do Governo. Hoje todas as gravações são feitas em estúdio.

1. Fale um pouco sobre a senhora, sua experiência profissional e formação acadêmica.

R – Sou bacharel em Ciências Sociais pela UFRN, com especialização em Gestão de Pessoas. Ingressei no quadro da UFRN em 1980 contratada como socióloga, lotada na TV Universitária. Exerci a função de secretária executiva do diretor geral da TVU, durante 12 anos nas gestões do professor Carlos Augusto Lyra Martins, professor Jânio Maria Carlos Vidal e novamente na gestão do professor Carlos Lyra. Fazem 22 anos que exerço a função de produtora executiva da TVU, sendo 10 anos como produtora do Programa *Memória Viva*. Há três anos exerço também a função de diretora do *Memória Viva*. É um trabalho que faço com muito carinho e dedicação.

## ANEXO C

## Transcrição do Programa Memória Viva – Onofre Lopes

|  |  |
| --- | --- |
|  | Programa Memória Viva – Onofre Lopes |
|  | Entrevistadores:*Carlos Lyra* (Coordenação)*Alvamar Furtado**Diógenes da Cunha Lima**Eriberto Bezerra**Newton Navarro**Tarcísio Gurgel**Vicente Serejo* |
| 00’01” a 00’07” | **Vinheta de abertura – Memória Viva** |
| 00’07” a 02’08” | **Voz de Tarcísio**– a TV Universitária canal 5, na sua série de programas Memória Viva, tem o privilégio de apresentar na noite de hoje, uma das figuras mais importantes do estado do Rio Grande do Norte. O homem que fundou a primeira faculdade desse estado, a Faculdade de Medicina que seria o núcleo da própria Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O homem que criou um programa chamado Crutac, Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária, que é um modelo seguido por 39 Universidades deste país. Homem que hoje tem a função de reitor agregado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que preside a Academia Norte-rio-grandense de Letras e que na sua humildade, na sua modéstia detém todos os títulos e comendas universitárias que pode um homem receber. Nós estamos falando naturalmente do doutor Onofre Lopes, uma figura que a par de toda a sua atividade no campo universitário e na sua atividade comunitária provavelmente vivida, ainda encontrou tempo para desenvolver com bastante brilhantismo a sua carreira de médico, sendo um fato em particular da maior importância, a característica que é sua própria de ser o médico do maior historiador do Rio Grande do Norte, um dos maiores do país, o historiador Câmara Cascudo de quem ele é amigo íntimo e me parece até que é compadre. É um prazer enorme da TV Universitária canal 5, receber esta noite a figura do doutor Onofre Lopes, que será sabatinado a partir de agora pelo escritor Newton Navarro, pelo magnifico reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte doutor Diógenes da Cunha Lima, pelo professor Alvamar Furtado de Mendonça e pelo doutor Eriberto Bezerra.  |
| 02’09” a 03’01” | Mantendo a informalidade do programa, eu me expressarei do tratamento cerimonioso de magnifico reitor Onofre Lopes, que ele continua como reitor agregado em nossa Universidade, mas como estamos aqui dentro de uma conversa informal, em que a gente procura reavivar, a gente procura reviver, a gente procura memorizar, a gente procura transmitir o trabalho de um homem durante toda a sua existência. É preciso que a gente procure suas origens e eu gostaria que Onofre nos falasse da sua infância, da sua juventude, das suas primeiras aspirações e como ele se dispôs a estudar Medicina.  |
| 03’07” a 14’19” | **Voz de Onofre Lopes** – inicialmente, eu quero agradecer esta oportunidade de estar, aqui, entre vocês, para esta conversa informal, para satisfazer, inclusive, a curiosidade de cada um. Todos nós temos uma saudade saborosa da infância. Nasci em um lugar chamado comum, município de São José de Mipibu, hoje, entretanto, com o desdobramento do município de Monte Alegre, está vinculado a este município, não mais a São José de Mipibu. Era um lugar muito modesto, de poucas casas, tendo, entretanto, uma aldeia, possivelmente de indígenas. eram homens, mulheres e crianças de pouco desenvolvimento físico, de pouco desenvolvimento mental. Uma gente primitiva, dada à pesca e uma caça muito rudimentares. Era do que vivia. Muito preguiçosos, às vezes davam um dia de trabalho a meu avô, meu pai, um tio que tinha lá também, mas, isto mesmo, de uma forma muito cansada. Eles não tinham disposição para trabalhar. Meu avô era um homem rude, mas muito inteligente, muito vivo. E, hoje, nós, os seus netos, quando fazemos uma análise retrospectiva do que era o velho, nos admiramos como um homem naquela época tinha aquela visão, aqueles hábitos, aqueles costumes de respeito à moral, aos preconceitos, a tudo quanto poderia ser construtivo para uma comunidade, para uma sociedade, a tudo quanto poderia representar um exemplo. Era um homem extraordinário. Era um homem que tinha uma liderança natural naquele meio. Ele dava um profundo apreço à palavra dada. Era um homem profundamente trabalhador. Extremamente pobre, conseguiu fazer algum recurso. As secas de 1877-78-79 dizimaram o seu rebanho, o seu gado e fez com que ele se tornasse um homem pobre. Entretanto, dentro daquela pobreza, nunca lhe faltou coisa nenhuma na casa. Era um homem que dispunha sempre daquilo que era essencial à vida e muito seguro com o que tinha. E como era uma população muito pobre, havia uma pessoa moderadora que era a minha avó. O velho enquanto não queria dar nada, tinha a velha que dava escondido. Ajudava a todo mundo. Meu pai era um homem muito trabalhador, muito modesto. Trabalho de agricultura. Trabalho muito pesado de agricultura. Tratava, também, de gado e nós, seus filhos, em número de dez, vivíamos naquela vida de interior, sempre trabalhando no roçado, limpando mato, plantando algodão, feijão ou milho, fazendo colheita.Quando era muito cedo, quatro e meia da manhã, o velho se levantava e dizia pra todo mundo: “Desperta! Desperta!”. E todo mundo ia trabalhar. Ainda me lembro como eu tinha profundo desgosto, constrangimento, quando estava limpando o mato e vinha uma formiga preta que me picava os pés; e eu jurava, comigo mesmo, que não ia ter aquela vida, que trataria de sair daquela limpa de mato. Foi quando os irmãos mais velhos vieram para Natal e foram chamando os mais moços. E eu cheguei aqui, em 1920. Eu tinha 14 anos, naquele tempo. Mas o fato é que aquela meninice, aquela vida simples numa paisagem sem estímulo, aquilo de qualquer forma deixava e deixou, ainda existe, uma saudade daqueles tempos, que parecia uma coisa maravilhosa. Como a lembrança do meu avô, da minha avó, meu pai e minha mãe – uma santa senhora – os irmãos sempre muito solidários, e nós constituíamos, assim, uma espécie de família privilegiada naquele meio. Apesar de toda a pobreza, éramos alfabetizados, tínhamos algumas posses e ajudávamos a todo mundo. Porém, naquele tempo (eu tinha sete ou oito anos) o meu avô gostava de repetir uma coisa se referindo a mim. Dizia: “Esse menino vai ser um homem!”. Eu não sei qual era o sentido de “Vai ser homem”, mas o fato é que estou com 74 anos e parece que sou homem mesmo (risos). Mas, vim para Natal com a preocupação de estudar. Logo que aqui cheguei, eu era hóspede de meu irmão Pedro Lopes, que tinha uma pequena venda lá na Rua do Cabugi, perto do velho quartel de polícia. Lá eu era caixeiro da venda. Vendia bicho, despachava quarta de sabão, meio quilo de café e outras coisas. Fui para o Grupo Escolar Augusto Severo. Foi meu professor Aprígio Câmara. Um homem muito inteligente, muito vivo, que era professor primário diplomado pela escola normal de Natal e que depois se formou em direito, passando a residir em São Paulo, onde tinha uma banca de advocacia que lhe rendeu fortuna. Depois eu estive na escola do professor Zuza. Era um velho professor gordo que ia para aula e colocava um lenço no pescoço protegendo o colarinho. Na sua mesa ele tinha uma régua, que era para aqueles alunos mais teimosos, recalcitrantes. Eu tinha um medo terrível do professor. Mas procurava ser bem comportado. Questão de temperamento. E, no fim, eu passei a ser uma espécie de ajudante do professor Zuza. Tomava conta, lá, de uma aula. E havia o professor Erasmo, filho do professor Zuza, que era, assim, o meu professor mais direto. E então quando eu fazia aqueles ditados, aquelas escritas, vinham as notas. As notas eram sempre assim: “Péssimo”. Depois foi melhorando: “Mais ou menos”. Era assim que ele escrevia. Depois: “Continue sempre assim”. Eram essas as notas que eu recebia. Os tempos se passaram e eu tive que me empregar no comércio. Fui empregado do velho Viana, Francisco Rodrigues Viana, na rua Doutor Barata, hoje aquela casa de Limarujo (lima araújo). Aí eu passei certo tempo, não me lembro, talvez quase dois anos empregado, lá. Depois passei para a Rua Chile. |
| 14’19” a 14’20” | **Diógenes** – Trabalhava em quê? |
| 14’21” a 20’08” | **Onofre Lopes** – Eu era caixeiro. Vendia as coisas. Era um armazém de miudezas. Certa vez, eu era muito brabo, vindo do interior, não tinha certo conhecimento das coisas. Chegaram lá duas moças altas, vestidas de branco, e perguntaram se tinha papel higiênico. Eu não sabia o que era, disse: “Não senhora.” Quando saíram, o senhor Viana me chama:– O que é que elas queriam?– Era papel higiênico. Eu disse que não tinha, mas devia ter dito que tinha lixa número dois... (risos).Então eu fui empregado no comércio dessas duas casas. Estudava à noite. Estudava com o professor João Batista, na Rua Santo Antônio. Depois com o professor João Tibúrcio e com o professor Ivo Filho. Foram os meus professores e fazia exame preparatório no Atheneu, no fim de cada ano. A minha passagem no curso preparatório foi muito difícil, porque eu passava o dia todo trabalhando, sempre em pé. O empregado do comércio não podia se sentar e quando chegava à noite estava muito cansado, estava com a capacidade de assimilação, naturalmente, muito reduzida. E, entretanto, no fim do ano procurava fazer os exames. Naquele tempo – eu acho que hoje ainda, quem sabe? – eu era muito convencido, muito vaidoso. O professor Ivo tinha turmas o dia inteiro e grande parte da noite. Ivo era um autodidata, era um humanista, era um homem que tinha muito gosto pelo ensino e de um desprendimento a toda prova: ele me ensinava gratuitamente. Pois bem! Naquelas turmas, uma das vezes eu me saí muito bem e fiz um figurão. E então o professor ficou entusiasmado e ficou pensando que aquilo era todos os dias. E, para não fazer decepção ao professor Ivo, então eu comecei a estudar loucamente, para que eu fizesse sempre uma figura positiva nas suas classes. E à custa de muito esforço e de um trabalho imenso, que me serviu muito na vida, eu era considerado o primeiro aluno das classes de Ivo, daquele tempo. Mas tudo isso contando com uma pobreza muito grande, com as maiores dificuldades. Quando termiNei o curso secundário, sem que eu tivesse juízo, fui para Recife, sozinho, contando com 200 mil réis, que o então governador José Augusto Bezerra de Medeiros me deu. Esses 200 mil réis deram apenas para pagar a passagem de trem e passar, lá, alguns dias. Isto em Recife, porque era o mais acessível, aqui perto de todos nós etc. Mas, afinal de contas, fiz o vestibular, vestibular muito fácil, todo o mundo passava, e entrei na Faculdade de Medicina. Agora, a grande preocupação era pagar a pensão. Era uma pensão na rua da praia, no 4º andar. Tinha que subir todas aquelas escadas, pagando noventa mil réis por mês. Então a minha preocupação era arrumar os 90 mil réis para dar à dona da pensão. Arranjei para ensinar a uns carvoeiros e, quando foi uma noite, eu cheguei lá para dar aula, encontrei tudo fechado, tomado pela polícia. Estavam procurando o professor para prendê-lo, também. Era no tempo do governo de Estácio de Coimbra e a polícia era comandada por Rômulo de Freitas. A barra, como se diz atualmente, era muito pesada. Então... |
| 20’10” a 20’14” | **Newton Navarro** – Doutor Onofre esses carvoeiros eram mais ou menos em que número? |
| 20’16” a 20’19” | **Voz de Onofre Lopes** – Uns vinte ou trinta, talvez. |
| 20’20” a 20’21” | **Newton Navarro** – Coisas preliminares... |
| 20’22” a 20’25” | **Voz de Onofre Lopes** – É... as primeiras letras. Eram analfabetos. |
| 20’26” a 20’34” | **Newton Navarro** – E como conseguiu ser professor? |
| 20’36” a 20’44” | **Voz de Onofre Lopes** – Eu não me lembro bem, já nessa altura, como fui ser professor deles. Foi uma indicação não sei de quem e como. Só sei que fui convidado e ganhava sessenta mil réis por mês. |
| 20’45” a 20’57” | **Newton Navarro** – Eu queria registrar esse detalhe na sua ascendência de professor: um professor de primeiras letras de carvoeiros. Extraordinário! |
| 21’00” a 21’12” | **Voz de Onofre Lopes** – O fato é que deixei de ser professor nessa altura. E então passei a um trabalho muito árduo de procurar emprego, porque não poderia sobreviver sem ter um emprego. |
| 21’13” a 21’26” | **Voz de Tarcísio Gurgel** – Professor Onofre, se me permite. A trajetória natural da história iria desembocar na procura do professor dos carvoeiros. E como é que isso aconteceu? O senhor chegou a ser realmente localizado? |
| 21’27” a 21’44” | **Voz de Onofre Lopes** – Não. O que houve foi o seguinte: uns carvoeiros foram presos, fecharam a sede e tudo desapareceu. E o professor, naturalmente, procurou ficar bem distante... (risos). |
| 21’46” a 21’48” | **Newton Navarro** – O seu passado subversivo... (risos). |
| 21’54” a 22’44” | **Voz de Onofre Lopes** – Quem sabe... Quem sabe se esta coisa ainda não anda latente... (risos). Bem, afinal de contas, eu consegui um emprego graças a uma figura do estado do Rio Grande do Norte que estava em Recife. Era Godofredo Freire. Era um homem que tinha, Alvamar, uma grande admiração por José da Penha, o seu patrono na academia, e então consegui um emprego maravilhoso. Trabalhava somente à noite. Trabalhava pouco. Recebia uma determinada importância, 180 mil réis, que era muito dinheiro. Passei a ser um homem rico. |
| 22’47” a 22’48” | **Diógenes** – Qual era a função? |
| 22’49” a 30’26” | **Voz de Onofre Lopes** – Era serviço de secretaria. E esse Godofredo Freire tornou-se um grande amigo meu. Ele era um homem de atitudes muito interessantes. Sempre manso, entretanto, tinha assim umas auras de cactos, arranhava o sujeito. Certa vez houve uma discussão, uma luta grande na sucessão dos empregados do comércio. Ele era o presidente e havia um senhor já bem velho, senhor Sanico, um homem muito inteligente, mas muito ranzinza. Entrou lá em briga com ele, numa reunião muito tumultuada, e o velho Sanico disse qualquer coisa assim contundente, inclusive ameaçando Godofredo Freire. E o Godofredo disse: “Senhor Sanico, o senhor me desculpe. Sou um homem muito frouxo, eu não dou para brigar. Se o senhor quiser brigar comigo eu sou obrigado a correr, porque eu nunca briguei na minha vida”. Ele disse isso e desarmou todo mundo. Todo mundo começou a rir e o velho ficou meio encabulado com a história. Mas Godofredo Freire era um homem muito obsequioso. Toda pessoa do Rio Grande do Norte que chegasse e o procurasse, ele estava pronto para ajudar, para fazer um benefício de qualquer forma. Eu me aproximei muito dele e, inclusive, quando estava no meio do curso médico, eu disse a ele: “Eu tenho vontade de me transferir para o Rio de Janeiro, mas é preciso pagar uma taxa de um conto e duzentos.” E ele me disse: “Você vai. Eu lhe empresto o dinheiro e quando você se formar me paga”. E isto aconteceu. Transferi-me para o Rio de Janeiro e lá, num meio bem maior, tive facilidade de certas coisas. Fui, por exemplo, entregar amostras de medicamentos, o que me dava certa garantia. Mas aquilo que, efetivamente, me trouxe tranquilidade, foi o concurso que houve para o hospital da marinha, lá na ilha das cobras. Eu estava procurando emprego, quando vi em “A Noite”, jornal que circulava naquele tempo, a notícia de que ia haver concurso no hospital da Marinha. Então eu me inscrevi e quando foi no dia da prova, uma prova escrita, acerquei-me do doente que me tinha sido destinado. Naquele tempo, nós já sabíamos de uma coisa: todo o doente de hospital sabe o seu diagnóstico muito bem e sabe conversar bem sobre a doença. Porque cada professor que chega, cada assistente, cada auxiliar de ensino, conversa o assunto dizendo aos alunos e repete muitas vezes, e o doente aprende mais do que o aluno. Então eu perguntei ao doente: – O que é que você tem?– Eu tenho um tal de pleuris, eu tive uma pneumonia mal tratada, não sei que, não sei que... Com os dados que o doente me deu desenvolvi a prova escrita. Dias depois, fui chamado para a prova oral. Eram, parece, 124 candidatos para seis vagas. Então ficamos todos dentro de um salão grande e começou a chamada pela ordem alfabética: a, b, c, etc... Antônio, Benedito... Lá vai chamando e eu era letra O, ficava lá no fim, e, enquanto estava esperando a minha vez, eu tinha levado uma plaquete sobre anestesia e comecei a ler a plaquete. Li a plaquete todinha. Reli, passei uma vista geral, depois peguei um lápis e papel, fiz umas chaves, uns esquemas, e quando acabei aquilo, estava na hora de ser chamado. Quando eu tirei o ponto: anestesia. O presidente da banca examinadora era o almirante Cleômines Campos. Ele era poeta (parnasiano). Então a plaquete que eu tinha lido fazia umas apreciações filosóficas sobre a dor, o que era a dor. O que a dor representava para a humanidade, qual era a luta que o homem estava tendo para redimir-se da dor etc. Sabendo que o presidente era um poeta, aquelas apreciações sobre a dor da plaquete, eu despejei todas sobre o velho logo de início. E, inclusive, um fato: é que a plaquete informava que a rainha da Inglaterra, não sei se a rainha vitória, não me lembro mais, na hora de ter o filho, o menino se colocara numa posição difícil e era preciso uma anestesia. Mas o bispo, muito ortodoxo, muito exigente, disse que aquilo não era possível, porque a dor fazia parte do contexto obstétrico, da necessidade de ser mãe. A dor tinha o seu significado construtivo, era uma dádiva de Deus e era necessário que ela fosse cumprida. Então o médico, que era Samuel, disse: “quando Deus foi fazer a mulher; anestesiou Adão”. Aí começou a anestesia. |
| 30’28” a 31’01” | **Voz de Tarcísio Gurgel** – Doutor Onofre, se me permite, nós estamos no momento em que o senhor já formado em Medicina, enfrenta um concurso público no Rio de Janeiro, logra aprovação e começa, efetivamente, a sua vida nessa área. Mas, retrocedendo no tempo, que fatores teriam motivado, extremamente, o menino pobre Onofre Lopes, que lutou com bastante dificuldade, a enveredar pelos caminhos da Medicina? |
| 31’28” a 34’54” | **Voz de Onofre Lopes** – Quando cheguei a Natal, eu dizia que tinha ido para uma venda, a venda de Pedro Lopes, que era na rua Cabugi. Mas, logo depois, essa venda acabou-se e eu passei para o comércio e fiquei residindo na casa de outro irmão, João Lopes, que era na rua das laranjeiras. E havia uma venda na esquina, onde o meu irmão mais velho do que eu trabalhava. E aí se juntavam uns seresteiros, umas pessoas que apreciavam as letras, que falavam em Fagundes Varela, em Castro Alves, da inteligência de Rui Barbosa, achando que era uma coisa que não estava dentro das possibilidades humanas ser tão inteligente como Rui Barbosa. Então havia uma série imensa de histórias, um anedotário muito vasto sobre Rui Barbosa e outras pessoas. E, naquele tempo, Kerginaldo Cavalcanti, que era bacharel em direito, namorador, passava ali na rua para ver uma namorada lá por baixo. Passava com aquelas passadas largas, decididas e coisa, parava ali na venda e vinha conversar sobre aquelas coisas intelectuais. Ele era um tipo eloquente e falava muito bem. Ele se formou no Ceará. Um dia ele fez uma referência a uma discussão que tinha tido com um médico. E ele quando começou a contar a história, eu tomei partido do médico, achando que o médico tinha razão e não ele, apesar de ser um menino sem informação e que não tinha lá grande capacidade de raciocínio e de julgamento. Mas eu achava que o médico é quem tinha razão e comecei a ter simpatia pelo médico, que ele disse ter dominado pela sua argumentação. E eu não sei se foi daí que nasceu a preocupação... Mas contam uma história que quando eu era muito menino, brincava com outros, quando um disse que estava com uma dor no tornozelo, eu cheguei com uma faca por trás e cortei o tornozelo do menino com o intuito de curá-lo. Foi a minha primeira cirurgia de que tenho lembrança. Depois de muito tempo me encontro aqui com ele, já médico, e ele disse: “você se lembra que me operou?”.  |
|  34’56” a 36’06” | **Newton Navarro** – Um detalhe que eu gostaria que não escapasse. É que entre a relembrança dele da formação, assim, dos primeiros pruridos humanos de vocação para ser médico, há um entrelaçamento curioso que ele mesmo, de viva voz, repetiu: as vinculações de ordem poética, na venda do seu irmão até esse talho no rapaz. Essa vinculação que continua. Hoje, além de médico consagrado no estado, é presidente da Academia Norte Rio-grandense de Letras. |
| 36’07” a 38’32” | **Voz de Onofre Lopes** – E completando essa indicação da escolha profissional havia outro fato. É que morava na rua do Cabugi e, logo depois, na rua das Laranjeiras, mas de qualquer forma, perto do quartel de polícia. Eu tinha uns irmãos no quartel de polícia. Tinha Genésio Lopes, hoje com 92 anos, tinha Juvino Lopes, que faleceu. Eu tinha muita ligação por lá e entrava, às vezes, no quartel e estava o médico doutor Paulo de Abreu, consultando. E, numa dessas consultas, achei uma coisa muito interessante, muito jocosa. Chegou um soldado muito arrepiado, muito feio e o doutor Paulo de Abreu: “que é que você sente?”. Ele fez uma massagem superficial na barriga e disse: “eu estou sentindo aqui um objeto” e o doutor Paulo de Abreu perguntou: “não será um tinteiro?” (risos).Mas esse chamamento para a profissão foi se sedimentando, foi se consolidando pouco a pouco, e quando termiNei o curso preparatório, eu disse que ia estudar Medicina. E muita gente me dizia: o curso de Medicina é muito pesado e muito dispendioso, é melhor você estudar Direito. Mas eu não resisti ao chamamento. Eu tive que estudar Medicina mesmo, enfrentando todas as dificuldades. |
| 38’35 a 38’51” | **Diógenes** – Qual era o ambiente médico, não só de Recife, mas em Natal? O primeiro contato que teve com o ambiente médico de Natal? |
| 39’13” a 43’41” | **Voz de Onofre Lopes** – Em Recife, naturalmente naquele tempo, eu não tinha condições de examinar, analisar e de julgar o homem e a sua cultura. Não podia qualificar quais eram os elementos que, efetivamente, tinham valor. Mas tinha estado aqui, antes de eu ir para Recife, o professor Luís de Góis, que fez umas conferências sobre espiritismo. Ele era um homem muito eloquente. Fui para Recife com a intenção de me encontrar com Luís de Góis, achando que era uma figura exponencial da intelectualidade do tempo. Entretanto, ao chegar, comecei a ter informações de que era um homem muito discutido, muito polêmico, muito turbulento, violento e não houve nenhuma admiração por ele. Outras figuras: Ulisses Pernambuco, um homem, sobretudo, muito inteligente, de uma cultura especializada. Iniciou uma escola psiquiátrica, sobretudo porque ele tinha aquele poder aglutinante. Ele não queria aparecer. Ele fazia com que os alunos e discípulos aparecessem, apresentassem trabalhos etc. Ele me deu uma tarefa: fazer um estudo de um doente que tinha chegado na sua enfermaria, na tamariNeira. Era um caso raríssimo, chamado nistagmodo véu palatar. Ele me levou uma biblioteca toda para eu ler sobre o assunto e fiquei muito bem informado do que se tratava. Estudei muito o assunto, fiz o trabalho e ele estimulou muito. Tinha palavras, assim de muito incentivo. Alcides Codicera, filho do Rio Grande do Norte. Este era, também, um professor da faculdade de psiquiatria. Era um homem inteligente, com certa cultura, um tanto pragmático e que tínhamos, certa admiração por ele, porque era um homem sério, reto. E havia, também, um pouco de bairrismo de minha parte porque ele era do Rio Grande do Norte e sempre dizia que era do Rio Grande do Norte. Edgar Altino. Este era um homem de caixa alta em tudo. Era um grande médico e, inclusive, bacharel em Direito. Era professor das faculdades de Medicina e de Direito. Um homem de larga cultura que conhecia muito bem música e teatro. Tinha uma voz maravilhosa. Cantava muito e era uma das figuras que mais impressionava no ambiente intelectual de Pernambuco daquele tempo. Ageu Magalhães, que era um professor de patologia, anátomo-patologia. Era um homem muito simples, muito tratável, que faleceu cedo. Era irmão de Agamenon Magalhães. E havia figuras que, afinal de contas, não tinham lá grande projeção no meio. Havia os Marques que era uma família de médicos. Todos eles uns homens quase de cor, mas muito inteligentes. Uma família que deu grandes clínicos, grandes cirurgiões.  |
| 43’45” a 43’49” | **Alvamar** – Em que altura se deu a sua transferência para o Rio de Janeiro? |
| 43’51” a 43’59” | **Voz de Onofre Lopes** – Em 1930. Eu tinha terminado o 3º ano e tinha passado para o 4º ano. |
| 44’07” a 44’24” | **Diógenes** – Que médicos pontificavam em Natal? Qual era o ambiente intelectual? |
| 44’25” a 48’43” | **Voz de Onofre Lopes** – Antes de ir estudar Medicina e depois que cheguei aqui formado, as coisas quase eram as mesmas. A cidade andava muito lentamente. Os seus componentes eram mais ou menos os mesmos. Januário Cicco era a grande figura. Era o grande médico. Era o homem que fazia clínica geral, fazia alguma cirurgia. No hospital ele fazia tudo, inclusive exame de laboratório. Era ele só. Em 1909, foi adquirida a casa de Alberto Maranhão, lá naquele local onde está o hospital que era uma casa de campo para os seus prazeres. De um lado, a praia, e de outro, a mata, a pesca e a caça. Era um ambiente muito agradável. Então Alberto Maranhão, sempre muito lúcido, homem de grande capacidade administrativa, achou que aquele local deveria ser um hospital para tirar o hospital da rua da Salgadeira que era um depósito de doentes, lá se encontravam leprosos, bexigosos, sarnentos, tuberculosos, doença infecciosa de toda natureza. Os que iam para lá eram para morrer, não para serem tratados. Naquele tempo, era o médico Luiz Carlos Wanderley que ia lá pelo hospital da salgadeira e prestava algum serviço. Mas, quem ia para lá era o abandono. Entretanto, Alberto Maranhão foi quem se lembrou de fazer esse hospital. Era diretor de higiene, naquele tempo, doutor Calixtrato Carrilho, que ajudou a organizar e preparar o hospital. Quando o hospital estava construído, convidou o jovem médico, Januário Cicco, que tinha se formado há dois ou três anos passados. E Januário começou a trabalhar no hospital. Ele era o único médico, por assim dizer, para atender essa população toda de Natal e a que vinha do interior. Januário morava na Ribeira. Ia todos os dias ao hospital e atendia a todo chamado de urgência. Ele ia a cavalo. Ele tinha um cavalo alazão, cavalo muito bom e, uma vez por semana, nesse cavalo, ia clinicar em macaíba. Atendia a chamados, também, assim, em outros lugares. O hospital que Alberto Maranhão preparou tinha 18 leitos, divididos entre clínica de homens e de mulheres. Havia, inclusive, dois leitos para parturientes. Era o que existia naquele tempo. Mas ninguém pense que estou contando história de meu tempo. Isso eu sei pela história. Não sou tão velho assim. Então o hospital passou a ter o nome de Hospital Juvino Barreto. |
| 48’43” a 48’47” | **Heriberto** – E quem trabalhava nesse hospital ao lado de Januário? |
| 48’49” a 56’06 | **Voz de Onofre Lopes** – No hospital Juvino Barreto, inicialmente era só Januário. Sabão, remédio, tudo que precisava, Juvino Barreto dava. Era uma figura que era conhecida pelo seu espírito caritativo. Além disso, deu dez contos de réis, naquele tempo, e por essa atitude de Barreto foi dado em sua homenagem o nome de “Juvino Barreto”. Até 1927, mais ou menos, tinha o nome de “Juvino Barreto”. Em 1927, era governador do Estado José Augusto. Januário vivia às turras. Ele era um espírito combativo e vivia reclamando dos poderes públicos e necessidade de dar mais eficiência ao hospital. Era um hospital oficial e precisava que os poderes colocassem sempre recursos para que o hospital ficasse sempre eficiente. E como essas coisas se dificultavam a cada momento, então Januário Cicco propôs ao governador criar uma sociedade civil e esta sociedade, então, contratar com o estado a administração. Isto foi o que foi feito. Este convênio foi assinado em junho de 1927. Daí é que começa a atividade da sociedade de assistência hospitalar. Com muito mais eficiência, desentranhada daquela burocracia, o hospital passou a ter uma atuação mais eficaz, contando, somente, com Januário e nove freiras da Ordem de Santana (que ainda hoje estão no hospital). Daí por diante é que o hospital passou a ser dirigido pela sociedade de assistência hospitalar, em caráter particular. O hospital foi se ampliando, aumentou o número de leitos e outros médicos passaram a ajudar a Januário. Inicialmente, Januário teve como auxiliar o doutor Otávio Varela. Ele entrou para o hospital três anos depois de Januário. Otávio era uma figura humana interessantíssima. Um homem profundamente bom. Não tinha grande cultura médica, mas isso era suplantado pela sua bondade, pela dedicação, pela caridade aos doentes. Fazia clínica e era um bom técnico em fazer fórmulas, formular, e ajudava Januário, inclusive, nas pequenas cirurgias. Os dois trabalhando: Januário, explosivo, sempre vibrador; otávio varela como poder moderador, sempre procurando amenizar os caminhos. Em 1927, com o crescimento do hospital, vieram outros médicos ajudar Januário. Ernesto Fonseca, um homem da mais alta compostura, muito bom. Obstetra, um bom clínico. Aderbal de Figueiredo, inteligentíssimo, vivo. Lia tudo. Tudo ele sabia: era coisa de engenharia, coisa de Medicina, direito, tudo no mundo ele tinha uma ideia. Nada lhe passava perto que ele não lesse e gravasse muito bem. Faleceu aos 46 anos de idade. Foi uma grande perda aqui para nós. Era filho de Sergipe. Uma homenagem da sociedade de assistência hospitalar, que fez 16 casas, numa rua ali perto onde é hoje o centro turístico, que tem o nome de Aderbal de Figueiredo. Foi uma grande figura.Mas, nesse tempo, forma-se em Medicina: José Tavares e Luíz Antônio, dois grandes amigos. José Tavares, cirurgião; Luiz Antônio, clínico. Com José Tavares, então, instala-se em Natal uma época de cirurgia, cirurgia atualizada, moderna. Porque Januário não podia ter grandes voos. Era um homem que fazia Medicina na sua generalidade. E fazia bem, com muito boa orientação, com segurança. Mas, somente com a chegada de José Tavares é que a cirurgia ficou num setor diferenciado da Medicina, fazendo-se, aqui, com segurança e com alta cirurgia. E, Luíz Antônio, clínico, muito dedicado, trazendo uma bagagem considerável de conhecimento da Medicina contemporânea, esses dois grandes médicos fizeram uma grande abertura, alargaram os horizontes para o mundo médico do Rio Grande do Norte. |
| 56’07” a 56’13” | **Apresentador –** Assista na próxima semana, nesse mesmo dia e hora, a continuação desta entrevista. |
| 56’14” a 56’56” | **Vinheta de encerramento** |
| 57’00” a 57’08” | **Vinheta de abertura** |
| 57’09” a 57’28” | **Voz de Tarcísio –** voltamos a apresentar o programa Memória Viva, contando nessa segunda parte, com a presença do diretor da televisão universitária canal 5, professor Carlos Lyra que substitui o poeta e escritor Newton Navarro, que ficou impossibilitado de participar desta fase da entrevista, com a palavra o reitor Diógenes da Cunha Lima. |
| 57’29” a 57’44” | **Diógenes** – professor Onofre Lopes, terminado o 3º ano de medicina, o senhor foi para o Rio de Janeiro. O ambiente que o senhor encontrou e como foi o seu relacionamento lá? |
| 57’48” a 01’02’11” | **Voz de Onofre Lopes** – Inicialmente, devo chamar a atenção para um aspecto interessante naquele tempo. É que a pessoa, o profissional formado por uma faculdade que não tivesse nome, que não tivesse uma tradição, que não tivesse uma projeção, aquele profissional já sairia marcado para a sua vida prática. Isto que ocorreu comigo, aconteceu com grande número de estudantes. Era ter iniciado o seu curso em uma faculdade, como a de Recife, e tratar tão cedo possível da sua transferência para o Rio de Janeiro ou São Paulo. Os alunos que tinham começado o curso na Faculdade Nacional de Medicina não recebiam com muita efusão aqueles que vinham transferidos. E contávamos nós, os transferidos, com certa resistência para uma harmonia entre todos. Mas, afinal de contas, o tempo é um ingrediente maravilhoso, tudo resolve. E, depois de alguns meses, estávamos todos unificados no mesmo ideal, no mesmo pensamento, na mesma camaradagem. Naquele tempo, no meio médico do Rio de Janeiro, onde eu estava inserido, que era a Faculdade de Medicina, havia umas figuras exponenciais que tínhamos uma verdadeira admiração, um respeito profundo, entre eles, que foi, enfim, o paraninfo da nossa turma, Carlos Chagas, o grande cientista Carlos Chagas. Carlos Chagas era pontualíssimo nas suas aulas. Fazia umas explanações maravilhosas, sobretudo na doença que recebeu o seu nome: a doença de chagas. E ele fazia umas exposições muito claras, com gráficos. Naquele tempo não havia “slide”, esses recursos audiovisuais, mas ilustrava com quadros, com desenhos, mostrando todas as peculiaridades patológicas da doença, sobretudo na participação que a doença tinha no miocárdio. Ele se detinha muito neste particular e, sobretudo, mostrando a necessidade de serem tomadas medidas de ordem profiláticas, para que se viesse combater os focos da transmissão da doença de chagas, que era o barbeiro. Quando Carlos Chagas ia dar aula, tinha-se a impressão que não faltava um só estudante, tamanha era a atração que ele exercia. Havia nesse tempo os seus assistentes, inclusive o seu filho Carlos Chagas filho que morreu muito cedo em um desastre de avião.  |
| 01’02’20” a 01’09’21” | **Vinheta e repetição do trecho acima da fala de Onofre** |
| 01’09’23” a 01’09’30” | **Diógenes** – Carlos Chagas foi contestado nesse tempo. Houve algum posicionamento contrário a essa manifestação dele? |
| 01’09’30” a 01’10’54” | **Voz de Onofre Lopes** – Não. Carlos Chagas, na doença que ele descobriu e estudou, o assunto ficou exaurido. Ele disse tudo que se havia de dizer. Ninguém juntou mais nada a isto. Carlos Chagas foi um grande cientista, um grande experimentador, e a palavra dele tinha uma imensa autoridade. Ele foi, inclusive, o diretor do Instituto de Manguinhos. Chegou mesmo a trabalhar com Oswaldo Cruz. Tinha no seu passado, na sua história, um grande trabalho, trabalho sério, trabalho bem documentado. Ninguém tinha autoridade de fazer qualquer contestação. |
| 01’10’55” a 01’11’08” | **Diógenes** – Por que com Oswaldo Cruz houve muita contestação, até levado na gozação nacional... |
| 01’11’09” a 01’13’06” | **Voz de Onofre Lopes** – Foi sim. Foi no tempo em que o Rio de Janeiro era uma área completamente infestada pela febre amarela. A mortandade era uma coisa espantosa. Até que, no governo de Rodrigues Alves, pediram ao instituto de ciências de Paris que indicasse um higienista que pudesse estudar o problema da febre amarela no Rio de Janeiro e ser feita uma campanha eficiente. E de lá mandaram dizer que “Não havia ninguém melhor do que Oswaldo Cruz, que foi estagiário aqui neste instituto e é uma das figuras mais brilhantes deste mundo.” Então mandaram chamar Oswaldo Cruz e ele começou a sua célebre campanha. Foi uma campanha muito séria, muito bem orientada, mas com a determinação de eliminar a febre amarela do Rio de Janeiro. Isto fez com que o congresso nacional, a imprensa, os políticos e todo o mundo se voltassem contra Oswaldo Cruz. Mas ele sabia conduzir a sua campanha, tendo o apoio absoluto, completo, do presidente da república. E, dentro de um prazo que não me ocorre à memória, ele pode anunciar que estava debelada a febre amarela do Rio de Janeiro. E tornou o Rio de Janeiro uma cidade limpa que até então havia grandes preocupações de aportarem navios no porto dessa cidade. Isso foi uma grande vitória e Oswaldo Cruz cresceu muito na admiração de todo o povo daquele tempo, aquele mesmo povo que jogava pedras, depois passaram a jogar flores. E efetivamente foi um grande trabalho. |
| 01’13’10” a 01’13’13” | **Diógenes** – Mas o senhor falava sobre outros mestres… |
| 01’13’13” a 01’19’47” | **Voz de Onofre Lopes** – Outro mestre do meu tempo da Faculdade de Medicina: Miguel Couto. Miguel Couto foi a expressão humana de bondade. Pode-se dizer que era um gênio da bondade, Miguel Couto. De sua personalidade irradiava bondade: era na sua palavra, no seu gesto, nas suas atitudes, tudo quanto ele fazia era bondade. E, ao lado da bondade, a grande sabedoria e a grande modéstia. Ele pregava muito a bondade, o entendimento do paciente e dos familiares. Devia o médico entender que o doente sempre tinha razão, porque ele estava com um estado psicológico completamente transformado e que era pertinente ao médico ir de encontro àquela situação psicológica, de atendê-lo, de dar razão a todos os seus argumentos; mas, afinal de contas, orientá-lo, curá-lo psicologicamente, também. É o que se chamava a bondade. E ele dizia: “Se faltar bondade ao médico, o que restará da Medicina?” Certa vez tive oportunidade de assistir: estava com um doente para dar aula e, nesta oportunidade, ia entrando na santa casa um doente que, pelo aspecto, lhe chamou a atenção e com quem começou a conversar. Então entrou com este homem, pegando na mão dele e mandou recolher o doente que ele ia dar aula. Então disse: “isso aqui é um caso que não se encontra sempre e como esse homem vai aqui entrando para consulta, eu quero mostrar este caso.” Eu me lembro bem. Era um caso de Doença de Parkinson. Este homem, já velhinho, fez uma exposição da Doença de Parkinson. Descreveu a sua sintomatologia. Depois ele passou para as alterações anatomo-patológicas. Heriberto, você que é médico, sabe aquelas coisas de anatomo-patologa, como o clínico geralmente passa por cima, porque deixa aquilo para um patologista. Porque é uma coisa muito séria, muito complicada, profundamente difícil. Pois bem, o professor Miguel Couto chegou nesta parte descrevendo as alterações histológicas, que não havia patologista que pudesse “tomar pé” na sua explanação. Agora, aquilo tudo dito naqueles nomes em latim, ou em alemão, de acordo com a origem dos conhecimentos que ele tinha tido de alterações anatomo-patológicas. Assombrou todo mundo os seus conhecimentos de anatomo-patologia. Formado, foi para a baixada fluminense. Lá fazia sua clínica e era conhecido como miguelzinho da farmácia, porque ele era empregado numa farmácia. E este homem exerceu uma clínica muito trabalhosa, porque ele atendia aquela gente toda, absolutamente despreocupado de problemas financeiros, monetários. Ele queria era fazer o bem. Até que saiu da baixada fluminense, do seu consultório modesto e, sem que ninguém o conhecesse, inscreveu-se para o concurso da cadeira de clínica médica. Aí concorreram as grandes figuras conhecidas, projeções da clínica médica daquele tempo. E Miguel Couto, com a sua simplicidade, muito jovem, dominou completamente o ambiente. Ele fez o diagnóstico (um caso circulatório). O homem já em condições muito sérias, muito graves ele sustentou o diagnóstico contra a banca toda e contra os participantes. Quando o homem morreu, logo depois, ele chegou, na continuação do exame, e disse que fazia questão de fazer a autópsia do doente. E a autópsia deu toda razão à segurança de seu diagnóstico. E levou a cadeira com a maior facilidade. E, na cadeira, foi um “deus da Medicina.” |
| 01’19’48” a 01’20’43” | **Heriberto** – O médico que deixava a Faculdade de Medicina, no seu tempo, com grandes mestres, mas a meu ver, com tão poucas oportunidades de prática do dia-a-dia, saía mais habilitado para o exercício profissional que o médico que deixa a escola médica nos nossos dias? |
| 01’20’45” a 01’23’51” | **Voz de Onofre Lopes** – Heriberto quando nós fundamos a Faculdade de Medicina de Natal eu gostava de repetir: vocês estão vivendo uma época privilegiada. Aqui, dois estudantes têm direito a um microscópio. Um microscópio para um estudante só é monótono e ele não progride. E então era um microscópio para dois estudantes, para um estimular o outro e daí tirarem os melhores resultados. Então eu dizia: no meu tempo eram 60 ou 80 estudantes numa sala, em torno de um só microscópio, e os estudantes, assim, aglomerados, faziam as suas estudantadas. Estudantada de toda natureza que o indivíduo era obrigado, muitas vezes, a responder com desaforos violentos. E daí se compreende quais as resultantes disso, qual o proveito de aula dessa natureza. Se eu, bem como outros estudantes daquele tempo, não tivesse a preocupação de aprender, de procurar aprender, de fazer as coisas praticamente, então eu teria saído da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro sem ser capaz de dar uma injeção intramuscular. Quando fizemos a Faculdade de Medicina de Natal, foi feito o plano de ensino, de modo tal, que o jovem médico, tinha condições de atender qualquer estado patológico, qualquer problema de Medicina. Naturalmente, quando se tratava de casos mais especializados, então ele estava em condições de fazer uma triagem para um especialista, mas ele era capaz de dar a orientação inicial. |
| 01’23’52” a 01’24’52” | **Heriberto** – O que acontece é que antigamente os professores davam aquelas aulas magistrais, grandes peças oratórias e os estudantes ficavam embevecidos com aquela apoteose de imagens e palavras etc. Hoje, a conclusão é que, aliás, em belo horizonte, atualmente, já estão exagerando: eles acham, que a aula teórica é aula de cuspe e giz. Hoje, realmente, a Medicina tem que ser um ensino individualizado... |
| 01’24’53” a 01’27’25” | **Voz de Onofre Lopes** – Fazendo um parêntese, que terei o cuidado de fechar logo, eu quero dizer o seguinte: as coisas devem ser sempre levadas a meio-termo, nunca aos extremos. Naquele tempo, efetivamente, eram as aulas magistrais. Eram como você dizia, Heriberto, eram discursos muito bonitos e que sempre terminavam em vibrantes palmas do auditório. Mas aquilo tinha uma coisa, comunicava ao estudante o desejo até de imitar, porque achava bonito, porque era uma projeção da intelectualidade do tempo, e, então, o estudante tinha uma formação humanista, ele lia, ele sabia manejar a sua língua mais ou menos, ele era capaz de redação, ele era capaz de fazer o seu discurso, afinal, tinha uma presença intelectual. Saíam uns alunos com uma formação muito reduzida. Somente aqueles que frequentavam os hospitais, aqueles que tinham cuidado de procurar desde cedo uma clínica e a ela se engajar para tomar conhecimentos práticos saíam com uma formação boa, uma formação regular. Mas aí é que eu quero chamar a atenção que as coisas não devem ser levadas ao extremo, como se faz hoje, se abandona completamente o aspecto teórico, o aspecto humanístico, se abandona completamente os livros; o estudante é capaz de fazer coisas, ele tem habilidade de fazer, tem conhecimentos teóricos profundos, mas ele está longe das atividades humanísticas, que, afinal, devem ilustrar o espírito. Então, o que nós precisamos levar em conta é que não deve ser nem uma coisa nem outra, mas o meio termo: exigir-se que o médico, o profissional, seja um prático eficiente, mas, também, tenha um embasamento intelectual conveniente. |
| 01’27’25” a 01’27’52” | **Carlos Lyra** – Na época da sua formatura, os médicos eram generalistas e os professores, em suas aulas magistrais, “assombravam” os alunos com o volume de seus conhecimentos. Hoje, a Medicina chegou a tal nível de especialização que, até em quadro humorístico de TV, o médico responde ao cliente: sou especialista da narina esquerda... Esse avanço tecnológico foi, realmente, bom para a Medicina? |
| 01’27’53” a 01’29’29” | **Voz de Onofre Lopes** – Tudo no seu tempo. Mesmo porque, naquela época, os recursos práticos eram reduzidos. Não contávamos com a eletrônica, com os aparelhos de precisão, com os avanços do laboratório, com o progresso da química, da bioquímica, da fisiologia, não contávamos com aquilo. Havia grandes figuras. No Brasil, por exemplo, Torres Homem; na França, Delatoy. Esses indivíduos não tinham nada. A arma de trabalho era a palavra, mas eles tinham o seu valor, o valor desse seu tempo. Delatoy, por exemplo, era um clínico, mas descrevendo uma apendicite naquele tempo, hoje não se descreve melhor. Agora, há os recursos, a forma de fazer o diagnóstico; hoje, com os laboratórios, com hemogramas mostrando as alterações dos elementos celulares do sangue, indicando um processo inflamatório no organismo. Naquele tempo eles não contavam com coisa nenhuma, quer dizer, por mais que eles quisessem se valer desse recurso, não havia. Somente, pouco a pouco, é que as coisas foram se enriquecendo e colocadas em prática pelos profissionais. |
| 01’29’30” a 01’30’34” | **Alvamar** – Você me contou, certa vez, uma coisa que me impressionou. Naquela época, por exemplo, em que não havia o raio-x, você me disse que, muitas vezes, o cirurgião, pela apalpação, com o contato dos dedos na área, apontava o ponto exatamente em que se dava a incisão cirúrgica. Era quase uma coisa intuitiva. O cirurgião agia mais com a sensibilidade das mãos... |
| 01’30’35” a 01’31’37” | **Voz de Onofre Lopes** – Eu repito. É que, naquele tempo, não havendo esses recursos, então o médico, o profissional, na sua prática diária, no seu tirocínio, ele desenvolvia os seus sentidos, inclusive, o sexto sentido, que era uma espécie de adivinhação do que tinha o doente. E a apalpação, a ausculta, até o olfato, por exemplo, a febre tifoide, muitas vezes o diagnóstico era feito só pelo cheiro do colchão e assim por diante. Era um desenvolvimento de todos os sentidos, visando, justamente, ao diagnóstico. Hoje, está atrofiando pela falta de uso, porque a tarefa foi passada às máquinas de precisão, à eletrônica, naturalmente com muito mais precisão.  |
| 01’31’38” a 01’31’54” | **Heriberto** – Os americanos, neste sentido, estão usando e abusando. O americano, hoje, quase não examina. Ele pede às máquinas as respostas para as dúvidas. Agora uma pergunta que acho que tem importância: quantos alunos na turma do professor Onofre quando ele se formou? |
| 01’31’54” a 01’31’56” | **Voz de Onofre Lopes** – 386. |
| 01’31’57” a 01’32’12” | **Heriberto** – 386! Repare que ensino médico podia ser feito em termos individuais! Porque Medicina é ensino individual. 386 e havia turma, às vezes, de 400 e 500. Hoje, uma turma de 100 já é demais! |
| 01’32’12” a 01’32’56” | **Voz de Onofre Lopes** – no próximo ano vamos ver quais são os sobreviventes de 50 anos de formados. Porque quando fizemos 45 anos, numa reunião que houve no Rio de Janeiro, os sobreviventes estavam todos estropiados, buchudos, carecas, sem memória!... Chegava um perto de mim: “Quem é você, seu sujeito?” Ninguém se conhece mais, porque se transforma completamente. São umas figuras diferentes daquele tempo. |
| 01’32’56” a 01’32’59” | **Diógenes** – Quantos compareceram a esta reunião de 45 anos de formados? |
| 01’33’01” a 01’34’13” | **Voz de Onofre Lopes** – Éramos 386. Naquele tempo tinham morrido 117 ou 118 e deviam existir duzentos e tantos. Desses compareceram cerca de cem. Mas posso dizer o seguinte: que eram aqueles filhos de outros estados e não do Rio de Janeiro. Os que moravam no Rio de Janeiro não compareciam às reuniões, pela displicência, pelo descaso etc. Podiam comparecer uns três ou quatro, mas, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, porque antigamente os estados não tinham Faculdade de Medicina e tudo se concentrava no Rio de Janeiro, de sorte que o número de novos médicos daquele tempo (1932) era procedente de todos os estados. |
| 01’34’18” a 01’35’36” | **Heriberto** – Formado em Medicina, veio para Natal. Como era olhado e recebido o médico recém-chegado? Porque no meu tempo, que é recente, o médico chegado em Natal passava uns três anos de molho. Ninguém acreditava nele e aos poucos ele ia se impondo, fazendo nome e clínica. Hoje os médicos recém-formados tem o crédito da comunidade, em termos comparativos muito maior do que outrora, mas acontece que eles são tantos que as dificuldades já são diferentes, fora que a luta e a socialização, o médico jovem é, até então bem aceito, mas não há local de trabalho, etc. Quero perguntar ao senhor Onofre Lopes, naquele tempo quando o senhor chegou a Natal, como era o tipo de obstáculo que encontrava para a sua inicialização profissional? |
| 01’36’24” a 01’40’36” | **Voz de Onofre Lopes** – Heriberto, você tem razão. Naquele tempo, apesar de ser o número de médicos muito mais reduzido, mas havia um pouco de preocupação do médico novo. E família nenhuma tinha confiança de mandar uma senhora, uma moça, para um médico novo. Somente depois que ele amadurecia, somente depois que ele sedimentasse moralmente perante a população, então ele começava a ter clínica. Eu, quando me formei, sabia disto e não quis enfrentar Natal. Eu estava no Rio de Janeiro, preparado para ir ao interior do Rio Grande do Norte. Vou contar um episódio: eu era do hospital da Marinha. Já na semana da formatura, quando o diretor do hospital, em companhia de um cidadão me procura, e diz: “Esse senhor me pediu um médico que fosse se formar agora para fazer-lhe um convite.” Então, diz ele: “Olhe, lá no norte do Paraná é uma região muito próspera e nós fundamos lá um partido médico e queremos levar para lá um médico solteiro para ele se fixar, casar por lá e, afinal, contarmos permanentemente com um médico. Nós damos um conto e quinhentos (naquele tempo era dinheiro muito), mas todo o seu serviço o senhor cobra, o senhor será pago. Esse conto e quinhentos é apenas uma base, uma fonte de renda permanente, e a sua clínica o senhor fará”. Eu disse: “Eu não posso aceitar o convite. É muito lisonjeiro isso, o diretor do hospital ter se lembrado de mim, mas acontece o seguinte: eu sou obrigado a voltar para o Nordeste, porque eu tenho pai e mãe velhos, que precisam da minha assistência; a minha família é muito pobre e precisa, lá, da minha presença. Eu formado, naturalmente, vou ajudar e não posso...” Então ele disse: “O senhor aceita, todos os anos o senhor vem e nós custeamos as suas férias, passagem e tudo.” Agradeci que não podia etc. Os tempos se passaram. Essa região muito próspera, simplesmente, hoje, é Londrina, que dois anos depois foi transformada em município. E, com essas minhas andanças pelo Brasil todo, supervisionando o programa Crutac, a Universidade de Londrina tinha feito o programa Crutac. Eu fui lá. Então me fizeram lá uns banquetes, umas coisas, e então uns oradores falaram e quando eu fui falar, disse esse episódio: “meus senhores, eu sou um ex-futuro fundador de Londrina.” Aí contei o episódio. Mas não pude ficar no sul do país. |
| 01’40’36” a 01’40’46” | **Heriberto** – Já pensaram se Onofre tivesse aceitado esse convite? Teria fundado a Universidade de londrina! E a nossa? ... (risos)  |
| 01’50’51” a 01’43’38” | **Voz de Onofre Lopes** – Bem! Mas nessa altura recebo um telegrama de Natal, de Godofredo Freire, que era o meu padrinho de formatura, perguntando se eu aceitava ser médico do Ministério da Aviação, para funcionar em Parelhas, que estava precisando. Era uma seca, em 1932, e havia flagelado da seca e que eu poderia assumir o cargo. Eram novecentos mil réis. Eu fiquei louco de satisfeito, porque eu queria ir mesmo para o interior e, tendo um emprego, assim, era já uma segurança. Chegando a Natal, procurei o chefe de serviço, que era o doutor José Robalinho, um rapaz de Pernambuco, junto com um médico, doutor Valério Conde, que era o representante do Ministério da Saúde. Então eles disseram:– Você se prepare para viajar, nesses dois dias, para parelhas.– Está certo. Muito bem. Dois dias depois, quando voltei a saúde pública:– Tudo pronto?– Tudo pronto. O carro já está aí em condições de viajar com você. Bom, passamos ali a conversar e daí a pouco o diretor de serviço Luís Robalinho, disse:– Engraçado. Nós recebemos aqui dois telegramas. Um do inspetor geral contra as secas e outro de Lordão, de parelhas, lamentando que tivesse sido nomeado um médico lá para o cargo, tendo esquecido o doutor Lordão que vinha prestando serviços gratuitos aos flagelados durante quatro meses.E então eu disse:– Mas é lamentável e deve ser corrigida a injustiça!– Não! Isso já foi explicado.– Não! Eu não vou aceitar de forma nenhuma. Eu estava muito feliz de ir para o interior com um emprego assim, mas eu não quero começar a minha vida fazendo uma injustiça, cometendo uma injustiça. Eu não vou aceitar o lugar. Aí fiquei em Natal. Foi uma frustração que me fez ficar em Natal. |
| 01’43’42” a 01’43’57” | **Diógenes** – Mas como foi a sua chegada em Natal? Os primeiros tempos? Quem pontificava? Quais os médicos, as figuras intelectuais, os políticos, enfim, os que se projetavam nesta vida de cidade pequena que era Natal? |
| 01’43’58” a 01’45’37” | **Voz de Onofre Lopes** – Fiquei em Natal. Abri um consultório num prédio em frente à prefeitura, mas muito pobre, com muito medo de criar dívidas. E, surpreendentemente, apesar de ser um médico jovem, até bonito (risos), não tive dificuldade em clínica. Naquele tempo o clínico fazia tudo. Fazia clínica, ginecologia, fazia cirurgia quando tinha oportunidade, pediatria, fazia tudo. Naturalmente com suas deficiências, pois não havia aquele espírito de divisão do trabalho médico. Não havia especialidade: tinha que fazer tudo. Quero dizer e quero até me valer de uma imodéstia, que fiquei surpreendido com a clínica que tive a ponto de dizerem que era o “médico da moda” daquele tempo. |
| 01’45’38” a 01’46’07” | **Heriberto** – Qual o médico, em Natal, cujas simpatias o recém-chegado encontrou apoio? O colega já enraizado na terra, já com nome, deu assim uma cobertura útil a sua desenvoltura profissional vitoriosa desde os primórdios? |
| 01’46’09” a 01’51’35” | **Voz de Onofre Lopes** – Naquele tempo e durante todo o tempo que viveu, a grande figura era Januário Cicco. Januário Cicco era o diretor do hospital. Era muito cuidadoso na seleção daqueles que iam trabalhar no hospital. Havia uma outra figura de grande projeção, homem de primeira ordem, um grande idealista, um homem desprendido, que era Varela Santiago. Mas, Varela Santiago, conquanto não fosse um homem explosivo, como era Januário, era um tanto reservado, de um temperamento um pouco distante, muito correto, muito leal, mas não tinha aquela vivacidade de Januário e não tinha aquele poder de comunicação que tinha Januário. O meu primeiro contato com Januário: ele era médico da inspetoria dos portos e eu fui designado para fazer uma inspeção de saúde em um funcionário, parece-me que era um fiscal de consumo. Essa comissão era constituída de Januário, de outro médico (que não me lembro quem era) e eu. Então, como eu era o mais moço, Januário disse: – examine e dê sua opinião. Eu tinha tido uma permanência, mais ou menos longa, no hospital da tamariNeira, no Recife, e depois, quando fui para o hospital da marinha, continuei a trabalhar numa enfermaria de neurologia e psiquiatria. Eu tinha, assim, certa base de doenças neuropsiquiátricas. Este homem que foi para inspeção falava com bom raciocínio, com boa lógica, entretanto, ele era apontado como um indivíduo que estava tendo desvios mentais. Ele chegou, sentou-se diante da junta médica e começou a falar como se fosse o chefe de todos, com certa arrogância, com certa loquacidade e eu observei aquela coisa. Depois fiz um exame neurológico, andei fazendo umas perguntas e coisa. Januário examinou, o outro, também, e então disse Januário:– Qual é o seu diagnóstico? Você acha que ele efetivamente é portador de uma perturbação mental?– É.Isso parece que espantou um pouco os dois colegas, Januário e o outro, porque eles (parece) não estavam convencidos daquilo. Então eu expliquei:- Eu quero dizer o seguinte. Que, efetivamente, no exame neuropsiquiátrico não encontrei nada de objetivo, mas eu não sei se os senhores notaram, aqui, a postura do homem. O homem que vem assim para uma junta médica, vem humilde e não tem aquela capacidade; se atrapalha um pouco até nas suas explicações, atitudes etc. Entretanto, ele chegou nessa poltrona, pôs uma perna por cima da outra, parecia o presidente da junta, ficou com o peito saliente, falando, ditando normas. Isto é uma manifestação de paranoia”. Dei, ali, o meu ponto de vista etc. Quando saímos, Januário disse: “Eu gostei muito da sua apreciação. Pouca gente poderia observar uma filigrana dessa. Depois que você falou é que observei.” E, logo depois, ele me chamou para o hospital. Aí fui ser assistente de Aderbal de Figueiredo que fazia tudo naquele tempo, até um pouco de cirurgia. CoMECei a trabalhar no hospital com Aderbal, tendo contato maior com José Tavares, com Luíz Antônio, Ernesto Fonseca, que eram os elementos daquele tempo. |
| 01’51’38” a 01’51’53” | **Alvamar** – Seus primeiros passos!... Está tudo isso muito bom. Mas eu queria uma conotação humana, a sua primeira emoção profissional? |
| 01’51’57” a 01’55’13” | **Voz de Onofre Lopes** – Eu estava em casa, morava com meu irmão Genésio Lopes (eu era solteiro), quando bateram à porta. Eram umas três ou quatro pessoas, inclusive uma moça.– Essa moça foi dar uma risada e o queixo caiu. Já esteve com dois médicos e não conseguiram botar no lugar. Eu vivia muito, lá no Rio de Janeiro, esses problemas de traumatologia, fratura, essas coisas, de sorte que eu me preocupei em tomar uma atitude que corrigisse mesmo a coisa. Mandei a moça se sentar no chão, arranjei uma toalha lá no interior da casa e (aquilo tem um jeito especial) com a maior facilidade então, encaixou. Ela ficou, assim, satisfeita e aí foi rir. Aí ela disse: “caiiiuu!...”Logo depois consertei novamente o queixo da moça, amarrei com uma coisa etc. E a fama começou a correr de que eu era um bicho danado... Mas, uma vizinha quebrou um braço. Eu fui chamado e como médico novo faz tudo para agradar, desmanchei-me em amabilidades. Era uma senhora como essas, modernas, que existem hoje: não era casada, vivia junto, etc., mas tendo o seu lar organizado. Depois eu soube que o homem tinha ficado muito malsatisfeito com as minhas gentilezas (risos). Mas afinal, a senhora curou-se etc. Daí comecei a ter uma clínica cada dia mais crescente. Fazia tudo, até que as coisas tiveram que tomar um rumo diferente: eu tive que ficar localizado em cirurgia. A cidade ia crescendo; o hospital ia tendo tarefas maiores e eu, assistente de Aderbal, que fazia alguma cirurgia. Era um homem muito inteligente, muito capaz e o convívio com ele foi uma grande oportunidade que eu tive. |
| 01’55’14” a 01’55’34” | **Diógenes** – Uma figura que eu sei do relacionamento e do carinho que o senhor tem pela imagem dele: Januário Cicco. Talvez fosse interessante seu depoimento sobre as ações dele e seu relacionamento com ele. |
| 01’55’35” a 02’00’04” | **Voz de Onofre Lopes** – Com muita satisfação. Como eu disse, o meu primeiro encontro com Januário foi diante desse doente. Ele me convidou para ir ao hospital e eu fiquei como assistente de Aderbal. CoMECei a fazer cirurgia e a me entusiasmar gostando de cirurgia. Reconheci que tinha certa habilidade cirúrgica. Era uma vocação que eu ainda não tinha descoberto nesse tempo, mas José Tavares começou a me estimular: “Você tem muito jeito, você é capaz de tudo, pode operar.” E, quando eu ia operar, trazia José Tavares para me acompanhar, estimular, para que eu tivesse um esteio, uma segurança dentro da sala de cirurgia. E, logo depois, Aderbal de Figueiredo adoece e eu comecei a assumir a responsabilidade cirúrgica do hospital. E isso fez com que eu passasse a estudar cirurgia com mais intensidade e trabalhar muito. Quase toda a clínica cirúrgica do hospital, todo o pronto-socorro do hospital, inclusive a cirurgia obstétrica, consistindo em cesáreas, histerectomia etc., era comigo. E eu tinha uma disposição para o trabalho muito grande. Trabalhava noite e dia e isso chamava a atenção de Januário; chamava a atenção das freiras, que contavam comigo toda hora e começaram a dizer a Januário que eu era um “pé-de-boi”. Estava sempre pronto para tudo e Januário começou a ter muitas atenções comigo. Eu fui para os estados unidos. Eu fazia cirurgia geral e queria ver cirurgia torácica, que no Brasil não se fazia quase nada. Passei seis meses, inclusive tive problemas sérios de visão (descolamento de retina), mas deu para verificar lá o seguinte: que os serviços médicos, os grandes serviços médicos eram feitos por fundações, serviços amplos, serviços de cirurgia, clínica, especialidades, etc. Bem, quando eu voltei, eu disse a Januário: “Olhe, eu vi lá nos estados unidos um sistema de fundação. Esse hospital está apenas administrando. O senhor está construindo, está remodelando, reformulando tudo, quer dizer, o senhor está trabalhando, ampliando, melhorando o hospital para coisa que não é sua, é do estado. De um momento para outro, vem um governador e diz: não quero mais convênio e toma conta disso. Eu achava interessante era fazermos um trabalho junto ao governador do estado e junto à assembleia legislativa, para nos fazer a doação do hospital e dos terrenos, porque aí faríamos uma fundação, faríamos um centro médico de primeira grandeza e isto, naturalmente, nós teremos condições de ampliar, porque a cidade vai crescer, está crescendo e precisamos contar com um centro médico de confiança.” |
| 02’00’05” a 02’00’12” | **Apresentador –** Assista na próxima semana, nesse mesmo dia e hora a continuação desta entrevista. |
| 02’00’12” a 02’00’43” | **Vinheta de encerramento** |
| Este trecho referente exclusivamente a terceira parte da entrevista de Onofre Lopes foi reproduzido do livro A *Memória Viva de Onofre Lopes*, organizado pelo professor Tarcísio Gurgel (2007) pois foi corrompido nos dvds cedidos pelo Setor de Documentação e Arquivo da TVU. | **Voz de Onofre Lopes** – Eu tinha grande prazer em trabalhar. Tinha grande prazer em operar. E isso eu fazia de noite, de dia, toda hora. Todos os casos de pronto-socorro, de acidentes de rua, de crimes, tudo isso eu estava sempre dando a minha presença, colaborando, porque a quem primeiro chamavam era a mim. E, Januário, por isso mesmo, tinha muitas atenções, me considerava muito. E, inclusive, conversava comigo sobre problemas de administração. Mas Januário era um homem muito dono das suas atitudes, da sua vontade, era um homem enérgico e não tinha receptividade para um diálogo; se esse diálogo começava a ter aspecto de discordância ou, muitas vezes, de censura às suas atividades, à sua direção, ele não admitia. Ele era a última palavra. Ele era um homem que dirigia bem, com segurança e, no entanto, não conversava com ninguém, ele resolvia os problemas. Mas era uma questão só de habilidade. Era uma questão da forma de ser abordado. Eu dou um exemplo: Januário fez a maternidade com grande sacrifício, com grande trabalho, com grande idealismo e a maternidade, no tempo da guerra, foi ocupada pelas forças armadas para servir de quartel general, até de hospital. Servia para tudo. Para desocupar e fazê-la funcionar foi uma luta tremenda de Januário. Ele sofreu muito com aquela situação. Mas, afinal, conseguiu reaver o edifício e foi equipá-lo, foi prepará-lo para funcionar. E contou com a cooperação de diversos conterrâneos, deputados, Raimundo de Brito, este com grande projeção lá no Rio de Janeiro, Café Filho, que era deputado, e havia um senhor que era parente, parece que cunhado de Raimundo Brito, que deu também uma cooperação muito grande. E outros. Certo dia, na parte da manhã, estávamos todos na sala dos médicos, quando chega Januário. Chamou a irmã superiora, que era irmã Albina, e entrega a ela umas cartas dizendo que pusesse no correio. Aí disse para todos nós: isso é uma carta para Raimundo Brito, uma para Café Filho, outra para fulano, outra para sicrano... Umas quatro ou cinco, comunicando que a sociedade de assistência hospitalar, que era mantenedora do hospital e da maternidade, tinha resolvido dar o nome Café Filho ao anfiteatro da maternidade; laboratório Raimundo Brito; o berçário tinha o nome da filha dele, Ivete, e distribuiu, ali, umas salas, umas dependências da maternidade com esses nomes, em homenagem aos favores que esses nomes haviam prestado à maternidade. Então ele disse aquilo e eu achei uma coisa imprópria demais, mas o mundo teria pegado fogo se eu tivesse dito ali alguma coisa. Ele não admitia. Ele teria uma reação violenta. Mas, quando foi à tarde, eu fui ao consultório dele. Começamos a conversar e tal, e no fim eu disse: “Doutor Januário, eu achei muito bonito aquela sua atitude, aquele agradecimento, o reconhecimento àqueles elementos que efetivamente prestaram serviços à maternidade, que o ajudaram. É muito bom. Aquilo é um estímulo para que essa gente possa continuar a ajudar a maternidade. Mas doutor Januário: eu fiquei pensando que, antes deles, outros fizeram favores para construir a maternidade e daqui por diante, vamos precisar de muita gente para fazer favores para mantê-la. Então, o senhor não vai ter salas, anfiteatros nem laboratórios bastantes para dar o nome dessa gente toda e nós passamos a ter uma discriminação e até certa injustiça. Eu fiquei pensando, em vez de o senhor fazer isto, se o senhor tivesse escrito para eles dizendo que a sociedade de assistência hospitalar, numa reunião plenária, depois que ouviu o seu diretor, com o trabalho e o interesse de cada um deles, foi aclamado grande benemérito da sociedade. Então o senhor dava esses, dava outros títulos ao passado e aos que viriam no futuro” ele disse: “Você tem razão, mas eu já mandei as cartas” eu meti a mão no bolso do paletó e disse: “as cartas estão aqui”. Eu tinha pedido a irmã para não botar as cartas e tinha ficado com elas. |
|  | **Diógenes** – E o nome das flores, como é que surgiu? |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – A maternidade passou vinte anos para ser construída, a custo de muito esforço de Januário: fazendo festas para angariar recursos e uma coisa que ele me disse que queria que ficasse esquecido, que isso não fosse alegado nunca. Nunca aleguei, mas afinal de contas, para um registro histórico, convém que seja dito: dona Bebé, a senhora dele, tinha muitas joias. Eles venderam essas joias e transformaram em dinheiro para completar a construção da maternidade, hoje, Januário Cicco. Vendeu as joias e transformou naquele prédio. O prédio foi concluído com esses favores todos, tendo um construtor: Élcio Álvaro Melo. Muito competente, ele era um funcionário das docas do porto, que o diretor das docas colocou à disposição de Januário para ajudá-lo na construção da maternidade e dar certa assistência, também, a certos serviços do hospital. Pois bem! Depois de tudo pronto, toda a estrutura completada, todos os detalhes (serviços de limpeza, como se diz em construção), o senhor Álvaro foi perguntar a ele se ele não queria encomendar logo umas placas de ágata para colocar nos quartos, que estavam precisando ser numerados. Januário disse que sim e que ia ver como se ia fazer. Ele me disse que, à noite, se lembrou que aquilo ali era como um pomar, um jardim humano, e que dali iam sair os frutos, iam sair as crianças e que, portanto, cada um daqueles quartos devia ter o nome de uma flor. E foi assim que, hoje, ainda, permanece cada um dos quartos, cada uma daquelas seções, com o nome de uma flor. Ele achava que ali era efetivamente um jardim. Januário era um homem cético, mas era um homem profundamente sentimental. Ele tinha pela esposa e pela filha uma ternura excepcional. Perdeu ambas e passou a ter uma vida monástica, passou a viver em casa, somente em casa. Os amigos, muitas vezes, o chamavam para uma partida de sinuca ou de bridge e ele se divertia com aquilo. O parceiro permanente era Otávio Varela. Mas, toda vez Otávio Varela saía quase chorando, porque ele dizia tanto desaforo ao pobre velho (quando ele fazia as bobagens), que Otávio Varela um dia me procurou, chorando mesmo, porque Januário o tinha destratado no jogo. |
|  | **Heriberto** – Ainda hoje fico pensando como o doutor Januário e o doutor Onofre sintonizaram tão bem. Ambos tão explosivos. Doutor Januário era tão radical que para ele só: amigos ou inimigos. Eu me lembro, certa vez fundaram, aqui em Natal, um hospital. E ele já ficava zangado porque faria sombra – imagine! – ao Hospital Miguel Couto. E, uma vez, levando Januário no meu carro, eu lhe disse: “Vou passar em frente a esse hospital para o senhor olhar”. Ele disse: “Não passe!” Mas eu já estava era passando. Olhe aí” ele disse: “Não olho.” (risos). Era um homem radical. E, Onofre, eu o chamo de homem cactus: é rude e de uma sensibilidade muito grande. E por ter brotado como cirurgião em Natal e não noutras paragens, ele dizia sempre: “Sou um cirurgião de água doce.” E o homem cactus, certa vez, nunca me esqueci, num daqueles intervalos de trabalho, lá do primeiro andar do hospital, olhando para a casa dele, que ainda continua dele, disse: “Ali está o meu mundo afetivo” doutor Onofre e as brigas com doutor Januário? Porque quem brigasse com o doutor Januário estava condenado até a 5ª geração. |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – Eu tenho a impressão que a aproximação de Januário comigo, o seu milagre de me tolerar inteiramente, era porque eu trabalhava. Januário era amigo do trabalho. E ele, como você sabe, ouvia muito as freiras e elas contavam comigo de dia e de noite para atender todos os casos, sobretudo de urgência, a qualquer hora da noite. Eu acho que isto deu motivo a essa aproximação. Certa vez, no tempo em que eu era mal-educado – hoje sou um sujeito fino (risos) – um médico do exército, que era capitão, eu tive um desentendimento com ele lá no hospital. E o desentendimento chegou às raias do mal-educado. Bom. A coisa tomou, assim, uma temperatura alta e tal e o homem fez queixa a Januário que o tinha agredido e quis dar nele e uma porção de coisas. Ele, naturalmente, ampliou muito, fez uma ressonância maior do fato. E Januário ficou angustiado com aquilo, porque um médico da casa tratou mal e tudo isto, então Januário chegou e me procurou, todo cheio de dedo, tão angustiado, com uma carta feita para eu assinar, pedindo desculpas. Eu disse: “Doutor Januário, vamos fazer o seguinte: eu provoquei um fato deselegante dentro do hospital. Eu saio do hospital e o senhor dê a satisfação, diga que eu pedi demissão espontaneamente, que não quero mais continuar porque acho que não devo deixar o hospital em situação difícil” ele disse: “Isto nunca! Isto nunca!” Então eu disse: “Porque eu não vou assinar a carta. Não tome isso como desatenção ao senhor, mas é uma questão de temperamento, eu não dou para essa história de pedir desculpas” a minha forma de pedir desculpas é a minha conduta, e a forma e tal o sujeito vai vendo; como você sabe que lá no hospital, na maternidade, muitas vezes eu era o cactus de quem você fala, tratava o sujeito talvez com rispidez por causa do trabalho, mas quando saía dali tratava do mesmo modo, não dava cabimento a estabelecer um desentendimento, estabelecer uma malquerença. Nunca. Saí do hospital depois de muitos anos de atividade, tanto como diretor do hospital e da Faculdade de Medicina, depois como reitor; mesmo como reitor estava lá dentro, saí sem nenhum inimigo, ao contrário, todos meus amigos, apesar de ter tido oportunidade de aborrecimentos sérios. |
|  | **Heriberto** – O interessante no doutor Januário é que ele era um ditador e preparou os estatutos da sociedade de assistência hospitalar: o presidente da sociedade tem que ter 1 metro e tanto de altura, as iniciais JC, etc. Etc., não podia ser outro presidente. Era o estatuto que dizia (risos). |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – Pois bem! Januário com estas características psicológicas, com aquele espírito de mando, de orientação e de tudo, ele tinha essa preocupação do pessoal que se acercasse dele ser absolutamente selecionado. Selecionado de forma tal, que ele tivesse a maior confiança. E assim ele tinha ao seu lado Ernesto Fonseca, Aderbal de Figueiredo. Chegava um menino muito emproado, muito petulante, muito metido a sabido, que se meteu no meio, um tal de Heriberto Bezerra. Januário teve uma grande receptividade por ele e o colocou na maternidade para tratar da clínica pediátrica, puericultura, para verificar os recém-nascidos etc. Havia, também, Olavo Medeiros, Travassos Sarinho, Álvaro Vieira e muitos outros que constituíam o corpo médico do hospital. E na maternidade era João Tinoco, Joaquim Luz e alguns assistentes. Era esta turma que trabalhava com Januário. Januário era, efetivamente, o líder. Nós o ouvíamos em tudo. Mas, já neste tempo, eu procurava ajudar Januário estimulando para certas coisas. Por exemplo: naquele tempo eu sugeri que fosse criada uma sociedade cultural dentro do hospital. Era o centro médico. Você, Heriberto, era o tesoureiro. E, então, aí, nós fazíamos reuniões. Os médicos com uma preguiça tremenda. Chegava no dia, na hora, eu telefonava para cada um: “Doutor Januário está dizendo que não deixe de comparecer” (risos). E lá comparecíamos e debatíamos certas questões, certos assuntos, e a coisa foi tomando assim um certo rumo, um certo interesse. O hospital começou a se diferenciar nas suas atividades, nas suas especialidades. A clínica cirúrgica era exercida separadamente da clínica geral. As especialidades dermatologia, a gastroenterologia etc. Já foram tomando seu vulto, tomando os seus lugares. Chega, nesta altura, Januário, de um momento para o outro, falece. Eu ia fazer uma palestra na semana de higiene mental. Era o encerramento. Fui convidado para encerrar com uma palestra na escola doméstica. Isso ia ser à tarde, 4 horas da tarde. Quando foi à tarde, eu recebi um telefonema de Januário: “Olhe, eu não vou à sua palestra. Eu não vou porque estou aqui com um eczema na cabeça e não me aguento. Eu comi um macarrão com queijo (ele gostava muito de macarrão com queijo) e tenho uma alergia danada, estou nessas condições e não posso ir.” E eu disse: “Faz muito bem. Não vá perder seu tempo nessa coisa.” Bem! Fiz a palestra e quando cheguei em casa, minha mulher disse: “Corra. Vá à casa de Januário que lá estão chamando você com urgência. Quando cheguei lá, encontrei o quadro dramático, sério. Januário disse:– Estou com um enfarto.– Que é isso? Que enfarto?E Januário disse: “não?! É enfarto. Estou sentindo isso, isso, aquilo outro. É enfarto e é muito sério e muito grave.” Chamou Ernesto e Álvaro Vieira. Você apareceu (Heriberto), estávamos lá e então eu mandei buscar uma bala de oxigênio no hospital. Quando o oxigênio foi subindo as escadas, antes disso Januário disse: “Meu filho, eu vou morrer!” Pegou, assim, na minha mão: “Eu vou morrer! Não deixe a minha obra se acabar!” Aí ele vai se levantando e diz: “Vou morrer!” E caiu pesadamente morto. Ficamos como que na orfandade. Não esperávamos que Januário morresse assim. Ele tinha 71 anos de idade. O vice-diretor era Ernesto Fonseca. Eu, como estava metido sempre em problemas de administração e tomando a frente de muitas coisas para ajudar a Januário, fui ao doutor Ernesto: “O senhor assuma imediatamente e vamos eleger o presidente definitivo.” Ele ficou assim e tal, mas, afinal, aceitou a ideia. Quando foi na manhã seguinte, Ernesto me procura e diz: “Onofre, eu passei a noite inteira sem dormir. Eu e Francisquinha. Eu não vou aceitar a presidência da sociedade de assistência hospitalar e a pessoa indicada é você” respondi: “Doutor Ernesto, respeito o seu ponto de vista, mas vamos procurar outro diretor. Tem muito médico mais velho do que eu e, afinal de contas, sou um dos mais moços e não fica bem eu tomando essa direção. Vou encontrar sérias dificuldades” e ele “não e tal” e, afinal, veio o argumento: “Então vamos falar com Álvaro Vieira” que tinha sido noivo da filha de Januário. Fomos, eu e Ernesto, à casa de Álvaro Vieira e ele disse que não podia aceitar porque já estava arrumando as suas malas para voltar para Pernambuco. E assim o fez. Depois de muitos entendimentos, a carga caiu em cima dos meus ombros. Fiquei na direção da sociedade de assistência hospitalar. Tinha que ver, supervisionar o hospital e a maternidade. Embora o hospital e a maternidade tivessem seus diretores, mas como estava dizendo Heriberto, Januário fez um estatuto da sociedade de assistência hospitalar que era a pessoa de Januário. Diretor nenhum, médico nenhum, chefe de serviço nenhum podia fazer coisa nenhuma que não fosse com a autorização de Januário. Era a mão forte. Era um homem que mandava. Ele era o único. Então eu senti aquele peso e vi logo que era preciso fazer uma modificação nos estatutos para que a coisa ficasse mais democrática. Mas logo descobri que minha vocação não era muito democracia (risos). Aí fiquei com os estatutos muito tempo. Depois é que foi mudado... |
|  | **Diógenes** – Um registro, ainda que breve, da Faculdade de Medicina, que foi em parte uma forma de nascer, creio, da Universidade como um todo. |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – As coisas todas tem o seu tempo de partida, sua origem. Eu assumindo, assim, a direção do hospital e da maternidade, procurei dar, tanto quanto possível, uma atividade maior aos estudos, aos trabalhos teóricos, conhecimento daquilo que se fazia lá fora, revistas, trabalhos etc. E comecei a convidar, inclusive, certas personagens que tinham projeção no meio médico para proferir conferências e darem seu testemunho etc. E foi assim que tivemos aqui diversos conferencistas, vindos de toda parte do Brasil e, inclusive, um até da Espanha. Houve um professor de renome, cujo nome não me lembro agora, que chegou a Pernambuco. Mandei-lhe um telegrama convidando e ele veio. Fez, aqui, uma conferência. Estava nessa altura, quando eu me lembrei de fazer uma espécie de congresso médico e falei com Ovídio Montenegro, nosso conterrâneo e que morava em Recife, muito bem relacionado, que achou a ideia boa e disse: “Deixe que eu tomo conta deste problema em Pernambuco. Eu falo com a turma” e falou com uma turma numerosa, muita gente e gente de projeção na Medicina. E então anunciamos uma semana de estudos médico-cirúrgicos. Nesta semana foram feitos muitos trabalhos, efetivamente. Apresentadas muitas conferências, projeções de “slides”, filmes ilustrativos e comunicações de toda ordem. Foi um trabalho intensivo que se fez no hospital. Estava nesta altura, quando Francisco Montenegro, que tinha sido meu colega de turma e era um dos professores que estava presente, disse: “Onofre. Você, que tem um hospital bom, tem a maternidade, você tem condições de fazer aqui uma Faculdade de Medicina”. Aí os outros ouviram ali aquela conversa e todos caíram em cima de mim. Faça a faculdade, vamos fazer e tal. Estava presente Antônio Filgueira que era diretor da Faculdade de Medicina do Recife. Eu disse: “Só se Antônio deixar.” Porque era preciso lembrar que Pernambuco, naquele tempo, ainda era o centro cultural do Norte e Nordeste. Tudo se fazia por lá. O pessoal ia estudar Direito, Medicina, em Recife. Tudo era Recife, que era o centro cultural, o centro econômico, era o centro político, era o centro social, Pernambuco. Então eu saí com essa brincadeira com Antônio Filgueira e ele disse: “Faça, que eu ajudo” está bem. Está certo. Podemos concentrar aqui uma soma de esforços para que se possa fazer a faculdade. Então eu convoquei os membros da sociedade de assistência hospitalar e expus o assunto, mostrando que estávamos numa semana de estudos médico cirúrgicos, com uma presença muito grande de profissionais de Pernambuco, e que essa gente tinha me sugerido criar a Faculdade de Medicina e que eu queria autorização para dar os primeiros passos no sentido de criar a faculdade. Isto foi autorizado em sessão do dia 29 de Janeiro de 1958. Foi feita uma resolução secreta, porque ela deveria somente ser divulgada no encerramento dos trabalhos, como ponto final, ou então como um ponto de exclamação, diante daquela semana de estudos médico-cirúrgicos. E foi justamente o que foi feito. No encerramento, que foi feito lá naquele restaurante da rampa, com uma assistência numerosíssima. Fizemos lá um jantar e, na oportunidade em que eu discursava, a parte final como resultante daquele trabalho, que teríamos feito naquela semana; que a sociedade de assistência hospitalar, numa reunião plenária, tinha resolvido; então, comecei a ler a resolução: era criada, naquela data, a Faculdade de Medicina de Natal. Foi recebido com um estrondo enorme de palmas e todo mundo se levantou aplaudindo etc. Naquele tempo, eu era mais inocente do que hoje. Porque não sabia o que era uma faculdade, o que era preciso para se instalar uma Faculdade de Medicina. Eu digo inocente para não dizer que não tinha juízo. E, afinal de contas, foi feita uma comissão para tratar da instalação da faculdade: Luíz Antônio, José Tavares, Eriberto Bezerra, Olavo Medeiros, Milton Ribeiro Dantas. Então foi feita a comissão, mas é a tal história: desde aquele tempo que era partidário de uma coisa, que somente muito depois é que eu vim dizer: “Só acredito em comissão de um”. E então eu comecei a fazer as coisas e a preparar o funcionamento da faculdade. Mandei Milton Ribeiro Dantas a Recife para ele fazer um apanhado do que era preciso às cadeiras básicas: o que era necessário, qual o material, qual o equipamento indispensável. Milton Ribeiro disse, na volta: “Olhe! Nós estamos doidos. Não é possível, é tudo um preço tremendo, isso é caríssimo e a gente não pode fazer”, bom! Eu nunca tive medo de alma do outro mundo e fui trabalhando, fazendo o possível. Uma das coisas era conseguir autorização para funcionar a faculdade. Era o diretor do ensino superior o professor Jurandir Lodi. Este era um homem que estava trabalhando pela moralização do ensino no Brasil. Era um homem áspero, pouco comunicativo, muitas vezes grosseiro. Fui lá em companhia do doutor José Augusto, porque José Augusto era muito amigo do irmão dele, o doutor Evaldo Lodi. Então José Augusto me apresentou e teve que sair e me deixou junto com a fera. Eu disse ao professor Lodi que precisávamos fazer uma Faculdade de Medicina, mas antes disso eu queria saber se ele estava disposto a me ajudar. Então eu fiz uma demagogia tremenda para sensibilizá-lo, dizendo o que era o Nordeste, o Nordeste pobre, o Nordeste sofrido, o Nordeste que se despovoava dos seus valores, dos seus elementos inteligentes, da sua mocidade, porque os moços para estudar iam para fora, iam para o Rio de Janeiro, para São Paulo ou iam até para Recife, mas que por aí ficavam porque eram atraídos pela cidade grande. Eles eram, naturalmente, assimilados pelo meio e nós ficávamos empobrecidos desses valores humanos. Íamos perdendo esses elementos e enquanto isso nós íamos vivendo com a nossa pobreza humana, com a nossa pobreza econômica, com a nossa pobreza em todos os sentidos: porque nós não tínhamos condições de fixar a mocidade em nossa terra. E que essa situação se agravava com o problema das secas. Se o senhor chegar no interior do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas, nesta altura, o senhor não vai encontrar uma folha verde. Aí, então, eu fiz um drama tremendo que era a seca e nós que temos outro raciocínio, outros horizontes, nós precisamos estudar o que devemos fazer para melhorar aquela região, aquela área. Eu acho que o que nós precisamos fazer é justamente isto: é criar condições para fixar primeiro o homem a terra, valorizar o nosso homem, dar-lhe apoio, isso é que nós precisamos. E eu sei que o senhor é o homem que está moralizando o ensino superior no país. Eu acho que é uma função meritória, mas eu acho, também, que o senhor entende que o Brasil todo precisa aproveitar os seus valores e nós precisamos aproveitar os nossos. Eu quero ver se o senhor pode me ajudar. Enquanto eu falava, com uma certa dramaticidade, o professor Lodi se aproximava mais de mim para ouvir melhor, ou se afastava, ficava assim, de lado, botando a mão na cabeça. Ele está se interessando, e aí é que me soltei: fiz um drama tremendo e tal. Quando terminei aquilo, eu disse:– Eu só darei um passo se o senhor me disser que eu dê, senão eu não vou mais tratar de Faculdade de Medicina. Só se o senhor me ajudar.– O senhor está disposto a ter dor-de-cabeça?– Desde que o senhor me dê aspirina...– Eu vou ajudá-lo.E passou a ajudar com uma dedicação fantástica. Muita dedicação. Dedicação que se estendeu, mais tarde, na criação da Universidade. Foi ele a mão forte, o apoio que eu encontrei para tudo isso. Foi pedida a autorização da faculdade e este trabalho de autorização das faculdades daquele tempo, era uma coisa muito séria. Basta ver que a Faculdade de Direito foi criada em 1949, me parece, e só foi funcionar em 1955, cinco anos se arrastando, encontrando dificuldades, sendo de funcionamento mais simples do que uma de Medicina. Mas, afinal, tínhamos que apresentar: instalações, equipamentos, biblioteca e, sobretudo, o professorado, recursos humanos. Isso foi um trabalho muito grande, muito pesado e que tínhamos que nos deslocar permanentemente para o rio, porque a sociedade de assistência hospitalar não tinha recursos, fazia aquilo com sérias preocupações. Afinal, a faculdade recebeu o parecer favorável. Tivemos esses meses todos, de fevereiro até agosto, preparando todo o material necessário: dimensões de cada uma das seções; que cadeiras tinha; relação dos livros da biblioteca. Um trabalho imenso. No dia 7 de agosto, o Conselho Nacional de Ensino deu o parecer favorável e no dia 26 de dezembro de 1955 foi feito o decreto autorizando. Logo no início de 1956 foi feito o primeiro vestibular e aí começou o esforço de fazer com que a nova faculdade nascesse com certa base de segurança moral e, sobretudo, de qualidade de ensino. Nós tivemos o cuidado de escolher os melhores profissionais, aqueles que tinham projeção na sua própria profissão e aqueles que tinham, efetivamente, uma base moral, uma conduta de primeira ordem dentro da sociedade. |
|  | **Diógenes** – Professores de fora, professor Onofre? |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – Tivemos que convidar professores de Pernambuco, da Bahia e, inclusive, um professor de Nápoles, da Itália, professor Luís Olivieri. Pois bem, esses trabalhos todos eram feitos, apesar de eu ter, assim, uma fama pouco democrática, eu chamava a comissão, apresentava os nomes, apresentava os projetos, as soluções e pedia a homologação, o referendo, e a coisa era referendada e seguíamos para diante.De sorte que a Faculdade de Medicina começou a funcionar no hospital e na maternidade e, ao mesmo tempo, passamos a construir o edifício da própria faculdade. Não tínhamos recursos para isto. Então o prédio foi planejado em módulos. Fazia o primeiro módulo para funcionar o primeiro ano. Depois, com o tempo, se fazia o segundo módulo para funcionar a série seguinte e assim por diante. Para tanto, eu saía pedindo tijolo a um, ferro a outro, cimento a outro e assim por diante, e pedindo mão-de-obra também. Mão-de-obra que me foi dada pelas docas do porto, estrada de ferro central do Brasil, que era diretor José Bittencourt, e eu saía pedindo àquelas pessoas que efetivamente podiam dar uma ajuda. A minha forma de pedir era democrática. Eu dizia: “Olhe, você está em muito boa situação econômica, está bem. Você ganha dinheiro, está bem situado na vida à custa aqui da terra. E, agora, nós precisamos evoluir, nós precisamos trabalhar. Eu estou precisando que você me dê cem sacos de cimento” a outros dizia: “Eu quero que você me dê duas toneladas de ferro” eu dizia as quantidades que queria: pedia tijolo, pedia cal, pedia tudo. |
|  | **Alvamar** – Diante dos perfis que você traçou das figuras do seu tempo, eu gostaria que você desse uns traços de uma figura inesquecível, pelo seu trabalho na Medicina do Rio Grande do Norte, talvez um dos seus colaboradores na fundação na Faculdade de Medicina, que foi Luís Antônio. |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – A sua pergunta me é extremamente agradável, porque Luís Antônio era uma pessoa conhecida em Natal, mesmo antes de ser médico. Ele era um professor, e um professor primoroso, que todos tinham o maior respeito, o maior acato pela sua sabedoria, pela forma como conduzia o ensino, pela sua autoridade. Luís Antônio e José Tavares, ao chegarem a Natal, abriram novos horizontes para os serviços médico-cirúrgicos. José Tavares com a sua cirurgia moderna e Luís Antônio com a sua Medicina, também, moderna. Eram os dois atuando em Natal, renovando os hábitos, renovando os conhecimentos, estimulando uns e outros, dando outra vida ao então hospital que existia, funcionando com certa morosidade.Pois bem. Luís Antônio era muito conhecido no ensino. A sua passagem pelo Atheneu, sua autoridade, seus conhecimentos. Luís Antônio, como médico, era o médico competente, mas, também, era a bondade personificada. Um homem obsequioso, um homem atencioso, um homem que tudo fazia pelo doente, que tudo fazia pela família do doente. A sua chegada em uma casa era uma tranquilidade, era uma espécie de repouso espiritual. Era assim Luís Antônio. Sempre tinha uma palavra de encorajamento e acompanhava os seus doentes da forma mais dedicada, mais interessada possível, de modo a trazer o maior respeito, o maior acatamento e o melhor reconhecimento de toda essa população. Foi por isto mesmo que, ao criar a Faculdade de Medicina, a nossa preocupação era justamente juntar aqueles elementos de maior projeção, que fossem categorizados na vida profissional e social, e Luís Antônio e José Tavares eram estes elementos de primeira grandeza, de vanguarda. Luís Antônio, já bem amadurecido, era uma fonte de aconselhamento que sempre procurávamos: a sua orientação segura para solução dos diversos problemas. Considerávamos absolutamente indispensável à presença efetiva, permanentemente de Luís Antônio, na vida da nova faculdade que se criava. E, efetivamente, Luís Antônio foi um dos professores de primeira grandeza e, na ocasião em que foi constituído o grupo de trabalho para organizar, preparar estruturalmente a faculdade e traçar as suas bases morais e sua orientação pedagógica, então Luís Antônio estava na frente. A sua presença foi um traço forte e decisivo do destino da Faculdade de Medicina. Porque era justamente a nossa política, de nos ampararmos nas expressões mais fortes da profissão, para que a faculdade nascesse, tomasse forma, crescesse e se projetasse no meio social como uma entidade séria, que merecesse toda a confiança. E foi por isso que essa jovem Faculdade de Medicina, apesar de sua dificuldade de se organizar, apesar de encontrar dificuldade na arregimentação de recursos humanos e, sobretudo, de recursos materiais, apesar disso tudo, ela teve uma presença notável aqui no Nordeste, podendo se comparar às melhores faculdades que estavam funcionando no seu tempo. E é preciso que se diga que foi a Faculdade de Medicina que deu o passo, que deu a origem, que foi o elemento catalisador para que aparecesse a Universidade do Rio Grande do Norte. |
|  | **Voz de Tarcísio Gurgel** – Já que o professor Onofre Lopes tocou nesse ponto, que, seguramente, deve estar dominando a expectativa de todos, gostaria, tanto quanto possível, que o senhor se detivesse exatamente nesse aspecto: a criação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Um sonho que parecia quixotesco e que hoje representa esse campus universitário e toda essa estrutura de ensino maravilhosamente montada. |
|  | **Heriberto** – Natal, Rio Grande do Norte. Nós podemos olhar como duas etapas completamente distintas: antes e depois da Universidade. |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – Tenho minhas preocupações de ser prolixo e é da minha natureza ser um tanto prolixo. A preocupação vem do fato de ser um assunto muito amplo, de ser muito extenso, que obriga a certas informações para que se tenha um juízo do todo da Universidade. Eu tive a oportunidade de dizer aos meus ilustres entrevistadores que o professor Jurandir Lodi foi uma pessoa um tanto difícil. Era um homem de primeira grandeza. Era um brasileiro ilustre, que tinha tido todo o interesse. Muito fez para que o ensino superior do Brasil tivesse profunda seriedade. Então, eu quero até dizer que tive o grande mérito de conquistar esse homem. Eu não tenho esses hábitos. Mas, pelos favores, pelo interesse do professor Jurandir Lodi em permitir a instalação e tudo facilitar para a instalação da Faculdade de Medicina, nós tivemos que lhe fazer um convite, até como um reconhecimento, uma gratidão aos seus trabalhos. Motivo por que nós o havíamos convidado para a aula inaugural da Faculdade de Medicina. O professor Lodi chegou aqui no dia 8 de março de 1958. Veio com o seu auxiliar. E conversando com este seu auxiliar, que era o doutor José Dias, ele viu as escolas superiores que nós tínhamos e então me perguntou: “o senhor porque não promove a criação de uma Universidade? Porque neste caso as coisas são mais fáceis. Haverá uma unidade de trabalho, haverá uma convergência de interesses no sentido de fortalecer a Universidade”. Eu confesso: não tinha ideia nenhuma, não me lembrava de jeito nenhum em fazer Universidade. E quero dizer que nunca tinha ouvido pessoa nenhuma, nem de unidade nenhuma, falar, lembrar uma Universidade para o Rio Grande do Norte. Então eu ouvi a sugestão e, imediatamente, convoquei os diretores das Faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia (que era uma só). Filosofia, Escola de Serviço Social, e Medicina, que era eu próprio. |
|  | **Voz de Tarcísio Gurgel** – O senhor é capaz de lembrar todos esses nomes dos diretores da época? |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – Bem! O diretor da faculdade de direito era o professor Otto Guerra; farmácia e odontologia, professor José Cavalcanti Melo; filosofia, o professor Edgar Barbosa, o saudoso professor Edgar Barbosa; serviço social era a professora Maria Margarida Filgueira e o diretor da Faculdade de Medicina era um tal de Onofre Lopes. Então nós nos reunimos numa sala do hospital Miguel Couto, eu expus o assunto e pedi que José Dias expusesse também. Imediatamente, todos concordaram de que seria muito oportuno, muito interessante, do maior interesse do estado que se fizesse a Universidade. Mas para fazer uma Universidade era uma tarefa muito difícil, muito trabalhosa, sobretudo muito dispendiosa. Então eu sugeri, na hora, que passássemos por um caminho mais fácil, que fizéssemos a Universidade estadual e, depois de instalada, então iríamos tratar da sua federalização. Fomos, então, nesta mesma hora, ao governador do estado, Dinarte Mariz, que, imediatamente, acolheu a ideia e nomeou o grupo de trabalho composto de todos nós ali presentes, quer dizer, os diretores das unidades existentes, para que o assunto fosse examinado, tratado e preparado o expediente a fim de que o governador pudesse encaminhar à Assembleia Legislativa o projeto de lei criando a Universidade. Esse projeto de lei tinha que ser acompanhado, logo, de um anteprojeto de estatuto. E isto demorou um pouco. Foi no dia 8 de março e somente no dia 3 de junho que o governador mandou a mensagem à assembleia. Uma mensagem muito bem redigida, muito bem fundamentada e a assembleia legislativa votou por unanimidade na criação da Universidade. A lei foi sancionada no dia 25 de junho, no salão nobre do palácio, com a presidência do governador, presidente do tribunal eleitoral, do tribunal de justiça, presidente da assembleia e diretores de todas as unidades, professores, autoridades militares. Foi um ato muito concorrido de que eu disponho de fotografias. Nesta altura, o grupo de trabalho ficou encarregado de preparar todo o material, todo o expediente, atender a todas as exigências para que constituísse matéria necessária ao pedido de autorização de funcionamento da Universidade. Todo esse trabalho foi feito e o governador remeteu ao conselho nacional de educação (conselho nacional de ensino, na época), a fim de que fosse examinado pelo conselho (todo o processo) e concluir pela viabilidade da autorização. O processo foi encaminhado para estudo ao conselheiro parreira horta, que era um conselheiro meu conhecido, inclusive de livros. Um homem que tinha, inclusive, servido na guerra, em 1918, e que tinha escrito sobre problemas sanitários. E eu sabia que ele gostava muito de ser conhecido como um homem que tinha escrito sobre problemas de saúde, que constava dos livros, em que era citado. Então o processo foi remetido e fui fazer-lhe (naquele tempo eu tinha poucos escrúpulos para essas coisas) uma visita, dizendo que tinha a maior honra do conhecimento pessoal, porque já o conhecia de livros, já conhecia seus trabalhos sobre higiene, sobre Medicina de guerra. E aí não se falou mais sobre a Universidade do Rio Grande do Norte. Era somente esses assuntos, assuntos de profilaxia no Brasil e o homem se empolgou tanto que no fim disse:– O que é que você quer?– Eu quero que o senhor dê um parecer favorável (risos). E todos os elementos do processo foram examinados cuidadosamente, escrupulosamente, pelo Parreira Horta e apresentados ao plenário do Conselho Nacional de Ensino. No dia 7 de agosto do mesmo ano, o conselho dá o parecer favorável por unanimidade. E no dia 26 de dezembro de 1958, o governo da república assina o decreto permitindo o funcionamento da Universidade do Rio Grande do Norte com as prerrogativas de Universidade estadual. Quando foi no começo do ano, logo nos primeiros dias de Janeiro, houve a reunião dos diretores, esses que acabei de citar, acompanhados dos representantes das congregações respectivas. Assim, por exemplo, da faculdade de direito, o representante da congregação era o professor Paulo Pinheiro de Viveiros; de Medicina (eu não estava presente), era o vice-diretor Luíz Antônio, o representante da congregação era o doutor Milton Ribeiro Dantas; da faculdade de filosofia era o doutor Edgar Barbosa e o representante era o meu ilustre entrevistador Alvamar Furtado; da Escola de Serviço Social, a diretora era Margarida Filgueira e o representante era Dom Nivaldo Monte. Pode ser que a memória possa ter falhado em alguma coisa. Mas eu tenho a impressão que não. Estes elementos se constituíram, então, no conselho universitário da nova Universidade estadual. |
|  | **Carlos Lyra** – E a Faculdade de Economia? |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – A Faculdade de Economia somente mais tarde é que passou a ser uma instituição agregada. E, já no fim dos meus mandatos, é que conseguimos a sua incorporação à Universidade. Podemos chegar lá. Constituído o conselho universitário, foi feita a primeira lista tríplice para escolha do reitor. Esta lista consistiu: o primeiro da lista, Onofre Lopes; o segundo, Edgar Barbosa; e o terceiro, Paulo Pinheiro de Viveiros. E o governador cometeu o crime de escolher o primeiro (risos). Passamos a ter reuniões, que eu não queria que fossem mais no hospital, porque eu era do hospital. Dava a impressão que estava valorizando mais a minha casa. Começamos, então, a nos reunir numa sala da faculdade de Filosofia. As nossas primeiras iniciativas, nossos primeiros trabalhos foram: primeiro, procurar casa própria. Procurar um prédio para instalar a reitoria. Quando levei o assunto ao conselho universitário, as coisas já estavam mais ou menos conversadas com o governador, com o intuito de ficarmos com o prédio da avenida Hermes da Fonseca, nº 780, que ocupamos durante muito tempo. Houve certa, não vou dizer oposição, mas certos reparos por parte de Paulo Viveiros e Edgar Barbosa. Mas, na ocasião, porque achava que o governador é quem deveria comprar o prédio para instalar a sua Universidade, não a própria Universidade tratar do assunto. Uma coisa mais ou menos nesse sentido, e se achava que o prédio era muito caro por quatro mil e quinhentos cruzeiros. Completamente mobiliado. Nesta oportunidade, intervém Alvamar Furtado, dizendo que era interessante o conselho fazer uma visita ao prédio, para então se saber se convinha ou não. Se era caro ou barato a aquisição do prédio. A forma como seria adquirido, diretamente ou pelo governador, ou pela Universidade, isso seria secundário. Isto foi uma salvação, Alvamar. Porque afinal de contas, aqueles dois atritozinhos que estavam aparecendo, aquilo podia ser o início de uma rebelião dentro do conselho. E, logo nos primeiros passos da Universidade, tudo eu fazia para que se evitasse um desentendimento. Visitamos o prédio e achamos que convinha comprar de qualquer jeito. E a compra foi realizada, o prédio foi pago, ficamos instalados e, posteriormente, este prédio foi modificado, transformado, ampliado e se instalaram aí muitos serviços. Outra iniciativa, logo no começo, foi a criação da biblioteca central, com sede na reitoria. Essa biblioteca central, como o nome está dizendo, representava o núcleo das diversas bibliotecas existentes em cada uma das unidades. Então ela aí seria uma espécie de coordenação geral de todas as bibliotecas.Nesta primeira fase nós criamos também o instituto de antropologia, que mais tarde, como é hoje, é um dos pontos turísticos de Natal, tão interessantes e tornou o instituto de antropologia, chamado também Museu Câmara Cascudo.Outra coisa que procuramos logo fazer foi criar as armas, o brasão e o selo da Universidade. Escrevemos a Gustavo Barroso, que era uma autoridade em heráldica, um historiador de renome, pedindo que ele fizesse um estudo no sentido de termos as nossas próprias armas. Ele foi de uma presteza muito grande. Imediatamente nos mandou um escudo, com a justificativa do escudo, e o conselho aprovou sem qualquer reparo. Lembrar que, nesta oportunidade, eu fiquei em dificuldade se devia procurar saber quanto devia a Gustavo Barroso, mas estava com medo de cometer uma gafe. Soube, não sei por intermédio de quem, que Véscio Barreto era muito amigo de Gustavo Barroso e pedi a Véscio Barreto para ter um entendimento pessoal com Gustavo Barroso, para perguntar, de uma forma que não fosse agressiva, quanto era o trabalho. E ele respondeu que estava já muito gratificado, muito orgulhoso, de ter feito o trabalho que tinha sido aceito, por unanimidade, pelo conselho universitário. De sorte que este brasão foi um presente régio de Gustavo Barroso. |
|  | **Carlos Lyra** – A frase “accipt ut det” teve alguma influência sobre o senhor? |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – No estudo feito por Gustavo Barroso tem uma frase latina “accipt ut det” que quer dizer “recebe para dar”. Quero dizer, Carlos, que eu não sei se isto teve alguma influência sobre a minha orientação para a Universidade. Porque eu fiquei pensando em todas aquelas coisas, inclusive sobre essa divisa: recebe para dar. Então o que a Universidade estava recebendo e o que é que ela podia dar. Talvez isto tenha me preocupado consciente ou inconscientemente para que a Universidade do Rio Grande do Norte tivesse uma característica: a extensão. Quer dizer, a Universidade voltada para o povo. Voltada para a comunidade. Quer dizer a Universidade dando. Eu não sei se isto teve, eu mesmo me consulto e não sei responder. Mas pode ser que as coisas tenham se influenciado, de qualquer modo, que eu tenha proposto diversas coisas aos conselhos de direção da Universidade para que a Universidade se tornasse um órgão extensionista. Mas a Universidade começou assim, com as dificuldades naturais de um órgão mantido pelo estado, um estado pobre, pobre em tudo. Pobre em recursos humanos, pobre em recursos para aquisição de equipamentos. E isto me preocupava, porque a Universidade, como qualquer unidade em um meio pequeno, é preciso ter todos os cuidados para não cair em desgaste, não desmerecer a confiança do povo. Isto era uma preocupação. Quando a Universidade foi criada, tive oportunidade de lembrar que devia ser uma Universidade estadual, para depois se pensar na federalização. Então me senti devedor de uma ação, que era de tentar a federalização da Universidade. No fim desse ano de 1959, estava concorrendo no congresso nacional, já no senado (já tinha passado na câmara dos deputados), um projeto de encampação da Faculdade de Farmácia e Odontologia. |
|  | **Alvamar** – Dessas unidades, qual a mais antiga? |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – A mais antiga de todas é a Escola de Serviço Social, foi em 1925. Logo depois, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, em 1947. Então este processo de encampação como estava tramitando no congresso, eu me lembrei de falar com Reginaldo Fernandes e com Sérgio Marinho, que eram os senadores do tempo, e perguntei se era possível, se era viável fazer uma emenda, federalizando a Universidade do Rio Grande do Norte. Uma emenda nesse processo de encampação. Eles, parece, que não eram muito versados no regimento. Achavam que podia. “Está muito bem. Eu vou fazer o seguinte: eu vou primeiro consultar os meus colegiados se devemos fazer isto”. Voltei para Natal e comuniquei ao conselho universitário: essa encampação da Faculdade de Farmácia e Odontologia, já na sua fase final, seria uma bela oportunidade de fazer uma emenda que os dois senadores estavam com disposição de fazer. O conselho achou de me delegar toda a autoridade para tratar do assunto como achasse mais conveniente, mais oportuno e de acordo com as circunstâncias. Mas achei, também, nesta altura o seguinte: que fazendo uma emenda em um projeto da Faculdade de Farmácia e Odontologia, podia ser que houvesse um retardamento disto e a faculdade viesse a se queixar, viesse ter desgosto desse retardamento. Então eu pedi ao diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia que fizesse uma reunião de todos os professores, que eu queria ter um entendimento com todos, em congregação. Estive lá, expliquei tudo e disse que antes de fazer a proposta, antes de fazer a emenda, eu queria um pronunciamento da faculdade. E para que eles, todos os professores, ficassem à vontade, eu deixava o pedido feito e ia me ausentar, mas logo depois me levassem o resultado da sua deliberação. Com muita surpresa, o diretor me comunica, mais tarde, que os professores, por unanimidade, não concordaram. Isto constituiu para mim um desapontamento muito grande. Mas, afinal, eu fiquei na confiança de que arranjaria outros modos, o que eu não queria era levar, era transmitir um desgosto, um constrangimento a uma das nossas unidades. Isto foi em dezembro de 1959. No fim de maio do ano seguinte, quer dizer 1960, 24 a 26 de maio, houve aqui o segundo encontro dos bispos do Nordeste. E esse encontro iria ter o encerramento pelo presidente Juscelino Kubitschek. Achei que deveria ser uma boa oportunidade de ter um entendimento com o presidente e pedir-lhe a federalização da Universidade. Falei com os donos do encontro, isto é, os bispos. Aí tenho mais um constrangimento. É que os bispos não concordaram, dizendo que aquilo era um encontro que já tinha uma pauta definida dos assuntos que iam ser tratados e que não tinham oportunidades de pedir uma audiência minha para com o presidente. Andei fazendo mais umas tentativas e não consegui. Então eu resolvi fazer o seguinte: fiz um memorial curto, curto de modo que pudesse ser lido. Isto foi uma lição que Cascudo me transmitiu, uma lição de Rui Barbosa, que tinha se encontrado com Rui numa livraria e ele tinha se apresentado, dizendo que era estudante de Direito e Rui disse pra ele: “vou lhe dar, então, um conselho. Quando fizer qualquer razão, qualquer defesa, não ocupe mais do que uma folha de papel, porque senão o juiz não lê” então esse meu memorial era bem curtinho para o presidente ler. Chamei Otto Guerra, que era o vice-reitor, e disse que ia pegar o presidente na saída da reunião. Quando ele saísse da reunião dos bispos, quando ele fosse passando pela porta, nós então abordaríamos o Juscelino Kubitschek. Nós estávamos na porta da escola (a reunião era na parte térrea) e, por fora, muita gente curiosa para ver, naturalmente o presidente. Havia uma multidão razoável. E ficamos, eu e Otto, pacientemente, esperando que o presidente Juscelino terminasse lá a solenidade e fosse sair. Terminados os trabalhos, vem Juscelino andando, com os seus passos largos e vigorosos, e, quando ele foi se aproximando da porta, eu o ataquei (risos). Eu quero fazer um parêntese. A Universidade do Rio Grande do Norte não foi feita só de coisa séria, não. Foi feita, também, de chantagens, de fraudes, de troças, de brincadeiras etc.  |
|  | **Voz de Tarcísio Gurgel** – Até onde é possível revelar alguma dessas “chantagens”, dessas “fraudes”, algumas. |
|  | **Voz de Onofre Lopes** – Vou dizer agora mesmo. Dirigi-me ao presidente Juscelino e disse: presidente, eu sou o reitor e aqui o professor Otto Guerra, vice-reitor da Universidade do Rio Grande do Norte. Nós fizemos esta Universidade com intuito de fixar o homem a terra, de aproveitar os nossos valores. É um esforço muito grande dos intelectuais da terra fazer com que se instale uma Universidade. Mas acontece que esta Universidade é estadual. Nós estamos conduzindo com as maiores dificuldades. Nos faltam os elementos humanos essenciais, necessários, de professorado conveniente, categorizado. Nos faltam equipamento, falta espaço, falta prédio, falta tudo. Nós vivemos aqui nessa pobreza e então só temos aqui uma salvação que é federalizar a Universidade. Aqui estamos nós dois (e então eu faço assim um gesto comprometedor, envolvendo toda aquela multidão lá fora) e isso aqui tudo são os professores e alunos (risos), estamos todos aqui apelando a vossa excelência a fim de federalizar a Universidade. Ele então perguntou:– Quantas unidades tem, já do governo federal?– Não tem nenhuma. Nós temos a Faculdade de Farmácia e Odontologia e a Faculdade de Direito, que são do estado. As outras são particulares, são mantidas, aqui, com suor e sangue. Nós vivemos, aqui, com as maiores dificuldades. Então ele se vira para a multidão e diz:– Eu vou atender. (risos)Então eu disse:– Presidente, nós estamos muito felizes com a sua promessa, mas eu quero, desde logo, dizer uma coisa ao presidente. É que eu sou reitor, mas não tenho nenhuma vocação para ser reitor, mas tenho a profunda vocação para ser cobrador. Eu quero que vossa excelência me permita que eu fique cobrando essa sua promessa, aqui.– Pode cobrar.E aí começa o trabalho da federalização. Isto foi feito em maio. Passamos então a fazer um trabalho de novo contato com o presidente, para que ele desse ordem à diretoria do ensino superior, que era o professor Lodi, a fim de que preparasse o processo. Quando foi um dia o professor Lodi disse: “eu recebi uma carta de Juscelino, dizendo que eu preparasse o seu processo”. E começamos a trabalhar, a fazer um levantamento de todas as unidades, de todo o professorado, de toda a biblioteca central e a cada unidade, o espaço, o prédio com todas as suas dependências, medindo coisa por coisa, uma relação de todo o material escolar, de todo equipamento. Isso foi um trabalho muito grande, em que eu tive que convocar muitos voluntários para essa guerra. Eram professores, eram funcionários, e nós trabalhando de noite e de dia. De noite e de dia mesmo. Íamos pela madrugada fazendo o levantamento de toda a Universidade, com todas as suas particularidades. Pode-se avaliar, por exemplo, o hospital e a maternidade, com todas aquelas dependências, dizendo a dimensão de cada uma. Isso com todas as unidades, tudo isto ilustrado com fotografias. Foi um trabalho imenso. Isto preparado, isto feito, feito todo o processo, inclusive a lei criando a Universidade. Esta lei criando a Universidade foi redigida na casa do professor Lodi. Jantei lá com ele e ficamos lá fazendo a lei. E a lei foi esboçada, criando a Universidade. Então o processo foi para a presidência da república, foi para o planalto. Nesta altura, a minha preocupação era aquilo se perder. Ficar por lá e não ter andamento. Há poucos dias, numa casa onde se estava comemorando um aniversário encontrei-me com o tenente Graco Magalhães e ele disse: “doutor Onofre, eu não sei se o senhor se lembra de um episódio. Eu estava com Sylvio Pedroza tratando de um problema de embarque (Sylvio era o orientador de uma organização esportiva) e o senhor chegou lá, e tinha chovido, e o senhor chegou com os pés cheios de lama, todo enlameado, e eu, que não conhecia o senhor, disse: tem uma pessoa aí que quer falar com o senhor e ele respondeu: “eu vou lá falar com ninguém, eu estou aqui tratando disso e tal”. E de volta, quando fui dizer isso ao senhor, o senhor quase chora e eu fiquei com tanta pena que voltei lá e disse a Sylvio: vá atender ao homem, é o reitor da Universidade do Rio Grande do Norte”. Eu fui procurá-lo, para ele, como subchefe da casa civil da presidência da república, localizar o processo. Então, eu disse: Sylvio, é o processo da Universidade do Rio Grande do Norte que foi para o planalto. Eu quero que você fique acompanhando esse processo e quero ter notícia disso. Efetivamente, Sylvio Pedroza foi o portador da mensagem ao congresso, assinado pelo presidente, pedindo a federalização da Universidade. Aí, no congresso, mais precisamente, na câmara dos deputados, houve a tramitação natural por todas aquelas comissões: de constituição e justiça, orçamento, comissão não sei de que e outras coisas mais. O trabalho de acompanhar, de saber quem era o relator de cada uma dessas comissões. Naturalmente encontrando as maiores dificuldades e sem muito boa vontade para isto, até que, coincidentemente, a Universidade de Maceió estava tramitando também no congresso. Então o relator designado foi Djalma Marinho. Então nós conseguimos, não sei bem se foi trabalho de Djalma, para que o relator da Universidade do Rio Grande do Norte fosse um alagoano, porque então iriam trocar os favores. E foi, efetivamente, um alagoano: Carlos Gomes. Então Carlos Gomes deu o parecer favorável e Djalma Marinho, sempre muito vivo, muito inteligente, mas todos sabemos que ele é um pouco descansado nas coisas, ficou retardando o parecer da faculdade de Maceió e aí os homens lá de Alagoas com um desgosto tremendo por causa disso: “É, mas o do Rio Grande do Norte já foi. Em um instante conseguimos isto. Ele está demorando”. Mas, afinal, Djalma fez o parecer e as coisas correram satisfatoriamente.Depois que saiu da câmara dos deputados foi para o senado. O processo de federalização da Universidade do Rio Grande do Norte levava consigo um apêndice, que era a criação da Universidade de Santa Catarina. Quer dizer, o esforço, o trabalho que nós fazíamos para que o processo andasse, estava beneficiando a Universidade que ia ser criada em Santa Catarina. Agora, levar em conta que nós estávamos no fim de 1960, estava no fim do governo Juscelino Kubitschek e quem ia assumir era Jânio Quadros. E todo o mundo se preocupava com Jânio Quadros, com aquela linguagem dele, com aquelas ameaças, com aquela posição de ser contra e contra tudo. Isto nos preocupava muito. Então deduzimos: se isto não passar agora e chegar no governo Jânio Quadros, as dificuldades virão ou, então, a impossibilidade, a falência do nosso projeto de federalização. Pois bem! Afinal, já na penúltima sessão do congresso, do senado, encontrando as maiores dificuldades, mas as coisas indo, quando foi numa sessão da tarde, do dia 18, que seria a última, o processo não entrou. Então eu falei com Dix-Huit Rosado, que era meu hospedeiro e senador. Então ele me pegou por uma asa e fomos ao presidente do senado, que era o senador Auro de Moura Andrade. Então Dix-Huit disse:– Presidente! Eu queria um favor seu. É que o senhor colocasse, hoje, na sessão da noite, o processo da Universidade do Rio Grande do Norte. As comissões ainda não apreciaram.– Então vá a cada comissão para eles darem o parecer em cima da perna, que à noite eu chamo o processo. Quando fui, à noite, para a sessão, assistir ao nascimento da Universidade Federal, então um professor, o professor Nicolau, da Faculdade de Ciências Econômicas de Santa Catarina que, vez por outra, aparecia por lá para ver o processo como ia, me disse numa voz cantante: “ah, eu estou com muito desgosto. É que o senador Calazans vai pedir vista dos processos de federalização e com isto está tudo perdido. “Eu fiquei tão chocado, fiquei tão nervoso, que fiquei trêmulo, vendo que estava escapando, já no fim da jornada, a possibilidade de federalizar a Universidade. E eu fiquei sem saber o que devia fazer. Os senadores chegando, já tomando posição etc. Esse senador Calazans era um padre de São Paulo. Eu então fiquei de executar um plano. Eu fui para a porta do plenário esperar que o padre chegasse. O plano consistia do seguinte: fazer um sequestro do senador Calazans. Como se vê, sou até um precursor dos sequestradores (risos). Fiquei na porta do plenário esperando que o senador fosse chegando. Eu o abordaria: padre, eu sou católico e estou com uma pessoa em casa passando mal, agonizante, que está pedindo uma confissão urgente. E então foi indicado o senhor e eu vim buscá-lo. Espero que o senhor vá agora mesmo comigo. Então o plano seria eu levar o padre até tomar um táxi, se ele não me conduzisse no seu próprio carro e, quando chegasse a certa altura, eu diria: padre, o senhor é padre e tem por obrigação perdoar. Eu estou cometendo um crime, na esperança do senhor me compreender.  |
| 02'00'44" a 02'15'10" | Ora, o Nordeste, o Rio Grande do Norte, especialmente, é uma região profundamente pobre. Nós vivemos lutando, vivemos numa permanente tensão, tensão de manutenção da própria vida e estamos, lá, preocupados em ter uma Universidade com a finalidade de evitar o êxodo dos nossos valores, que vão para os grandes centros, que vão para o Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, e nós perdemos aqueles elementos jovens que, efetivamente, poderiam representar o centro pensante da região. Pois bem! a modalidade, a forma insubstituível de conseguirmos esse objetivo, é termos uma Universidade. A Universidade foi feita pelo estado, entretanto o estado é também um indigente, não pode manter a Universidade. A nossa única salvação é federalizá-la. Já tramitou os caminhos mais sérios, mais difíceis e nós temos lutado heroicamente, podemos dizer assim e, agora, quando chega nesta noite, que nós esperamos a decisão final da federalização no senado, então acabo de saber que o senhor ia pedir vistas do processo. Eu peço que o senhor me perdoe, como sacerdote deve perdoar a um pecador, mas eu quero que o senhor me compreenda e deixe a votação passar por lá, para então o senhor chegar e evitar que tamanha decepção passe para mim e para todos os norte-rio-grandenses. Eu estava nisso, e era um olho no caminho para ver se o padre chegava e um olho lá na mesa dos trabalhos do senado, acompanhando a votação dos processos, quando o presidente gritou: processo número tal, que eu sabia todo decorado, e sem que tivesse nenhum senador tempo de ouvir o que ele estava dizendo, disse aprovado. Encerrava-se, assim, o meu futuro drama com esse episódio do sequestro do senador padre Calazans. Mas, logo em seguida, fomos a um restaurante que existia lá em Brasília de um rapaz aqui do Rio Grande do Norte, chamado Benedito, que no tempo da guerra era garçom de Theodorico Bezerra. Então ele chegou a Brasília, fez um restaurante muito bem instalado, telado, não entrava mosca, com um atendimento de primeira ordem, eu fui entrando e estava o senador Dinarte Mariz com o senador Calazans, numa mesa. Eu me cheguei a eles e, então, o senhor Dinarte me chamou e eu disse: “senador Calazans, eu vou lhe contar e contei todo o episódio e as minhas intenções. Ele deu uma bela gargalhada e disse: “isso nunca me passou pela cabeça”. Tinha sido apenas um boato. E, nesta mesma noite, o congresso, ou então o senado, à última palavra federalizava a Universidade do Rio Grande do Norte. Foi uma alegria tão grande, que eu não senti. Porque eu vinha experimentando naturalmente, aquela sensação de muito tempo no correr das dificuldades, dos caminhos ásperos, pedregosos, que vinha passando para vencer. E quando a batalha foi vencida, francamente, não tive aquela profunda alegria que pensei que deveria ter. Tanto assim, que Dix-Huit Rosado, velho amigo, muito íntimo, vendo a minha luta, dizia:– Onofre, no dia em que esta Universidade for federalizada, você vai assumir um compromisso comigo. Nós vamos tomar um porre.– Eu adiro. Nunca tomei, mas vou aderir a esse porre.Quando terminou, Dix-Huit disse:– E agora, como é? Vamos para o nosso porre?– Aquilo que eu te prometi não posso cumprir. Vou dormir que eu estou morto de cansado. E, assim, a Universidade foi federalizada e abertas portas largas para que ela crescesse, desenvolvesse. Uma Universidade criada pelo estado, contando com aquelas unidades, vivendo e convivendo com a pobreza, com as maiores dificuldades. Então passamos a pensar o que nós deveríamos fazer para alargar a Universidade, para que ela se tornasse, efetivamente, uma presença viva, atuante na nossa vida social, econômica e política. Pois bem! Isto feito, vinha a preocupação: aquilo que era necessário seguir-se à federalização. Quer dizer, a nomeação dos professores era a primeira coisa e eu queria, justamente, aproveitar o presidente Juscelino para fazer as nomeações. Nomeações interinas, mas era preciso que se fizesse, para que a Universidade pudesse, afinal, armar o seu dispositivo de voo.A federalização deu-se no fim de 1960 e só tínhamos um mês, porque no dia 31 de Janeiro do ano seguinte, 1961, Jânio Quadros iria assumir. E, como tive oportunidade de dizer, tínhamos uma profunda preocupação com as atitudes de Jânio, sobretudo aquela história de varrer, de vassoura; nós tínhamos preocupação se aquela vassoura ia pegar o que era justo e injusto. Ainda há pouco estávamos aqui falando de certas pessoas importantes que são obrigadas a viajar duas, três, quatro vezes por semana e há indivíduos importantes que são obrigados a viajar todos os dias. Eu não era importante, mas, neste mês de Janeiro, eu tive que fazer tantas viagens a Brasília, ao Rio, porque Brasília estava começando e não estava, ainda, com todos os serviços e uma parte da burocracia era feita no Rio de Janeiro e outra parte em Brasília. Então, tínhamos que estar em Brasília, Rio, em Natal, num permanente trabalho, visando a atender aquilo que era indispensável fazer dentro daquele tempo. Lendo, outro dia, um jornal universitário que saiu justamente no dia em que deixei a direção da Universidade, vi, lá, uma crônica interessante, referindo-se a um fato que tinha acontecido, dizendo que tinha sido no mês de junho. Mas não foi no mês de junho, foi em Janeiro, na correria em que eu me encontrava. Estava chovendo em Brasília. Não havia condução. Não havia táxi. Não havia ônibus e as coisas eram todas difíceis. A Universidade do Rio Grande do Norte estava se federalizando, mas isto não era muito do gosto das outras Universidades Federais, das Universidades que tinham o seu nome, tinham sua projeção, que tinham sua posição no meio educacional do país. Eu estava no Ministério da Educação, precisando ir ao Rio de Janeiro levar os processos para fazer umas correções, para então o presidente Juscelino assinar. Pois bem! Não havia condução. Havia uma rural que estava a serviço dos funcionários do ministério e, nesta oportunidade, estava a serviço de um reitor de certa Universidade. Então eu disse que queria ir ao aeroporto junto com ele e disse: Mas sou obrigado ir ao planalto buscar lá uns processos. Ele disse: “Venha até hora tal, porque senão eu não espero. Eu vou embora”. Eu não podia ser orgulhoso, tinha que me submeter àquilo. Corri ao planalto, recebi os processos, 113 processos, que eram o número de professores que iriam ser nomeados. Era, efetivamente, um volume considerável. Estava chovendo, ventando bastante, e eu asmático. Estava com uma crise de asma. Do planalto para o ministério, certa distância. E eu saí com aquele volume, de um braço passava para o outro e para o outro mais; cansava, e a respiração cansada também. Até que olhando para uma parte, olhando para outra, olhando em torno de mim era sempre o deserto, vi que uma das providências melhores era carregar aquilo na cabeça. E pus os processos na cabeça, com um guarda-chuva protegendo. Mas aconteceu o seguinte: o cordão que amarrava os processos quebrou-se. Os processos caíram e o vento encarregou-se de espalhar tudo quanto era de processo. Era uma luta tremenda atrás desses processos. Era uma revoada de processos. Até que uma pessoa chegou e me ajudou a juntá-los. Isso foi reconstituído e, quando cheguei lá no ministério, ainda tive que esperar pelo reitor da Universidade que ia me fazer um favor forçado. Afinal de contas eu conduzi os processos assim para o Rio de Janeiro, visando a criar condições para que fosse assinado pelo presidente Juscelino, que terminou não assinando. Não houve tempo de assinar. Não houve durante esse mês. No dia 31 de Janeiro, Jânio Quadros assume o governo e eu fiquei profundamente preocupado. Mas eu estava contando com uns amigos dentro do planalto. Um pessoal, sobretudo, do estado do Espírito Santo, que era lá do gabinete do presidente. E, por intermédio deles, eu deixei os processos para o presidente assinar as nomeações dos professores. E me encontrava hospedado no então hotel Serrador, quando, à noite, recebi um telefonema do planalto informando que o presidente Jânio Quadros havia acabado de assinar a nomeação de todos os professores. Logo em seguida, então, houve a posse desses professores no mês seguinte, em abril, aqui na escola doméstica, com a presença do professor Jurandir Lodi, que deu posse a todos. No dia seguinte, dia 5, a eleição da lista tríplice para reitor. Esta lista tríplice foi constituída de Onofre Lopes, José Cavalcanti Melo e Otto de Brito Guerra. Foi nomeado o primeiro deles. Com isto, então, passamos a fazer o plano de desenvolvimento da Universidade, contando, agora, já com outro recurso, com outra capacidade de luta, e foi por isto que durante esses 12 anos, 3 meses e 15 dias, que estivemos na Universidade, conseguimos ampliar os edifícios que aí existem. Conseguimos construir muitos outros, fazendo essa galáxia que é hoje a Universidade. |
| 02’15’08” a 02’16’40” | **Alvamar** – É neste ponto aí que acho importantíssimo ter o seu depoimento por trás dos documentos. A Universidade federal do Rio Grande do Norte não se constituiu um campus. Sei que tinha sua argumentação a respeito e a gente observa que o campus, muito embora siga exemplos de universidades americanas, mas a gente sente que no nosso caso, ao invés de congregar, dissociou. O campus foi constituído de tal forma que fugiu às suas finalidades, às suas metas universitárias. Eu gostaria de conhecer o seu ponto de vista a respeito. |
| 02’14’41” a 02’23’27” | **Voz de Onofre Lopes** – Efetivamente está escrito o que foi feito até o tempo da minha gestão em relatórios, em “Os dez anos da Universidade”, um livro que foi escrito neste sentido e “Os doze anos da Universidade”. Isto, portanto, está registrado, não convém, naturalmente, estar repisando numa coisa que pode ser vista, que pode ser analisada. Como você me disse, Alvamar, o que está interessando mais é aquilo que está mais ou menos, vamos dizer, à margem dos acontecimentos públicos da Universidade. Bem, quando a Universidade foi federalizada eu contava com cinco unidades: Faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia (que até então eram uma só), Escola de Engenharia e Medicina. A Faculdade de Medicina era uma entidade particular, mantida pela sociedade de assistência hospitalar e as outras unidades, mantidas pelo estado. Pois bem! Cinco unidades. E, ao deixar o reitorado, em maio de 1971, deixei com 18 unidades. Cada uma tendo a sua instalação, cada uma tendo o seu prédio. A começar, por exemplo, pela reitoria, onde foi concentrada toda a administração. Foi alargado o prédio adquirido inicialmente e foram construídos dois pavilhões, aí instalando toda a administração, inclusive serviço de radiocomunicação, a imprensa universitária, departamento de educação e cultura, planejamento e obras, serviço de pessoal, serviço de material, contabilidade, tesouraria, vice reitoria, conselho universitário, etc. A Faculdade de Direito funcionava então no antigo grupo Augusto Severo, na Ribeira. Foi ampliado, foi feito um pavilhão com cerca de 400 metros quadrados, destinado a salas de aula e a biblioteca. Sabíamos que aquilo não era bastante, então fizemos todo o esforço para adquirir esse prédio onde nós nos encontramos agora, prédio da antiga escola técnica federal. Entramos em entendimento com o Instituto Nacional do Livro e as coisas marcharam de modo tal, que foi cedido à Universidade do Rio Grande do Norte este prédio onde hoje está funcionando a TV Universitária e outros órgãos da Universidade. Foram tomadas providências para que este prédio passasse a pertencer à Universidade que, efetivamente, está pertencendo. Na Faculdade de Direito tivemos outra coisa importante que foi a continuação daquele espírito extensionista da Universidade, que foi criar o departamento de prática jurídica e assistência social, por iniciativa, por sugestão da sua direção e do seu professorado. A Faculdade de Medicina não tinha prédio, a não ser o hospital e a maternidade, que foram ampliados. Foi feito depois o prédio para funcionamento das cadeiras básicas, ocupando uma grande área. Só a área construída é mais de cinco mil metros quadrados. O hospital foi muito ampliado: serviços de oftalmologia com boxes especiais; serviço de otorrino, com instalações especiais, com a parte de cirurgia dessas especialidades também. Foi ampliado o bloco cirúrgico que era apenas uma sala cirúrgica: ficaram quatro salas cirúrgicas. Foi modificado profundamente o pavilhão dos pensionistas, fazendo-se duas seções com apartamentos mais ou menos confortáveis. Foi feito um pavilhão somente para radiologia. É que nós tínhamos ido à Alemanha Oriental, numa delegação do Ministério da Educação, para fazer um convênio com a República Federal Alemã, em que nós conseguimos uma boa quantidade de materiais. Aqui, a Universidade ficou com uma centena de microscópios, quatro aparelhos de raios-x para radiodiagnóstico e radioterapia, com instalação muito cara, muito rica, além de, também, uma unidade coronária, que era a primeira que se fundava aqui no estado. Porque a unidade coronária era de muita importância para os acidentes circulatórios, para os enfartos, etc., para acompanhar a evolução das perturbações cardíacas. Então nós instalamos aí esses serviços. Tivemos, também, que ampliar enfermarias, preparar a rede de esgotos, a rede d’água, ampliar a cozinha, criar uma lavanderia, afinal de contas, adaptando para receber o maior número de estudantes e dar a maior eficiência. E, assim, com todas as unidades: a Escola de Engenharia, a Faculdade de Farmácia, de Odontologia, os Institutos de Ciências Humanas, de Artes e Letras, a Faculdade de Educação, tudo isto. |
| 02’23’38” a 02’23’42” | **Alvamar** – Mas não havia inicialmente a preocupação da organização do campus? |
| 02’23’44” a 02’31’21” | **Voz de Onofre Lopes**– Houve, naquele tempo, uma febre para criação de “campi” universitários. Havia um professor, professor de Aticon, dos Estados Unidos, que era um técnico na organização de Universidades. Ele tinha vindo das universidades alemães. Tinha feito lá um trabalho de reestruturação das universidades e foi contratado para estudar o problema universitário Brasileiro. Então, o que ele estava pregando era justamente a criação dos “campi universitários”. Quero dizer que a grande totalidade das Universidades, inclusive o ministério todo, estava de acordo com a criação dos “campi” universitários. Eu, entretanto, me coloquei numa posição frontalmente contrária, achando que era uma providência errônea, porque no momento em que nós estávamos lutando, em que nós estávamos trabalhando para evitar justamente aquela argumentação feita especialmente por certa ideologia, pelo esquerdismo, sobretudo de que o homem no Brasil, uma grande parte, a grande maioria era explorada por uma minoria. Eram uns privilegiados diante daqueles que estavam passando pelas maiores dificuldades de vida. E então se alegava que as Universidades eram compostas de professores, de alunos, de funcionários que eram privilegiados, enquanto o resto da população vivia na sua vida modesta, na sua vida de dificuldades. Este era o argumento que eu tinha para ser contrário. Que nós devíamos era fazer com que a Universidade se inserisse diretamente nas comunidades, para sentir os problemas e viver com esses problemas, bem como a comunidade devia tomar conhecimento do que era uma Universidade, crescer com ela solidariamente, de modo que universidade e a comunidade passassem a ser elementos solidários, conhecendo uns aos outros e que houvesse uma verdadeira integração, para que eles pudessem conjuntamente crescer, para terem o destino vitorioso ou não vitorioso, contanto que fossem unidades que se completassem.Eu era contrário, também, porque já havia umas experiências. É que em Pernambuco tinham iniciado o campus universitário que não funcionavam. Tinham feito lá um hospital errado, alguns pavilhões que não funcionavam e que não tinha caráter nenhum de um campus universitário. Porque eu dizia: para haver um campus universitário é preciso que haja uma estrutura ampla, capaz de atender a todas as solicitações, todas as exigências de uma comunidade. Deve ter residência para professores, residência para funcionários, residência para alunos e que tenha vida própria, com luz, com esgoto, com transporte, tudo enfim com uma infraestrutura capaz de dar funcionamento àquela comunidade. Mas eu via o seguinte: aquelas universidades que tinham iniciado não tinham coisa nenhuma. Eu sabia que em Pernambuco, por exemplo, quando chegava o tempo de chuva, os professores, funcionários e alunos, para chegarem a alguns pavilhões que estavam funcionando, entravam de calças arregaçadas para vencer a água acumulada lá naquelas escolas. Por isso eu era contrário a essa fundação dos “campi” universitários. Mas me permitam um pouco de prolixidade. Apesar disto, eu me examinava, eu fazia uma autocrítica: se todo mundo está aceitando essa ideia – o ministério na sua globalidade e as universidades – e eu sou o único contra, logo devo estar errado. Mas logo depois eu recebia de Paris um recorte de jornal que ainda hoje não sei quem mandou, fazendo uma apreciação sobre os “campi” universitários, dizendo que eles tinham nascido nos Estados Unidos e havia algumas experiências lá na Europa, mas estava havendo uma coisa espantosa: é que estava havendo um completo desapontamento e decepção com os “campi” universitários. E aquilo, naturalmente, me deu um pouco de satisfação de saber o que tinha acontecido. Mas, ainda assim, eu me preocupei de mais tarde, no futuro, mesmo quando estivesse lá no meu túmulo, alguém me acusasse de não ter dado os passos necessários para o futuro campus universitário. Então, eu tinha comprado um terreno onde foi construída a Escola de Engenharia, passei a dar uns passos no sentido de adquirir mais terrenos adjacentes, para que quem me substituísse tratasse do campus universitário. Constituí uma comissão, um grupo de trabalho para estudar a instalação do futuro campus universitário. E então essas providências iniciais foram tomadas, no sentido de adquirir o terreno que, hoje, efetivamente, está em poder da Universidade. Mas quero dizer que não dei passo definitivo nenhum para a criação do campus universitário porque era, naquele tempo, contrário e, hoje, estou mais contrário ainda. Eu acho que a Universidade deve estar inserida diretamente na comunidade. A comunidade sentindo a Universidade, a Universidade sentindo a comunidade, formando um corpo solidário, uma comunidade solidária, para que todos cresçam juntos ou todos pereçam juntos.  |
| 02’31’22” a 02’31’47” | **Carlos Lyra** – Gostaríamos de ter o seu depoimento sobre um momento muito importante da sua administração e da história da Universidade Brasileira, que é a implantação da extensão universitária: o programa Crutac que hoje o Brasil exporta para a África. |
| 02’31’48” a 02’50’21” | **Voz de Onofre Lopes** – O assunto me é profundamente agradável tratar. É que a Universidade nasceu com o signo da grandeza, visado a se estender, ampliar. Mas isto, sobretudo, inserido na comunidade. Parece que aquela divisa “accipit ut det” – recebe para dar – tinha que ser dada uma satisfação, tinha que ser dada uma justificativa que era, justamente, a Universidade que era mantida pelo povo, mantida pelos impostos, pelas taxas, de receber os seus conhecimentos e passar os seus conhecimentos para a sua comunidade. E não somente os conhecimentos mas também fazer a prestação de serviços. E isto se iniciou logo no começo da Universidade. A criação do projeto, que foi uma ideia do professor Asimov, da Califórnia, que era justamente a criação de indústrias no interior, nas áreas rurais, visando ao aproveitamento das matérias-primas que existiam no interior e que estão desaproveitadas. Então, naquele tempo, fiz com que a Utah University fizesse um convênio para que houvesse um intercâmbio entre as duas Universidades. Mandamos, efetivamente, um bom número dos nossos professores e alunos para a Universidade de Utah e Utah mandou outros tantos para cá. E, então, instalamos em Mossoró um grupo de trabalho para estudar lá as matérias primas locais que podiam sofrer o processo de transformação industrial. Efetivamente, naquela área de Mossoró e Açu, foram criadas indústrias de cerâmica, sapato, etc. Pois bem! Logo depois fizemos uma outra ideia, que não foi, vamos dizer, uma geração espontânea, não veio como uma explosão, uma explosão sem motivo especial. Eu me encontrava na reitoria, quando chegou uma senhora de Santa Cruz, me pedindo para fazer funcionar a maternidade de lá, que estava fechada há seis anos, porque não tinha médico. Respondi-lhe que isto não era possível. Tratava-se de uma instituição do interior do Estado, nós tínhamos aqui na sede da Universidade uma maternidade, um hospital, campo bastante para a prática dos estudantes e que, portanto, não tínhamos condições de fazer funcionar uma maternidade no interior do estado. Não era da nossa obrigação. Não era dos nossos projetos. Não era uma missão da Universidade. A moça ficou muito triste, muito decepcionada, e vi que ela queria chorar. Mas naquele tempo – e ainda sou hoje, quem sabe! – era muito sensível à lágrima de uma mulher (risos). Então eu disse, para consolá-la, que iria estudar o problema e ela saiu com uma certa esperança. E eu efetivamente, naquele tempo, já sofria dessa doença terrível que se chama velhice, que tira o sono do indivíduo. Então comecei a pensar que os estudantes da última série, os doutorandos de Medicina poderiam fazer um estágio naquela maternidade, supervisionado pelo corpo docente. Assim como os estudantes faziam o estágio na maternidade, poderiam fazê-lo no interior, acompanhados de um assistente, de um auxiliar de ensino, ou até mesmo pelo titular. E fiquei pensando que isto seria viável. Mas aí fiquei pensando, também, que no interior o problema não é somente de mulher que vai ter criança. Há crianças abandonadas e há, também, os adultos que precisam. E fiquei pensando: mas o problema não é só de saúde, não é somente de clínica médica, não é somente de meninos que estão precisando receber uma medicação para uma verminose; não é somente conselhos de puericultura, é preciso uma coisa maior. É o problema, inclusive, de odontologia. Aquela gente de dentes estragados que é, muitas vezes, o ponto de partida para outros estados patológicos. Aí fiquei pensando, também, que o problema não era somente de saúde. Aquela gente, também, não tinha educação cívica, não tinha educação sanitária, não tinha orientação para alfabetização bem segura, que o trabalho era rotiNeiro, que o trabalho não dava rendimento para a manutenção da sua própria casa, para as necessidades mais elementares; não tinha dinheiro para a compra de roupas e sapatos para o menino ir à escola, e isto condicionaria, naturalmente, o aumento do analfabetismo. Também aquelas cidades do interior, aquelas povoações cresciam desordenadamente. E se aquelas comunidades passassem a ter uma assistência da escola de engenharia, haveria um crescimento já planejado, já convenientemente orientado. Então eu fiquei pensando: é a Universidade toda. E por que não é a Universidade toda? Por que todos os estudantes não podem fazer estágio de Medicina, de farmácia, de odontologia, de serviço social, de educação, de todas as unidades que fazem a Universidade? Por que não se pode fazer uma equipe de estudantes, convenientemente supervisionados pelo corpo docente para prestação de serviços e para educar o povo? Por que não se pode fazer isto? Então, daí nasceu a ideia de transportar a Universidade com os seus conhecimentos, com a sua prestação de serviços para o interior. Nesta altura, isto foi em 1965, eu viajei aos Estados Unidos, a convite do governo americano, e tive oportunidade de visitar, lá, alguns serviços e de falar sobre o plano que estava em gestação. Recebi um estímulo muito grande das universidades americanas. Eles tinham alguns serviços, não com aquelas características que eu estava falando, mas tinham, por exemplo, cursos noturnos para cegos, para gente que não tinha preparo básico para entrar na Universidade, qualificando aquela gente para que tivesse uma capacitação técnica bastante para exercer uma profissão capaz de manter a sua própria vida.Voltei dos estados unidos com mais entusiasmo pela ideia. CoMECei, então, a estudar com um grupo de trabalho, composto dos diretores representantes de congregações, representantes dos diretórios acadêmicos. Fizemos diversas reuniões e os planos foram traçados. Quando foi em agosto do ano seguinte (1966), em santa cruz, nós inauguramos o programa Crutac (Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária). O programa nasceu com a ideia de fazer com que os estudantes da Universidade tomassem conhecimento da realidade interiorana, da situação do homem, da sua situação de ignorância, da sua dificuldade de saúde, da sua rudimentariedade de trabalho, para que eles se sensibilizassem e pudessem, eles mesmos, estudar as soluções de vida. Era uma sensibilização, repito, por aquelas condições reais do interior. E ele, então, ser solicitado por si próprio a dar as suas próprias soluções, em reuniões que faríamos, sugestões que os próprios estudantes e professores podiam dar para que o trabalho se fizesse com as melhores resultantes possíveis. Então, foi armado o dispositivo em torno de Santa Cruz e mais onze municípios. Santa Cruz sendo, justamente, centro, sede, preparada para o exercício pleno da medicina, da odontologia, da farmácia, com serviços de pronto-socorro, de puericultura, de ambulatório, de internação para os casos mais urgentes, com serviço ambulatorial para odontologia. Para a Faculdade de Farmácia caberia a tarefa de fazer os exames de laboratório.Estava montado um sistema para o atendimento do homem quanto a sua parte de saúde, incluindo aí um sistema intensivo, permanente, de educação sanitária através de educadoras sanitárias. Mas, enquanto isto, aí, na própria maternidade, instalamos escritórios de assistência jurídica, de educação sanitária, de serviço social, de engenharia. Toda a Universidade contando com dependências, visando a dar um atendimento, dar uma assistência a toda a comunidade e assim, ela passasse a sentir os efeitos da Universidade, até pela sua presença, a presença dos moços com seus hábitos, seus costumes, com o seu linguajar, com a sua atitude, ser educativa para aquele povo. Isto tudo ajudado com conferências, miniconferências, dos médicos, dos bacharéis em direito, com todos, enfim, sobre as suas diversas especialidades, fazendo com que aquela população aumentasse a sua condição humana, o seu teor humano, elevar a um nível mais alto de dignidade humana, para que tivesse, afinal, uma vida diferente. Não sei se eu estava empolgado pelo idealismo, pelos objetivos da ideia, mas o fato é que comecei a sentir que estava havendo uma diferença profunda, não somente em Santa Cruz, mas na área dos doze municípios que recebiam, também, a ação educativa, a prestação de trabalho de toda a Universidade.O Crutac começou a ser visitado por autoridades universitárias, educacionais, educadores e começou a tomar vulto. As universidades brasileiras começaram a tomar conhecimento. O ministério da educação, sobretudo com Tarso Dutra e depois com Jarbas Passarinho, que foi um entusiasta fabuloso do programa, o Crutac deixou as áreas do Rio Grande do Norte para, então, penetrar em todo o Brasil. O Crutac foi, então, adotado com essa mesma filosofia, com essa mesma orientação, com esse propósito de elevar o teor humano das populações interioranas em diversas universidades Brasileiras. E, quando eu tive que deixar a Universidade, em 21 de maio de 1971 deixei 22 universidades com o programa Crutac em funcionamento. Logo depois estou sabendo que o programa está sendo cogitado para ser adotado em diversos países da américa do sul e, inclusive, na África. Quero dizer que o programa sensibilizou muitas áreas. A câmara dos deputados me convidou para fazer, lá, uma exposição sobre o programa e lá fiz a exposição e fui aplaudido e muito comentado, achando que era efetivamente um programa de primeira ordem, de primeira natureza para as necessidades do Brasil. O senado federal também me convidou. E na sua comissão de educação e cultura eu fiz uma longa exposição a respeito. A escola superior de guerra também me convidou e eu fiz uma exposição. O programa está assim difundido do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Já hoje tenho conhecimento de que são 39 universidades brasileiras que estão adotando o programa Crutac. Tive que examinar em todas as universidades que adotaram o programa como estavam funcionando, na condição de coordenador nacional do programa Crutac (nomeado pelo ministro Jarbas Passarinho). Nesta altura verifiquei que havia muitas distorções. Um programa com o nome Crutac, muitas vezes era apenas uma unidade que funcionava. Por exemplo, era só Medicina. Noutro, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, encontrei somente a parte de pecuária, e eu disse: “Olhe, isso é tudo, menos Crutac. Crutac não é isso. Crutac é a Universidade na sua globalidade: todos os seus cursos funcionando, de modo a fazer com que os seus serviços, os conhecimentos passem para a comunidade e que haja uma promoção global da condição humana”. Ninguém vai promover o homem somente tratando isoladamente de saúde ou tratando de um aperfeiçoamento profissional. Não é somente isso. É todo esse conjunto de coisas. Então o programa tomou esse rumo e hoje é efetivamente, se reconhece que o programa Crutac, como diz o professor Paulo Natanael de Santos, São Paulo, que o Crutac foi uma grande explosão que determinou a extensão universitária do Brasil.  |
| 02’50’22” a 02’51’46” | **Voz de Tarcísio** - Pois muito bem. Um homem em linha reta, se me permite a paráfrase com o título de um livro muito conhecido sobre a figura de Tavares de Lira, um Brasileiro Feliz parafraseado também, a título de um livro, então reitor em uma dessas coincidências, sucessor do professor Onofre Lopes, o magnifico reitor Diógenes da Cunha Lima. Um homem que não quis fazer de toda essa sua intensa atividade no plano educacional do Rio Grande do Norte e no plano da assistência médica do Rio Grande do Norte, um patamar para galgar em missões políticas, um homem que sequer comemorou uma luta que só ele seria capaz de vencer, qual fosse a federalização da Universidade federal do Rio Grande do Norte. Um homem que na altura de sua existência já devidamente aquinhoado com a possibilidade ampla de descansar e apenas refletir sobre o seu passado riquíssimo, não contente com isso, aceita em ser presidente da Academia Norte-rio-grandense de letras. Professor Onofre Lopes, o senhor acredite que foi uma honra muito grande para a televisão universitária canal 5, colher os seus depoimentos ao longo desses programas. Muito boa noite, obrigado, até uma próxima oportunidade.  |
| 02’51’47” a 02’52’20” | **Vinheta de encerramento** |

## ANEXO D

## Transcrição do Programa Memória Viva – Genário Fonseca

|  |  |
| --- | --- |
| **Tempo** | Programa Memória Viva – entrevista com Genário Fonseca |
| 00’05” a 00’06” | Silêncio e imagens pretas |
| 00’07” a 00’18” | Silêncio e placa - Memória Viva – Genário Fonseca para 03,04,2005 tempo = 58’50” |
| 00’20” a 00’27” | Memória Viva, apoio cultural sistema fiern |
| 00’28” a 00’47” | Vinheta de abertura |
| 00’48” a 01’32” | **Voz de Tarcísio Gurgel:** Olá, a TV Universitária retoma a série Memória Viva, apresentando hoje, uma entrevista em seus estúdios com um cidadão que é natural de Salvador, Bahia, tem oitenta e um anos, pura vitalidade, é farmacêutico, administrador e ex-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nós estamos falando de Genário Alves Fonseca, exatamente a pessoa responsável pela vinda da Universidade da cidade alta, para o campus aqui em Lagoa Nova. |
| 01’33” a 01’52” | **Voz de Tarcísio:** Para entrevista-lo nessa noite, seus grandes amigos, o professor Zaqueus Luís Santos, que é doutor em química e o professor Carlos Jussier Trindade Santos que é advogado e também um ex-auxiliar do reitorado do doutor Genário Alves Fonseca. |
| 01’53” a 02’21” | **Voz de Tarcísio:** Professor Genário, muito prazer em recebê-lo aqui na TV Universitária e neste programa Memória Viva, e é, sabendo que o senhor provém de Salvador na Bahia, que eu gostaria que começássemos obviamente pelo começo e que o senhor rememorasse para a gente a sua primeira fase, de Salvador para Natal e dos primeiros contatos com essa cidade que passou a ser a sua cidade. |
| 02’22” a 04’49” | **Voz Genário:** Eu vim de Salvador para cá, logo fui servir ao gabinete de reitor Onofre Lopes, o primeiro reitor e fundador da Universidade e podemos dizer que tudo que nós temos aqui hoje, devemos em princípio a Onofre Lopes, a Otto Guerra, a uma teia de homens que ajudaram muito, Albimar Furtado, olha é uma história muito bonita, e mais eu gostaria de falar que nós ficarmos dentro da informalidade, contar a história da fundação da TV Universitária que chega através de canos para Onofre e disse que queria doar uma Universidade, que queria doar uma TV para a Universidade e Onofre ficou desarmado e chamar que eu era o seu auxiliar direto e eles disseram que vinha um navio, cheio de material, que já vinha pronto era só chegar e instalar. Então devemos muito aqui e até eu sinto que não esteja presente, mas eu acho, até que faltou de vir, e depois que ele seja ouvido, Adaulfo Mota que era cunhado de Fernando Mendonça, presidente do INPE que muito ajudou também na fundação da TV Universitária. E eis que chega o material, era um bocado de canos velhos, fios velhos, coisas completamente imprestáveis, tudo sucata. Onofre ficou perplexo e disse Genário o que é que nós vamos fazer? Localizar, nós tínhamos pedido um avião da Vasp para transportar aquilo, aí chamamos Adaulfo. Adaulfo como é que nós vamos sair dessa? Desculpa-nos não termos vindo a Universidade, desculpa rapaz, mas isso é barato. Me lembro na época trezentos mil, você arranja uma verba de trezentos mil reis naquele tempo e nós montamos, e Onofre, será possível? É! Vamos confiar em Natal é uma cria de Fernando Mendonça e Fernando ajudou muito naquele tempo e nós compramos a TV Universitária, que hoje você é uma figura de proa dela e a história começa exatamente aí. |
| 04’50” | **Voz de Carlos:** Mas que tipo isso é em que ano? |
| 04’51” a 04’54” | **Voz de Genário:** Isso foi entre setenta e um e setenta e cinco.  |
| 04’55” a 04’56” | **Voz de Tarcísio:** É exatamente desse período. |
| 04’57” a 05’01” | **Voz de Genário:** Que é do período que justamente que eu vim da cidade que eu estava com Onofre. |
| 05’02” a 05’29” | **Voz de Tarcísio:** Permita que eu seja um pouco inconveniente, eu fico curioso, e sendo esse programa, um programa enfim para a memória do estado, eu fico curioso de saber como é que, o senhor tendo nascido em Salvador, chega ao Rio Grande do Norte? A sua infância o senhor a viveu em Salvador ou já veio pra aqui? |
| 05’30” a 05’36” | **Voz de Genário:** Eu era militar e vim para Mossoró para comandar o destacamento. |
| 05’37” a 05’38” | **Voz de Tarcísio:** Então a sua infância o senhor viveu em Salvador?! |
| 05’38” a 06’19” | **Voz de Genário:** Em Salvador, depois vim para Mossoró e de Mossoró eu vim para Natal e me vinculei a Universidade. Essa é a minha história,a minha realização, a minha vinda de Salvador para cá. E em Mossoró, eu militar fiz boas amizades, como Dinarte Mariz e o pessoal todo ficou querendo muito bem e há uns fatos assim interessantes, que podem ser contados, Dinarte que era muito meu amigo e a quem eu devo até vindo parar aqui, me chega querendo decolar um dia já com o pôr do sol. |
| 06’20” | **Voz de Tarcísio:** Se aproximando? |
| 06’21” a 06’29” | **Voz de Genário:** Se aproximando, e eu disse, Dinarte não dá para você ir viajar. Aí os puxa sacos diziam, mas você não pode negar ao governador  |
| 06’30” | **Voz de Carlos:** Que ia ser governador. |
| 06’31” a 07’10” | **Voz de Genário:** É, você não pode negar isso a Dinarte, rapaz. Aí eu disse: não, é a segurança de Dinarte!, é a lei que eu estou querendo preservar a figura do governador. E ele concordou, não viajou e nós ficamos e de noite fomos para o grande hotel, fizemos lá um jantar e conversamos, e somente viajou no dia seguinte. Daí começa o meu elo com a Universidade. Porque em seguida, o próprio Dinarte me chama, você que é um rapaz versátil e corajoso, eu quero que você venha a ser professor da Universidade. |
| 07’11” a 07’35” | **Voz de Tarcísio:** Pois é, mas tinha um episódio interessantíssimo aí que, que outro grande amigo seu, no programa do qual aliás, o senhor participou na condição de entrevistador, revelou que é a sua opção, por uma carreira universitária por se graduar, por se estudar, coisa que normalmente os militares do seu período não ficavam tão preocupados. |
| 07’36” a 09’18” | **Voz de Genário:** Exatamente e forçado pelo sogro, Jussiê Carlos borges, grande professor e queria que eu estudasse e eu ia e estudava a união cacheral, antiga e velha união cacheral. E de lá, fiz carreira universitária, vim depois para a faculdade de farmácia aqui, que eu ajudei a criar no tempo de Onofre, porque há uns fatos interessantes, que é bom esse programa do Memória Viva que faz a gente recordar uma coisa. José Tavares, que sempre foi um velho competente, queria que se fizesse um soro fisiológico, aqui. Porque era um absurdo comprar soro fisiológico de laboratório, que se exploravam com a coisa demais. E Onofre disse, vamos fazer, chamar Genário, para Genário fazer soro fisiológico e José Tavares dizia que queria soro fisiológico. E eu sempre curioso estudei e fizemos o soro para José Tavares, para a Universidade e José Tavares ficou entusiasmado e foi a Onofre e disse, nós temos que aproveitar este rapaz, que é uma beleza. Nós estamos gastando um dinheiro danado comprando esse soro e agora tá sendo fabricado aí. Aí temos surgido o primeiro laboratório de produção farmacêutica industrial aqui no Proparquímica e aí nós começamos a fabricar medicamentos e hoje é uma sumidade. |
| 09’19” a 09’21” | **Voz de Zaqueus:** Você cursou, fez o curso de farmácia aqui? |
| 09’22” a 09’25” | **Voz de Genário:** Fiz o curso de farmácia aqui em Natal |
| 09’26” a 09’31” | **Voz de Zaqueus:** Evidentemente a sua turma, digamos assim na história da faculdade de farmácia é uma das mais antigas |
| 09’32” a 10’16” | **Voz de Genário:** É uma das mais antigas. Só tinha uma turma antes da minha, que é o pessoal que serviu, teve, formaram dois ou três e depois veio a minha turma, que já era um número maior. E aí nos deslanchamos o curso de farmácia. Eu abri concurso para farmacêutico, muita gente militar veio se inscrever, para obter um diploma universitário e aí eu me lembro do pessoal da marinha que veio, o pessoal do exército que se inscreveu e aí deslanchou, a faculdade de farmácia e bioquímica, com seu laboratório de produção industrial, fui eu que conquistei isso tudo. |
| 10’17” a 10’23” | **Voz de Zaqueus:** E alias, corrigindo, não era Proparquímica era Lafra, laboratório farmacêutico de produção industrial |
| 10’24” a 10’30” | **Voz de Genário:** Não, mas aí era de Pernambuco e como tinha o nome Lafap, Laboratório Federal de Pernambuco, nós votamos aqui produção industrial. Para não ficar no plágio. |
| 10’31” a 10’38” | **Voz de Zaqueus:** E foi embaixo lá na faculdade de farmácia, onde é hoje a secretaria de finanças da prefeitura.  |
| 10’39” a 11’27” | **Voz de Genário:** Exatamente e onde ali nós tivemos uma grande revelação, um rapazinho chegou pedindo um emprego, e esse nome vai ser uma surpresa, como ele vai tomar conhecimento disso e isso vai ser uma recordação Maertelink Rêgo, eu digo, eu tenho emprego para você só se você quiser servir ao laboratório para lavar vidro, e ele disse, aceito qualquer coisa, e ele veio ser lavador de vidro, nós comprávamos os vidros, comprávamos os frascos de soro usado e ele lavava e tirava rótulo, lavava bem lavado, examinava tudo e daí surgiu, um grande profissional. |
| 11’28” a 11’43” | **Voz de Carlos:** Maertelink fez exatamente isso, convivi com Maertelink muitos anos de minha vida e Maertelink exatamente com isso conseguiu fazer o curso de Medicina, graças a esse emprego que você conseguiu. |
| 11’44” a 12’03” | **Voz de Tarcísio:** Mas doutor Genário, para o senhor chegar a Natal e se engajar, nessa luta universitária o senhor passa a conviver com uma, vou usar inclusive uma palavra que o senhor use e que cabe muito bem, uma verdadeira lenda de grandes figuras, capitaneadas pelo incrível doutor Onofre Lopes. |
| 12’04” | **Voz de Genário:** Perfeito |
| 12’05” a 12’13” | **Voz de Tarcísio:** Dá para o senhor falar desse universo no qual o senhor começa a se mover, ainda provavelmente um tanto nesse rolo de chegado de Mossoró, enfim? |
| 12’14” a 12’29” | **Voz de Genário:** E aí tenho e chego e tenho a surpresa de zila mamede, Câmara Cascudo meu grande amigo, dizia que um dia eu ia ser um sucesso e contava suas velhas histórias, de passar sabão no trilho do bonde para que o bonde não subisse  |
| 12’30” a 12’33” | **Voz de Tarcísio:** (risos) ele era um dos responsáveis por a brincadeira |
| 12’34” a 12’40” | **Voz de Genário:** E com, tem se história para contar, e esse Memória Viva revive muita coisa e é muito interessante isso. |
| 12’41” a 12’51” | **Voz de Tarcísio:** A figura de doutor Onofre? Mas não deve ter sido uma surpresa para o senhor o modo dele administrar, sempre com muita veemência? |
| 12’52” a 13’22” | **Voz de Genário:** Sempre com muita veemência, embora tendo um defeito visual, mas transpunha tudo e me lembro, e ele gostava que eu contasse a história de quando a federalização da Universidade, ele em Brasília eu estava com ele e ao saltarmos do avião, naquele tempo não tinha táxi a vontade, não tinha muitos carros e ele, Genário vamos pegar essa papelada que nós temos que levar isso para o MEC e ele carregando na cabeça os pacotes |
| 13’23” | **Voz de Tarcísio:** Os processos todos |
| 13’24” a 14’03” | **Voz de Genário:** Os processos todos, junto comigo e fomos para o MEC e arranjamos que a Universidade fosse federalizada. Tácio Dutra o ministro da educação ajudou bastante e um camarada que veio a ser punido depois, que queria ser até, vir a ser reitor da Universidade e Onofre cortava, que ele tinha um verdadeiro amor, aqui nas coisas da terra e a Universidade que ele criou e Juscelino federalizou, foi exatamente a coisa importante. |
| 14’04” a 14’07” | **Voz de Tarcísio:** Esse episódio famoso da vida dele na união da Sudene no início dos anos 70. |
| 14’08” | **Voz de Genário:** Da escola doméstica |
| 14’09” a 14’17” | **Voz de Zaqueus:** E eu acho que a grande nação sua com o reitor Onofre Lopes, se deu pela ocasião pelo curso de implantação do Crutac-nam. |
| 14’18” a 15’16” | **Voz de Genário:** Tá, essa já foi aí a parte da interiorização da Universidade nesse item nós temos fatos importantíssimos, por exemplo, a Escola Doméstica de Natal, estava em crise, com via essa grande batalhadora, que estava precisando de uma solução e eu levava a Onofre as ideias e ele encampava, a única maneira de salvar a Escola Doméstica, era se não me engano, mandar o pessoal para a Universidade. E Onofre não teve dúvida, enviou o pessoal para a Universidade, inclusive deu livro e tudo, ela pode não estar lembrada disso, mas isso estão nos anais e alguém deve ter escrito, que isso deve ter em algum lugar e a Escola Doméstica foi salva pela atitude corajosa de Onofre e a ideia que a gente teve de fazer, que ele ficasse, que era um símbolo a Escola Doméstica de Natal. |
| 15’17” a 15’18” | **Voz de Zaqueus:** E a interiorização? |
| 15’19” a 15’29” | **Voz de Genário:** A interiorização se deu através da, porque aí nós já estávamos com a maternidade em santa cruz,  |
| 15’30” a 15’41” | **Voz de Tarcísio:** É bom lembrar, desculpe doutor Genário, que a experiência é termos uma Universidade Brasileira, seria um parâmetro para outras Universidades. |
| 15’42” a 15’54” | **Voz de Genário:** O Crutac foi parâmetro e fui chamado para dar palestras lá fora, e muita gente veio aqui, ver como era que funcionava e foi um marco em matéria de Universidade e interiorização. |
| 15’55” a 16’05” | **Voz de Tarcísio:** Dá para o senhor descrever rapidamente para os telespectadores as ações do Crutac, para que todas as pessoas saibam, que nem toda gente sabe aferir a importância desse programa. |
| 16’06” a 16’33” | **Voz de Genário:** Exatamente, então vamos começar pelo nome Crutac, Centro Rural Universitário e Treinamento e Ação Comunitária você veja lá a abrangência do programa e daí surgiu em Santa Cruz, Natal, Ceará-Mirim e todos os municípios querendo levar a... |
| 16’34” a 16’35” | **Voz de Tarcísio:** a Santo Antônio também. |
| 16’36” a 16’45” | **Voz de Genário:** Santo Antônio e todos querendo fazer parte da Universidade que era o que tinha de bom, sério... |
| 16’46” | **Voz de Tarcísio:** Com assistência médica |
| 16’47” a 16’59” | **Voz de Genário:** Com assistência médica dentária, farmacêutica, laboratorial, foi o marco que surgiu que deu no que veio a ser isso aqui... |
| 17’00” a 17’01” | **Voz de Tarcísio:** E servia de campo de treinamento para os estudantes?! |
| 17’02” a 17’15” | **Voz de Carlos:** Era uma real ação de extensão universitária pioNeira, não é verdade?! O programa era isso. Uma extensão universitária, que na época cabia hoje, hoje já tem a Universidade estadual. |
| 17’16” a 17’28” | **Voz de Tarcísio**: Que episódios particularmente o senhor lembraria da implantação do Crutac? Das dificuldades do interior? Alguma coisa de pitoresca, do que o senhor lembra?  |
| 17’29” a 18’08” | **Voz de Genário:** eu lembro do ministro do interior, tomou conhecimento do Crutac, quis chamar o Crutac para si. Onofre virou um bicho, não que ninguém toma, ninguém lança mão do Crutac, que o Crutac é ideia nossa. Aí chamou Joaquim Luz, pediu para Joaquim que era um bom escriba, fazer uma exposição dizendo o porquê, que não se abria mão do Crutac para o ministério do interior e ele o ministro, concordou com isso e passou a apoiar. |
| 18’09” a 18’10” | **Voz de Carlos:** quem era o ministro? |
| 18’11” a 18’19” | **Voz de genásio:** Rapaz eu sabia o nome dele, era o ministro famoso, diziam que ele era parecido comigo.  |
| 18’20” a 18’24” | **Voz de Carlos:** Mário Andreado, era ministro do interior na época! |
| 18’25” a 19’06” | **Voz de Tarcísio:** Depois o pessoal aproveitou. Enfim para interrompermos um pouco porque vamos fazer um breve intervalo e ao retornar, nós vamos conversar mais sobre a presença deste homem na reitoria da Universidade federal do Rio Grande do Norte, sucedendo a um vulcão empreendedor chamado Onofre Lopes e ele próprio enfrentando um momento particularmente difícil da vida administrativa da Universidade, nós retornaremos a seguir. |
| 19’07” a 19’18” |  vinheta de intervalo – estamos apresentando |
| 19’18” a 20’18” | Propaganda |
| 20’18” a 20’28” | Vinheta de intervalo – voltamos a apresentar |
| 20’30” a 21’02” | **Voz de Tarcísio:** bem, nós retornamos com o programa Memória Viva e hoje entrevistando o professor Genário Alves Fonseca e no bloco anterior nós parávamos exatamente ao comentar, que ele sucedera na reitoria da Universidade federal do Rio Grande do Norte, ao professor Onofre Lopes, que era uma espécie de lenda dentro desta cidade e da instituição universitária propriamente dita . |
| 21’02” a 21’32” | **Voz de Tarcísio:** E eu gostaria de perguntar já ao professor Genário Fonseca, como é isso de suceder a um nome como Onofre Lopes, num momento particularmente difícil da vida profissional e o sonho, enfrentou algumas situações complicadas na própria instituição, com a obrigação de tocar pra frente esse sonho que vocês ajudaram a concretizar naquele momento da federalização lá em Brasília? |
| 21’32” a 22’05” | **Voz de Genário:** Exatamente. Isso se deve justamente a equipe que formava a Universidade e me vem a memória aquela nossa mesa de reunião que participava toda a equipe e Onofre dando as suas diretrizes e pedindo que continuasse e em particular vinha e Genário eu tenho muito medo que você não consiga levar isso a frente. |
| 22’04” a 22’05” | **Voz de Tarcísio:** (risadas) falava assim mesmo? |
| 22’06” a 22’43” | **Voz de Genário:** Assim mesmo, aí salta Cortez e diz, Genário, Onofre é um nome que está fadado a vir a ser governador do estado. Onofre virou bicho, e disse Alberto não é possível Cortez que você, que é uma pessoa que tá trabalhando, que tá fazendo tudo pela Universidade, venha você querer botar caraminhola na cabeça pra o homem ser governador, para pegar um abacaxi desse aqui. Com toda a sinceridade da palavra, mas tive assim, uma imensa satisfação de trabalhar com Onofre. Nós tivemos vocês talvez não se lembrem, talvez só pela literatura, que nós conseguimos trazer para o Rio Grande do Norte o projeto Hope, o navio que veio prestar imensos serviços aqui, na Medicina, na Odontologia, na Farmácia, no Direito e foi uma coisa espetacular, um trabalho, certo, que se fez para a Universidade. Daí tudo que surgiu aqui devemos exatamente a esse início, a esse corte. Lembro muito bem que Alvamar dizia, rapaz vocês estão querendo, Albamar Furtado, Mendonça e Medeiros, vocês estão querendo voar muito alto, por que o que é que vocês querem agora? Fazendo o que um americano está fazendo. Aí Onofre virava e dizia, podemos fazer melhor do que eles, que eles só fazem tudo no interesse e a gente é com amor. E encerrava a discussão. |
| 22’43” a 24’24” | **Voz de Tarcísio:** Professor Genário esse voar alto, é de encontro, voar aliás, é uma coisa da sua especialidade, né? Esse homem ainda é de arma... Enfim da aeronáutica. Mas esse negócio de voar alto, tem como emblema para mim, propriamente dito, uma situação que é assim, cabe-lhe e exatamente trazer esta instituição como do centro da cidade praticamente, do bairro do Tirol, enfim, para aqui este campus rural, isso deixou muita gente de cuca fundida né?, para não usar uma expressão uma gíria.  |
| 24’24” | **Voz de Genário:** Incrível, isso daí está aqui presente... |
| 24’25” a 24’29” | **Voz de Tarcísio:** ...duas testemunhas particípios |
| 24’29” a 24’52” | **Voz de Genário:** Emque nós fazemos aquelas reuniões, tendo como a nossa Glorinha Santos que era uma lutadora também que nos ajudou bastante do conhecimento do povo e da..., falei aqui até sobre a piada do velho diretor da faculdade, como é que você vai criar a faculdade de Direito e eu como é que fico |
| 24’52” | **Voz de Tarcísio:** risadas |
| 24’53” a 25’04” | **Voz de Genário:** E nós fizemos isso com sangue, suor e lágrima, voando alto, como você acabou de dizer.  |
| 25’05” a 25’56” | **Voz de Carlos:** Então professor Genário se o senhor me permitir, eu queria fazer só uma dicotomia. Até doutor Onofre Lopes, sendo a Universidade, teve uma história, com os diretores das faculdades, né?! Uma administração que eu diria mais centralizada, com as funções de Genário na diretoria nós tivemos uma descentralização administrativa, foram criadas as primeiras pró-reitorias então estava sendo preparada então um ambiente, para que a Universidade moderna de então, né?! Aquilo que era um modelo americano porque o campus do Rio Grande do Norte não é uma invenção da nossa equipe que era comandada por Genário. |
| 25’57” a 26’16” | **Erro de leitura da mídia** |
| 26’16” a 26’39” | **Voz de Carlos:** Comandado por Genário, mas ele fazia com que todos nós o acompanhássemos no amor...E aí você tem, não gostaria nem de citar nomes, você tem quase um exército, né?!, que se trabalhava com amor pela Universidade. E é esse depoimento que eu queria dar. |
| 26’40” a 26’41” | **Voz de Genário:** Muito válido.  |
| 26’42” a 27’18” | **Voz de Zaqueus:** Se me permite, eu acho que é um momento muito importante, muito feliz na administração de Genário, que veja, ele conseguiu uma equipe homogênea e que a homogeNeidade dessa equipe se deveu exatamente aquele monte de incentivo e training que foi montado no colégioagrícola de jundiaí, e que você reuniu toda a equipe e veio com um professor se não me falha a memória de nome fernandes e o curso foi montado por artur marinho e dorinha e ali foi feita uma verdadeira lavagem cerebral.  |
| 27’18” a 27’24” | **Voz de Carlos:** E a professora Marília, psicóloga na época.  |
| 27’24” a 27’28” | **Voz de Zaqueus:** E aí ele voltou |
| 27’29” a 28’11” | **Voz de Tarcísio:** Me deixe explorar mais um pouco doutor Genário, vocês mudam a Universidade para cá, dão uma nova feição administrativa, mas isso aqui é, praticamente uma duna, uma aqui e acolá se vê exatamente umas construções, como era administrar, nesse momento em que as comunicações praticamente não existiam? As pessoas não sabiam por onde prosseguir, não havia ainda, o conjunto de construções que hoje existem facilitando a vida das pessoas? |
| 28’12” a 28’23” | **Voz de Genário:** Lembramos exatamente, pegando exatamente o fio da sua meada, aqui se faz tudo no grito, grito aqui é ouvido lá no Rio de Janeiro. |
| 28’24” | **Voz de Tarcísio:** Tinha que ser na base do megafone. |
| 28’25” | **Voz de Genário:** Não tem telefone |
| 28’26” a 28’57” | **Voz de Tarcísio:** Por que hoje tem, é muito interessante, a juventude, sobretudo deste campus que é um espetáculo, vocês conseguiram, deixe que faça publicamente em sua homenagem, desde o amor explícito por Onofre e a sua sequência de trabalho, dá uma feição a esta Universidade como poucas no Brasil tem. Em termos de organização no campus, organização urbanística, são poucas as Universidades Brasileiras tem.  |
| 28’57” a 29’33” | **Voz de Carlos**: Tarcísio eu comparo aí ao estímulo, a sorte que Natal tinha de ter essa área, como nós temos a Via Costeira, foi outro. É outro fato importante, a cidade dispunha dessa área e no momento exato nós tivemos na época uma grande ajuda do governador Cortez Pereira em uma parceria muito forte com a gente. Quem inventou a parceria que hoje tá muito em moda foi exatamente Cortez e Genário na época. |
| 29’34” a 32’06” | **Voz de Genário:** Não só no projeto camarão como na criação do campus universitário e como nós estamos na Memória Viva aí, e a memória deve ser história, me lembro bem que para nós chegarmos ao campus universitário, tinha um comandante da guarnição de receita que protegia um sargento que morava no campus, era como se fosse um vigilante, foi, tinha uma casa chega para mim e olha, ajudo a você, entro com o general, venho ajudar vocês a ficarem com a Universidade, mas vocês tem que comprar uma casa para o sargento morar aí. Que ele não pode ficar desamparado. Então ele tinha um senso humanístico com isso. Não tenha dúvida, esse meu espírito de coragem respaldado por Onofre e os auxiliares daqui. Compramos a casa para o sargento, fizemos para o sargento, tomamos o campus universitário e Cortez trabalhando, ajudando bastante e nós fizemos o que deveria. Eu quero fazer justiça também aqui, a dois nomes que já foram citados, ministro Jarbas Passarinho e Coronel Pamplona, que era o secretário geral do MEC. Caiu de amores por Natal, pela Universidade, dava tudo que nós pedíamos, curso para o pessoal, treinamento e tudo aquilo que já Zaqueus falou aqui, que seria para o bem, sensitivo, veio no dia em que nós tivemos, copiamos em parte dos americanos e em parte veio pela teoria do golpe, e que aqui chegou com a sua nova mentalidade, médica, farmacêutica, dentária etc, e fazendo justiça, nós tivemos essa turma e gente aqui de Natal trabalhando em prol da Universidade e como faz falta agora. Que nós sentíamos que estava precisando de uma formação de um novo levantamento de pessoas para que não deixem as Universidades caírem, inclusive a nossa, porque não é só um recurso humano e nem com dinheiro que se faz as coisas. É preciso que se tenha aquela palavrinha amarga, que leva tudo a frente é o amor para fazer as coisas. Ele foi e nós tivemos nessa turma toda, taí a justiça que eu queria fazer. A Jarbas Passarinho e ao Coronel Pamplona. |
| 32’07” a 33’00” | **Voz de Tarcísio:** Perfeito. Outra pergunta doutor Genário, que eu gostaria de fazer é a seguinte, já que nós estamos falando de memória e é um programa que vai ficar como documento, eu acho muito importante ressaltar isso daí. O senhor foi reitor no momento particularmente difícil da vida Brasileira, governo forte, pressão militar quase sempre, é inquietação na caserna, dúvidas a respeito de como a coisa caminham, etc, o senhor sofreu muita pressão, como é que era, porque no seu conjunto de auxiliares havia gente sabidamente com ligações com a esquerda, havia notáveis figuras da vida potiguar que se destacava exatamente por serem muito combativas, como era esse contexto doutor Genário? |
| 33’00” a 34’27” | **Voz de Genário:** você abordou um ponto muito importante e que nunca ninguém teve coragem de abordar, justamente essas pressões. Quando se queria nomear um professor, embora o professor fosse capaz, como eu lembro muito bem da figura do doutor Romildo Gurgel, uma grande figura e foi uma luta tremenda para colocar ele na Universidade. Então eu fazia, fazia o finca pé e dizia “tem que ser, que se não nomearem Romildo, eu deixo o cargo”. E Jarbas Passarinho endossava que era quem comprava as brigas, eu luto com o coronel que ele quis fazer, que eu quis trazer para a Memória Viva de coronel Barbosa, e dizia, se o reitor da Universidade disser, nós endossamos, porque ele só faz as coisas certas. E nós nomeávamos o pessoal, mas foi muito difícil. Muito difícil porque foi como você bem disse, tinha ideologias de todos os tipos, estava em moda ser oposição, estava em moda ser oposição mas nós conseguimos contornar tudo isso graças a essa turma que nós já dissemos aqui, não precisa ficar repetindo e daí eu dizia a você, não pare com o seu programa Memória Viva, porque isso vai contribuir para a verdadeira história da Universidade federal do Rio Grande do Norte. |
| 34’28” a 34’47” | **Voz de Tarcísio:** E esse seu depoimento é particularmente importante, porque há um desabrochar de coisas acontecendo e transformações na área didático pedagógica, da construção de novos prédios, da construção da biblioteca, a sua... |
| 34’47” a 34’52” | **Voz de Carlos:** A primeira reforma universitária Brasileira foi nesse momento. |
| 34’52” a 35’00” | **Voz de Tarcísio:** Exatamente. Entre o ponto de vista de conquistas de novos cursos e coisas, como é que a gente poderia situar isso daí?  |
| 35’00” a 35’32” | **Voz de Genário:** Muito bem, dentro de tudo aquilo que eu abordei aqui com você, com essa equipe que nós tínhamos, nós tínhamos gente capaz aqui, nós entregamos e chamamos pessoas de fora, por exemplo, eu trouxe da Universidade do Pará o responsável pela reforma universitária, de Belém e ele nos ajudou bastante, Alcir Meira.  |
| 35’32 a 35’36” | **Voz de Carlos:** A família, ele é paraense e a família é era daqui de Ceará Mirim. |
| 35’36” a 36’45” | **Voz de Genário:** É, ajudou bastante a contornar as situações de repúdio que a gente tinha, porque ia burlar o pessoal que tinha ideias, não considero o pessoal extremista, mas tinham ideias novas, essa coisa nova de... Então surge, e me lembro muito bem que uma vez nós estávamos no campus, já tinha construído a praça cívica e o presidente Geisel visitando lá, disse, como é que você conseguiu dentro dessa situação que nós vivemos, de militar querendo mandar em tudo, você conseguiu contornar tudo isso, para levar a Universidade e, eu respondo que é uma das melhores Universidades que eu tenho visitado. E eu dei uma risada e brincando com ele que gostava de brincar e eu sempre fui meio brincalhão e disse, capitão, cutucando a barriga dele, usamos de gênio e arte e ele deu uma risada, foi uma beleza.  |
| 36’46” a 37’28” | **Voz de Tarcísio:** É muito gozado hoje nós falarmos isso, mas a cada coisa existiam reações, quer ver uma?!, é, os cursos tinham, cada curso tinha a sua colação de grau e isso é uma tradição de trinta anos na Universidade e com o campus e com a praça cívica no período de Genário reitor, nós fizemos a primeira colação de grau única. Isso foi um problema inicialmente muito grande, mas com a grandiosidade da solenidade tudo foi ultrapassado.  |
| 37’28” | **Voz de Tarcísio:** Coisa marcante.  |
| 37’29” a 39’14” | **Voz de Carlos:** Marcante! Profundamente marcante! Entendeu?! De início foi a reação dos professores e do corpo docente e do corpo discente também de cada curso. Você tinha por exemplo, eu e teu irmão nós nos formávamos na faculdade de Direito e a colação de grau era no Teatro Alberto Maranhão. Né?! Era o curso de Direito só, e aqui nós fizemos a primeira colação com todos e foi uma festa belíssima, né Genário?! E se não me engano foi em 1971 ou 1972. Essa praça cívica foi construída em volta de caixa, como tudo que ele queria, as coisas tinham que ser feitas na marra, né?! E Alcir, então eu vou me alongar um pouco agora para fazer só um pouco agora só da sua lembrança, Alcir que era o arquiteto e que detinha assim, é uma experiência já com a implantação de outros campis no Brasil, aliado a arquitetos nossos como João Maurício deu uma excelente colaboração, né?! E coisas gozadas porque você tinha a área mas você não tinha a definição, você não tinha um plano diretor definido, e essa equipe onde tinha os arquitetos, né?! Malefi que foi uma figura, uma figura maravilhosa, e determinado domingo nós vínhamos para cá e eu lembro bem no dia, quer dizer, onde é que vai ser a capela e João Maurício dizia, vai ser aqui, vai ser aqui, onde hoje é a capela do campus. E nesse mesmo domingo nós fomos definindo onde seria, por exemplo, onde seria a área de esportes. |
| 39’15” a 39’19” | **Voz de Tarcísio:** fala sobre isso daí? |
| 39’20” a 40’21” | **Voz de Genário:** Ele definiu a capela, aí vem a revista, a revista Veja, me procura para que eu desse uma, comprasse uma página da revista Veja, e eu disse, quanto é que vai custar isso?, era os olhos da cara, não, não vou gastar dinheiro com uma página de revista, com isso eu posso abrir três cursos aqui e eu tenho aqui a Universidade que, que me apoia. E a.. Deu, deu a ideia, a capela não vai ser somente uma igreja, onde se reza uma missa, vai ser onde vai se ministrar cursos, onde nós vamos ter curso de teologia, aonde nós vamos... Aí comecei a sonhar e aí me salta Zé Tenente e eu só lhe peço pelo amor de deus que você não queira construir nas dunas o planetário que eu sei que você vai construir.  |
| 40’22” a 40’30” | **Voz de Carlos:** É bom a gente esclarecer Zé Tenente que nós conhecíamos é uma figura, José Nunes Cabral,  |
| 40’32” a 40’35” | **Voz de Tarcísio:** Uma das figuras de antropologia. Figura marcante. |
| 40’35” a 40’41” | **Voz de Carlos:** E que se não existisse José Nunes Cabral, nunca nós teríamos aqui o Instituto de Antropologia. |
| 40’41” a 40’46” | **Voz de Zaqueus:** E a razão por que José Tenente, é porque o pai dele tinha sido tenente. |
| 40’45” a 40’49” | **Voz de Genário:** Tinha sido tenente de cavalaria. |
| 40’50” a 41’05” | **Voz de Tarcísio:** Bom mas, o pai de José Nunes Cabral foi oficial da polícia militar. |
| 41’06” a 41’14” | **Voz de Carlos:** Então era o capitão Abdon Nunes. Onde Genário Fonseca morou e onde José Nunes morou. |
| 41’15” a 41’28” | **Voz de Zaqueus:** Mas é, é Genário você lembra a dificuldade que foi inicialmente para fazer funcionar o setor de esportes na Universidade que foi o primeiro setor da Universidade a ser implantado? |
| 41’28” a 42’48” | **Voz de Genário:** Consegui recursos que era do norte da cidade, mas exclusivamente para a prática de... Não podia ser para outra coisa a verba conseguida era dirigida. O que é que eu vou fazer nessa Universidade que não tem nada!, então vamos fazer o seguinte vamos construir uma piscina e lá nós vamos fazer curso de natação, vamos fazer curso de hidroginástica e fizemos isso e foi aprovado, graças à Passarinho, graças a coronel Pamplona, que eu não me canso de prestar essas homenagens e aí muita coisa que a Universidade teve, é por causa dessas ideias que surgiam e que vai levar umas muitas dificuldades para se implantar e seguir a aquele que nós havíamos, que Onofre fazia junto por cima de pau e pedra, e juntando os recursos que tinha e indo ao MEC arranjar, a brigar com os secretários do MEC. E uma diretora do MEC que se tornou amiga da gente, veio aqui nos visitar, Maria Ester Figueiredo Ferraz. |
| 42’48” a 42’50” | **Voz de Tarcísio:** É um nome nacional |
| 42’50” a 42’57” | **Voz de Genário:** E que nos ajudou bastante também nessa fase da Universidade. |
| 42’58” a 43’05” | **Voz de Zaqueus:** E em decorrência do setor de esporte, nasceu o de educação física dentro da Universidade. |
| 43’05” a 43’26” | **Voz de Tarcísio:** Agora num contexto como esse tão desafiador e com tantas realizações, você foi um homem de caráter de enfrentar desafios ao longo de toda sua vida, quer dizer, qual teria sido a coisa que mais fundo bateu no seu coração de administrador? De “opa isso eu consegui”!  |
| 43’27” a 44’24” | **Voz de Genário:** A formação do restaurante universitário, da casa universitária, do campus, uma reação tremenda que a gente tinha que sair da cidade para ir para o mato que só tinha aranha caranguejeira e cobra, era só o que tinha, foi um grande, grande desafio, e onde tinha uma participação muito grande da minha atual esposa Antônia, que era estudante da Universidade e que nós, e que nós estávamos um dia, eu estava de motocicleta e ela saía numa aula, aí eu disse Tonha venha cá, botei na garupa da motocicleta e saímos dando uma volta no campus, foi um comentário, Memória Viva é história, que é uma coisa danada. E a daí a presença dela que está ali ficou me dizendo que não falasse, mas faz tempo. |
| 44’25” a 45’23” | **Voz de Carlos:** Mas tem outro detalhe, que ninguém precisa falar também. Quando da implantação desse início do parque de esporte, pra que nós, déssemos o exemplo, Genário inventou que nós tínhamos que estar às seis horas da manhã, nós tínhamos que estar aqui jogando pelada, então você tem uma teia de professores tão todos vivos aí, Juarez, Baixinho, Lindolfo, eu, Zaqueu, Genário é um craque, e diversos professores e nós vínhamos pela manhã e aí começou. Odilon talvez naquela época fosse o área esquerda, e isso tudo começou, tinha o sentido de motivar o corpo discente também a começar a usar as instalações esportivas da Universidade, tem muita história.  |
| 45’23” a‘45’28” | **Voz de Genário:** Se justificar a luta da verba, que tinha sido exclusivamente destinada para a educação esportiva. |
| 45’28” a 46’18” | **Voz de Tarcísio:** Bom, nós iremos fazer agora um pequeno intervalo, para retornar, já agora falando né?! Sobre a repercussão da administração deste soteropolitano não é?! Que o Rio Grande do Norte adotou e que em alguns momentos, pode ter se sentido tocado, ele vai dizer se sim ou se não pela ideia de que poderia assumir o comando deste estado, entre outras coisas e as suas atividades atuais e a sua permanente criatividade não é? Nessa altura dos seus oitenta e uns anos muitíssimo bem vividos, nós retornaremos a seguir.  |
| 46’18” a 46’26” | **Vinheta de intervalo - estamos apresentando** |
| 46’27” a 47’29” | **Propaganda** |
| 47’30” a 47’39” | **Vinheta de intervalo - voltamos a apresentar** |
| 47’40” a 48’28” | **Voz de Tarcísio:** Bem nós retornamos com o programa Memória Viva, hoje entrevistando Genário Alves Fonseca. Nós já vimos no bloco anterior, como é que se dá a trajetória tão rica da existência desse administrador, tão competente que a partir de um determinado ponto, no momento do jogo político do Rio Grande do Norte, passou a ser lembrado inclusive, como um dos prováveis candidatos a governo, ao governo do estado do Rio Grande do Norte. E ele provavelmente até teria sido governador se tivesse querido. Essas coisas poderão ser esclarecidas a partir de agora. A mosca azul da política... Girou em torno do seu ouvido, como foi?  |
| 48’31” a 50’48” | **Voz de Genário:** Eu devo não ter sido picado pela mosca azul, graças a interferência de Onofre. Quando Cortez Pereira tomou conhecimento do fato de dadas as minhas ligações com os militares, os comandantes da marinha a quem eu já estava negociando a casa onde ficou sendo..., era a Universidade e a casa de José Arnoldo e depois foi Comando naval, foi a reitoria. Eu pensei, mas Onofre chegou e disse, rapaz não se meta nisso, você é de fora, você está fazendo uma administração belíssima, você vai fazer carreira universitária como poucos reitores no Estado. E realmente isso depois eu... Viria a tornar realidade, quando eu fui convidado junto com vinte e duas Universidades Brasileiras para percorrer diversos estados dos estados unidos, devido a atuação e devido ao trabalho que nós estávamos desenvolvendo na Universidade. Então Onofre afastou e brigou com Cortez, que Cortez não devia, e será que possível que nós não poderemos nunca pessoas na Universidade sem participar da política. Os comandos, os comandos militares naval e militar que tinha aqui também, nos apoiava e que se a gente tivesse ido percorrer esse caminho, teria tido todo o apoio e daí depois Onofre fez rever que a gente precisava era de gente na Universidade. E realmente eu acho que foi o caminho certo ter continuado na Universidade porque nós fizemos um trabalho muito grande. Nós fizemos, nós sentimos alegria entre Ducier e Zaqueus lembrem o nome desses colegas nossos que ajudaram no desenvolvimento da Universidade, nós nos lembramos disso que nós prestamos de assistência em Santo Antônio, em Santa Cruz e qual foi o último lugar que fizemos o Crutac?  |
| 50’47” a 50’52” | **Voz de Carlos:** Santo Antônio, Santa cruz, foi mais Zaqueus? Realmente Memória Viva...  |
| 50’53” a 50’55” | **Voz de Zaqueus:** É eu me lembro muito bem de santo Antônio e Santa Cruz.  |
| 50’55” a 50’57” | **Voz de Tarcísio:** É fundamentalmente esses dois, os mais importantes. |
| 50’58” a 51’16” | **Voz de Genário:** Mas aí Natal também, passamos a desenvolver um trabalho muito grande aqui em Natal e nós achamos que seguindo o caminho certo. Mas se tenho deixado que a mosca azul me picasse, talvez hoje eu tivesse sido um péssimo governador do estado, ou quem sabe, até um bom governador, ninguém pode dizer!  |
| 51’17” a 52’09” | **Voz de Carlos:** Mas o fato é que nós tivemos, Genário na época, né?! O reitor foi falado e surgiu um negócio muito gozado. Eu era uma espécie, eu disse a pouco aqui que eu era um pneu de estepe na equipe, eu ocupei função de pró-reitor, substituindo Domingos Gomes de Lima, substituindo Dalvamoar, substituindo Aluízio Menezes que era do departamento pessoal, e teve um ano que eu não me lembro bem, mas eu acho que foi em setenta e quatro, por aí, que eu tinha que ir a Brasília, por diversos assuntos, por ser esse pneu de estepe e nessas admissões eu tinha uma ligação pessoal com o senador Dinarte Mariz e eu ia ao congresso, ia visitar e muita gente interpretava isso como se eu fosse um ponta de lança de Genário na tentativa de... |
| 52’07” a 52’09” | **Voz de Genário:** De alcançar o eleitorado. |
| 52’09” a 52’28” | **Voz de Carlos:** De alcançar o eleitorado. Objetivo que não tinha nada a ver com política, nós estávamos cuidando somente da Universidade e o Estado teve sorte, se não teve Genário como governador, mas teve Tarcísio Maia indicado na época né?! E que foi um grande governador e que permaneceu com a parceria com a Universidade.  |
| 52’29”  | **Voz de Genário:** Perfeitamente |
| 52’30 a 52’45” | **Voz de Tarcísio:** E ao deixar a, a Universidade doutor Genário, já que nós estamos no terceiro bloco e tal, nos aproximando dos momentos mais recentes. Qual foi a sua atividade, o senhor passou a desenvolver qual atividade? O senhor dirigiu uma empresa? |
| 52’45” a 53’42” | **Voz de Genário:** É eu comandava uma empresa aqui em Natal, uma fábrica de artefatos químicos que ainda existe, foi fechada depois que nós vendemos, o Grupo Caravela comprou e eu estive também ligado a Universidade do Pará, dada a minha amizade com Alcir Meire, com o reitor de lá e passei uma temporada, passei uma temporada frequentando a Universidade que me ajudou bastante também com o conhecimento universitário. Mas enfim eu acho que nós prestamos um serviço muito grande relembrando aqui dentro desse programa Memória Viva, alguns fatos que eram até então desconhecidos do público e só quero deixar aqui ao terminar minhas palavras, e antes de terminar pedir a vocês não... |
| 53’43” a 53’44” | **Voz de Carlos:** É que o Tarcísio ainda quer perguntar alguma coisa. |
| 53’44” a 53’45” | **Voz de Tarcísio:** Nós temos tempo ainda. |
| 53’48” a 53’49” | **Voz de Genário:** Mas é que você não pare com esse programa,  |
| 53’50” a 54’34” | **Voz de Tarcísio:** Não, pode ficar sossegado, sobretudo quanto a oportunidade é essa, como estamos tendo com o senhor. O que enseja de minha parte é fazer uma pergunta, que o senhor a compreender o caráter dessa minha pergunta é bom, com a franqueza com a qual o senhor tá falando. Ao terminar o seu reitorado novas forças enfim, nova realidade política, ascensão da associação de professores enfim, o senhor se sentiu doutor Genário de alguma maneira discriminado ao sair da Universidade, ao sair do seu reitorado quando as coisas passaram a ter outra característica? |
| 54’34” a 55’14” | **Voz de Genário:** Olha, há um fato que, que me magoou bastante na época, que foi de Domingos Gomes de Lima, que depois sofreu um castigo muito grande, eu, eu perdoei. Mas ele foi um traidor, embora tivesse inicialmente me lançado junto a Onofre, foi quem fez a minha amizade com Onofre. Mas depois disso vieram reitores formidáveis que levaram a Universidade e que souberam reconhecer o trabalho de Genibaldo barros, e outro reitor que teve também...?  |
| 55’14”  | **Voz de Tarcísio:** Diógenes. |
| 55’15” a 52’24” | **Voz de Genário:** Diógenes da Cunha Lima, Daladier com quem mantenho todas as minhas amizades, muito bom, e ao ponto de Diógenes depois queria se lançar a candidato a presidência de conselho de reitor e como eu tinha muita amizade com os reitores da época, ele nos procurou para que eu pegasse sua campanha, e nós tivemos aí, ser eleito presidente do conselho de reitores. Foi uma grande gestão e que não devia.... Eu acho que hoje as Universidades estão passando por um descenso, justamente por falta de equipe, que assim, de liderança e que tenha amor para desenvolver o trabalho como nós tivemos aqui, aqui na época e eu me recordo aqui como um fato pitoresco, uma turma de estudantes que invadiram o gabinete de Genibaldo, e Genibaldo muito preocupado com a repercussão que isso pudesse ter, porque os reitores disseram, nós vamos fazer necessidades fisiológicas em cima da mesa...  |
| 56’24” | **Voz de Carlos:** Os estudantes  |
| 56’26” a 56’52” | **Voz de Genário:** Hein?! Os estudantes, e aí Genibaldo ficou preocupadíssimo, rapaz não se preocupe com isso não, você não têm o que temer não. E realmente, você a que tinha abordado a esses pontos, que dessas coisas que acontecem na vida que a gente pode sofrer em parte. Mas que nós tiramos de letra devido a turma que a gente tinha. |
| 56’53” a 56’57” | **Voz de Tarcísio:** Bom nós chegamos ao final de mais um programa Memória Viva.  |
| 56’58” a 57’10” | **Voz de Carlos:** Tarcísio nós tivemos, eu queria interromper um minuto e se você me permitir se nós tivermos tempo? É bem rápido. |
| 57’11” | **Voz de Tarcísio:** Tudo bem. |
| 57’11” a 58’13” | **Voz de Carlos:** Só porque eu entendo perfeitamente, acho que Zaqueus também entende, toda a magoa que Genário Fonseca tem do seu sucessor, Domingos Gomes de Lima que fazia parte da nossa equipe, dessa equipe que trabalhava com muito amor e que realmente, o que aconteceu é o seguinte quando domingos assumiu, quando saiu, ele convivia conosco até o dia da sua nomeação na Voz do Brasil. A partir daquele momento Domingos esqueceu a toda a equipe. Não foi a Genário, não foi a Zaqueu, não foi a Jucir, esqueceu a toda equipe, eu só tenho que dizer uma coisa, não só, eu acho que o mais magoado foi Genário, mas eu acho que Domingos na realidade teve foi medo de continuar com essa equipe e que Genário quisesse comandar então ele resolveu nos afastar a todos. |
| 58’13” a 58’14” | **Voz de Genário:** Bom, muito bem colocado. |
| 58’15” a 58’45”  | **Voz de Tarcísio:** Nós terminamos então o programa Memória Viva e como todos puderam perceber, nosso programa tem uma enorme riqueza porque apresenta o nome importante em sua verdadeira dimensão, com as contradições que possam ter existido ao longo de sua atividade humana e com a importância de um trabalho que ele empreendeu e que deixou como marca dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nós agradecemos a audiência de todos e retornaremos na próxima semana. |
| 58’46” a 59’19” | **Vinheta de encerramento** |
| 59’20 a 59’32” | **Placa – Memória Viva – Genibaldo Barros para 07,08,2005 tempo = 59’35”** |
| 59’34” a 59’35” | **Silêncio e imagem preta** |

## ANEXO E

## Transcrição do programa Memória Viva - Diógenes da Cunha Lima

|  |  |
| --- | --- |
| **Tempo** | **Áudio** |
| 00’00” a 00’15” | Programa Memória Viva - Diógenes da Cunha Limapara 03,08,2006reprise 06,08,2006tempo = 60’35” |
| 00’16” a 00’30” | Propaganda |
| 00’30” a 00’52” | **Vinheta de abertura** |
| 00’53” a 03’36” | **Voz de Tarcísio:** Olá! Este é um programa verdadeiramente especial, com o programa de hoje nós atingimos a cifra de cem dos gravados nessa nova fase. Isso é um número verdadeiramente significativo, principalmente tendo-se em conta que nos anos oitenta, grande Carlos Lyra, inesquecível Carlos Lyra, gravou outra série enorme de programas, que perfaz um número fantástico, em termos da preservação da memória no Rio Grande do Norte. E a pessoa responsável direta pela existência desse programa, se encontra exatamente aqui para ser entrevistado na noite de hoje. Ele é um advogado, escritor, poeta, é também compositor, ele foi reitor, com a administração rigorosamente inovadora, dessa Universidade Federal do Rio Grande do Norte, hoje é professor aposentado pelo departamento de Direito Privado da UFRN, é presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e é detentor como se dizia antigamente das bancas de advocacia mais importantes da cidade. Eu estou falando desse queridíssimo Diógenes da Cunha Lima, que vem ao programa número cem, para ser entrevistado por duas grandes figuras da cidade, dois grandes amigos seus, o nosso poeta, Nei Leandro de Castro, poeta e prestes a se tornar o primeiro norte-rio-grandense com um livro seu adaptado para o cinema e Ticiano Duarte, grão mestre da maçonaria daqui do Rio Grande do Norte e uma das figuras mais queridas dessa série Memória Viva. Professor Diógenes se eu fosse ler aqui o currículo, fosse declinar aqui a sua extensa lista de publicações eu realmente tomaria muito tempo, e para que a gente não perca tempo afinal, a gente não deve fazer, não deve cometer essa imprudência, eu gostaria de falar, de provocá-lo, é, falando, uma palavra mágica, o nome de uma terra muito querida, Nova Cruz, a Nova Cruz da tua infância Diógenes, o menino e o trem, o menino coroinha, o menino e o irmão que igualmente chegaria a reitoria da Universidade, ainda que por caminhos diversos, o menino e a admiração paterna, seja bem-vindo poeta. |
| 03’36” a 04’52” | **Voz de Diógenes:** A história de minha vida em Nova Cruz vai comigo pra aonde eu for, eu nasci de frente a estação, a cidade bebia água de trem, a água era salobra vinha do Piquirí no trem e havia uma fila de latas, que as pessoas levavam a água para casa. O trem para mim, foi uma coisa absurdamente extraordinária, porque era ao mesmo tempo, eu não sabia dizer a palavra, mas era a chegada da civilização, era a ligação Nova Cruz, era o meio da viagem Natal-João Pessoa, Natal-Recife. E era a chegada também do pessoal que vinha para a feira de Nova Cruz, a grande feira de Nova Cruz. Os cantadores de feira eu aprendi a... Emocionei-me com poesia a partir dos cantadores de feira. Então era toda essa visão, e o meu pai, uma figura realmente marcante na minha vida, mais importante pessoa que eu tive, na orientação na vida. Um homem extraordinariamente simples e humilde, mas estudioso, leitor, ávido e observador da vida. E eu acabei de fazer uma biografia dele. |
| 04’53” a 04’57” | **Voz de Tarcísio:** E o menino coroinha, você e Daladier foram coroinhas? |
| 04’57” a 04’58” | **Voz de Diógenes:** Coroinhas, sendo que Daladier... |
| 04’58” a 05’01” | **Voz de Tarcísio:** Você como Daladier, foi também balconista na loja de seu pai? |
| 05’01” a 06’40” | **Voz de Diógenes:** Balconista, lá em casa quando o braço dava um metro, a linguagem era essa, começava a trabalhar na loja. Mas começava antes um pouco porque era fazer pacotes. E servia no caixa. Então além disso, tínhamos os trabalhos na fazenda, eu lavava cavalo, deixava o cavalo bonito e deixava na fazenda e de vez em quando tinha que lavar os cavalos. Eu lá sabia lavar os cavalos, alimentar e colocar o bornal para que ele tivesse uma comida boa. Então a minha vida foi extraordinária, a nossa missa era rezada em latim, e o coroinha da cidade  adorava as missas, porque era uma oportunidade fantástica de manifestar, aquela, aquele saber  latino, aprendido com padre Manoel Barbosa, foi professor dessa Universidade.  Fui aluno da cruzada eucarística de dom... Depois foi dom Adelino Dantas que era o padre, dona Júlia sua irmã de dirigir a cruzada eucarística e tinha toda uma vida. Voltei a cidade e procurei, cadê a campainha que eu tocava? Com Daladier, o meu irmão havia me dito a campainha, roubaram a campainha. Cadê o sino? Desmancharam o sino. Para fazer quatro sinos pequenos porque o sino estava rachado. E eu mandei fazer no melhor sineiro deste país, que faz sinos há quinhentos anos, o sino, pedindo licença ao padre Adelcio para que o sino voltasse a tocar em Nova Cruz. Mas um sino com todas as características de um sino crespe, mas eu coloquei que foi doação de um ex-coroinha. Esse é o novo título, ex-coroinha de Nova Cruz.  |
| 06’41” a 07’04” | **Voz de Tarcísio:** Maravilha. Diógenes me diga uma coisa, você morador de Nova Cruz, é, espectador, né?! Na estação do trem, espectador da vida, a vida fluindo e refluindo, e você menino curioso, ávido de conhecimento, um dia embarca nesse trem e vem para Natal, isso ainda ocorre na sua infância? |
| 07’03” a 08’08” | **Voz de Diógenes:** Ocorre ainda na infância. Não, eu andei primeiro a Natal-João Pessoa, foi quando eu vi o mar, que foi o grande alumbramento, foi ver o mar. Uma coisa absolutamente fantástica, da chegada ao mar eu só conhecia, meu mar maior era o a visão do rio Curumataú de barreira a barreia quando coincidia com a cheia do Bujarí, e o açude de Pau-barriga, é depois eu vi o mar de cima da balaustrada ali, uma coisa encantadora, espantosa, enorme, fora de qualquer perspectiva. Mas Nova Cruz o trem era fantástico, teve uma maior surra da vida talvez foi com Daladier, a gente pegava morcego no trem, e o, papai descobriu essa história e o mais, a gente tinha que pular para mostrar que era macho pular o trem em movimento, e no meio daqueles, daqueles dormentes, era para mostrar que era pra frente dos outros meninos. Então a surra não foi brinquedo. Mas o trem veio para Natal trazendo-me aos treze anos, e aí foi amor definitivo pela cidade. |
| 08’08” a 08’24” | **Voz de Tarcísio:** Você faz um percurso antes, feito por pessoas como Mário de Andrade, etc. E aí chega a cidade, tem esse alumbramento e com ele chega a coisa da poesia ou isso você sente ainda menino em Nova Cruz? |
| 08’21” a 09’06” | **Voz de Diógenes:** Quando eu vi... Eu conto essa história porque é bonita, meu pai me fez ler os autores prediletos dele desde muito novo. Eu li... Anatóle Frances, Eric Maria Remarque, os autores dele, Coelho Neto, sabia decorado e sei decorado o porquê ele recitava Guerra Junqueira, esses autores... Então Cascudo, Gilberto Freire entusiasmado e Assis Ferreira, que ele sabia decorado trechos, então quando eu vim para Natal ele disse, olha, eu quero dizer que em Natal tem um rio chamado Luis da Câmara Cascudo e o resto é tudinho riacho. Você procure Cascudo. E eu menino de treze anos, tocando a campainha da Junqueira Aires 387, esse era o número.  |
| 09’06” a 09’07” | **Voz de Tarcísio:** Levado por alguém ou só? |
| 09’08” | **Voz de Diógenes:** Não. Sozinho. |
| 09’09” | **Voz de Tarcísio:** Sozinho... |
| 09’09” a 10’37” | **Voz de Diógenes:** E foi recebido a Analia a velha criada, me..., que é que você quer meu filho? Quero conversar com Luís da Câmara Cascudo, conversar. Você imagine o atrevimento e a loucura, local. Cascudo me recebeu muito bem, me deu chocolate sonho de valsa que ele guardava escondido para os netos não comer. Me deu um presentinho, uma coisa de índio, não sei bem o que era.  Conversou e ouviu histórias de cordel que eu dizia, a chegada de Lampião do inferno, que tinha o algodão e eu conversei sobre isso no primeiro momento. Então Cascudo, e eu pretendia voltar, só que eu não tive mais chances, demorei muito para voltar para esse retorno e aproximação com Cascudo. Natal foi realmente um encantamento fora do comum. Morar na casa do estudante, meu pai tinha certa dificuldade para manter seis filhos estudando. Primeiro foi, eu tive um tempo na casa da minha tia Nizilpe, uma criatura me orientou e arrumou na vida, Zilpe Colaço e foi para a casa do estudante com Daladier, meninos, os mais jovens da casa do estudante não podia entrar, mas admitiram, havia na época de rigor muito difícil de vida, porque os pratos eram ruinzinhos, se comia de acordo com a, quando se enfiava pra caixa, pra casa. Foi uma época realmente pesada, mas de ao mesmo tempo de aprendizagem da vida. |
| 10’37” a 10’42” | **Voz de Ticiano:** Mas eu comi de uns negócios também e lamento e acho que você estava nos cueiros... |
| 10’42” | **Voz de Diógenes:** Tava |
| 10’43’ a 10’59” | **Voz de Ticiano:** Quando era menino lá. Mas eu fui companheiro de corrida de velocípede, do seu irmão Arian, mas Nova Cruz é uma cidade rica e figuras humanas, os doidos, os personagens, você se lembra? Tinha um Lauro...  |
| 11’00” a 11’08” | **Voz de Diógenes:** Lauro doido que andava com uma roda tirada de pneu, e aquilo era o carro dele, ele dirigia para todos os cantos lá,  |
| 11’09” a 11’11” | **Voz de Ticiano:** Tinha uns contadores de histórias, João germano... |
| 11’11” a 11’15” | **Voz de Diógenes:** João Germano, morava quase em frente a minha casa.  |
| 11’15” a 11’33” | **Voz de Ticiano:** ... A sua casa. Agora eu me lembro do seu pai sentado em frente a casa comercial, a loja e eu menino né?! Passava de velocípede lá com Arian, e aquela figura tranquila, calma, e o filho que mais se parece com ele é o Daladier. |
| 11’33” | **Voz de Diógenes:** Daladier. |
| 11’34” a 12’06” | **Voz de Ticiano:** Era daquele porte físico, mas Nova Cruz, foi uma cidade que me apaixonou, fui menino lá e não esquecia Nova Cruz. Ía as férias para lá, passava as férias, foi os meus primeiros encantamentos, meus primeiros aluamentos, então eu acho que essa sua vocação poeta, Nova Cruz era uma cidade que despertava essa vocação para poesia. É porque eu não tenho vocação poeta (risos ao fundo)  |
| 12’06” a 12’08” | **Voz de Diógenes:** Eu sou um poeta perante a vida rapaz,  |
| 12’08” a 12’14” | **Voz de Ticiano:** Eu não posso viver sem a poesia, a poesia faz parte da vida da gente, agora eu não tive a felicidade de ser poeta. |
| 12’15” a 13’00” | **Voz de Diógenes:** Rapaz, sendo, eu comecei os meus primeiros versos aos oito anos, meu primeiro versinho, já tentando imitar alguma coisa que eu havia lido, essa era uma visão. Uma coisa que eu li de trem só para terminar essa história, eu espantei, era curioso desde menino, e fiquei espantadíssimo porque fiquei de descobrir por que o trem andava. Andei perguntando, no fim descobri que o trem andava porque era excêntrico naquele embolo que pegava a roda, isso pra mim foi um choque tremendo e a partir daí eu tive certa diminuição das pancadas das pessoas que as pessoas geralmente rejeitam a excentricidade em tudo. E eu passei a aceitar um pouco mais os excêntricos, (risos ao fundo) e as excentricidades em função do trem de Nova Cruz. É meio estranho, mas é. |
| 13’00” a 14’08” | **Voz de Nei:** Você em 1968 você lançou seu primeiro livro? Lua quatro vezes sol. Naquela época havia-se alguns autores como Sanderson com dezesseis anos lançou seu primeiro livro .... Rego aos vinte e um anos, Luís Carlos aos vinte e quatro, você lançou aos trinta e um anos, em 68, mas o que me chama atenção, o que sempre me chamou atenção que era um livro já, talvez sem maturidade, dezesseis anos, é muito pouco, vinte e um já é mais maduro, mas aos trinta e um anos, lua quatro vezes sol, é um título enigmático. Eu sempre achei que, interpretando, lendo, esse título para mim, esse livro para mim, é um de seus melhores livros, é, se o lirismo na lua for multiplicada pode se ter uma luz solar. Eu não sei se é isso que você buscou, mas é isso que eu sempre achei, porque aquele livro é fundamental na sua obra poética. Eu gostaria que você falasse um pouco naquela estreia, inclusive foi saudado por Cascudo, com prefácio de Cascudo...? |
| 14’09” a 15’42” | **Voz de Diógenes:** Olha, eu primeiro fiquei apavorado quando eu cheguei, porque eu não sou letrista, pra mim a poesia era só soneto. E havia outras figuras, delgado quando veio de santo Antônio comigo e era um sonetista emérito, superior, bem superior, tinha certa inveja porque, delgado fazia alexandrino bem arrumado. E eu comecei quando mostrei aqui, era como se fosse uma coisa, negativa e rejeitada, eu era um ultrapassado. Então eu tentei mostrar alguns, a partir daí um dia eu mostrei a Newton Navarro, e Newton deu um estímulo grande, mas o grande estímulo foi realmente Cascudo, Cascudo jogou para que eu fizesse uma poesia, me mostrou, me apresentou para poetas que eu jamais imaginaria ter no começo, ele me jogou ao milar e e outros dessa natureza, então eu comecei a tomar um impacto disso aí, e acho que com esse livro, que eu tenho tanto encanto com ele, dedicado a Geraldo Batista, o reitor Onofre Lopes autorizou. Doutor Onofre era um homem estranho, porque ele, ele censurava tudo e ele era um, muito mais que o passado. Quando ele viu o livro, eu quero publicar. E o livro saiu, era meio estranho para a personalidade e o tipo dele, era um... |
| 15’43” a 15’48” | **Voz de Ticiano:** Era um tipo... Ô Diógenes, Dinarte gostava de poesia disse que era... |
| 15’47” a 15’49” | **Voz de Diógenes:** ...muito, sabia decorado muita coisa. |
| 15’49” a 16’14” | **Voz de Ticiano:** Sabia decorados todos os sonetos, de olavo bilac, eu não sabia disso?! Um amigo meu me conta e é tanto que o filho dele, alberto dos Wanderley Mariz, ele botou Roberto Wanderley Mariz, ele não botou dos Wanderleys por influência de diácolo, Olavo Braz dos Martins dos Wanderley Bilac, dos Guimarães (vozes tentando completar a frase) |
| 16’15” a 16’16” | **Voz de Diógenes:** Olha Dinarte sabia repetir... |
| 16’16” a 16’19” | **Voz de Tarcísio:** Isso você conta no seu livro, você podia... |
| 16’19” a 17’22” | **Voz de Diógenes:** Eu tive influência, influências muito fortes, além do meu pai, foi a maior, claro! Foi Cascudo, Dinarte, Djalma Marinho e Onofre Lopes. Não necessariamente nessa ordem, de vez em quando eu assumia uma ordem maior, mas eu convivi, me aproximei muito dessas pessoas, porque eu achava extraordinárias, com talentos, conforme eu procurava me aproximar. Então Dinarte sabia dezenas, padrinho de Nei Leandro, dezenas de poemas decorado. Agora ele posava de analfabeto, porque interessava ele ganhar por rótulo (risos ao fundo) passar melhor, era um homem talentoso leu bastante, leu Graciliano Ramos, anotou Graciliano Ramos, sabia coisas, pedaços, lia, tinha interesse em tudo quanto era economia nacional, sabia ganhar dinheiro, mas tinha esse lado extraordinário da vida dele, como Djalma, como Djalma Marinho que também era um poeta, eu publiquei um poema dele mas era... (várias vozes falando ao mesmo tempo) |
| 17’23” a 17’50” | **Voz de Ticiano:** Djalma foi uma memória muito viajada, Djalma o que tinha lido há quarenta anos ele lembrava e citava tudo. Não era só parecido com ele Negreiro, Rafael Negreiro que era uma coisa fora de série, que citava sem consultar o livro, mas citava direito, não consultava, nem lia o que escrevia, e Everaldo Siqueira que é um poeta também... Djalma Marinho era impressionante. O que ele tinha lido há cinquenta anos ele citava, não existe. |
| 17’50” a 18’06” | **Voz de Tarcísio:** Ticiano, vou pedir permissão para continuar já que Nei levantou a bola das publicações de Diógenes, depois do Lua quatro vezes sol, você publica o Instrumento dúctil, né? Entre um e outro havia umas publicações no campo da comunicação, você fez uns ensaios sobre a comunicação... |
| 18’04” a 18’16” | **Voz de Diógenes:** Eu fiz umas coisas sobre, cultura de massas, sempre me interessou, foi um tema que sempre me interessou, e fiz uma sobre economia mista que era a defesa do governador Cortez Pereira... |
| 18’16” | **Voz de Tarcísio:** Exatamente |
| 18’17” a 18’22” | **Voz de Diógenes:** Foi acusado e foi um processo... |
| 18’21” a 18’25” | **Voz de Ticiano:** Mas você é memorialista, Diógenes é um memorialista, tem muita coisa... |
| 18’24” a 19’16” | **Voz de Tarcísio:** Sim! Claro! Não mas essa, é interessante para o telespectador tomar conhecimento disso, porque o telespectador, naturalmente ouve muito falar das publicações recentes de Diógenes que não são poucas, mas provavelmente não saberá daquelas outras que ocorrem nos anos setenta, final de sessenta pros anos setenta e aí valeria pena a gente lembrar desse livro. Instrumento dúctil é uma maneira, de você poeta talentoso que é, né? Nei já chamou a atenção para o título Lua quatro vezes sol, e eu chamo a atenção para título de Instrumento dúctil, que é um (balbucia), que é um título perigosamente, corajosamente neo-parnasiano, né? Porque ele remete metaforicamente pra questão do (balbucia), do ferreiro, do artesão, do ourives, que tá de alguma maneira, enfim... Fale você? |
| 19’17” a 20’30” | **Voz de Diógenes:** É a história de Drummond, né? Trabalhando a palavra. A palavra instrumento dúctil, numa é mais dúctil que a palavra, então a tentativa era de fazer isso. E Nei ajudou desde o começo com a capa, botando um cara talentosíssimo, quebrou a palavra de todas as maneiras, fez uma capa extraordinária. Aliás, na minha vida toda eu acho que tive certo êxito fruto do atrevimento das coisas. Eu sempre procurei, é, mostrar... Abrir meu caminho. Abrir meu caminho, meu caminho é esse, foi o que eu pensei, humildade, sem muitas vezes a forma de abrir caminho, levei pancada muita, muita pancada, ninguém imagina que foi fácil, foi difícil para a cidade me aceitar como era. Como é que podia ser na minha época, o advogado tinha que ser paletó e gravata que eu tô aqui, e sobretudo preto, escuro. Como era que a cidade ia aceitar um advogado que, boémio, fazia farra, tomava cachaça, ia visitar as meninas de Maria, (risos ao fundo) né? Fazendo todas as coisas que eu usava, cabelo grande, cabelo estirado... |
| 20’31” a 21’28” | **Voz de Nei:** Ah um detalhe viu, Diógenes, que Celina Navarro a mãe de Newton Navarro, costumava dizer o seguinte, Diógenes da Cunha Lima, Diógenes não tem dinheiro (risos ao fundo) não é bonito como o meu filho é, mas vive cheio e cercado de mulher (risos ao fundo), ela dizia isso, então ele é um conquistador no sentido mais amplo da palavra. Porque conquistou Câmara Cascudo, aos treze anos, conquistou a amizade de Cascudo que durou enquanto Cascudo viveu, uma vez eu tentei fazer isso, eu já estava na faculdade para entrar na casa de Cascudo, a dona naga não deixou, a primeira barreira eu venci, a segunda eu não venci e eu tentei cinco vezes ir à casa de Cascudo, mostrar um trabalho e não foi possível de maneira nenhuma, enquanto que Diógenes era todo dia por lá. (risos ao fundo) e a gente morria de inveja. |
| 21’28” a 21’32” | **Voz de Ticiano:** Mas a diferença de idade, gostava dele e a diferença de idade era grande (risos ao fundo) |
| 21’33” a 21’41” | **Voz de Nei:** E eu, eu só consegui vencer essa barreira de Anália e de Dália, passando pela grama para Cascudo, eu Nei Leandro de Castro, aluno, gostaria de ter... |
| 21’39”  | **Voz de Tarcísio:** ah! É? |
| 21’42” a 22’06” | **Voz de Nei:** Eu pedi, ele respondeu e eu dei meu endereço, ele respondeu muito bem humorado, e recebeu rindo, mas que coisa como é que você vai passar um telegrama pra mim bem aqui?! Não foi possível pessoalmente romper essa barreira que Diógenes sempre rompeu, além dessa sedução, das conquistas do mais amplo sentido seminiano navarriano da palavra. |
| 22’04” a 22’53” | **Voz de Diógenes:** Mas eu queria dizer o seguinte, de vera, é, a minha vida é esse destino. Realmente a vida me deu muito drama, grandezas, sofrimentos, mais o destino de formar amigos e de ter pessoas, assim que, prestaram atenção em mim e que deram apoio. Quero registrar Onofre Lopes, que este homem extraordinário sem limite, o que ele me ensinou na vida em termos de administração, foi o se eu tive um êxito maior foi Onofre Lopes, porque ele era um administrador exemplar, sem limite e sobre literatura ele tinha uma frase que eu queria lembrar aqui, só essa frase, é que ele dizia, leia Machado de Assis, não precisa ler mais ninguém. (risos ao fundo) era exagerado.  |
| 22’54” a 23’06” | **Voz de Ticiano:** Diógenes, eu queria..., Onofre a posição digna que ele teve durante o regime militar, na frente da reitoria, não permitiu determinados abusos lá dentro, e é preciso se reconhecer isso. |
| 23’06” a 23’27” | **Voz de Tarcísio:** Eu vou pedir permissão a você e pedir permissão a Diógenes, para fazermos um pequeno intervalo e ao retornarmos, nós começaremos a conversar sobre a trajetória de Diógenes da Cunha Lima, agora no campo do direito e no campo também universitário, onde ele vai galgar o posto maior na condição de reitor desta Universidade federal do Rio Grande do Norte. Daqui a pouco nós retornamos. |
| 23’28” a 23’35” | **Vinheta de intervalo – estamos apresentando** |
| 23’36” a 24’42” | **Propaganda** |
| 24’43” a 24’54” | **Vinheta de intervalo – voltamos a apresentar** |
| 24’55” a 25’48” | **Voz de Tarcísio:** Bem, nós retornamos com o programa Memória Viva, hoje entrevistando a figura do reitor Diógenes da Cunha Lima, nesse programa de número cem. Diógenes, você já inserido, digamos assim, nesse cenário definitivamente natalense, você já tornado também um natalense, você galga a condição de advogado primeiro, né? Você se forma em direito e na sequência você chegará a reitoria da Universidade, as alegrias são enormes, até porque você encontra uma mulher maravilhosa, casa com ela, mas o destino vai lhe proporcionar num tremendo de um golpe né? Você poderia falar um pouco disso Diógenes? |
| 25’48” a 28’18” | **Voz de Diógenes:** Posso sim claro. A minha destinação para a advocacia deveu-se a um entusiasmo por um primo chamado Otalício, que chegou a procurador de justiça, que eu fui substituto dele como adjunto em Nova Cruz. Meu pai também era adjunto promotor, e me deu as primeiras orientações iniciais nessa coisa. Depois eu fui, vim aqui uma figura chamada Nogueira Fernandes, era outro promotor e procurador de justiça e eu fui substituto dele, aqui como promotor da primeira promotoria. Então isso estudante, logo quando eu me formei eu tinha experiência Walter Guerra me chamou porque ele queria um jovem para o lugar e que tivesse uma experiência que poucos tinham como eu. Uma experiência de cartório saber mexer algum processo, e comecei, imagine já ensinando logo depois de sair da faculdade, o que era uma coisa difícil e temerária. Tive Edgar Sermite como companheiro, que já estava um pouco na frente, tinha Alberto do departamento de pratica livre e começamos um trabalho. O escritório de advocacia foi com o meu companheiro Zé Augusto Delgado, hoje ministro, Delgado... Montamos o escritório no Alecrim. O escritório era em cima, na avenida um. E era uma loja de comércio, Armazém São José, depois Armazém Triunfo, e a dificuldade era pagar o aluguel, que era oito contos, oito qualquer coisa no mês. Medo enorme, e nós montamos e mantivemos esse escritório. Bastante tempo, até que fizemos concurso para juiz, fomos nomeados, eu não quis ser juiz, tive medo de ser juiz, porque eu sempre fui muito apaixonado pelas coisas e juiz precisa ser, equilíbrio absoluto. Talvez hoje eu pudesse, talvez ainda diga, porque ainda tomo muito partido. Mas não pude ser, e aí começou a minha vida dentro da Universidade. Fui chefiado, cheguei a chefe de departamento, a coisa andou, doutor Onofre me estimulando. Quero dizer um detalhe muito importante dessa Universidade, ele me contratou da seguinte maneira, há um mês sim, há um mês não. Era um mês sim e outro não porque a folha era difícil, então ele dizia que ia testar dois anos, eu ia ser testado, depois de dois anos se fosse com o serviço, tinha direito a um contrato. Aí eu fui a doutor Otto... |
| 28’18” a 28’22” | **Voz de Tarcísio:** Sendo que doutor Onofre praticamente inicia com você o tal do estágio probatório. |
| 28’22” a 28’56” | **Voz de Diógenes:** Ele fazia isso com o pessoal do médico, com os professores de Medicina, com os professores de Direito, e lhe interessava. Uma vez eu fui a doutor Otto, doutor Otto eu tô servindo? Tá!. Doutor Otto, eu ganho um mês sim e outro não, eu trabalho um mês sim e outro sim, e ele foi dizer isso a doutor Onofre. (risadas ao fundo) a partir daí endireitaram a história. Mas a coisa foi fluindo dentro desse quadro e tive o apoio extraordinário, fui reitor desta Universidade graças a posição de doutor Onofre. Doutor Onofre foi o principal estimulador, Cascudo, bom observe que era quase impossível chegar a ser reitor. |
| 28’56” a 28’58” | **Voz de Tarcísio:** esse episódio é interessantíssimo... |
| 28’57” a 29’04” | **Voz de Diógenes:** Porque eu era da oposição, candidato de oposição ao reitor, na época o reitor é quem escolhia os conselheiros, conselheiros eles já escolhiam, quarenta e seis conselheiros  |
| 29’05” a 29’06” | **Voz de Tarcísio:** E você entra numa lista, na lista... |
| 29’06” a 29’07” | **Voz de Diógenes:** Entrei contra. |
| 29’07” a 29’08” | **Voz de Ticiano:** Foi no último lugar da lista. |
| 29’09” a 29’27” | **Voz de Diógenes:** Não, foi quinto lugar, dos seis eu era o quinto, e ruinzinho com dificuldade enorme. Entrei naquela dificuldade enorme, mas aí tive uma coisa extraordinária, Cascudo fez uma carta ao presidente da república, dizendo que eu era o nosso Jesus Cristo e que tinha que ser nomeado, e exigia. |
| 29’27” a 29’29” | **Voz de Ticiano:** E ao ministro Portelli, quem escreveu para o ministro Portelli? |
| 29’30” a 30’32” | **Voz de Diógenes:** Quem primeiro contactou com Portelli, eu creio, não foi Cascudo, foi Gilberto Freire, mas já a partir, da carta de Cascudo que eu levei, e ouve outra coisa fantástica, eu fui escolhido pelos intelectuais. Pelos grandes intelectuais, os monstros sagrados da cultura. A partir daí eu tive com o telegrama de Zé Américo de Almeida ao presidente da república, foi uma loucura. Diógenes da Cunha Lima como reitor, na reivindicação do Nordeste, e Zé Américo, uma autoridade Zé Américo de Almeida. E de posse desses dados, Gilberto Freire que apresentou a Portelli, deu um empurrão junto a Portelli, foi aí Gilberto Freite, Jorge Amado, figura extraordinária, Raquel de Queiroz, sem brincadeira, era praticamente impossível. No final Dinarte controlando as histórias todinhas, porque ele tinha certo político, como o governador era Tarcísio, era Lavô, o ex-governador que era Tarcísio presidente do partido não queria, o reitor era Domingos, o ex-reitor Genário, tinha outros com outros candidatos, a coisa ficou difícil. |
| 30’32” a 30’34” | **Voz de Ticiano:** Tinha outro candidato que era o Clóvis Gonçalves... |
| 30’33” a 30’36” | **Voz de Diógenes:** Clóvis! Que era talvez uma grande figura extraordinária. |
| 30’34” a 30’37” | **Voz de Tarcísio:** Era uma pessoa querida na Universidade. |
| 30’37” a 30’41” | **Voz de Diógenes:** Uma figura que depois foi vice. |
| 30’41” a 30’44” | **Voz de Tarcísio:** Mas diante dessa avalanche...  |
| 30’44’ a 31’10” | **Voz de Diógenes:** Era impossível, não podia não, Dinarte me arrumou também com Djalma Marinho, Nei, Ivan Rosado, era pouco, o meu apoio era pequeno. Agora era impossível, o presidente e tendo um intelectual como Portelli na frente do ministério, eu não podia deixar de ser designado. Eu fui o primeiro dos reitores designado com Portelli. E assumi lá umas mil coisas. |
| 31’09” a 31’17” | **Voz de Tarcísio:** E aí você chega a Universidade e acontece uma coisa muito interessante, porque você chega num momento especialmente difícil né?  |
| 31’17” | **Voz de Diógenes:** Muito difícil. |
| 31’18” a 31’34” | **Voz de Tarcísio:** Você num primeiro momento não é bem absorvido pela comunidade universitária, as pessoas ficam muito assustadas com a presença etc. Mas você faz uma administração rigorosamente brilhante, e aí você vai... |
| 31’34” a 31’34” | **Voz de Diógenes:** Eu vou dizer umas vertentes. |
| 31’35” a 31’43” | **Voz de Tarcísio:** Eu sou até um pouco cabotina nessa história também, porque dessa administração resulta o próprio Memória Viva, né? E gostaria que você falasse se possível... |
| 31’42” a 31’44” | **Voz de Ticiano:** Aí chega a presidência do conselho de reitor. |
| 31’46” | **Voz de Tarcísio:** do conselho de reitor. |
| 31’47” a 31’59” | **Voz de Ticiano:** Mas dessa eleição dramática que eu ajudei, representando a maçonaria, a pedido de Armando Fagundes dizendo Ticiano vá pra lá ligar para os grão-mestres do Brasil inteiro...  |
| 31’59” a 35’05” | **Voz de Diógenes:** Foi verdade, a maçonaria deu um apoio sem limite, eu fui com apoio total. |
| 32’00” a 32’07” | **Voz de Ticiano:** Para apoiar Diógenes e eu liguei para todos os grão-mestres do Brasil inteiro. |
| 32’06” a 32’10” | **Voz de Diógenes:** Do Brasil inteiro que estava me apoiando. A maçonaria, foi um negócio diferente. |
| 32’10” a 32’13” | **Voz de Tarcísio:** Mas falemos de sua administração na reitoria. |
| 32’13” a 33’36” | **Voz de Diógenes:** Rapaz, quando eu cheguei na administração, eu procurei primeiro sanar as feridas, por exemplo, eu convidei Lauro Bezerra e Dalto que tinham sido meus concorrentes mais próximos que estavam lá. E passei a reitor, convidei Moacir Duarte para a administrativa, era um administrador de mão cheia, saí convidando pessoas, Sanderson Negreiros para a extensão, em outras palavras fizemos um time de primeira grandeza, que podiam ser ministros, todos tinham nível, os pró-reitores do meu tempo, foram pessoas que bolaram e da equipe que começou a fazer. Aqui essa TV, que era preto e branco, não existia programa local, havia coisas menores, eu convidei Serejo que lembrou de Carlinhos Lyra, veio logo Carlinhos Lyra, e conseguimos trazer os lucros. Então veio uma presença local extraordinária, mas eu que bolei o seguinte, que no programa, não havia as brigas ideológicas. Eu inventei a linguagem da Universidade Receptiva, todas as vozes tem vez. Isso já diminui o impacto, todas as vozes tem vez, aqui se tiver comunista, será apoiado, deu um choque logo, por exemplo, pastor Machado estava proibido. Primeiro lugar do concurso, mas era comunista não podia, e eu olha isso é um absurdo, tá nomeado. |
| 33’37”  | **Voz de Nei:** Danilo Berça |
| 33’38” a 33’41” | **Voz de Diógenes:** Danilo Berça estava proibido de entrar na Universidade. |
| 33’41” a 33’42” | **Voz de Ticiano:** Moacir De Góis |
| 33’42” a 33’45” | **Voz de Diógenes:** Moacir, mil coisas, então eu fui mostrando que não era por aí. |
| 33’45” a 33’47” | **Voz de Ticiano:** Eu me lembro que todos eles voltaram. |
| 33’47” a 36’11” | **Voz de Diógenes:** Então a coisa começou a ver, comecei a dar apoio também, a Cavalcante, é Francisco de Assis Cavalcante, era líder, chegou a presidência da Fasubra, o fórum nacional, e eu fui levado numa disputa pesada, a presidência do conselho de reitor e na época era um organismo único, de cúpula das Universidades Brasileiras. Isso possibilitou muita coisa, muita coisa que veio para essa Universidade, veio também na época, e começaram a fluir, é (balbucia) porque eu também era o presidente do conselho de reitor, eu falava em nome das outras, eu tive a possibilidade de lutar por Universidades como a de Minas Gerais, como Paraná que estava em crise como a Universidade a (balbucia) USP, já pensou, eu fui com vinte reitores para falar com o governador do estado que estava prejudicando a USP. Então era um clima interessante que tinha certo prestígio e fazia. E com isso fui fazendo coisa, comecei a bolar o programa, talvez um dos programas mais interessantes desse período, foi o memória como todo, esse era parte do Projeto Memória. O projeto memória incluía coisas como, a gravação de Grace Barbalho e todo o sistema de música popular, do bolachão. E ele comentou cada um que taí. Fizemos outra aquisição de cordel e ficamos com a maior coleção do Brasil, depois soube que desapareceu daí, ficou menor, mas era no centro de convivência, fizemos o centro de convivência, curiosamente com recurso próprio. Porque permutei, permutei mesmo as empresas construtoras para poder ter o dinheiro para construir, o ministro vetou. Não havia recurso, isso aqui foi pago com, talvez o primeiro, ato de reitores permutando em empresa, e só pagava se eles pagassem essa multa que estava por atraso, previsto a multa, previsto que tinha sido cobrado. Botei Zé Dantas que era uma figura notável, que veio do Banco do Brasil, do Banco Nordeste, para dirigir o ETA, que era um órgão que estava muito mal falado na época, negativo, mas passou a ser um exemplo no Brasil. E começaram a fluir recursos para cá. Que possibilitaram, foram feitos também pelo projeto memória, a publicação dos artigos, dos trabalhos dos professores, todos os que quisessem lá publicavam, trabalho pequeno, mas foram quinhentos títulos.  |
| 36’11” | **Voz de Tarcísio:** Bibliografadas. |
| 36’12” a 36’14” | **Voz de Diógenes:** Bibliografadas, com dificuldades, com luta. |
| 36’15” a 36’19” | **Voz de Tarcísio:** Quase artesanal, mas que vingou massivamente a produção acadêmica da Universidade. |
| 36’17” a 36’25” | **Voz de Diógenes:** Extraordinária. Sanderson deu uma presença forte, inclusive, sentenciando a elaboração desse projeto. |
| 36’26” a 37’20” | **Voz de Ticiano:** Mas você esqueceu uma coisa importante que você realizou na sua administração, que jamais foi imitado, você uniu a elite intelectual do Brasil, fez um grande encontro aqui de cultura, vieram todos os grandes escritores aqui desse país. Me lembro, que você me pediu, a mim e a Waltison para ir convidar Zé Américo de Almeida, levar o convite em mãos para ele receber um prêmio em Natal, então eu fui a João Pessoa com Waltison. Chegou o poeta lendo o livro, Diógenes, Ticiano tome conta dele lendo o livro e lá distribuiu. Vou contar um episódio rápido, eu vinha colhendo livro, e encontro Newton Navarro puxando fogo (risos ao fundo) num bar do hotel e eu disse Newton lendo Ivo, aí ele levantou e declamou even garden, vim chorar tua carne mal (balbucia) aí ele lendo emocionou, abraçou-se com ele e eu disse, esse é o poeta Newton Navarro. |
| 37’21” a 37’47” | **Voz de Diógenes:** Mas houve um encontro mais brabo na época também, foi bonito, foi sugestão de Djalma Marinho, então Djalma queria mostrar, o plano nacional, para a confluência a Universidade receptiva, eu queria mostrar que o Brasil tinha que ser receptivo as ideias de quem tinha. Então realizamos um seminário aqui e trouxemos líderes de todos os partidos, e todas as opiniões que estavam contrárias para dentro da Universidade, para debater política numa época de...  |
| 37’48” | **Voz de Ticiano:** De governo e a oposição. |
| 37’48” a 37’49” | **Voz de Tarcísio:** Numa época de inserção. |
| 37’49” a 38’54” | **Voz de Diógenes:** De inserção. Eu só não fui, não tive em grave dificuldade porque o ministro, os dois ministros, ou os três que comigo trabalharam, também teve Ester no final, eu trabalhei com eles, junto a eles, mas sobretudo eu tive o apoio de Rubelo Dias, que era um general importante, e então quando eu fazia um negócio errado, telefonava para ele ou ia lá bebia com ele, ele fumava muito, tomava um cigarro e bebia e eu contava então as histórias. Olha aqui aquele fulano de tal comunista eu mandei rasgar, eu mandei rasgar todos os contratos da Universidade que diz que só entrava em rigor depois de aprovado pelo ato. Então eu digo, eu não sou o reitor, quem é o reitor é o chefe do serviço da segurança. Eu mandei rasgar e eu mandei fazer, o primeiro do país a cortar isso, e tive o apoio do ministro. Essa coisa repercutiu e veio a terminar no ministro, isso foi no começo e veio terminar, como um ato de submissão ou de desaforo. Quando não tinha nada disso, era apenas uma questão hierárquica, e era... Então nós tivemos toda uma experiência nisso aí.  |
| 38’55” a 39’34” | **Voz de Tarcísio:** Agora Diógenes, você (balbucia) você sai da administração absolutamente reconhecido, mesmo as pessoas que não, digamos assim, que não gostassem de você, eram forçadas a reconhecer o trabalho extraordinário que você realizou, mas esse período lhe traz uma situação (balbucia) você tem que enfrentar uma situação que é realmente, extremamente, amargurada, embora você uma pessoa extremamente na maior... Mas que também faz você crescer junto até aquelas pessoas que olhavam você com certo... Como é essa história? |
| 39’35” a 41’00”  | **Voz de Diógenes:** Meu casamento foi um casamento em amor, Moema, minha paixão, mãe de três filhos meus, eu tenho também uma filha querida fora do casamento, é, mas Moema adoeceu e passou dezessete anos ou no meu braço ou numa cadeira de rodas, então era difícil apesar do seu talento extraordinário, então ela aglutinava, ela fazia coisas fora do comum, me animava, me apoiava e tudo que podia fazer na vida. Mas é claro que havia muita angústia, muito sofrimento, dentro de todo aquele perpassar. Agora Moema era uma pessoa extraordinária, fez um festival, fazia lá em casa, era uma casa grande, a primeira coisa de Moema foi a seguinte, quando eu assumi, disse Moema vamos baixar a conta, baixar a bola não pode gastar dinheiro, que eu não vou sempre viver com coisa de reitor, tive que vender minhas coisas para poder ser reitor, a minha ideia continuar no luxo. A primeira coisa que ela me fez foi um convite para trezentas, quinhentas pessoas lá em casa, gastou uma fortuna, pra quê? Pra mostrar que você tinha bens antes de chegar a reitoria, então você me agradeça isso aqui. Ela era cheia dessas coisas, fazia um festival de música popular, nasceram grandes figuras lá de casa, Lucinha Lyra, e quantos outros sairam daí, o projeto memória que publicou trinta discos daqui, trinta e um discos, de autores norte-rio-grandenses, interprete, tudo na vida, nasceu eu creio a partir dos festivais que Nei... |
| 41’01” a 41’08” | **Voz de Nei:** Mas os festivais, o seu festival tinha um detalhe, o primeiro lugar tinha que ser de Diógenes, o segundo em diante podia ser disputado. (risos ao fundo) |
| 41’09” a 41’12” | **Voz de Tarcísio:** Bem e aí tinha o dedo de Moema. (risos ao fundo) |
| 41’09” a 41’39” | **Voz de Diógenes:** Isso era Moema, isso era Moema que combinava, uma vez tinha uma historinha, me deixa contar essa história, se dava, ela era fantástica, Márcio Marinho, disse Moema chegou lá, Márcio você vai participar, você nunca participa do mote das músicas e Márcio, participo mas tem uma condição, Moema disse, diga Márcio eu aceito as suas condições, ele disse eu escolho a comissão julgadora. (risos ao fundo) aí disse a minha comissão julgadora vai ser, vai ser dôdora, tia neném, aí Moema disse, já sei, Hebe não que é do lado de lá. (riso ao fundo) |
| 41’39” a 42’10” | **Voz de Tarcísio:** bom, é, é, Diógenes eu vou pedir a você permissão também para interromper pra um novo intervalo e ao retornarmos no último bloco do programa, nós conversaremos sobre Diógenes hoje. Esse homem que incansavelmente agita a vida cultural da cidade, tem sempre uma coisa nova inventando, tá criando sempre coisa, tá administrando na frente dos administradores de plantão e é tornando a cidade muito mais interessante com a sua inteligência, daqui a pouco nós retornamos. |
| 42’11” a 42’19” | **Vinheta – estamos apresentando** |
| 42’20” a 43’24” | **Propaganda** |
| 43’25” a 43’37” | **Vinheta – voltamos a apresentar** |
| 43’37” a 44’27” | **Voz de Tarcísio:** bem, nós retornamos com o programa Memória Viva, hoje entrevistando Diógenes da Cunha Lima, e vamos conversar agora Diógenes sobre as suas atividades atualmente que são inúmeras e bastante fecundas... A começar pela publicação regular de livros de variadas natureza até chegar esse momento que você presidindo a Academia Norte-rio-grandense de Letras, você movimenta culturalmente a vida da cidade sugerindo coisas tão estranhas e interessantes, como por exemplo, a de que uma flor tão singela como a xanana deve-se tornar na flor símbolo da cidade. Fale sobre essas coisas. |
| 44’27”  | **Voz de Diógenes:** rapaz  |
| 44’28” a 44’29” | **Voz de Tarcísio:** Natal poemas e canções... |
| 44’29” a 46’33” | **Voz de Diógenes:** Isso me encanta, realmente me encanta . A xanana, sempre me chamou atenção, dentro do projeto memória desses discos que nós lançamos trinta e um, houve uma canção de Peri Lamartine, foi publicado sobre a pixanana, que a linguagem nova foi a xanana, que é um nome mais bonito, mais arrumado. Eu comecei a olhar para essa flor, que ela nasce nas manhãs e todo canteiro, canto de muro, um recanto, ela aparece e estão cheios, é linda a flor. Ela é linda, extraordinariamente bonita. Desde o nome, a forma, o jeito e o atrevimento, é como a cidade que teima em crescer. Veio a foice de pessoas menos sensíveis e corta tudo, então sugeri a um poeta, que é vereador na época, que apresentasse a Capistrano, que apresentasse o poeta, uma coisa, como um projeto, como existe a flor de lis, que é símbolo de Florença. Como existe a tulipa que é símbolo de algumas cidades da Holanda, como existem várias.... Porque não a xanana ser flor? Então ela passou a ser símbolo desta cidade. Além disso, são muitas coisas como essa que ao logo da vida fui fazendo, fui fazendo, agora mesmo como estou com um projeto atrevidíssimo, que é, nós mandamos fazer, a parte que eu gosto de Leonardo da Vinci, acho com tanto entusiasmo, então eu fui a Vinci, a cidade dele, eu fui ver as obras básicas de Leonardo e resolvi fazer em Parnamirim o cavalo de da Vinci. Ou seja, ele nunca fez o cavalo porque quando ele fez o protótipo, Milão foi invadida por tropa francesa e atiraram no protótipo, mas ele fez os desenhos. Então eu encontrei um extraordinário escultor, Dalécio Ipueira, e contratei e ele fez o cavalo de da Vinci e garanto que tá melhor do que o de Milão e de da Vinci, tá lá em Parnamirim.  |
| 46’34” | **Voz de Ticiano:** Ipueira  |
| 46’34” a 47’58” | **Voz de Diógenes:** Ipueira, setenta quilômetros de Caicó. E este cara cria essa coisa, mas agora eu resolvi endoidar de vez e é o seguinte, a região que eu fiz lá com meu irmão que era chamado a cidade do vaqueiro, eu tô fazendo um projeto que é todo vinciano, vai ter ponte de Leonardo, feito a forma de Leonardo, vai ter o homem vitruviano, enfim, toda a visão estou trabalhando com artistas e bolando essa forma aí. Eu creio que isso é uma coisa interessante, não só para Parnamirim, mas para o Rio Grande do Norte e uma visão diferente, uma coisa que é possível de ser feito. Então às vezes leva tempo, quando eu inventei o... Inventei não, começamos a discutir aqui, nesta Universidade o presépio de Natal, presépio de Natal e eu conversei com Oscar Niemeyer, era um escândalo por que a Universidade não podia mais. Eu comecei e foi feito, foi feito com o Ubirajara Galvão, a amostra que foram os três primeiros, o projeto nasceu dali. Mas depois como na Academia de Letras eu contratei Oscar Niemeyer pra fazer o projeto, uma responsabilidade de pagar, se eu não conseguisse passar para uma prefeitura do estado. O Estado passou e hoje tá feito, um trabalho de parceria dele com Dorian Grey Caldas, que sempre honrou esta cidade com o seu talento extraordinário. |
| 47’58” a 48’41” | **Voz de Nei:** Diógenes, eu queria voltar ao cavalo de da Vinci, viu... Queria voltar ao cavalo de da Vinci, que ele não falou, mas eu posso falar, que eu conheço e sei do assunto, ele, ele contratou um escultor muito talentoso, popular, sertanejão de Ipueiras, e esse cavalo é simplesmente uma obra-prima, da Vinci se visse, haveria de ficar impressionado, só que na hora de pagar, Diógenes pagou tão generosamente a esse escultor popular, que ele foi para o Seridó, cercou-se daquelas mulheres todas (risos ao fundo) durante um mês enlouqueceu, endoideceu (risos ao fundo) . Diógenes trouxe ele para Natal praticamente viciado. |
| 48’42” a 48’44” | **Voz de Diógenes:** maior talento, maior talento, é nada, história de Nei, campeão da história (risos ao fundo) |
| 48’43” a 48’48” | **Voz de Nei:** Você me disse, é que você não quer divulgar. |
| 48’49” | **Voz de Diógenes:** Maior talento. |
| 48’49” a 49’11” | **Voz de Ticiano:** Você, Diógenes diante de tudo isso, dessa atividade, atividade cultural da sua vida, intelectual, escritor, poeta, você é um grande advogado, você tem uma banca grande, e você é vitorioso na profissão, e segundo se diz, que você enriqueceu na profissão, você é um homem de bem, de bens (risos ao fundo) materiais. |
| 49’10” a 49’12” | **Voz de Diógenes:** Eu sou de bem, não sei se... |
| 49’12” a 49’13”  | **Voz de Ticiano:** Você é um homem de bem e de bens (risos ao fundo) |
| 49’14” a 49’20” | **Voz de Nei:** Só houve dois poetas ricos no Brasil, na história da poesia augusto Frederico Schmidt e Diógenes da Cunha Lima. (risos ao fundo) |
| 49’22” a 49’25” | **Voz de Diógenes:** Não espalha esse negócio não, que hoje, hoje ser rico é uma coisa errada, primeiro não é, mas segundo... |
| 49’25” a 49’26”  | **Voz de Ticiano:** Corre risco não é?!  |
| 49’27” a 49’49” | **Voz de Tarcísio:** Agora Diógenes, você pelo tom, o telespectador já percebeu, do tom da conversa de Nei e Ticiano, já perceberam que você é também o cultor da conversa amena, alegre, brincalhona, você é um homem de grandes amigos, fale desses grandes amigos seus e fale particularmente de um amigo que tá faltando aqui nesse momento, Luís Carlos Guimarães.  |
| 49’50” a 50’29” | **Voz de Diógenes:** Rapaz, Luís Carlos é uma dor do lado esquerdo, é a dor no coração, luís Carlos foi um, eu digo que um irmão precisa ser muito bom para ser igual a Luís Carlos Guimarães. Nei e eu estivemos no último dia com ele, escolhido por ele, para viver o último dia, como tivemos os outros dias anteriores de aproximação. Trabalhou comigo no escritório, com bom humor e inteligência, capacidade, trabalhei com ele como advogado e ele como juiz em Lajes, enfim, dizia que era o juiz Luís, aposentou-se, foi Nei que adiantou, juiz Luís aposentou depois de trinta anos de lazer. (risos ao fundo) enfim, figura humaníssima... |
| 50’29” | **Voz de Tarcísio:** Nei dizia... |
| 50’30” a 51’11” | **Voz de Diógenes:** Humaníssimo, extraordinário. Eu quero lembrar, que são muitos os velhos amigos, sobretudo os que se foram, veríssimo de melo, passou mais de trinta anos em que conversamos todos os dias, mas não era um dia assim, era, se ele passasse no escritório, ou telefonava, ou ia à minha casa. Havia uma presença permanente, veríssimo era pertíssimo da minha vida a cada minuto. Era uma amizade querida, querida das maiores que se possa imaginar. Sempre às vezes telefonava para implicar, (risos ao fundo) começava o telefonema assim, você tem mania, aí vinha, era cheio dessas coisas assim. Outra...  |
| 51’11” a 51’13” | **Voz de Tarcísio:** Era seu vice-presidente não era? |
| 51’13” a 52’36” | **Voz de Diógenes:** Era não, era o secretário geral, mas dizia que era o pior secretário que teve a academia na história, porque era o único, o pior de todos, mas ele era quem organizava, fazia as eleições, bico de pena era ali. (risos ao fundo) ele chamava, reunia tudinho, estava tudo escondido. Entendeu, era, era resolver aquela coisa, mas muitos amigos queridos, Gilberto Avelino, figura humaníssima, meu e de Ticiano, acho que ele desejou dois amigos na vida, éramos nós dois. São amigos muitos que passaram, e que conviveram conosco ao longo da vida. Ao longo da vida com muita amizade, com muito bem querer, são pessoas que permanecem em nós e que a gente vive uma parte dele, uma parte deles. Eu sou rezador, eu sou rezador, eu rezo por eles diariamente, não consigo dormir sem rezar, eu acho que a reza é uma comunicação, é uma limpeza de alma. Eu faço isso com muito, com muito, com tudo que eu sou, com tudo que eu sou, a reza me transporta e essas pessoas tão queridas que são muitas, na verdade eu não posso citar porque o programa não daria, mas continuam em mim, elas continuam, elas são o que eu sou, elas não desapareceram. Nem desaparece nunca. |
| 52’37” a 53’00” | **Voz de Tarcísio:** Certo, Diógenes agora me satisfaça uma curiosidade, as pessoas na época que você era reitor, reitor bem sucedido, com uma visibilidade extraordinária na mídia, etc. Conjecturavam sobre um eventual interesse que você poderia estar projetando para o campo da política, você sonhou em ser político em algum momento? |
| 53’00” a 55’46” | **Voz de Diógenes:** Não, não, não. Houve o seguinte, eu inventei um projeto, mas eu achava que a Universidade, um dos defeitos que eu achava na nossa Universidade, na Universidade brasileira, mas particularmente na nossa, era se voltar para o exterior, muita gente que estudava na Índia, como é que estava a situação, aí deixava o local. Então eu inventei um projeto que era muito bem dirigido e botamos para funcionar, chamado FUNPEC e até hoje tá funcionando, tinha sido criado, mas não funcionava, botamos para funcionar e Otomar Lopes Cardoso, botou a frente, foi um projeto lindo que era o projeto Rio Grande do Norte, a ideia era que cada professor, cada aluno, se voltasse a estudar o mundo, mas a partir da nossa realidade. Se fosse estudar cobra, primeiro quais são as cobras que tem no Rio Grande do Norte? Vamos estudar isso aqui para desenvolver. Se houvesse dentro da minha cabeça na época, se houvesse isso de todas as universidades federais do país, esse país entrava num desenvolvimento maior. Então com isso quando inventaram o projeto Rio Grande do Norte, era um projeto disso. E Dinarte, Dinarte gostava de mim, há um depoimento extraordinário dele uma vez, que um político chega pra ele e diz, Dinarte você..., Dinarte estava meio magoado com a política prefiro não..., Dinarte tudo na vida você inventa a Diógenes e porque essa besteira de tudo é Diógenes? Ele disse, porque ele é pagador. (risos ao fundo) era para dizer que o outro era ingrato. Então, ele lançou a minha candidatura a governador, lançou a senador, mais de uma vez. Ele dizia, ele sugeria, mas aquele era um instrumento hábil de negociação dele. Ele queria outras coisas, que fazia, ele lançava, mais aí ele tinha outros interesses às vezes, quando ele lançou o governador, ele queria Geraldo Melo, queria Fernando Bezerra, curiosamente estava lá. Ou ele não queria nada disso, ele queria ver se promovia Wanderlei, que era a grande emoção que ele queria colocar na continuação de sua política. Enfim, era o instrumento, mas a política nunca deixei de ser, tive o privilégio de ser o advogado de grandes políticos do Rio Grande do Norte. Talvez a maioria dos políticos divergentes, tive esse privilégio de merecer a confiança deles. Mas... E a amizade. Fiz amizade com todos, e extra partidariamente, que eu não consigo muito tomar partido dentro de um quadro desses, num... Passou a coisa depois de Djalma e Dinarte, e nesse, nessa época era eu era encantado com os dois. Mas criou esse ambiente. De vez em quando lembram meu nome mas sem emoção nenhuma, pelo mundo político. Eu espero que todos ganhem, embora torço pelo Rio Grande do Norte, extraordinariamente.  |
| 55’47” a 56’47” | **Voz de Tarcísio:** Agora deixe me fazer uma pergunta ainda, em relação ao teu desempenho no contexto potiguar, quer dizer, você que é um homem, um poeta reconhecido até nacionalmente, há poucos anos, cerca de dois anos atrás, Antônio Abujamra no programa Provocações, abriu o programa exatamente, declamando o belíssimo poema Jesus, Um Nordestino, de tua autoria, quero dizer que foi uma grande emoção vendo e ouvindo Abujamra declamar belamente o seu poema. Você que é um homem bem sucedido profissionalmente, né? A ponto de ser considerado rico por pessoas absolutamente suspeitas (risos ao fundo) como Nei Leandro de Castro e Ticiano Duarte. Você que é um homem afinal de contas, admirado, nesse contexto falta alguma coisa, você se sente realizado? Como é isso na cabeça de uma pessoa com uma mente fervilhante como a sua, hein Diógenes? |
| 56’47” a 57’58” | **Voz de Diógenes:** Rapaz, eu acho que o sujeito realizado tá morto. Então eu vivo a cada dia um projeto. A cada dia uma ideia, uma coisa a desenvolver. E estimulo os amigos a fazerem autobiografia, deixar a impressão digital, dizer quem foi ele. Entendeu? Fazer a marca da sua presença na terra. E dar um lado positivo, ser socialmente útil. Eu digo que a gente só tem duas finalidades na vida, ser útil e ser feliz. Se eu só, se eu não sou útil não posso ser feliz, e eu não posso ser feliz se eu não sou útil. Então eu procuro a cada minuto da minha vida, fazer alguma coisa de utilidade. A mim encanta as pessoas, agora por exemplo, estou fazendo uma biografia de uma das figuras mais queridas minha e desta cidade, que é dom Nivaldo Monte, e dom Nivaldo é a bondade em pessoa derramada e inteligente, ágil, vivo, bom como nenhum. A cada minuto uma coisa nova dele extraordinária, eu dedico isso, eu posso perder qualquer coisa, mas não posso perder uma frase que defina que aproxime melhor uma figura como esta. Assim como todos os outros casos. |
| 57’59” a 58’10” | **Voz de Ticiano:** Você acabou fazendo um livro com Djalma não foi? Dê só um minutinho. Você ganhou um livro de Djalma, você até me pediu um trabalho comparando o trabalho dele com o de Aluízio... |
| 58’09” a 58’22” | **Voz de Diógenes:** Tá feita a segunda edição, a segunda edição do Djalma, chama O Homem que Pintava Cavalos Azuis, que é uma visão minha daquela, da minha convivência com ele.  |
| 58’23” a 58’31” | **Voz de Tarcísio:** Você que é um biógrafo consagrado na cidade também, e a última dessas biografias foi sobre o olhar azul, é esse o título da biografia?  |
| 58’30” a 58’31” | **Voz de Diógenes:** Foi sobre o olhar azul. |
| 58’32” a 01’00’26” | **Voz de Tarcísio:** Pois bem, nós chegamos ao final do programa número cem. E olhem, com aquela sensação mais do que nunca de que não fizemos o programa que Diógenes mereceria, porque Diógenes não cabe num único programa, como é interesse da série Memória Viva retomar depoimentos mais adiante, a gente certamente terá Diógenes aqui de volta porque muita coisa deixou de ser dita a respeito de Diógenes. Diógenes que passou também modificando, a administração da fundação José Augusto dando-lhe uma nova característica, Diógenes que comprou um terreno por causa de uma árvore, que estava encrustada nesse terreno, famoso baobá da rua São José, o Diógenes que comprou um casarão na ribeira que estava praticamente em ruínas, porque, obteve a informação de que ali havia nascido Ferreira Itajubá e restaurou esse casarão e o transformou num centro cultural. O Diógenes, que é protagonista de um belíssimo livro lançado recentemente chamado O Trem da Minha Vida, esse homem  que tem uma inserção definitiva na vida cultural contemporânea da sua cidade, certamente um dia retornará a essa série Memória Viva, e olhem, ele com certeza terá muita coisa nova para contar pra nós todos. Nós agradecemos poeta, tua presença no programa Memória Viva número cem, a figura Nei Leandro de Castro esse queridíssimo amigo, e essa admiração sempre renovada que é a figura de Ticiano Duarte, que abrilhantaram seguramente com as suas perguntas e intervenções esse programa. Nós prometemos retornar, na próxima semana. |
| 01’00’26” a 01’01’00” | **Vinheta de encerramento** |

## ANEXO F

## Transcrição do programa Memória Viva – Genibaldo Barros

|  |  |
| --- | --- |
| **Tempo** | Programa Memória Viva – Genibaldo Barros |
| 59’36” a 59’48” | Silêncio e imagens pretas |
| 59’49” a 01’00’08” | Vinheta de abertura |
| 01’00’08” a 01’02’09” | **Voz de Tarcísio:** Olá. Nós retornamos com o programa Memória Viva, e hoje com o entrevistado, sobre todos os títulos, especial. Esse homem nascido em Currais Novos, tem setenta e oito anos, é médico, ex-secretário de saúde do governo Cortez Pereira, ex-vice-governador do governo Tarcísio Maia, ex-presidente do tribunal de contas do estado e ex-reitor desta nossa Universidade. Atualmente ele é aposentado como professor do departamento de clínica médica da UFRN e é uma figura estimadíssima por todas as pessoas que tem o privilégio de conviver com ela, eu estou me referindo obviamente à Genibaldo Barros, que terá nessa nossa conversa a companhia de dois queridíssimos amigos, da maior figura, só Genibaldo eu acho que seria capaz de trazê-los a esse programa assim com tamanha naturalidade que são, o ex-reitor também, ex-reitor Diógenes da Cunha Lima, embora eu prefira o título de poeta, no caso dele, também é uma maneira como me refiro à Sanderson Negreiros, não como jornalista como está dito aqui na nossa fichinha, mas como grande poeta. Genibaldo portanto merece essas figuras. Genibaldo, rapaz, é uma alegria tão grande a gente ter você nesse programa, porquê, eu tenho certeza que terminava esse programa, os telespectadores perceberam o motivo do meu entusiasmo, quer dizer, a alegria de contar com você, menino que migrou de Currais Novos a um bom tempo, depois de uma luta tão grande, da convivência com tantas pessoas bonitas ainda lá em Currais Novos, tantos exemplos maravilhosos e coisa e tal. Queria que você começasse à vontade, o Genibaldo do ponto que você quisesse começar e que aí qualquer ponto é interessante. |
| 01’02’10” a 01’03’19” | **Voz de Genibaldo:** O Genibaldo criança em Currais Novos. Criança irreverente, brincalhona. Eu quero relatar um pouco a história de meus pais. Meu pai era um homem muito bem relacionado em Currais Novos e eu poderia dizer que era um homem aceito na sociedade, porque na verdade ele veio de um municipiozinho, mas que tinha uma presença social e intelectual, então eu era... Eu era digamos assim o filho querido dele. Era um menino até certo ponto irreverente, brincalhão, eu participava das comemorações, das festas que ele fazia lá na farmácia. Foi essa a minha infância em Currais Novos, iniciou assim. Não quero me demorar muito sobre o assunto, mas de uma hora para outra meu pai desapareceu de uma maneira trágica e isso transtornou um pouco aquela minha alegria. Eu passei a ser um menino mais introspectivo, eu perdi aquela embalagem de menino levado. |
| 01’03’19” a 01’03’20” | **Voz Diógenes:** Com quantos anos você tinha? |
| 01’03’21” a 01’03’22” | **Voz de Genibaldo:** Eu tinha oito anos |
| 01’03’23” a 01’03’24” | **Voz de Sanderson:** E seu pai tinha quarenta?! |
| 01’03’24” | **Voz de Genibaldo:** Exatamente! |
| 01’03’25” a 01’03’26” | **Voz Sanderson:** Seu nome diferente né? Cristão |
| 01’03’27” a 01’04’14”  | **Voz de Genibaldo:** é cristão.  Essa foi o meu início, mas logo depois, eu tinha que me estabilizar, e o meu emocional estabilizou e estava na época que eu começava a estudar. E tinha havido em Currais Novos um congresso eucarístico, monsenhor Paulo tinha decidido a designação, é que o bispo então Tomaz Marcolino, tinha dado um congresso eucarístico em Currais Novos e eu me entusiasmei por aquela religiosidade, daquela presença, por aquela beleza da igreja e achei que deveria ir para o seminário, então aportei no seminário de São Pedro em mil novecentos e trinta e oito, deixando a saudade de um menino em Currais Novos.  |
| 01’04’15” a 01’04’28” | **Voz de Sanderson:** Eu poderia acrescentar, que como seminarista, o que mais entusiasmava você era ajudar as missas de padre Monte na igreja de Santa Teresinha, por quê? |
| 01’04’28” a 01’04’30” | **Voz de Genibaldo:** Realmente AAngelo, hora me desculpe... Ooo |
| 01’04’31” | **Voz de Tarcísio:** Sanderson |
| 01’04’32” a 01’04’44” | **Voz de Genibaldo:** Sanderson, está trazendo. Eu não tinha capacidade, eu era um menino de dez anos e não curtia de maneira nenhuma, não tinha elemento para captar a genialidade do padre Monte, que na época, hein? |
| 01’04’45” a 01’04’46” | **Voz de Diógenes:** Centenário, centenário esse é o ano do centenário. |
| 01’04’47” a 01’05’05” | **Voz de Genibaldo:** Já na época conhecido como um homem de uma inteligência fulgurante e se perpetuou e hoje ainda é um dos ícones, um dos ícones da nossa cultura . Então às vezes padre Monte determinava que eu fosse ajudar sua missa no Colégio da Conceição. |
| 01’05’05” a 01’05’06” | **Voz de Sanderson:** Queria fazer uma pergunta... |
| 01’05’07” a 01’05’42” | **Voz de Genibaldo:** As vezes na Igreja de Santa Teresinha e nós tínhamos que fazer aquela caminhada a pé dentro daquele areal, então eu conversava com ele, e levando aí os paramentos, mas eu tinha uma vantagem, que na volta, ao invés de eu tomar café com os companheiros que já tinham tomado, que era um café amargo, um leite aguado e um pão com manteiga... Eu tomava café com ele que era um alto café, mas melhor do que isto, era quando ele me levava para assistir, para rezar, para a celebração, ajudar no cargo, a missa lá é do Colégio da Conceição. Lá é uma beleza porque era bem tratado e eu também era passageiro desse contrato e voltava pleno. |
| 01’05’43” a 01’05’57” | **Voz de Sanderson:** Aliás é pecado, era um pecado porque foi seminarista? Como eu fui também? A tentação de gostar e querer ajudar as missas como eu ajudei, foi exatamente pensando não na missa, mas no café |
| 01’05’57” | **Voz de Genibaldo:** risos... Mas no café risos |
| 01’05’58” a 01’06’14” | **Voz de Diógenes:** Mas olha, eu sei que ia restar uma coisa que se diz de Genibaldo. Genibaldo que sai de Currais Novos, órfão com oito anos de idade, chega a ser reitor na Universidade federal, governador do estado que foi vice e assumiu mais de trinta vezes...  |
| 01’06’15” | **Voz de Genibaldo:** Vinte oito . |
| 01’06’16” a 01’06’45” | **Voz de Diógenes:** Vinte e oito vezes, foi presidente do tribunal de contas, foi secretário de saúde, foi professor da Faculdade de Medicina e um dos fundadores daquela escola, por todas as funções, mas ele se disse aí, que ele tem essa cara de Bento XVI, que ele não quis ser, poderia ter sido cardeal, mas a Lalinha não deixou porque não ia casar com arcebispo. (risadas ao fundo) isso foi verdade, essa sua carreira, como foi frustrada essa sua carreira? |
| 01’06’46” a 01’07’36” | **Voz de Genibaldo:** Eu quero voltar um pouco ao sério e quero contar porque é que eu fui para o seminário. Será que eu tinha vocação? Eu dou um detalhe, minha mãe uma pessoa com uma formação religiosa muito grande e talvez ela se sentisse envaidecida em ter um filho padre, mas ela sabe o filho que tinha e de antemão não acreditava que eu chegasse a ser padre. É tanto que ela reagiu um pouco, e eu fui por teimosia, por teimosia não, por insistência, o fato é que fui para o seminário, daí eu fiquei dois anos e convivi com todos os padres da época, pessoas de valor. Digamos assim, agora esse cujo agora recantado, o recantado padre Monte, na época era um clero ainda lá, o Alair que depois se fez isso, Expedito que depois foi aquele santo de São Paulo do Potengi, Nivaldo que depois, esses eram os nossos professores... |
| 01’07’36” | **Voz de Tarcísio:** dom Adelino |
| 01’07’37” a 01’07’48” | **Voz de Genibaldo:** dom Adelino era o nosso reitor, era a força maior, foram companheiros de seminário, me deixem dizer, Emerson irmão do nosso querido Sanderson, Gerardo um dos intelectuais...  |
| 01’07’49” | **Voz ao fundo de Sanderson:** Gerardo Dantas Barreto |
| 01’07’50” a 01’08’03” | **Voz de Genibaldo:** Exatamente... Joaquino, um menino que na época já se destacava como um homem brilhante que depois conversando com Sanderson, ele me disse que talvez seja uma das grandes culturas é, é, hoje do clero, não só do clero  |
| 01’08’04” a 01’08’06” | **Voz de Sanderson:** Joaquino que mora em Caicó |
| 01’08’06” a 01’08’22” | **Voz de Genibaldo:** ... Que mora em Caicó, mas então essa foi a minha passagem no seminário. Depois eu saí do seminário, eu saí, eu até de lá uma história que me dá muita satisfação, conversando com dom Eugênio, dom Eugênio não... Dom  irmão dele...  |
| 01’08’23” | **Voz de Sanderson:** dom Nivaldo |
| 01’08’24” a 01’08’27” | **Vozes balbuciando** |
| 01’08’28” a 01’08’29” | **Voz de Genibaldo:** Não, não tem nada, saiu a pouco tempo do bispado. |
| 01’08’29” | **Voz de Sanderson:** dom Heitor |
| 01’08’30” a 01’10’51” | **Voz de Genibaldo:** dom Heitor, que entrou no seu memória, embora seja mais velho do que eu, mas entrou, entrou depois de mim. Era uma coisa interessante quando chega as férias alguns deixavam era uma certa surpresa, Heitor, então dom Heitor conversando comigo, disse Genibaldo, uma coisa interessante quando cheguei você tinha saído e causou uma espécie, porque você estava tentando chegar ao fim daquilo, foi você sair, foi uma surpresa, foi lamentável. Mas depois dessa saída, então, entrou, aliás entrou não eu já fazia parte da minha, do meu orientador da vida, talvez uma das maiores heranças que eu recebi com a morte de meu pai que foi a amizade de Mariano... É Mariano Coelho.  Mariano era um irmão por afinidade, de um bem querer e tudo uniu os dois, Mariano era meu padrinho de crisma, mas o que me chama atenção e às vezes... (balbucia) são a grandeza, a bondade, a generosidade de Mariano poderia justificar a afeição que ele tomou por mim e depois da morte de meu pai. Talvez ele convivendo com o cristão, sabendo o bem querer com o cristão, que ele me queria, no momento em que ele viu que eu ficasse solto na orfandade, ele disse não eu vou fazer o que cristão gostaria de continuar fazendo, e assumiu. Então saiu do seminário, Mariano e minha mãe, era uma boa pessoa, eu ouvia muito Mariano, minha mãe era uma pessoa até certo ponto indecisa, tímida e Mariano não, não, vamos mandar ele de volta ao colégio. Então me plantaram aqui no interno no Colégio Marista. Saí do seminário e aqueles companheiros que hoje eu às vezes encontro com eles, Dárcio Freire, é Renato Bandeira, é o intelectual é Murilo Melo Filho, esses eram os meus companheiros de colégio. Então iniciavam as nossas atividades, exame de admissão, primeiro ano, segundo, no terceiro ano, foi quando eu ia fazer o terceiro ano do ginásio, aconteceu um negócio interessante, eu, eu hoje querendo dar a minha interpretação, Pereira de Currais Novos, o pai de Cortez era um homem que tinha... |
| 01’10’52” | **Voz de Tarcísio:** Intelectual |
| 01’10’52” a 01’11’33” | **Voz de Genibaldo:** Era um intelectual, mas ele tinha uma capacidade de convencer muito grande, sabe, acredito que Mariano era um homem de muito mais visão mais do que, mais do que ele. Mas ele conseguiu convencer Mariano de que nós em Natal estávamos correndo o risco de sermos vítimas de uma invasão dos alemães da guerra. Mariano se sensibilizou com aquela argumentação e lá fomos para Mossoró, que foi um bom estágio na minha vida. Cortez e mais três ou quatro pessoas de Currais Novos, inclusive Ângelo Varela, filho de doutor José Varela que se influenciou, hein? |
| 01’11’33” | **Voz de Tarcísio:** Deífilo. |
| 01’11’34” a 01’11’38” | **Voz de Genibaldo:** Deífilo, então nós fomos para Mossoró . |
| 01’11’38” a 01’11’51” | **Voz de Sanderson:** Escapar da invasão e também para enfatizar que aí é onde começa, se planta definitivamente a grande amizade pela vida afora que você tem com Cortez. |
| 01’11’51” a 01’13’35” | **Voz de Genibaldo:** Perfeitamente. Então Cortez na época já se destacava como líder, não um líder estudantil, que ele nunca se envolveu com política estudantil, mas como um líder intelectual. Nós chegamos a Mossoró, de princípio havia um pouco assim de restrição, porque o diretor do colégio ficou muito orgulhoso de nossa ida para lá, o... Era um de muito valor, era o pai de Jorge o grego e a turma de Mossoró ficou assim meio enciumada com a nossa presença lá, com uma invasão natalense e com uma certa, melhor estrutura de ordem intelectual. Cortez era o nosso porta-voz, se precisava colocar um discurso, ninguém colocava senão Cortez, era quem ia fazer o discurso. E o que me agradou em Mossoró é que nós passávamos a ser figuras, digamos assim, eu não digo respeitadas, mas prestigiadas pelo professorado, e tinha uma figura que vocês conhecem muito, você da academia, professor Raimundo Nonato, nos tratava com muita intimidade aqui no Colégio Marista, era um padre e irmãos e que nós éramos a ser um número. E em Mossoró nós éramos pessoas vindas de Natal oriundos do Seridó. E isso nos deu uma posição de destaque, e a vida em Mossoró era muito agradável. Se houvesse tempo eu ia contar as brincadeiras do internato lá de Santa Luzia que todo mundo conhecia, aqueles passeios na praça, o embarque dos soldados que foram sorteados e que vieram para Natal para tirar a carteira de reservista mas quando, a festa de saída era como se eles estivessem assim, embarcando para brigar na Europa.  |
| 01’13’35” | **Voz de Tarcísio:** Dava um espetáculo  |
| 01’13’36” a 01’13’48”  | **Voz de Sanderson:** Você já sabia que o diretor em Mossoró nessa época, Jorge Albreita um incrível valor cultural e o único biógrafo de padre Monte, escreveu um livro, uma biografia do padre Monte. |
| 01’13’49” a 01’13’51” | **Voz de Genibaldo:** Bom, se você quer que eu vá contar... |
| 1’13’51” | **Voz de Tarcísio:** Mas é claro!. |
| 1’13’52” a 1’14’51” | **Voz de Genibaldo:** Então ficávamos em Mossoró e voltávamos então para Natal. Mossoró perdeu a convivência com essa equipe, é brincadeira. Naquela época tinha o ginásio, quando terminava o ginásio e então novamente, Mariano entra, é, me influindo para, influenciando a minha mãe, para que, para que eu fosse estudar no Recife. Queria fazer o meu preparo. Estava iniciando aqui em Natal, o Marista não fez o curso que eles chamavam o curso colegial, só quem tinha o colegial era o Atheneu, por sinal, muito bom, mas não sei por que cargas d’agua eu fui. Fui transferido não, fui induzido para esse, Recife. Para isso, houve ajuda, houve um apoio de um companheiro meu parente, que já estava no Recife que era o Ulisses Bezerra Potiguar. Fui com Ulisses, me acomodei lá.  |
| 01’14’51” | **Voz de Sanderson:** Grande contador de histórias. |
| 01’14’52” | **Voz de Genibaldo:** Grande narrador. |
| 01’14’52” a 01’14’56” | **Voz de Tarcísio:** E que será oportunamente convidado aqui nesse programa. |
| 01’14’57” a 01’15’17” | **Voz de Genibaldo:** E em Recife, eu companheiro de Ulisses, lá no Colégio Osvaldo Cruz e ele já era cliente da pensão do sinhô e eu me acomodei na pensão do sinhô. Pois a pensão do sinhô era de uma senhora, dona Aurélia, mãe do famoso, como é aquela figura? Que se destacou, como é, a Teresa não sei o quê, um grande comunicador. |
| 01’15’18” a 01’15’21” | **Voz de Tarcísio:** Adelardo Barbosa chacrinha, ô, chacrinha Abelardo Barbosa |
| 01’15’22” a 01’15’29” | **Voz de Genibaldo:** Dona Aurélia era mãe do chacrinha, então lá eu conheci chacrinha que ainda não tinha destaque. |
| 01’15’29” | **Voz de Tarcísio:** Claro |
| 01’15’30” a 01’17’16” | **Voz de Genibaldo:**  Ainda não tinha destaque, o que eu posso chamar atenção de Recife, em primeiro lugar é a qualidade do professor lá, era gente do primeiro escalão, não estou diminuindo os professores de Natal, mas nós tínhamos condições de ter um aprendizado bem mais profundo. Agora esta pensão sinhô se caracterizava, isso ocorreu em mil novecentos e quarenta e quatro e mil novecentos e quarenta e cinco, nós estávamos começando aquela efervescência política da mudança da redemocratização, e a faculdade de direito de Recife era quem levantava a bandeira e lá tinham figuras tinham o Machado, tinham o Pessoa, que eram pessoas muito ligadas aquele grupo que participava Demóstenes, que participava nosso conterrâneo José Gonçalves, então eu, não é que eu participasse, mas eu educadamente ouvia e acompanhava, então houve certa influência na minha formação, depois eu fui morar em outra pensão com dois comunistas da Paraíba, meus colegas, e aí eu queria os ter encaminhado, Luiz Ribeiro você tá entendendo (risos ao fundo) Luiz Ribeiro e Ernesto. Eles eram comunistas mesmo atribulados e já foi dar uma batidas..., nós morávamos numa pensão, da dona Aparecida, dona Anunciada a mãe dessa senhora que depois foi juíza e casou com Tomas,  dona Vandeci, então eu morava lá na pensão e o quarto era no térreo, dava a janela para a rua e foi Luís e outro menino chegavam correndo do meio da polícia e eu abria a porta e eles entravam (risos ao fundo) |
| 01’17’16” a 01’17’17” | **Voz de Tarcísio:** hahaha que maravilha |
| 01’17’18” a 01’17’19” | **Voz de Diógenes:** Quer dizer que você era guardador deles?! |
| 01’17’20” a 01’17’22” | **Voz de Genibaldo:** Eu andava comungando com as ideias políticas deles. |
| 01’17’23” | **Voz de Tarcísio:** Ele cuidava do aparelho. |
| 01’17’24’ a 01’17’25” | **Risos** |
| 01’17’25” a 01’17’32” | **Voz de Genibaldo:** Perfeitamente, era uma maravilha, bom nesse período eu fui de responsável as nossas, as nossas férias em Currais Novos . |
| 01’17’33” a 01’17’51” | **Voz de Sanderson:** Só uma pergunta você conviveu em Recife com José Gonçalves de Medeiros que foi um grande líder da redemocratização, filho do Acari, eu gostaria, qual a sua convivência, que mais você lembra José Gonçalves de Medeiros que é um ícone da idealização? |
| 01’17’52” a 01’18’21” | **Voz de Genibaldo:** A minha convivência com José Gonçalves era uma convivência passageira, porque ele não morava lá na pensão, moravam na pensão outros companheiros ideólogos da linha política de redemocratização. Então ele vinha e conversava e eu, é, me considero uma pessoa tímida, você tá me entendendo, pensam que não, mas eu sou uma pessoa tímida. (risos) então eu... |
| 01’18’21”  | **Voz de Tarcísio:** Uma coisa respeitosa... |
| 01’18’22” a 01’19’31” | **Voz de Genibaldo:** Não eu quero dizer, eu nem me identificava com o país dele, eu via aquelas suas colocações de democracia essas coisas, eu calava e ficava comportado ali, mas eu não dava pitaco, até porque eu era um estudante de curso e eles já (balbucia) como é que se diz, eram das grandes representações dos movimentos com aquele professor lá do Diário de Natal, de Pernambuco, era, como era o nome? José Lopes. Então eu gostaria de destacar também, a minha, as nossas férias em Currais Novos eram muito agradáveis com essa turma, Cortez sempre liderando, lembro bem do programa que ele inventou, os estudantes em debate, você tá entendendo? É, é, não tinha a riqueza da nossa televisão, era um serviço de alto falante e Cortez redigia os episódios, redigia as histórias e nós liamos aquilo, era muito agradável, é o que eu lembro. |
| 01’19’31” a 01’20’06” | **Voz de Tarcísio:** Bom, deixa eu interromper essa sua brilhante exposição, essa recuperação da memória maravilhosa que você tá fazendo, para pedir um rápido intervalo, fim do qual nós retornaremos para acompanhar como é que, Genibaldo formado retorna e começa a se inserir realmente numa sociedade da qual ele se tornará logo, logo uma figura de grande destaque. Daqui a pouco nós retornamos.  |
| 01’20’07” a 01’20’15” | **Vinheta de intervalo – estamos apresentando** |
| 01’20’15” a 01’21’20” | **Propaganda** |
| 01’21’21” a 01’21’32” | **Vinhata de intervalo – voltamos a apresentar** |
| 01’21’33” a 01’21’47” | **Voz de Tarcísio:** Bem nós retornamos com o Memória Viva, hoje entrevistando Genibaldo Barros, agora acompanharemos no retorno dos estudos em Recife para as férias inesquecíveis em Currais Novos, Genibaldo, por favor? |
| 01’21’48” a 01’22’39” | **Voz de Genibaldo:** O que eu dizia, férias de estudante na cidade do interior, onde ele traz o prestigio da cidade, maior, muito forte, às vezes com o direito de contar algumas mentiras (risos ao fundo) e desfrutar disso, é uma beleza. Então a nossa vida em Currais Novos, era realmente... E até lamentada quando  se sai. Mas eu já estava terminando o curso científico no Recife, quando minha mãe adoece, devido a tuberculose. Realmente isso foi outro balanço, na minha estrutura, porque eu já tinha perdido um pai, minha mãe doente e sabia que a tuberculose nessa época era um pouco mais grave do que hoje, é um estigma, é um estigma. |
| 01’22’39” a 01’22’43” | **Voz de Diógenes:** Isso influenciou você na escolha da, da... |
| 01’22’43”  | **Voz de Genibaldo:** Total.  |
| 01’22’44” a 01’22’45” | **Voz de Diógenes:** Da especialidade...? |
| 01’22’45” a 01’25’28” | **Voz de Genibaldo:** Então eu, uma figura que eu vou falar sobre ele gostaria de dizer, o meu apoio era tio Lula e Mariano, Mariano você sabe, a vida de Mariano foi muito..., Mariano era filho de um baiano, Mariano era entusiasta pela Faculdade de Medicina da Bahia, formou-se na Bahia e como ele mexia com os cordões da minha conduta de vida, com o que eu deveria fazer, imediatamente ele articulou que invés de eu estudar Medicina no Recife como a maioria das pessoas daqui, daqui do nosso estado, eu fosse pra Bahia. Eu não conhecia Salvador, fui de navio pela primeira vez que me lembro, era aliás, o Itaberá, ééé são coisas que ficam e se você cobra eu posso escrever um livro para você e você me fala. Cheguei a Salvador e comecei a minha vida de estudante, Salvador é uma cidade privilegiada, pelo bem receber as pessoas, a faculdade ficou e eu me sentia muito envaidecido, pela praia, que eu sou um animal eminentemente saudosista e tradicionalista, então eu encantei aquela tradicionalidade da faculdade da Bahia. E eu digo sempre, Deus abre portas, abre janelas pra gente quando algumas portas estão fechadas. E eu era uma figura praticamente sem apoio da família, já havia perdido meu pai e minha mãe, na Bahia eu encontrei uma família que foi, a só... A primeira sogra de Mariano com quem eu fui morar e me acolheu como se eu fosse neto, filho de Mariano, então a minha vida de pensões na Bahia, quer dizer, eu não tive na Bahia aquele pout pourri de caminhadas de pensões que eu tive no Recife, que às vezes eu me encaminha... Acompanhado de maus companheiros, meus companheiros eram todos da pensão e eu também tinha em Recife (risos ao fundo), então na Bahia os meus seis anos, foram vividos numa casa de família, como se aquela família eu pertencesse. Nesta fase da Bahia, então aconteceu realmente o que eu esperava que acontecesse, há algum tempo, que seria a morte de minha mãe. Mas novamente Mariano, passou a me ter nas férias na casa dele, como se a minha casa não tivesse fechado com a morte de minha mãe, quer dizer, eu passei a viver na casa de Mariano, sendo tratado como filho. |
| 01’25’28” a 01’25’31” | **Voz de Sanderson:** Genibaldo só colocando um adendo, que as novas gerações não conhecem... |
| 01’25’30” a 01’25’31” | **Voz de Tarcísio:** aaa beleza |
| 01’25’32” a 01’25’37” | **Voz de Sanderson:** Doutor Mariano coelho, além de ser um médico...  |
| 01’25’37” | **Voz de Tarcísio:** Humanitário |
| 01’25’38” a 01’25’57” | **Voz de Sanderson:** Era... Ele foi um verdadeiro apóstolo de toda aquela região do Seridó, era um homem baixinho, eu me lembro, forte, mas de um devotamento apostolar para com os outros. Nunca houve confusão e era um poeta. |
| 01’25’56” a 01’25’57” | **Voz de Diógenes:** Era um poeta. |
| 01’25’57” a 01’26’02” | **Voz de Tarcísio:** Era um poeta interessante. Me agrada descreve-lo.  |
| 01’26’02” a 01’26’13” | **Voz de Diógenes:** Era, passou um tempo lendo, e fez o (incompreensível) como já fiz, por toda, por toda a literatura árabe...  |
| 01’26’13” a 01’26’23” | **Voz de Tarcísio:** E escreveu uma série de soneto, ganhando prêmios sobre Florbela Espanca, quando no Brasil nem se falava em Florbela Espanca. |
| 01’26’23” a 01’27’31” | **Voz de Genibaldo:** E me agrada descreve-lo, o que foi Mariano Coelho, que ele é o patrono da minha cadeira de Medicina no Rio Grande do Norte e eu procurei retrata-lo, como eu vejo, que é como a população vê. Bom, mas o fato é que terminado o curso de Medicina, surgiu, eu fiquei assim, a morte da minha mãe influenciou e eu achei que deveria ir trabalhar em tuberculose, me especializar em tuberculose. Na época havia uma grande a escola de tuberculose na América do Sul que era do doutor Zacarias na Argentina, por influência de um amigo de Mariano, lá sai eu de Salvador para Buenos Aires, para me especializar, nessa época não tinha Capes, não tinha Finep, não tinha coisa nenhuma, a pessoa ia a dispensas próprias, quem me sustentava, quem me mantinha na faculdade era uma pequena propriedade que eu tenho, que eu mantive, Paulo Leite, você tá me entendendo. O que eu pudesse, se tivesse tempo eu gostaria de dizer o que Paulo Leite significa dentro do meu emocional. (balbucios) |
| 01’27’32” a 01’27’34” | **Voz de Sanderson:** Ele pisou no meu dedo |
| 01’27’34” a 01’27’41” | **Voz de Genibaldo:** Exatamente (risos), o fato é que eu fui para a Argentina e lá fiquei um ano me especializando em tuberculose. |
| 01’27’42” a 01’27’45” | **Voz de Sanderson:** Mas só em tuberculose? Que dizem as línguas que em tango também! |
| 01’27’45” a 01’27’47” | **Risos** |
| 01’27’48” a 01’27’59” | **Voz de Genibaldo:** Eu não tinha tempo, tinha lá uns concursos, se por acaso tivesse uns concursos de samba, eu me meteria e acho que ganharia, mas eu não me atrevo (risos ao fundo), mas... |
| 01’27’59” a 01’28’53” | **Voz de Diógenes:** Genibaldo eu queria fazer um registro aqui importante, uma das características fantásticas que estamos conversando, sua é a solidariedade, essa amizade rápida e fácil com pessoas que você possa imaginar. Por exemplo, João Cabral Ribeiro Neto, uma figura importante para todo o país e seu Santos que o maior amigo que a vida inteira foi você, mas sei que muitas outras pessoas com quem se tornará amigo rapidamente e sei dele uma história que se devia contar em Mossoró, eu posso contar um pouquinho, mas depois você apresente a todos. É que ele uma deidade uma figura importantíssima convivendo com Genibaldo em Mossoró e ele começa a conversar contando histórias e Genibaldo adormece, e ele naturalmente meio que ferido, olha Genibaldo, eu tenho certa inveja de você, você adormeceu e tal e pela conversa quando você adormeceu, e Genibaldo pois é, a sua conversa estava muito comprida... (risos ao fundo) |
| 01’28’53” a 01’28’56” | **Voz de Genibaldo:** isso é molecagem, Diógenes gosta de mexer com as minhas conversas (risos ao fundo),  |
| 01’28’57” a 01’29’34 | **Voz de Diógenes:** Olha ele fez amizades, repare, Genibaldo que para mim é um intelectual profundo, porque ele é amigo, fez amizades com Fernando Sabino, aqui é amizade boa, teve a alegria de ter convivido com as grandes declarações de bibliógrafos mais importantes do Brasil, encantadíssimo com ele. Ele a bem pouco conversando, é falou-se a poeta Adélia (risos ao fundo) a intimidade já estava grande.  |
| 01’29’33” a 01’29’34” | **Voz de Genibaldo:** (risos) Já batendo na barriga |
| 01’29’36” a 01’29’37” | **Voz de Diógenes:** Já estava assim, batendo na barriga |
| 01’29’38” a 01’29’39” | **Risos** |
| 01’29’38” a 01’29’53” | **Vozde Diógenes:** Então as figuras interessantes, Edson Neves da Fonseca foi encantado, ficou encantado com Genibaldo lá, e o que Genibaldo chamou disse, vamos visitar o homem dos gatos que ele tinha uma linguagem muito pitoresca, queria que você falasse um pouquinho sobre as amizades e essas... |
| 01’29’54” a 01’30’09” | **Voz de Sanderson:** Mas, mas me deixa eu colocar só uma coisinha, que eu acho importante, porque teve uma época, Genibaldo com Lalinha, é, tem uma verdadeira vocação da amizade, eles poderiam escrever o que se chama das grandes amizades que é o...  |
| 01’30’09” a 01’30’12” | **Voz de Genibaldo:** Vou botar Lalinha para escrever que ela é o escritor lá de casa. |
| 01’30’13” a 01’30’36” | **Voz de Sanderson:** Eu acho, eu não conheci, lógico, você estudou o pai dele, mas eu tenho uma declaração aqui que trouxe, Mário Moacir Porto e a célebre frase para o vosso público, que o amigo é o irmão que a gente não escolhe, mas Moacir disse a propósito ao pai, Tristão, de Genibaldo. Quer dizer, isso ele herdou do pai. |
| 01’30’36” | **Voz de Tarcísio:** De família |
| 01’30’36” a 01’30’38” | **Balbucios** |
| 01’30’39” a 01’36’04” | **Voz de Genibaldo:** Mas me deixa, eu quero agora é, a vida da gente às vezes aparece em encruzilhadas, você tá entendendo, você segue uma ou segue outra, essa história é muito importante, eu na Argentina já tinha concluído, então tinha lá um médico velho do rio grande do sul que estava estagiando lá também e disse Genibaldo você poderia voltar para Natal, na verdade não tinha nada certo. Ele disse, você quer ir morar, você quer ir ser capitão da brigada da polícia militar, em Santa Maria, Santa Maria da Boca do Mundo, que é um grande centro universitário, ele era o chefe do serviço da polícia, era uma estrutura, ainda é uma estrutura no Rio Grande do Sul. Olhe eu estou vendo que você é um camarada competente eu lhe nomeio capitão e você fica na polícia é, larga esse negócio de Natal que não presta não, e eu andei me entusiasmando e sai de Buenos Aires e fui a Santa Maria lá no centro do Rio Grande do Sul, nós estávamos voltando e gostei da cidade, fiquei lá dois dias, mas eu tenho o compromisso com lá em Natal, não sei o que mais lá, aí é que, eu me encontro com doutor José Tavares em, no Rio de Janeiro, e doutor José Tavares ligado a Mariano, sabia um pouco da minha história porque Mariano decantava muito o filho que estava lá fora, e zé também lá, com o estilo de fala dele, Genibaldo eu quero que você vá almoçar comigo hoje e um colega nosso que você não conhece, que é Reginaldo Fernandes, que eu nunca tinha ouvido falar. Reginaldo Fernandes foi um médico que saiu do Rio Grande do Norte, parente até da esposa de Sanderson e que venceu no Rio de Janeiro, era um homem muito ligado a Café Filho e que na época ele estava como diretor de serviço nacional de tuberculose e era uma instituição realmente uma potência de arma de saúde pública. Bom, fomos almoçar, contei minha história, e aí ele, quando comecei a falar de onde eu vinha do Vaccarezza, que era um escola de renome na argentina, e ele disse, Genibaldo você não cometa o erro que eu cometi não, eu sai de minha terra, fui justo com minha terra, eu vou lhe dizer que você não volte para Natal, estão construindo um hospital novo em Natal, você vai ficar mais um ano no Rio de Janeiro aqui, se preciso lhe ajudando, lhe dou uma bolsa, que na época era quatro contos de reis, e isso foi importante para a minha manutenção, na época a fazenda estava começando a pagar, e o fato é que eu fiquei mais um ano no Rio de Janeiro, então isso foi importante porque, ou eu seria um gaúcho capitão da polícia da brigada do rio grande do sul ou se via outro caminho que na verdade me abriu estrada para coisas que realmente me afana. Mas aí houve outra coincidência interessante, doutor Onofre estava querendo criar a Faculdade de Medicina em Natal e queria o meu contato, por indicação doutro José Tavares precisava de uma pessoa aqui no Rio que ficasse tangendo, a palavra aqui é essa, tangendo de mesa em mesa o processo de formalização, Onofre vinha essa coisa e tal, trazia umas lagostas dava de presente a um povo, (risos ao fundo) mas precisava de um cobrador para lembrar as lagostas, então eu fui nomeado, tá entendendo, oficialmente cobrador de doutor Onofre, então na oportunidade eu entrei no ministério da educação conversando com um tal, era Evaldo Lopes, Jurandir Lopes, que eram pessoas importantes na montagem da faculdade e o pessoal do próprio Reginaldo Fernandes eram os únicos que tinham condição de subsidiar através do dinheiro e serviços, de depósito, laboratórios e um jovem que eu acho que era parente, daquele jovem... Então eu era assim um embaixador junto a essa gente. A um fato episódio, eu estou me apressando a um episódio interessante porque, eu estou fazendo essa história mais uma homenagem a história da Faculdade de Medicina que está agora lá em João Fernandes com cinquenta anos. Precisava trazer um professor de italiano pra cá, um tal de Jolivier, que era um figura simpaticíssima que veio, enfatizar o curso de anatomia, então não tinha, Onofre não tinha como arranjar passagem de ida, descobriu um tal de Edno Dutra que tinha sido um interventor do Rio Grande do Norte, era na época diretor presidente dos lois, que era que tinha os navios que fazia essas viagens, então imediatamente me passou um cabograma, um extra não sei o quê, procure, eu me aperreei que Edno Dutra conhecia muito o meu pai que era ligado ao partido por lá, mas eu fui e enfrentei, expliquei já levando o telegrama de doutor Onofre, expliquei a criação da Faculdade de Medicina, ele me recebeu, você é de onde? Eu disse de Currais Novos, eu me lembro lá de onde vinha essa área (risos), ele bem pequenininho na cadeira, aí que foi, Mariano coelho eu disse fui, meu pai era muito ligado a Mariano, então essa história é realmente interessante e eu faço a título de colaboração a história da Faculdade de Medicina. |
| 01’36’04” a 01’36’19” | **Voz de Tarcísio:** Bom me deixa perguntar aqui agora que eu tô curioso e Sanderson e Diógenes me ajudem também nesse daí que certamente eles tinham um maior carinho por uma curiosidade como essa. É nesse momento que você conhece Lalinha? Essa grande Lalinha?  |
| 01’36’19” a 01’36’22” | **Voz de Sanderson:** Eu posso dar um início a essa história? |
| 01’36’22” a 01’36’28” | **Voz de Tarcísio:** Você não leve a mal essas interrupções não... Que tá ótimo (várias vozes ao mesmo tempo) |
| 01’36’28”a 01’36’38” | **Voz de Sanderson:** Que ele foi a um carnaval lá em um clube, ele, jovem médico com trinta anos de idade, já maduro e médico emérito.  |
| 01’36’39” a 01’36’42” | **Voz de Genibaldo:** Aí eu não conhecia ninguém em Natal |
| 01’36’43” a 01’37’02” | **Voz de Sanderson:** Vindo da argentina, aí ele veio assim no bloco de carnaval, moças vestidas de oncinhas, aí ele olhou e analisou e se armou para uma delas e se deixou morrer de amor, essa oncinha é hoje a dona Eulália. |
| 01’37’03” a 01’37’04” | **Voz de Tarcísio:** Memorialista |
| 01’37’04” a 01’38’11” | **Voz de Genibaldo:** Mas, mas as fantasias não eram umas fantasias comuns, eram umas fantasias de pierrô, outros de havaianas, a única fantasia era um bloco de cinco ou seis moças, bem vestidinhas de roupinhas justas com a cor pintada de onça e presas por uma corrente (risos ao fundo), eu me aproximei e disse olhe eu já tenho certa experiência, já fui domador de circo e eu domava justamente umas onças (risos ao fundo) e eu me prontifico a tomar conta de vocês, e chegou a vez eu domei as oncinhas durante dois ou três dias de carnaval, eu passei a ser, com Lalinha um domado, você tá entendendo. Assumido, vocês estão entendendo, mas dou graças a Deus porque ela é uma pessoa espetacular, é uma esposa de primeira linha e juntos nós dois, fizemos também uns meninos muito domados que são o nosso orgulho.  |
| 01’38’11” a 01’38’37” | **Voz de Tarcísio:** Deixa, me deixa eu interromper agora, porque nós já estamos chamando para um novo intervalo, depois desse intervalo nós chegaremos então ao terceiro bloco, e Genibaldo fará obviamente uma síntese porque não há como falar tudo que nós todos gostaríamos, da sua extraordinária participação na vida sócio-política, cultural, educativa desse estado, daqui a pouco nós retornamos.  |
| 01’38’38” a 01’38’48” | **Vinheta de intervalo – estamos apresentando** |
| 01’38’48” a 01’39’52” | **Propaganda** |
| 01’39’53” a 01’40’04” | **Vinheta de intervalo – voltamos a apresentar** |
| 01’40’05” a 01’40’32” | **Voz de Tarcísio:** Bem nós retornamos com o programa Memória Viva, hoje entrevistando esta grande figura, Genibaldo Barros, nós chegamos, portanto, ao terceiro bloco e agora é hora de Genibaldo, empreender uma síntese, lamentavelmente, isso é necessário em função do tempo e toda essa sua riquíssima atividade sociocultural como eu me referia no bloco anterior, por favor!? |
| 01’40’32” a 01’41’16” | **Voz de Genibaldo:** Bom, chegando já, já como emérito eu iniciei as minhas atividades no sanatório, na época sanatório Getúlio Vargas, onde eu estive presente acompanhando a minha mãe doente, era diretor doutor Romildo Ribeiro Dantas e me prestigiou porque eu estava realmente, capital de dois anos de experiência, uma na Argentina e outra no Rio de Janeiro, e deu condições que eu formasse, trabalhasse com uma técnica de tuberculose a ponto do hospital por se conceituar, eu quero fazer uma justiça, citando o nome de duas, três figuras que colaboraram muito comigo lá, Raul Fernandes Barros, seu parente.  |
| 01’41’16” a 01’41’17” | **Voz de Sanderson:** Meu cunhado |
| 01’41’17” a 01’43’44” | **Voz de Genibaldo:** Seu cunhado, Sebastião Zuza, um rapaz também humilde, mas um rapaz de muita boa vontade e uma enfermeira dona Celsa, essas moças me deram um apoio para que se fizesse um bom trabalho no Sanatório Getúlio Vargas, que depois virou o sanatório de tuberculose. Houve nesta época um, eu prefiro nem relatar, não porque não merecesse relatar, porque eu não quero ocupar o espaço, foi um entrevero que eu tive com o secretário de saúde, e ele atrás de inaugurar o hospital sem condições, e eu consegui com o meu relacionamento, fazer com que viesse aqui um diretor do serviço nacional de tuberculose que era quem tinha financiado, convencesse ao governador na época que era doutor Aluízio Alves, que o hospital só poderia ser inaugurado depois que tivesse tudo bem arrumadinho, com o pessoal preparado e isso foi bom porque realmente o hospital só foi realizado nessas condições e passou a ser um centro de pesquisa posterior. Se você me pergunta? Você foi depois para a secretaria de saúde, porque você foi para a secretaria de saúde? Afora o relacionamento e a confiança recíproca que havia entre eu e Cortez, isso no governo de Cortez, é que o bom trabalho que havia sendo feito na tuberculose, me credenciava para isto, então juntou “tomé com bebé”, e o fato é que eu saí secretário de saúde. Na secretaria de saúde, usando uma expressão, uma brincadeira que Cortez também gostava de dizer, não é porque eu esteja em minha presença não, mas o que eu fiz lá foi assim... Houve uma série de coincidências em que a secretaria de saúde se destacou, só houve um detalhe interessante é uma briga que eu tive com o secretário da fazenda na época, Augusto Carlos, e que por isso pedia tanto a Cortez, que me vou embora, não, não (balbucia) e me mandaram pra, me deram um afastamento para eu ir pra o Rio de Janeiro para Fundação Getúlio Vargas, eu levei Lalinha, eu levei menino, lá teve, essa viagem teve um grande mérito é que começou realmente uma verdadeira fraternidade, um companheiro que eu conhecia só um pouco através da secretaria, que foi Diógenes. Realmente a minha passagem no rio e a chegada dele lá com Moema fez com que a nossa amizade se consolidasse. |
| 01’43’44” a 01’43’57” | **Voz de Tarcísio:** Se consolidasse. O fato é que depois da secretaria de saúde, eu estou uma vez em curso quando doutor Targino...  |
| 01’43’57” a 01’44’12” | **Voz de Diógenes:** Genibaldo, Genibaldo eu perdi os óculos na passagem de base, caiu os óculos, eu fiquei cego, você me procurou me levou para Peregrino Júnior que era médico, para ele fazer os óculos e ele conseguiu na hora, eu voltar a ver. (risos ao fundo) |
| 01’44’13” a 01’44’14” | **Risos** |
| 01’44’15” a 01’44’16” | **Voz de Genibaldo:** Quando terminar eu conto essa história. |
| 01’44’17” a 01’44’18” | **Voz de Tarcísio:** Você tava em curso na bolívia...  |
| 01’44’18” a 01’45’33” | **Voz de Genibaldo:** Quando Tarcísio me telefonou, foi uma surpresa pra mim, porque na verdade, você me perguntou, era natural que você me perguntasse, porque você foi vice-governador? Eu não tinha posição política, eu não conhecia Tarcísio, eu não era nenhuma liderança, ele nunca me disse e eu também nunca perguntei, há várias versões cada um quer dizer que foi o meu padrinho, então eu acho que o que aconteceu foi o seguinte, Tarcísio era um camarada muito habilidoso, eram quatro ou cinco lideranças grandes. Tinha Dinarte, tinha Gessé, tinha os Rosados, tinhaFlorêncio. Não Aluízio não era.... Então no momento em que Tarcísio escolhesse um daqueles que num..., treze ficariam insatisfeitos, tá entendendo? Então eu disse, sabe de uma coisa, eu vou pegar, eu vou pegar esse aqui porque agradou a administração dele foi boa. Ele é ligado ao governador Cortez e, você, contabiliza e fica bem, eu tenho a impressão que isso foi... Então impressão que foi por isso que eu saí vice-governador. Mas lhe digo que a minha convivência com Tarcísio, foi uma convivência muito agradável, pra mim e pra ele. Eu estou certo que realmente eu... |
| 01’45’34” a 01’45’49” | **Voz de Diógenes:** Eu lembro que se usava uma linguagem Genibaldo, me lembrou de uma linguagem que uma vez ouvi um telefonema na casa dele, e que Tarcísio perguntou, Genibaldo usou uma linguagem pitoresca e às vezes com uma abstração e às vezes com indulto. E a gente chegou lá, não Tarcísio, não foi não, foi enterro é? Foi enterro em Goianinha. Então foi um enterro muito produtivo.  |
| 01’45’50” a 01’45’51” | **Risos** |
| 01’45’52” a 01’46’39” | **Voz de Genibaldo:** eu fui praticamente não me envolvia com assuntos políticos. Estou certo que prestei uma grande, uma grande colaboração, porque eu procurava e ele me delegava problemas técnicos. Havia no governo e acho que ainda existe, uma instituição chamada CDE, Conselho de Desenvolvimento Econômico, era um grupo de secretários, geralmente com a presença da parte econômica, do planejamento de finanças na época também se chamava fazenda, e cada setor específico, quando os assuntos a serem discutidos ou definidos, passavam por essa reunião no CDE. Eu tenho a impressão, que Tarcísio não participou de três ou quatro, todas as reuniões do CDE, eram reuniões chatas e cansativas, desacomodado, era...  |
| 01’46’50” a 01’46’59” | **Voz de Sanderson:** E eu sou testemunha, e além disso, e principalmente você foi lá para Tarcísio o grande confidente. E a pessoa que Tarcísio tinha confiança absoluta para resolver os problemas, os dramas, os nós, as dificuldades do governo no sentido amplo. |
| 01’47’00” a 01’47’52” | **Voz de Genibaldo:** depois eu fui para o tribunal de contas, no tribunal de contas eu gostaria de ter tempo para contar. Eu atribuo a minha estada ao tribunal de contas como um gesto generoso de Tarcísio. Porque habitualmente um homem para o tribunal de contas, hoje infelizmente está sendo outro parente do governador, ou um homem que tenha liderança política, mas ocorreu o seguinte aqui na história. Já definido quem seria o novo governador, que seria doutor Lavoisier, e lá todo mundo, Tarcísio com a vida dele definida que ia lá pra um navio Alcanorte não sei quê... Alca, alca, e de certo ponto você vai, eu vou, vou voltar para o meu consultório que sou médico do estado, da Universidade e ele disse, senão você vai morrer de fome, e eu disse por que vai? A única pessoa que às vezes confia numa consulta sua sou eu e você vem me dizer uma coisa dessas?. |
| 01’57’52” | **Risos** |
| 01’47’53” a 01’48’58” | **Voz de Genibaldo:** Acabou a sua clientela, você quer ir para o tribunal de contas? Era a generosidade, era natural que ele quisesse colocar um apadrinhado. E eu disse não, aí eu disse bom realmente.... Na época, quer dizer não dava tempo de eu entrar em atividade, era doutor Lavoisier seria o governador, e nesse tempo doutor Tarcísio ainda tinha alguma influência sua por Lavoisier, e ele então determinou, e disse Lavoisier vamos botar Genibaldo no tribunal de contas, e Lavoisier assumiu o compromisso e foi assim que eu fui para o tribunal de contas. Não me acanho de dizer por que eu não tenho força política, não era parente de Tarcísio, eu não represento liderança, hoje, hoje mesmo eu vi num jornal... Na televisão, uma briga que está havendo para... Então, dizem que o senado é o céu. E eu acho que o tribunal de contas é um céu de primeira grandeza, mas não se elege mais, não gasta dinheiro com eleição.  |
| 01’48’58” a 01’48’03” | **Voz de Tarcísio:** Mas deixa eu lhe dizer, o céu da reitoria, foi um céu turbulento para você?  |
| 01’49’04” a 01’50’26” | **Voz de Genibaldo:** Isso foi um purgatório, para não chamar um nome feio. Você está entendendo, por que eu peguei a Universidade justamente numa época de transição política, mas eu estou convencido, e Diógenes esteve na Universidade antes de mim, Diógenes ainda tinha um temperamento é meio duro, Diógenes quando procura matar um, gosta de bater. Diógenes ainda foi reitor meio brabo. Tá entendendo? Mas eu aguentei pancada, e o que me agrada hoje, é às vezes encontrar pessoas amigas que foram meus companheiros de trabalho, outros que se aproximaram de mim, e que me fizeram uma oposição sistemática, Genibaldo você tem o perfil da pessoa indicada para ocupar a Universidade naquele período de 1983 a 1987. Quer dizer, a política nacional estava em efervescência, os professores, os estudantes, eles queriam ocupar espaços de qualquer maneira, se você faz uma barreira, se você quer impedir, teria estourado tudo, mas você foi acomodando, foi pra lá, servia uns e hoje me agrada saber, que foi não foi eu vejo o MST invadindo o gabinete de agricultura, lá do...  |
| 01’50’26” a 01’50’28” | **Voz de Tarcísio:** Mas é, você, você |
| 01’50’28” a 01’50’30” | **Voz de Genibaldo:** É uma pena que eu tenha corrido, por que eu gostaria de ter...  |
| 01’50’31” | **Voz de Tarcísio:** Não, era claro.  |
| 01’50’31” a 01’50’32” | **Voz de Genibaldo:** Acabado a minha passagem pela Universidade. |
| 01’50’32” a 01’51’23” | **Voz de Tarcísio:** Eu já reclamei tanto desse tempo nosso, que aí, hoje mesmo conversando com Diógenes antes do programa, chegamos a essa conclusão, quer dizer, obviamente personalidades como você e outras que aqui vem vindo, Genibaldo, mereceriam bem mais do que um programa, se nós modificássemos o formato para abrir a possibilidade de mais um programa, todas as pessoas vão querer. E aí nesse caso cabe exatamente ao telespectador entender isso, e aproveitar ao máximo o tempo, né?! Um tempo tão pequeno para uma pessoa tão grande como você. Mas eu lhe queria fazer uma pergunta, ainda antes de terminarmos, Genibaldo agora, o que faz? O que tá produzindo? Os contatos com os amigos? As memórias que ainda não vai... (várias vozes ao mesmo tempo)  |
| 01’51’24” a 01’52’03” | **Voz de Genibaldo:** Genibaldo é um cultor da amizade, eu diria assim. Genibaldo é um cultor da amizade, a coisa que me agrada é reencontrar com companheiros meus, da Universidade, companheiros que tornaram meus auxiliares, pessoas que eu nem, pessoas que nem conhecia e que às vezes faziam uma oposição ao meu nome, porque tinham outras preferências em seus direitos, mas que se tornaram grandes amigos meus e eu gosto de me encontrar com essa gente. Eu vou voltar um pouquinho nesse negócio que Diógenes falou, preguiça, o problema não é a preguiça... (risos ao fundo). A cabeça da gente, eu vou fazer o seguinte, Diógenes transcrever alguma coisa |
| 01’52’01” a 01’52’02” | **Voz de Diógenes:** Cheguei a transcrever. |
| 01’52’03” a 01’53’03” | **Voz de Genibaldo:** Eu digo que a minha cabeça, sempre houve um erro de fabricação, em um determinado detalhe, é o seguinte, eu sou profundamente rigoroso comigo mesmo, talvez isso seja até vaidade, se você deitar na mesa do psiquiatra isso é você entende alguma coisa, então eu sou muito perfeccionista numa coisa que eu faça, por isso eu me retraio, em não escrever, em não dar entrevistas, tenho certeza que eu faria melhor do que muitas coisas que eu leio de pessoas que escrevem e que acham que estão fazendo uma beleza, mas que na verdade estão fazendo uma porcaria. Quando eu acho uma porcaria, outros também acham, mas eu sou muito rigoroso então, qualquer coisa que eu vá fazer, eu imagino que seja uma porcaria então eu não... |
| 01’53’04” a 01’53’05” | **Voz de Diógenes:** Você escreve muito bem e tem uma memória bacana. |
| 01’53’06”a 01’53’07” | **Voz de Genibaldo:** Agora se você já... |
| 01’53’06” a 01’53’09” | **Voz de Tarcísio:** Não, não. Podemos conversar mais um pouco. |
| 01’53’10” a 01’53’13” | **Voz de Genibaldo:** Então há coisas que me agradam na vida.  |
| 01’53’14” | **Voz de Tarcísio:** Como viajar por exemplo? |
| 01’53’15” a 01’53’30” | **Voz de Genibaldo:** Isso pra mim, realmente eu teria muitas histórias para contar de minhas viagens. Não, não, mas eu... É uma pena, mas eu vou tomar o conselho de Diógenes e vou escrever alguma coisa.... Eu tenho histórias da minha infância, naquele tempo que eu era menino lá em Currais Novos.  |
| 01’53’30” a 01’53’32” | **Voz de Diógenes:** Aliás, você começou a escrever sobre a sua história...  |
| 01’53’33”  | **Voz de Genibaldo:** De minhas histórias de viagens.  |
| 01’53’34’ a 01’53’35” | **Voz de Diógenes:** E o sujeito que bateu na tua barriga. |
| 01’53’36” a 01’53’39” | **Voz de Genibaldo:** Eu reconheço que tenho histórias fabulosas  |
| 01’53’40”  | **Voz de Sanderson:** Eu confesso que...  |
| 01’53’41” a 01’54’24” | **Voz de Genibaldo:** Mas o que me agrada, mesmo hoje, é estar aqui com vocês, satisfeito que você me disse que foi força minha Sanderson estar aqui. Isso me orgulha. Esse eu sei que viria porque realmente a nossa união, a nossa fraternidade, é uma coisa que me orgulha, e talvez tenha sido.... A gente recebe bons presentes, o presente dele foi muito bom. Agora a minha família também foi muito envaidecida pela.... Essa onça que eu domei (risos ao fundo) me deu quatro meninos, que eu chamo a dinastia dos “tês”, Tristão, Tarcísio, Taísa e Tiago. Esses meninos, continuam pra mim um motivo de grande alegria. Agora quem articula tudo é dona Eulália.  |
| 01’54’24” a 01’54’49” | **Voz de Sanderson:** Agora eu queria a propósito disso, uma vez a gente conversando, chegamos a seguinte conclusão, a conclusão foi sua, você é mais velho, mais experiente, disse que o homem inteligente deixa a mulher mandar oitenta por cento, e reserva vinte por cento para mandar, para não perder a dignidade. |
| 01’54’49” a 01’54’58” | **Voz de Genibaldo:** Essa mesmo, daí eu de domador de onças para passar a ser o domado. Não por uma onça, jamais diria isso, que Lalinha iria se irritar. (risos ao fundo) |
| 01’54’59” a 01’55’23” | **Voz de Diógenes:** Mas Genibaldo, não poderia deixar de registrar também essa linguagem pitoresca, essas coisas, Genibaldo troca as palavras, mas a gente termina entendendo. Por exemplo, Genibaldo, você vamos ali tomar um vinho? não posso, vou ali cumprimentar o defunto. (risos ao fundo) era para ter dito o velório, é que ele usa uma linguagem um tanto diferente. E já se conta também, que ele chegou em casa, ô Joana como vai, senhora fale com...  |
| 01’55’23” | **Voz de Genibaldo:** Com quem foi? |
| 01’55’24” a 01’55’34” | **Voz de Diógenes:** Joana, uma velha criada, e como vai Joana vai bem? Não, não vou bem, minha mãe desapareceu faz quinze dias. E nunca acharam a velhinha ainda? (risos ao fundo) e continua distraindo muita gente. |
| 01’55’34” a 01’55’37” | **Voz de Genibaldo:** Diógenes é um explorador, é um explorador dessas minhas histórias. |
| 01’55’38” a 01’56’06” | **Voz de Diógenes:** Mas é uma maravilha, porque outra coisa ele, ele tem a mania de tirar o sapato. Eu queria duas coisas aqui, primeiro Sanderson pediu demissão depois de uma época de uma excelente gestão como pró-reitor, na época que eu estava na reitoria e ele pediu demissão porque não queria usar mais meia. Queria sapato sem meia e não queria paletó e deixou, ok. Mas Genibaldo tem a mania também de tirar o sapato, e ele no palácio do governo e tirava o sapato e escondeu o sapato dele, quer dizer, havia essas coisas todas, ficou folclórico, escondeu o sapato do governador. |
| 01’56’06” a 01’56’07” | **Voz de Tarcísio:** E como é que o vice-governador saía? |
| 01’56’08” a 01’56’09” | **Voz de Diógenes:** Tinha dificuldade para encontrar essas coisas. |
| 01’56’09” a 01’56’15” | **Voz de Genibaldo:** É uma pena que eu não possa contar a história do fogo na secretaria de saúde. |
| 01’56’16” a 01’56’22” | **Voz de Diógenes:** Mas melhor ainda dá tempo de você contar, você também militar, você descendo do navio, (risos ao fundo) conta essa história, por favor. Conta essa história do navio. |
| 01’56’23” a 01’57’26” | **Voz de Genibaldo:** Essa história, Ernandes Rosado que, que pinta o negócio, eu prefiro contar a história de Geraldo, a história de Geraldo Melo, explora e explora comigo é, ele gosta de contar essa história, era o governo Cortez e eu cheguei atordoado para despachar com Cortez, então eu usando um pacote e Cortez, Geraldo estava aguardando Cortez com o despacho, eu cheguei, muita gente na sala, boa tarde, boa tarde, cumprimentei todo mundo e o oficial do gabinete estava assim o tenente, eu disse tenente o governador está aí? Não, ele está ocupado... Eu digo capitão, me diga uma coisa eu preciso ficar aqui com um monte de papeis para entregar? eu disse, major o que é que eu faço para falar com ele? Coronel eu estou precisando. Aí diz Geraldo que eu me virei pra ele e disse tem general na polícia? (risos ao fundo) eu queria subir a escala, foi uma alegria estar aqui com vocês. |
| 01’57’28” a 01’58’44” | **Voz de Tarcísio:** Genibaldo, me deixe cumprir a desagradável tarefa de encerrar esse programa, né? Fazendo minhas, certamente as palavras dessa TVU que nós ficamos profundamente agradecidos com a sua presença e foi muito bom que você terminasse com essa última piada, porque olhe eu tenho certeza que você promoveu este homem, ouviu com toda a seriedade, dado que você é uma pessoa generosa, um amigo dos seus amigos, como ficou tão bem acentuado por Sanderson e por Diógenes. E que marcou, bem marcado e que marcará por muitos anos se Deus quiser a vida cultural dessa cidade com essa sua personalidade esfuziante, com essa sua alegria de viver, essa maneira espontânea e autêntica de falar, que torna você Genibaldo, uma pessoa muito, muito, muito especial. Eu lhe agradeço em nome da TVU, agradecer esse grande Diógenes da Cunha Lima, velho companheiro meu das jornadas e este Sanderson Negreiros que não vai escapar da gente daqui a um, um... Com certeza nós vamos ter a alegria de conversar com Sanderson Negreiros. Nós agradecemos a todos e prometemos retornar na próxima semana. |
| 01’58’44”  | **Vinheta de encerramento – Memória Viva** |